

O Blogue no 1.º Ciclo do Ensino Básico: promoção das aprendizagens, da autonomia e da inclusão digital

Margarida Rosa Marmeleira

Mestrado em Pedagogia do Elearning

O Blogue no 1.º Ciclo do Ensino Básico: promoção das aprendizagens, da autonomia e da inclusão digital

Margarida Rosa Marmeleira

Dissertação apresentada para obtenção de Grau de Mestre em
Pedagogia do Elearning

Orientadora: Professora Lúcia Amante

Lisboa, 22 de setembro de 2012

Resumo

As dificuldades de aprendizagem dos alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico são muitas vezes enfrentadas proporcionando aos alunos mais horas de apoio educativo, o que constitui apenas o prolongamento do mesmo tipo de trabalho que tem sido desenvolvido no horário letivo. No entanto, a sociedade mudou e as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) assumiram um papel fundamental, criando novas formas de aprender e comunicar, mas fazendo surgir também um novo tipo de (i)literacia – a (i)literacia digital. Por isso, a escola tem de contribuir para a inclusão digital dos alunos, proporcionando-lhes oportunidades de aprender a usar as TIC e, mais do que isso, criar também a oportunidade de usar essas ferramentas digitais para promover a aprendizagem, indo ao encontro do interesse dos alunos pelas TIC.

Ao longo do ano letivo 2011/2012, foi desenvolvido um projeto de criação de um blogue educativo com uma turma de alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico, do 2.º ano de escolaridade, cujos alunos mostravam pouco interesse pela aprendizagem, metade dos quais revelando dificuldades de aprendizagem, nomeadamente não tendo aprendido a ler nem a escrever durante o 1.º ano de escolaridade. Aproveitando o facto de os alunos terem recebido os computadores Magalhães, foi usado esse equipamento para promover a inclusão digital dos alunos. Os alunos aprenderam a usar o Word, o Paint e o PowerPoint, este último com a inserção de *podcasts* com a gravação das leituras dos alunos, bem como a fazer pesquisas na Web, a publicar mensagens no blogue, a consultá-lo e a escrever comentários.

A utilização pedagógica do blogue enquanto portefólio das atividades da turma fomentou a prática da avaliação formativa e promoveu as aprendizagens dos alunos em várias áreas, como a Língua Portuguesa, a Matemática, o Estudo do Meio e as Expressões, bem como o desenvolvimento de competências gerais, atitudes e comportamentos que aumentaram o seu interesse pela aprendizagem, a sua autonomia e o seu desejo de partilha das aprendizagens através da Web, criando-lhes competências TIC que acreditamos serão importantes para continuarem a aprender na sociedade atual em que o acesso e o uso das TIC é indissociável do conhecimento.

Palavras chave: blogue, 1.º ciclo do Ensino Básico, competências TIC, avaliação formativa, promoção das aprendizagens

Abstract

To overcome learning difficulties of the students of the Elementary School, schools often give them more hours of educational support, which is just an extension of the same type of work that has been done in class. However, society has changed and the Information and Communication Technologies (ICT) have taken a key role in creating new ways to learn and communicate, but also giving rise to a new type of (i)literacy - digital (i)literacy. Therefore, the school must contribute to the digital inclusion of students by providing them opportunities to learn to use ICT and, even more, to create the opportunity to use these digital tools to promote learning, meeting the interest of students by ICT.

During the school year 2011/2012, a project was developed to create an educational blog with a group of students of the Elementary School, of the 2nd grade. These students showed little interest in learning, half of which revealed learning difficulties, not having learned to read or write during the 1st grade. Taking advantage of the fact that students had received the Magalhães computers, this equipment was used to promote the digital inclusion. Students learned to use Word, Paint and PowerPoint, this one with the inclusion of podcasts with the recording of the students' readings. They also learned to do researches on the Web, to publish blog posts, to consult it and to write comments.

The pedagogical use of the blog as the portfolio of class activities encouraged the practice of formative assessment and promoted students learning in several areas, such as Portuguese Language, Mathematics, Environmental Studies and Expressions as well as the development of general skills, attitudes and behaviors that increased their interest in learning, their autonomy and their desire to share learning over the Web, creating ICT skills that we believe to be important for them to continue to learn in the current society where the access and the use of ICT can't be separated from knowledge.

Keywords: blog, elementary school, ICT skills, formative assessment, promotion of learning

Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à Doutora Lúcia Amante, a minha orientadora da dissertação, pelos bons conselhos que me deu e pela sua simpatia.

Queria agradecer também à Universidade Aberta por criar as condições para a realização de um mestrado em regime de ensino a distância, pois sem isso nunca me teria sido possível frequentá-lo.

Queria ainda agradecer à minha família por todo o apoio que me deram para que eu estivesse mais disponível para fazer este percurso.

Índice Geral

Resumo	II
Abstract.....	III
Agradecimentos	IV
Índice Geral	V
Índice de Figuras	VII
Introdução.....	1
Capítulo 1. Aprendizagem e Avaliação.....	5
1.1. Aprendizagem: conceitos e perspetivas	5
1.2. Avaliação	8
1.2.1. Perspetivas sobre avaliação.....	8
1.2.2. Avaliação Formativa	10
Capítulo 2. As Tecnologias da Informação e Comunicação e o Ensino.....	15
2.1. A sociedade da informação e da comunicação	15
2.2. A literacia digital	16
2.3. O papel da escola na inclusão digital.....	17
2.4. Contributos das TIC para a aprendizagem.....	19
2.5. Algumas ferramentas TIC úteis para o 1.º Ciclo do Ensino Básico	23
2.5.1. O processador de texto	24
2.5.2. Os <i>podcasts</i>	25
2.5.3. O PowerPoint	27
2.5.4. O blogue	28
Capítulo 3. Desenvolvimento da Investigação	35
3.1. Enquadramento	35
3.2. Metodologia de investigação	36
3.3. Recolha de dados	39
3.4. Caracterização da turma.....	40
3.4. Questão de investigação e objetivos	50

Capítulo 4. Criação e desenvolvimento do blogue	51
4.1. A criação do blogue	51
4.2. As primeiras atividades no blogue: as apresentações individuais	54
4.3. Os primeiros trabalhos a incluir no blogue: o esforço de seleção.....	61
4.4. As primeiras seleções e reflexões individuais	65
4.5. As primeiras pesquisas na Web	71
4.6. O envolvimento dos alunos com mais dificuldades.....	75
4.7. Os comentários e as reflexões.....	80
4.8. O envolvimento da família	81
4.9. A escrita autónoma	83
4.10. A criação de <i>podcasts</i> : o trabalho colaborativo e a aceitação das falhas.....	87
4.11. A partilha com o agrupamento.....	91
4.12. O desenvolvimento de uma postura mais madura	93
4.13. A autorregulação das aprendizagens.....	95
4.14. A aceitação das diferenças	98
4.15. O final das atividades no blogue: balanço das atividades.....	101
4.16. A evolução dos alunos	104
Conclusões.....	113
Bibliografia.....	120
ANEXOS	129
Anexo I: Grelhas de registo e respetivos descritores	129
Anexo II: Grelhas de registo preenchidas no início do ano	140
Anexo III: Grelhas de registo da evolução dos alunos ao longo do ano.....	145
Anexo IV: Diário de Bordo	154

Índice de Figuras

Imagem 1: Aspeto do blogue com os espaços individuais laterais	56
Imagem 2: Exemplos de apresentações individuais dos alunos	58
Imagem 3: Primeiro trabalho selecionado pela turma	63
Imagem 4: Exemplos dos primeiros trabalhos individuais colocados no blogue.....	64
Imagem 5: Exemplos de trabalhos ou atividades selecionados individualmente.....	68
Imagem 6: Exemplos de trabalhos com imagens retiradas da Internet	73
Imagem 7: Alunas a explorarem o computador em conjunto.....	75
Imagem 8: Trabalho realizado por um aluno NEE para colocar no blogue	76
Imagem 9: Trabalho realizado por um aluno NEE para colocar no blogue	78
Imagem 10: Exemplos de textos escritos pelos alunos.....	85
Imagem 11: Trabalho evidenciando esforço de aprender a ler e escrever.....	86
Imagem 12: Exemplos de ficheiros PowerPoint criados por um aluno com dificuldades de leitura e por um aluno NEE	88
Imagem 13: Exemplo de ficheiro PowerPoint criado pelos alunos que sabiam ler bem	88
Imagem 14: Exemplo de ficheiro PowerPoint feito por uma aluna em casa.....	90
Imagem 15: Exemplos de textos escritos no terceiro período	96
Imagem 16: Texto escrito por uma aluna com a cooperação de outro colega.....	99
Imagem 17: Atividade realizada colaborativamente	100
Imagem 18: Atividade realizada colaborativamente	100
Imagem 19: Exemplos das reflexões finais dos alunos	101

Introdução

O fraco desempenho escolar dos alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico é um fator de preocupação, pois trata-se de um ciclo de aprendizagem que está na base de todo o percurso escolar do aluno. Se este não conseguir ultrapassar as suas dificuldades desde cedo, levará consigo lacunas para os ciclos seguintes, que poderão comprometer o seu sucesso escolar futuro bem como a sua integração no mercado de trabalho.

Embora haja no 1.º Ciclo a preocupação de dar apoio educativo aos alunos com dificuldades, existindo mesmo um crédito horário para professores de apoio, este apoio é muitas vezes uma simples insistência nos mesmos métodos de trabalho, o que nem sempre traz benefícios significativos para os alunos.

No entanto, mesmo os alunos que aprendem sem dificuldades os conteúdos programáticos lecionados na escola poderão sentir dificuldades ao longo do seu percurso escolar e na entrada na vida ativa se a escola se limitar a transmitir conhecimentos da forma como sempre tem feito. Com o desenvolvimento das TIC, a sociedade mudou tornando indispensável um novo tipo de literacia, a literacia digital. As TIC são um elemento fundamental da atual sociedade em rede, estando presentes em todos os domínios da vida: pessoal, social, escolar e profissional. Por isso, a escola atual não pode ignorar esta mudança nem pode desenvolver as atividades letivas deixando de lado as TIC, já que estas se constituem atualmente não apenas como aparatos tecnológicos de uso específico, mas como instrumentos de acesso ao conhecimento e à cultura, constituindo-se igualmente como meios fundamentais ao exercício da cidadania.

Apesar dessa importância, as TIC não são um elemento frequente nas escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico. As escolas estão pouco equipadas e muitas não têm acesso à Internet, ou têm um acesso limitado, com velocidades lentas. Ainda assim, muitos alunos receberam um computador portátil pessoal, o Magalhães, ao abrigo do projeto *e-escolinhas*, do Ministério da Educação, embora muitas vezes não se faça uso na escola desses computadores.

Vários autores apontam para o contributo positivo das TIC no ensino, como forma de motivar os alunos e de melhorar as suas aprendizagens (Amante, 2007; Amaro, Ramos & Osório, 2009; Barbeiro & Rebelo, 2006; Coutinho & Alves, 2010;

Ferreira & Martins, 2009; MacArthur, 1996; Marques & Reis, 2011; Miranda, 2007; Santos, 2006). Nesse sentido, ao longo do ano letivo 2011/2012, foi desenvolvido um projeto de criação de um blogue com uma turma de alunos do segundo ano de escolaridade da qual a investigadora era a professora titular. Tratava-se de uma turma maioritariamente proveniente de um meio socioeconómico desfavorecido, em que metade dos alunos tinham dificuldades de aprendizagem, não tendo ainda aprendido a ler nem a escrever. Os restantes alunos, por terem um desempenho escolar melhor do que os colegas sem precisarem de grande esforço, também não mostravam uma atitude muito empenhada. Além disso, nenhum aluno mostrava competências TIC, o que acrescentava a exclusão digital às suas dificuldades. Recorrendo aos computadores que os alunos tinham recebido, foi desenvolvido um blogue para que os alunos pudessem dar visibilidade aos seus trabalhos dentro da turma e fora da escola, junto dos seus encarregados de educação. Esta visibilidade tinha como objetivos levar os alunos a preocuparem-se com a qualidade das suas aprendizagens e desenvolverem competências e atitudes perante o trabalho fundamentais à aprendizagem, como a capacidade de organizar e selecionar atividades a divulgar, de refletir sobre as suas escolhas, de interagir com outros partilhando as aprendizagens, de desenvolver o espírito crítico, a autonomia e a confiança em si próprios, entre outros aspetos.

Assim, com este projeto pretendeu-se integrar as TIC na prática letiva e responder à seguinte questão:

- Que contributos traz o blogue para a promoção das aprendizagens dos alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico?

O projeto foi desenvolvido com vista a perceber o impacto que a construção de um blogue, que funcione como um eportefólio das atividades da turma, pode ter nas aprendizagens dos alunos, nas suas atitudes, no desenvolvimento da sua autonomia e no tipo de avaliação praticado.

Ao longo desta dissertação apresentaremos o projeto que foi desenvolvido com os alunos e as conclusões a que chegámos. Esta dissertação estrutura-se da seguinte forma:

- Capítulo 1: Aprendizagem e Avaliação – neste capítulo abordaremos sucintamente as grandes teorias da aprendizagem, bem como as diferentes modalidades e funções da avaliação, com especial destaque para a avaliação formativa, apresentando

um enquadramento teórico para o trabalho desenvolvido com os alunos, uma vez que as perspectivas construtivistas da aprendizagem bem como a avaliação formativa estiveram subjacentes a toda a produção de materiais para o blogue;

- Capítulo 2: As Tecnologias da Informação e Comunicação e o Ensino – neste capítulo faremos referência à importância das Tecnologias da Informação e Comunicação na sociedade atual, destacando o papel da escola na promoção da inclusão digital dos alunos. Analisaremos também os contributos das TIC para a aprendizagem, destacando algumas ferramentas úteis no trabalho com os alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico;

- Capítulo 3: Desenvolvimento da Investigação – neste capítulo, faremos o enquadramento do projeto que desenvolvemos ao longo do ano letivo 2011/2012, referindo a metodologia de investigação adotada e os instrumentos de recolha de dados. Caracterizaremos também a turma que constitui o caso desta investigação e apresentaremos a questão de investigação e os respetivos objetivos;

- Capítulo 4: Criação e desenvolvimento do blogue – neste capítulo descreveremos o processo de criação do blogue com os alunos e o trabalho que foi desenvolvido ao longo do ano em torno desta ferramenta Web, destacando as atividades realizadas pelos alunos e a sua reação ao projeto. Destacaremos também o contributo que o blogue deu para a promoção das aprendizagens dos alunos.

Capítulo 1. Aprendizagem e Avaliação

Ao longo do tempo, têm sido apresentadas diferentes concepções de aprendizagem de acordo com o conhecimento que se vai obtendo sobre a forma como o homem aprende. Há perspectivas mais centradas no ato de ensinar e na figura do professor, perspectivas mais centradas no ato de aprender e na figura do aluno, bem como perspectivas que tentam equilibrar esses aspetos. Uma vez tem-se valorizado a aquisição de conteúdos e outras o desenvolvimento de competências.

1.1. Aprendizagem: conceitos e perspectivas

Tem-se assistido, assim, a uma evolução das teorias da aprendizagem, como o Behaviorismo, o Cognitivismo, o Construtivismo e o Conetivismo (Siemens, 2006). Segundo o Behaviorismo, a aprendizagem é essencialmente uma mudança de comportamentos condicionada por estímulos exteriores, que se desenvolve a partir de um processo de recompensas e punições, ficando as experiências repetidas inculcadas na memória. Por sua vez, o Cognitivismo aponta para a aprendizagem como um processo de armazenamento na memória a partir da duplicação de esquemas e de construtos de conhecimento de quem sabe, que é tomado como exemplo. Cabe ao aprendente codificar, armazenar e recuperar os conhecimentos adquiridos, que serão utilizados para responder a objetivos específicos ou para resolver problemas. Mais recentemente, o Construtivismo defende que a aprendizagem ocorre por um processo de construção ativa do conhecimento por parte do aprendente. Assim, cada aprendente construirá o seu próprio conhecimento, recuperando também conhecimentos prévios para novas situações de modo a resolver os problemas com que se confronta (Becker, 1992). Reconhece-se, ainda, que a construção do conhecimento é feita em interação com outros, sendo um ato social, daí falar-se também em socioconstrutivismo. Tem-se avançado para uma valorização gradual da autonomia do aprendente e portanto o professor tem abandonado o papel tradicional de transmissor de conhecimentos para assumir cada vez mais o papel de orientador das aprendizagens. Assim, não se fala atualmente em processo de ensino, mas em processo de ensino-aprendizagem, reconhecendo-se que não se pode apenas ensinar sem que o aprendente esteja

ativamente implicado no processo, mas que também não se aprende, na maioria dos casos, sem que alguém conduza o processo e oriente o aprendente. Com o desenvolvimento das Tecnologias da Informação e Comunicação, a sociedade atual passou a estar estruturada em rede, com a existência de várias comunidades que estão ligadas entre si, formando as chamadas redes sociais onde a aprendizagem vai sendo construída de forma colaborativa (Siemens, 2004). O conhecimento fica rapidamente desatualizado, sendo necessário procurar constantemente novas informações para poder lidar com as novas exigências da sociedade. Assim, o Conetivismo é apresentado por alguns autores (Siemens, 2004, 2006, Downes, 2005) como a teoria da aprendizagem que se aplica à era digital em que vivemos, pois na atual sociedade em rede a aprendizagem consiste na criação de novas conexões e padrões e na capacidade de se movimentar através das redes e padrões existentes. Assim, a capacidade de aprender aquilo de que vamos precisar amanhã é mais importante do que aquilo que conhecemos hoje, sendo fundamental saber aceder na rede ao que se precisa saber naquele momento.

A aprendizagem tem sido encarada como um processo de «dar sentido e significado à realidade, isto é, compreender, relacionar e sentir para poder aplicar e agir», cabendo à escola o papel de proporcionar «a aprendizagem de competências e atitudes essenciais para aprender a aprender e para lidar com a mudança, assim como para aprender a colaborar e a participar na melhoria da sociedade» (Alonso, 2002, pág. 20). Por outras palavras, aprender implica adquirir novos conhecimentos e desenvolver competências que permitam enfrentar as diferentes situações mais ou menos complexas com que cada indivíduo se confronta ao longo da vida.

Nem sempre tem havido consenso sobre o tipo de conhecimentos que a escola deve valorizar. Certas perspetivas apontam para a importância dos conteúdos, como aconteceu durante muito tempo, sendo essa aprendizagem validada por exames externos. No final do século XX e início do século XXI começou a atribuir-se uma importância cada vez maior ao desenvolvimento de competências, considerando-se a competência como «um saber em uso que se desenvolve em relação com a vivência de experiências de aprendizagem significativas e adequadas e que, ao mesmo tempo, integra conhecimentos, capacidades, atitudes, valores». (Abrantes, 2002, pág. 12).

Segundo Peralta (2002), algumas competências podem ser de carácter mais cognitivo e outras de carácter mais procedimental, correspondendo a:

«um modo estratégico de ação eficaz face a famílias de situações que se dominam porque dispomos, simultaneamente e de forma integrada, dos conhecimentos necessários (há sempre conhecimentos a sustentar a competência) e da capacidade de os mobilizar com plena consciência, no momento, no tempo, e no contexto oportuno, para resolver problemas verdadeiros». (pág.30)

Note-se que competência não é apresentada em oposição a conteúdos, mas como a capacidade de usar esses conteúdos de acordo com a situação.

Essa valorização das competências esteve bem presente na reorganização do Currículo Nacional do Ensino Básico, em 2001, tendo sido explicitamente definidas as competências a desenvolver ao longo da escolaridade obrigatória. Numa linha completamente oposta, o atual Ministério da Educação e Ciência revogou, através do Despacho n.º 17169/2011, de 23 de dezembro de 2011, o documento *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais* (2001), considerando que «erigindo a categoria de “competências” como orientadora de todo o ensino, [se] menorizou o papel do conhecimento e da transmissão de conhecimentos (...) [e se] desprezou a importância da aquisição de informação, do desenvolvimento de automatismos e da memorização». O referido Despacho determina ainda que «não se desvie a atenção dos elementos essenciais, isto é, dos conteúdos, e que estes se centrem nos aspetos fundamentais».

Independentemente da perspectiva adotada, é consensual que a aprendizagem se processa mais plenamente quando são propostas aos alunos tarefas diversificadas e desafiantes. Fernandes (2006) considera que a seleção de tarefas é um aspeto fulcral de toda a planificação do processo de ensino-aprendizagem, sendo que «através da resolução [das tarefas] ou do trabalho por elas suscitado, os alunos terão necessariamente de relacionar conceitos e ideias e mobilizar e utilizar conhecimentos de um ou mais domínios» (pág. 38). Portanto, para além da aquisição de conhecimentos enquanto conteúdos, uma aprendizagem eficaz implica que se seja capaz de utilizar esses conhecimentos de forma prática. Por isso, as tarefas propostas aos alunos têm de estimular no aluno o desenvolvimento dessa capacidade. Quanto mais estimulantes essas tarefas forem, maior será a motivação dos alunos e este aspeto é fundamental para a aprendizagem. O termo estimulante não é usado no sentido de divertido ou lúdico, mas sim de desafiante. Toda a aprendizagem implica esforço e não se deve transmitir aos alunos a ideia de que só devemos aprender aquilo que achamos divertido. Contudo, aprende-se melhor algo que achamos interessante ou útil e é nesse sentido que as tarefas propostas aos alunos devem estimular a sua curiosidade e o seu raciocínio.

1.2. Avaliação

Perante a diversidade de tarefas possíveis surge a questão de como avaliar o trabalho desenvolvido. Assim, abordaremos de seguida alguns aspetos importantes relacionados com a avaliação.

1.2.1. Perspetivas sobre avaliação

Educação e avaliação são conceitos que estão intimamente ligados, sendo difícil falar de um sem referir o outro.

A avaliação constitui normalmente uma resposta a pedidos sociais (Pinto, 2007), por isso a forma como a avaliação é encarada e as funções que assume estão dependentes da evolução da própria sociedade e dos seus valores. Guba e Lincoln (citados por Pinto, 2007) referem a existência de quatro gerações da avaliação de acordo com as perspetivas adotadas: a avaliação como medida (finais do século XIX, inícios do século XX), muito associada ao uso de exames, segundo a qual os exames permitiam validar a avaliação e medir as aprendizagens de modo a introduzir um fator de justiça na avaliação dos alunos; a avaliação como congruência (finais dos anos 60), segundo a qual a avaliação seria sobretudo um processo de congruência entre os objetivos e o desempenho dos alunos, ou seja, um processo de comparação entre os objetivos pré-estabelecidos e o estado em que o aluno se encontra no cumprimento dos mesmos; a avaliação como julgamento (a partir dos anos 70), segundo a qual a avaliação seria o processo de delimitar, obter e providenciar informação útil para ponderar possíveis decisões; e a avaliação como interação social, mais recente, influenciada pela perspetiva construtivista, segundo a qual a aprendizagem assenta na interação entre os vários intervenientes no processo de ensino-aprendizagem, considerando-se que a avaliação faz parte desse processo, devendo partilhar-se com os alunos o poder de avaliar.

A evolução das várias perspetivas sobre a avaliação permitiu definir as principais funções que a avaliação deve assumir, desde a simples certificação à regulação do próprio processo de ensino-aprendizagem. Cardinet (citado por Perrenoud, 2001), refere a existência de três funções principais da avaliação:

- a função certificativa, que funciona como garantia das aprendizagens, como validação externa dos conhecimentos e competências adquiridos, especialmente no final de um ciclo de estudos;

- a função reguladora do processo de ensino-aprendizagem, associada a uma avaliação formativa, que ocorre durante o percurso e que permite obter as informações necessárias para verificar a eficácia do mesmo, conduzindo à introdução das alterações consideradas pertinentes;

- a função de seleção/orientação, associada a uma avaliação prognóstica, que tem lugar antes do início de um determinado percurso escolar de modo a verificar as condições do aluno para desempenhar determinada tarefa ou seguir determinado curso.

A cada uma das principais funções da avaliação – certificativa, reguladora e de seleção/orientação – corresponde um tipo de avaliação diferente, que permite operacionalizar essas funções. A avaliação sumativa corresponde a uma avaliação das aprendizagens (Fernandes, 2009), validando os conhecimentos adquiridos e as competências desenvolvidas pelos alunos no final de uma determinada unidade de tempo, seja um módulo, uma atividade, um trimestre, um ano ou um ciclo de estudos, por exemplo. Ao apontar para a função reguladora da avaliação, as várias perspectivas teóricas remetem para uma avaliação formativa, que tem como objetivos ajudar o aluno a progredir e a ultrapassar as suas dificuldades e ajudar o professor a definir as melhores estratégias para orientar o aluno ao longo do processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, Cortesão (2002) refere-se à avaliação formativa como uma bússola orientadora, mostrando que se trata de uma modalidade de avaliação aplicada ao longo do processo e que influencia o modo como este se desenvolve. Ao contrário da avaliação sumativa que visa a avaliação das aprendizagens, Fernandes (2009) descreve-a como uma avaliação para as aprendizagens, de carácter essencialmente pedagógico. Desta forma, contribui para uma escola mais democrática, pois tenta promover o sucesso de todos os alunos e o desenvolvimento das suas competências. A avaliação diagnóstica é normalmente utilizada no início do processo. As informações recolhidas podem evidenciar os conhecimentos ou competências já dominados pelos alunos ou as suas dificuldades. Neste sentido, é uma modalidade muito útil pois permite ao professor orientar o processo e seleccionar as atividades mais adequadas às características dos alunos. Assim, até certo ponto a avaliação diagnóstica aproxima-se da avaliação formativa (Cortesão, 2002).

1.2.2. Avaliação Formativa

De acordo com o Despacho Normativo n.º 14/2011, que republicou o Despacho Normativo n.º 1/2005, e que regulamenta a avaliação no Ensino Básico, a avaliação formativa constitui a principal modalidade de avaliação do Ensino Básico e deve assumir um caráter contínuo e sistemático com o objetivo de regular o ensino e a aprendizagem, fornecendo ao professor, ao aluno e ao encarregado de educação informações sobre o desenvolvimento das aprendizagens, a partir de uma variedade de instrumentos de recolha de informação.

A avaliação formativa é um processo complexo que envolve um *feedback* frequente, a utilização pedagógica do erro, a regulação do processo, a autoavaliação e autorregulação das aprendizagens, bem como a utilização de instrumentos diversificados.

- **O *Feedback***

O *feedback* é um dos aspetos fundamentais da avaliação formativa, que permite dar a conhecer ao aluno as suas dificuldades e os seus progressos. É através dele que o professor pode dar apoio ao aluno e orientá-lo na resolução das tarefas e no desenvolvimento das suas aprendizagens. Fernandes (2006) destaca a sua importância na investigação anglo-saxónica, referindo que o *feedback* é considerado de tal forma primordial na avaliação formativa que chega a confundir-se com ela.

Santos (2008) faz uma síntese dos estudos desenvolvidos em torno do *feedback*, também chamado de escrita avaliativa, que nos permitem compreender a sua complexidade. Para ser eficaz, o *feedback* não pode ser uma simples apresentação de informações, mas tem de ajudar de facto o aluno a tomar consciência dos seus erros e a autocorrigi-los.

No entanto, os alunos não têm todos as mesmas características, por isso William (citado por Santos, 2008) aponta para a importância de o professor conhecer bem o aluno e dar um *feedback* adequado ao perfil de cada um. Isso deve ser levado em conta porque estudos revelaram que um *feedback* desajustado pode ter um impacto nulo ou mesmo negativo sobre o desempenho dos alunos, havendo mesmo aqueles que pioram o seu desempenho por causa do *feedback* recebido. Assim, o *feedback* é uma tarefa exigente para o professor e que consome muito do seu tempo.

Para além destes aspetos é preciso também considerar a quantidade de informação a dar aos alunos. Santos (2008) explicita que se deverá «dosear a informação a dar, tanta quanta a necessária para o aluno conseguir avançar, mas não aquela que dá a resposta, inviabilizando uma situação potenciadora de aprendizagem.» (pág. 17). De facto, o *feedback* do professor não deve substituir o aluno, mas apresentarlhe pistas, deixando-o descobrir por si próprio como resolver o problema e ultrapassar as suas falhas.

O momento para dar o *feedback* é também muito importante. O *feedback* não deve ser dado nem demasiado cedo, nem demasiado tarde. Se for dado antes de o aluno ter a oportunidade de pensar e de trabalhar sobre a tarefa, irá impedir o aluno de refletir sobre a questão e de tentar encontrar estratégias para a resolução do problema. O *feedback* tem de ser dado após algum tempo, mas ainda durante o desenvolvimento da tarefa, para que o aluno veja a sua utilidade e utilize a informação recebida para reorientar o seu desempenho. Se se esperar pelo fim da tarefa e se lhe for associada uma classificação, o aluno poderá encarar a tarefa como concluída, já não se empenhando na sua reformulação.

Santos (2008) complementa esta síntese destacando que o *feedback* só pode ser considerado um processo de regulação quando o aluno o puder usar para melhorar a sua aprendizagem. Para isso, o *feedback*, ou escrita avaliativa, como a autora o designa, deve apresentar as seguintes características:

- «- ser clara, para que autonomamente possa ser compreendida pelo aluno;
- apontar pistas de ação futura, de forma que a partir dela o aluno saiba como prosseguir;
- incentivar o aluno a reanalisar a sua resposta;
- não incluir a correção do erro, no sentido de dar ao próprio a possibilidade de ser ele mesmo a identificar o erro e a alterá-lo de forma a permitir que aconteça uma aprendizagem mais duradoura ao longo do tempo;
- identificar o que já está bem feito, no sentido não só de dar autoconfiança como igualmente permitir que aquele saber seja conscientemente reconhecido». (pág. 18)

• **Abordagem positiva do erro**

Como refere Santos (2002), o erro é um fenómeno natural na aprendizagem. De facto, o aluno tem de substituir as representações mentais anteriores por novas representações, ou simplesmente criar novas representações sobre questões que desconhecia. Assim, é normal que durante esse processo de construção se cometam erros. O erro torna-se, portanto, uma fonte de informação a ser valorizada pois funciona

como uma sinalização sobre o funcionamento pedagógico, ajudando a compreender que concepções mentais é que o aluno desenvolveu.

O professor tem um papel importante na orientação do aluno a partir das informações fornecidas pelo erro, mas não deve ser ele a corrigi-lo. Como explica Santos (2002), o erro só pode ser ultrapassado por quem o comete e não por quem o assinala, pois as lógicas são diferentes. Assim, para que a aprendizagem possa ocorrer, é importante que seja o próprio aluno a identificar o erro e a criar as condições para o ultrapassar, autocorrigindo-se. O professor não mostrará nem corrigirá o erro, mas poderá suscitar questões, ou levar o próprio aluno a questionar-se, e apresentar pistas de orientação para a ação, com o objetivo de levar o aluno a procurar caminhos para ultrapassar o erro.

- **Regulação, autoavaliação e autorregulação das aprendizagens**

A avaliação formativa tem uma função pedagógica que se prende com a regulação da aprendizagem, sendo esta regulação entendida como «todo o ato intencional que, agindo sobre os mecanismos de aprendizagem, contribua diretamente para a progressão e/ou redirecionamento dessa aprendizagem» (Santos, 2002, pág. 77). No entanto, é um processo externo, da responsabilidade do professor, mas para que a aprendizagem ocorra é necessário que o próprio aluno tenha um papel ativo na regulação das suas aprendizagens, através da autoavaliação.

A autoavaliação é importante pois o aluno e o professor não pensam da mesma forma, seguindo lógicas diferentes. Além disso, o aluno não interioriza necessariamente o que o professor lhe quer transmitir e só conseguirá ultrapassar e corrigir os seus erros se for ele próprio a ter um papel ativo nessa regulação. A autoavaliação favorece a aprendizagem porque é um processo mental interno do aluno, é uma reflexão consciente sobre aquilo que está a realizar e sobre a forma como está a aprender. Trata-se, assim, de uma metacognição que permite que o aluno se torne relativamente autónomo na regulação das suas aprendizagens, embora o professor desempenhe um papel importante na criação dos contextos de aprendizagem e na orientação do aluno. Nesse sentido, pode falar-se em autoavaliação regulada (Santos, 2002).

Além disso, é preciso recordar que o aluno está normalmente inserido numa turma, que funciona como uma comunidade de aprendizagem. Por isso, a regulação das

aprendizagens pode ser feita através de um processo de interação em que os alunos se co-avaliam, validando ou corrigindo raciocínios e processos (Santos, 2008).

Embora alguns professores considerem que os alunos não são suficientemente autônomos para exercer uma autoavaliação regulada (Pinto, 2007), este processo deve ser iniciado o mais cedo possível, dando o professor o apoio necessário para que os alunos se tornem mais autônomos. Fernandes (2002) considera mesmo fundamental que as capacidades metacognitivas como a autoavaliação sejam desenvolvidas desde os primeiros anos da escola para que os alunos sejam capazes de enfrentar as crescentes exigências da sociedade atual e de continuar a sua aprendizagem ao longo da vida.

- **Utilização de instrumentos diversificados**

Uma vez que a avaliação pretende atuar sobre o processo de ensino-aprendizagem como um todo, é preciso recorrer a instrumentos diversificados para poder recolher as informações necessárias. Como refere Abrantes (2002), os tradicionais testes de avaliação são insuficientes, pois só captam alguns aspetos da aprendizagem, deixando de lado outros aspetos essenciais. Aliás, nenhum instrumento isoladamente consegue incidir sobre toda a aprendizagem, daí a importância de se combinar diferentes tipos de instrumentos. Pode solicitar-se aos alunos a realização de tarefas orais ou escritas, individuais ou coletivas, teóricas ou práticas, podendo os alunos fazer uma seleção das mais representativas. Esses diferentes instrumentos podem então ser usados para que professor e alunos façam uma reflexão periódica sobre as aprendizagens em curso.

Os portefólios tornam-se um instrumento privilegiado perante a diversidade de atividades e trabalhos. De acordo com Fernandes (2002), essa diversificação pode levar à necessidade de selecionar os trabalhos mais representativos dos alunos e as evidências das suas aprendizagens e de os reunir num portefólio que funcionará como um organizador das aprendizagens, permitindo uma reflexão e discussão sobre as mesmas.

- **O papel do professor e do aluno**

O desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem e a respetiva avaliação assentam numa interação entre o professor e o aluno, em que cada um desempenha um papel próprio.

Conforme refere Fernandes (2009), «é através das tarefas que os alunos podem aprender, que os professores podem ensinar e que ambos podem avaliar o seu trabalho no desenvolvimento de cada uma delas» (pág. 37), permitindo essa avaliação regular e reorientar o processo. Assim, cabe ao professor organizar o processo e propor aos alunos as tarefas adequadas, que devem ser desafiantes e com alguma complexidade. De acordo com as informações recolhidas pela avaliação formativa, o professor deverá adaptar as estratégias de trabalho, ajustando-as às necessidades. É também importante que o professor crie um clima de comunicação interativa que permita um *feedback* frequente e de qualidade, o que apoiará os alunos na regulação das suas aprendizagens.

No processo de ensino-aprendizagem o aluno não pode ser um simples sujeito passivo do processo e da avaliação, mas tem de desempenhar um papel ativo, assumindo progressivamente certas responsabilidades (Fernandes, 2009). Assim, cabe ao aluno desenvolver as tarefas propostas, usando o *feedback*, fornecido pelo professor para regular as suas aprendizagens. Compete-lhe, então, organizar o seu próprio processo de aprendizagem, analisando o seu trabalho através de processos metacognitivos, como a autoavaliação.

Estabelece-se desta forma uma comunidade de aprendizagem onde a avaliação formativa leva à partilha de responsabilidades entre professores e alunos, mas onde cada um desempenha um papel específico. É também neste sentido que a utilização das tecnologias no ensino assume uma importância especial. Ao construir um projeto comum de turma, como um blogue, onde cada aluno deve selecionar evidências das suas aprendizagens, refletir sobre a sua seleção e colaborar com outros na discussão das evidências a incluir, de modo a que esse projeto comum tenha qualidade, os alunos podem desenvolver competências de reflexão sobre o seu próprio trabalho que lhes serão úteis para construir um portefólio de aprendizagem.

Capítulo 2. As Tecnologias da Informação e Comunicação e o Ensino

A evolução dos meios tecnológicos levou a uma transformação rápida e profunda da nossa sociedade, com implicações em todos os domínios da vida, seja na produção dos bens de consumo, seja no surgimento de novas atividades, mas sobretudo na forma como o conhecimento é criado e transmitido e no modo como a comunicação é estabelecida. Essas transformações fizeram aparecer um novo tipo de (i)literacia, modificando igualmente o papel da escola e os seus processos pedagógicos.

2.1. A sociedade da informação e da comunicação

A sociedade global dos finais do século XX e no início do século XXI sofreu uma transformação muito rápida a muitos níveis, mas especialmente no que diz respeito ao acesso ao conhecimento e à informação.

Esta nova sociedade é designada como “sociedade da informação ou do conhecimento”, considerando a quantidade de informação à qual se passou a ter acesso de forma fácil e rápida graças à evolução tecnológica e especialmente ao desenvolvimento da Web. Castells (2002) considera que se trata sobretudo de uma “sociedade em rede”, globalmente interligada através da Internet, que constrói e difunde o conhecimento de forma colaborativa, alterando a própria estrutura social. Este acesso facilitado ao conhecimento também leva a que possamos falar em “sociedade da aprendizagem”, pois o modo de vida atual assenta em novas formas de aprender e de nos relacionarmos com o conhecimento. A aprendizagem ocorre em contextos diversificados, formais e informais, prolongando-se ao longo da vida, pois o conhecimento está em constante transformação e rapidamente fica desatualizado (Coutinho & Alves, 2010), obrigando-nos a uma atualização constante e a um ritmo rápido de processamento da informação. Estas diferentes designações focam-se em aspetos diferentes da sociedade atual, mas todas reconhecem o papel que as novas tecnologias da informação e comunicação têm no modo como hoje se comunica e se acede ao conhecimento (Coutinho, 2006).

Com a evolução da Web para a Web 2.0, qualquer pessoa passou a poder tornar-se um criador de conteúdos, produzindo os seus próprios documentos e publicando-os

na rede, pois existem muitos serviços gratuitos e fáceis de usar que permitem essa publicação. Além disso, vários utilizadores podem aceder às mesmas páginas web e editar as informações que aí se encontram em ferramentas como as wiki, que estão na base de uma das enciclopédias online mais consultadas – a Wikipedia.

Na perspetiva de Toffler (citado por Coutinho, 2006), estes avanços tecnológicos não contribuem obrigatoriamente para uma sociedade melhor, pois o acesso à informação não é igual para todos, criando-se uma nova forma de analfabetismo e de exclusão social, como veremos adiante.

2.2. A literacia digital

Os meios tecnológicos têm um papel cada vez mais importante na sociedade atual, sendo necessárias algumas competências básicas para os poder utilizar. É a essas competências que se faz referência quando se fala em literacia digital. Melão (2011) descreve esta nova literacia como as «habilidades e competências necessárias aos cidadãos confrontados em permanência com a evolução das tecnologias digitais» (pág. 90), que lhes permitem fazer um uso da tecnologia na sua vida diária (Miranda, 2007).

A literacia digital implica um domínio das Tecnologias da Informação e Comunicação entendidas como a «conjugação da tecnologia computacional ou informática com a tecnologia das telecomunicações [que] têm na Internet e mais particularmente na World Wide Web a sua mais forte expressão» (Miranda, 2007, pág. 43). Portanto é necessário aprender a dominar a tecnologia do ponto de vista técnico, ou seja, desenvolver a capacidade de usar o *hardware* básico de um computador ou de outros dispositivos tecnológicos semelhantes, mas implica também o domínio de competências de navegação na Web, sabendo buscar, selecionar e analisar criticamente a informação disponível na rede.

A ampla utilização da tecnologia contribui para um exercício pleno da cidadania, pois permite aos cidadãos participar de forma ativa na vida económica, social e política da sua localidade, do seu país e do mundo. Permite-lhes mesmo que sejam mais interventivos e mais críticos e que se façam ouvir junto de comunidades de cidadãos e junto das instituições nacionais e internacionais. Melão (2011), citando Bustamante (2010), fala mesmo numa *hipercidadania* que pode ser definida como:

«um exercício mais profundo da participação política que poderíamos chamar cidadania digital” (p. 17), contemplando, entre outros, parâmetros como a apropriação social da tecnologia (empregue não só do ponto de vista da excelência técnica mas também de relevância social), a promoção de políticas de inclusão digital, fomentando a luta contra a exclusão de carácter cultural, étnico, económico, etc., e a consolidação de uma esfera pública interconectada.» (pág. 93)

No entanto, existem desigualdades no acesso à informação e ao conhecimento, havendo muitas pessoas que podem ser consideradas iletradas digitais. Ali e Ganuza (citados por Santos, 2006), apontam para os riscos de exclusão social de quem não domina a literacia digital, afirmando o seguinte:

«Comparou-se o advento da sociedade da informação com o que aconteceu com a invenção da imprensa. Estes novos métodos que nos permitem inter conectarmos e comunicarmos praticamente com qualquer ponto do globo de forma instantânea, exigem que o utilizador aprenda a manejar as novas ferramentas, podendo acontecer que a sociedade se divida entre aqueles que sabem manejá-las e os que não sabem, e estes serão considerados como analfabetos informáticos ocorrendo as diferenças entre as sociedades e dentro da mesma sociedade entre os indivíduos que a compõem.» (pág. 114)

Esta mesma ideia é expressa por Ponte (1997) que compara os riscos de desinserção social de quem não domina a literacia digital com os enfrentados pelos analfabetos na sociedade atual. Portanto, o papel da escola na alfabetização digital dos jovens é muito importante.

2.3. O papel da escola na inclusão digital

Compete à escola proporcionar aos seus alunos experiências diversificadas que permitam prepará-los para a integração na sociedade. Perante as mudanças que se verificaram nos últimos anos, o sucesso dos jovens depende muito do desenvolvimento de competências tecnológicas e digitais. Se não desenvolverem esse tipo de competências não estarão preparados para o atual mundo em rede, tornando-se info-excluídos (Lencastre & Araújo, 2007).

A info-exclusão pode resultar da falta de acesso físico aos equipamentos informáticos e à Internet. Atualmente, não possuir um computador, em especial um computador com acesso à Internet, é uma grande limitação para a aprendizagem em geral e para o desenvolvimento da literacia digital. Por isso, alunos provenientes de meios socioeconómicos desfavorecidos podem ter a sua aprendizagem dificultada pela falta de acesso a esses recursos.

No entanto, a info-exclusão pode ocorrer mesmo quando se tem acesso aos meios tecnológicos (Silva & Pereira, 2011b). É preciso saber usá-los, desenvolvendo as competências necessárias a uma boa utilização. Silva e Pereira (2011a) referem o desenvolvimento de três tipos diferentes de competências:

- as competências funcionais, que dizem respeito ao caráter instrumental do uso do computador e da Internet enquanto ferramenta de trabalho (como o processamento de texto, a apresentação de trabalhos e a pesquisa de informação);

- as competências sócio-comunicativas, relativas ao uso dos recursos comunicativos disponíveis na Web, como os emails, os chats e os fóruns, entre outros;

- as competências técnico-criativas, que permitem a criação de conteúdos na Web.

Só então se poderá falar de uma plena literacia digital.

Apesar da importância das TIC, nem todos têm em casa acesso a esses meios ou sabem como fazer uso das suas potencialidades. A aquisição de um computador ainda representa uma despesa considerável para o orçamento de algumas famílias. Com o programa *e-escolinhas*, muitos alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico tiveram acesso a um computador portátil pessoal, o Magalhães, garantindo o Ministério da Educação a sua aquisição para as famílias de baixos recursos económicos. Ainda assim, o acesso à Internet não é gratuito, por isso muitos alunos continuam a não ter acesso à Web a partir de casa. Por exemplo, os dezassete alunos que constituem a turma com a qual se realizou a presente investigação tinham todos o seu computador Magalhães, embora muitos deles fossem economicamente desfavorecidos, sendo apoiados pela Ação Social Escolar (ASE). No entanto, apenas cinco tinham uma ligação à Internet. Além disso, muitos dos pais¹ não tinham conhecimentos informáticos para usar o computador ou para apoiar os alunos nessa utilização, limitando-se este a ser usado em casa como um equipamento para executar jogos.

É neste contexto que a escola assume um papel importante. Anteriormente, a escola preparava os indivíduos para a sociedade industrial, agora tem de prepará-los para a sociedade da informação (Coutinho, 2006).

A escola é um espaço de democratização no acesso ao saber e na igualdade de oportunidades (Silva & Pereira, 2011a), por isso deve funcionar também como um espaço de democratização no que diz respeito à inclusão digital. É na escola que muitos

¹ Por uma questão de facilidade de leitura, ao longo desta dissertação usaremos a palavra “pais” para substituir a expressão “pais/encarregados de educação”.

jovens têm o único acesso aos equipamentos informáticos e à Internet, por isso se não for feita uma utilização efetiva das TIC na escola, a literacia digital continuará a ser apenas o privilégio de alguns, ficando de fora os alunos oriundos de classes socioeconómicas desfavorecidas.

Portanto, se considerarmos que a exclusão digital é uma forma de exclusão social, a escola, ao proporcionar o desenvolvimento das competências digitais a todos os alunos, irá funcionar como um fator de inclusão digital e, por consequência, de inclusão social (Silva & Pereira, 2011a). Pelo contrário, se não se usar as TIC na escola de forma sistemática, isso irá prejudicar os alunos, limitando a sua capacidade de acesso ao conhecimento e à nova literacia, agravando a fratura digital na sociedade (Lencastre & Araújo, 2007).

No 1.º Ciclo do Ensino Básico, compete à escola promover a literacia plena dos alunos. Por isso, tal como se ensina os alunos a ler, a escrever, a desenvolver o cálculo matemático e a conhecer o mundo à sua volta, também se deve ensinar aos alunos as competências básicas de utilização das TIC.

2.4. Contributos das TIC para a aprendizagem

Para que a escola possa preparar os jovens para enfrentarem os desafios da sociedade atual, não pode ignorar o mundo à sua volta e os elementos que fazem parte do seu quotidiano. Essa ideia é destacada por Baethge (citado por Galvão Filho, 2002):

«Nenhuma sociedade pode se permitir excluir por muito tempo de suas instituições de formação importantes componentes de sua cultura cotidiana. Quanto mais as novas tecnologias de informação e comunicação se tornam um elemento constante de nossa cultura cotidiana, na atividade profissional como nos momentos de lazer, tanto mais elas têm, obviamente, que ser incorporadas aos processos escolares de aprendizado... O que importa é a questão como e quando as novas tecnologias devem ser incorporadas nas escolas.» (pág. 10)

Também não é possível ignorar que os jovens têm um grande interesse pelas tecnologias, por isso, como referem Lencastre e Araújo (2007), seria absurdo que a escola não utilizasse as TIC para atingir os seus objetivos pedagógicos.

No entanto, a simples integração dos meios tecnológicos na educação não garante uma melhoria das aprendizagens. Os estudos realizados mostram precisamente que a tecnologia por si própria não traz nenhum contributo especial às aprendizagens dos alunos (MacArthur, 1996; Coscarelli, 1998; Miranda, 2007; Ferreira & Martins, 2009).

Acrescentar tecnologia a práticas já existentes na sala de aula que tornam o aluno um elemento passivo da sua aprendizagem é apenas uma forma de disfarçar uma metodologia dando-lhe uma fachada de modernidade e inovação (Galvão Filho, 2002). Portanto, as tecnologias poderão ou não dar um contributo positivo às aprendizagens dos alunos dependendo do uso que for feito delas e das estratégias implementadas pelo professor.

Convém ter em mente, ainda, que as tecnologias não são um fim em si, ou seja, o objetivo principal da escola não deve ser o de ensinar os alunos a usar as TIC, mas o de colocar essas TIC ao serviço das aprendizagens e do desenvolvimento educacional, integrando-as nas rotinas de trabalho da sala de aula (Amante, 2007).

Devidamente integradas nas atividades letivas, as tecnologias podem promover a autonomia dos alunos, estimulando-os a pensar por si próprios, de forma independente, a pensar sobre a sua forma de pensar e a aprender a aprender (Galvão Filho, 2002). Isso torna-se possível porque o uso das tecnologias permite um ensino mais centrado no aluno (Santos, 2006; Coutinho e Alves, 2010). Teodoro e Freitas (citados por Santos, 2006) afirmam que as TIC permitem:

«Disponibilizar ferramentas que ajudam a deslocar o centro do processo ensino/aprendizagem para o aluno, favorecendo a sua autonomia e enriquecendo o ambiente onde a mesma se desenvolve. Permitem a exploração de situações, que de outra forma seria muito difícil realizar. Possibilitam ainda a professores e alunos a utilização de recursos poderosos, bem como a produção de materiais de qualidade superior aos convencionais.» (pág. 114)

As TIC, e em particular a Internet, facilitam uma aprendizagem construtivista e colaborativa, que prepara os alunos para interagirem na atual sociedade em rede (Amaro, Ramos & Osório, 2009; Lencastre & Araújo, 2009; Coutinho & Alves, 2010). Para que esse potencial das TIC seja aproveitado, é necessário que o professor crie contextos de aprendizagem que promovam a cooperação entre os alunos e com o professor. Amante (2007) recomenda, por exemplo, que o mesmo computador seja partilhado por dois alunos, para que estes possam interagir e aprender colaborativamente, pois o trabalho com o computador estimula a comunicação verbal e a colaboração entre os alunos. O professor pode também promover o desenvolvimento de projetos comuns que estimulem a criatividade, o trabalho de grupo e a cooperação, como a construção de histórias em conjunto (Santos, 2006; Miranda, 2007). Logo no Jardim de Infância as crianças podem participar na criação de narrativas digitais, usando a máquina digital, dramatizando, digitalizando as imagens, narrando e gravando a

história com as suas próprias palavras, o que torna o seu processo de aprendizagem mais significativo, devido ao envolvimento direto das crianças nas suas próprias produções (Amante & Faria, 2012). O importante é promover interações significativas, como refere Amante (2007):

«O trabalho desenvolvido em redor dos computadores constitui-se como particularmente estimulante da interação, incentivando as crianças a comunicarem, quer entre si, quer com o adulto. Assim, para além da atenção do adulto as suas necessidades de apoio mais imediatas, importa também que o educador saiba estimular uma interação produtiva, quer durante a realização das atividades, quer na sua exploração a posteriori, no sentido de fazer desses momentos importantes oportunidades de aprendizagem.» (pág. 58)

Esta colaboração no desenvolvimento de tarefas comuns aproxima os alunos, levando-os a apreciarem-se uns aos outros (Amaro, Ramos & Osório, 2009) e a compreenderem e aceitarem as diferenças.

Para além destes aspetos, também se reconhece às TIC o potencial de estimularem a motivação dos alunos e a sua concentração em sala de aula (Coscarelli, 1998; Santos, 2006).

A utilização das TIC pode ainda promover a aprendizagem da leitura e da escrita. Mesmo no Jardim de Infância, a utilização das TIC permite desenvolver atividades de familiarização das crianças com a escrita, levando-as a interiorizar a direcionalidade da escrita da esquerda para a direita, a orientação do texto de cima para baixo, a identificação de letras, a distinção e correspondência entre letras maiúsculas e minúsculas, a noção de separação de palavras e a noção de linha, entre vários aspetos (Amante, 2004). O processador de texto permite o desenvolvimento de competências de escrita, facilitando a revisão individual ou colaborativa de textos (MacArthur, 1996), como referiremos em 2.5. A utilização de livros digitais e a sua criação por alunos, mesmo tão jovens como os do Jardim-de-Infância ou do 1.º Ciclo do Ensino Básico, são igualmente um estímulo ao domínio da língua. Também na área da Matemática a utilização das TIC logo com crianças pequenas permite o desenvolvimento da aprendizagem no que diz respeito ao reconhecimento de formas, à contagem e classificação, aos conceitos de simetria, aos padrões e à organização espacial, entre outros (Amante, 2007). Tal como referem Amante e Faria (2012):

«Algumas aplicações favorecem a criação de situações de resolução de problemas, colocando a criança perante a concretização de determinados objetivos (desde os mais básicos, como desenhar uma figura geométrica, a outros mais elaborados, como resolver uma equação) que requerem selecionar de maneira ordenada e sequencial um conjunto de instruções, apelando frequentemente a conhecimentos e conceitos matemáticos; Estes objetivos são frequentemente atrativos e revestem-se de

significado para a criança, o que faz desencadear mecanismos de motivação intrínseca, aspecto particularmente relevante na aprendizagem da matemática pelo seu elevado grau de abstração e formalização.» (pág. 8)

A Internet permite um acesso alargado à informação, mas também a produção de informação e a sua divulgação na Web, fomentando a comunicação. Os alunos podem criar um espaço de divulgação dos seus trabalhos e experiências pedagógicas em jornais de turma, blogues ou páginas Web, tornando-os públicos fora da escola, por exemplo aos familiares e amigos. Esta exposição pública dá mais sentido às suas aprendizagens e responsabiliza os alunos. Neto (citado por Coutinho & Alves, 2010), resume algumas destas vantagens da Internet:

- «Perenidade da informação – Os documentos ficam disponíveis para que outros utilizadores mais tarde os possam consultar.
- Aprendizagem activa – A realização de trabalhos partindo dos conteúdos presentes na web favorece a valorização da acção do aluno, a aprendizagem numa perspectiva construtivista. Possibilita o levantamento de problemas, ao facilitar o confronto cognitivo e o surgimento de dúvidas.
- Partilha do saber – A internet permite que o trabalho desenvolvido pelos alunos salte o muro da escola, contribuindo para o desenvolvimento de futuros trabalhos de alunos de outras escolas. (...) O feedback (positivo ou negativo) gerado pela exposição dos trabalhos é um elemento importante para a auto-regulação da actividade do sujeito. O espírito de grupo, a cooperação, a autonomia e a tolerância ficam a ganhar.
- Existência de público – Ao verem que os seus trabalhos serão apreciados por outros, os alunos são estimulados a produzi-los com rigor, não para alcançarem uma boa classificação, mas por uma questão de realização pessoal e social.» (pág. 209)

As ferramentas disponíveis na Web facilitam a educação a distância, permitindo um trabalho colaborativo a distância e fomentando a comunicação entre os alunos e com o professor, através de fóruns, wikis, blogues e chats, entre outras. Mas também permite enriquecer o ensino presencial, que pode usar as mesmas ferramentas, prolongando a aprendizagem fora do espaço da sala de aula. Isso promove nos alunos o conceito de que a aprendizagem pode ocorrer em qualquer local e em qualquer altura, o que prepara os alunos para a aprendizagem ao longo da vida, indispensável ao sucesso na sociedade de informação (Coutinho & Alves, 2010).

Mesmo os alunos com problemas de aprendizagem são beneficiados pelo uso das tecnologias, melhorando o seu desempenho escolar. Quando vão para a escola, as crianças vão com a expectativa de aprenderem a ler e a escrever, mas quando surgem dificuldades e essa aprendizagem não se dá ao ritmo esperado, surgem frequentemente sentimentos de frustração e de baixa autoestima, especialmente quando o aluno com problemas de aprendizagem vê os colegas a progredirem e a distância entre ele e esses colegas a aumentar (Viana, 2005). Nestes contextos, a utilização das TIC pode estimular

os alunos, desenvolvendo a sua capacidade de aprender a aprender, como já referimos. Ao desenvolverem a sua literacia digital, estes alunos podem ser mais facilmente integrados na turma, trabalhando colaborativamente com os colegas e essa colaboração vai permitir a aceitação das diferenças e, por consequência, a integração destes alunos. Isso contribui para o aumento da sua autoestima, que é um dos fatores que pode melhorar o seu desempenho escolar (Ferreira & Martins, 2009).

A relação entre o meio socioeconómico desfavorecido e problemas de aprendizagens é referida por vários autores, como Romero (1995), Cupello (1998) e José e Coelho (citados por Fonseca, 1999), que consideram que esses problemas resultam de aspetos como uma má nutrição e a falta de estimulação precoce no que diz respeito à linguagem e à valorização da escola, embora haja muitos alunos com sucesso escolar oriundos de meios socioeconómicos desfavorecidos. Por isso, a integração das TIC no processo de ensino-aprendizagem pode despertar o interesse destes alunos, motivando-os para a aprendizagem e ajudando-os a valorizarem o conhecimento adquirido e as competências desenvolvidas. Ao permitir a visibilidade do trabalho realizado na escola, as TIC podem promover uma maior comunicação entre os alunos e a família sobre as aprendizagens escolares, o que funcionará como mais um fator que poderá potenciar o sucesso escolar.

Resumindo, quando o uso das tecnologias está ao serviço das aprendizagens dos alunos, de acordo com estratégias bem definidas pelo professor e com objetivos pedagógicos claros, as TIC promovem a aprendizagem, desenvolvendo a autonomia dos alunos e o trabalho colaborativo, o que os ajudará a se integrarem mais facilmente na atual sociedade em rede.

2.5. Algumas ferramentas TIC úteis para o 1.º Ciclo do Ensino Básico

Existe um grande número de ferramentas TIC que podem ser usadas no ensino, de acordo com os objetivos pedagógicos a atingir.

No caso do 1.º Ciclo do Ensino Básico, e em particular nos dois primeiros anos de escolaridade, muitas crianças utilizam o computador apenas para realizar jogos e nunca como apoio às atividades escolares e à aprendizagem em geral. Por isso, é necessário

familiarizar os alunos com essas ferramentas, pois estes não fazem uso delas no seu dia-a-dia.

No âmbito desta investigação, os alunos construíram um blogue da turma, com secções individuais. Para isso, tiveram de recorrer à Web para colocar as mensagens e os comentários, para consultar o blogue, para partilhar trabalhos com outros no blogue da Biblioteca do Agrupamento, e para procurar dados para realizar os seus trabalhos, especialmente imagens para ilustrar os seus textos. Algumas ilustrações foram também criadas no Paint, que estimulou a sua criatividade e a destreza manual na manipulação do rato. Para além disso, foram usadas outras ferramentas que destacaremos de seguida, referindo brevemente o seu potencial pedagógico.

2.5.1. O processador de texto

O processador de texto é uma ferramenta com grande potencialidade para o desenvolvimento da escrita dos alunos, sendo o Word, da Microsoft, o mais utilizado em Portugal.

Uma das suas maiores vantagens consiste na facilidade que oferece aos alunos para fazerem a revisão do seu texto. Um dos obstáculos à revisão de texto é o trabalho que isso implica, pois obriga os alunos a recopiarem o texto, uma ou mais vezes, até que este esteja todo devidamente reformulado. Isso significa ter de copiar também partes de texto que não precisavam de ser alteradas. O processador de texto permite precisamente fazer revisões frequentes sem o tédio de copiar (Ferreira & Martins, 2009), porque facilita as tarefas de apagar, substituir palavras e mover blocos de texto (Santos, 2006). Além disso, o processador de texto tem incorporado um corretor ortográfico e gramatical e um dicionário de sinónimos, que podem ser uma boa ajuda para os alunos no processo de escrita e de revisão dos seus textos. O Word assinala a vermelho os erros ortográficos oferecendo alternativas para a escrita dessas palavras, que o aluno pode escolher para corrigir o seu texto. O Word assinala ainda a verde as falhas gramaticais. O aluno pode também ler a explicação que é apresentada sobre essa falha gramatical e tentar modificar a sua frase a partir dessa informação. Para evitar repetições de palavras ou para enriquecer o seu texto com novo vocabulário, o aluno pode recorrer ao dicionário de sinónimos e seleccionar a melhor opção. Como refere

Ramos (citado por Santos 2006), tudo isso são tarefas que estimulam a autonomia e o espírito de investigação dos alunos, proporcionando aprendizagens contextualizadas das regras de funcionamento da língua. A facilidade de revisão dos textos liberta, assim, o aluno para se concentrar mais no conteúdo do seu texto (MacArthur, 1996).

Outro aspeto importante é a visibilidade no ecrã do texto produzido. Essa visibilidade facilita a escrita colaborativa, permitindo que dois ou mais alunos estejam a trabalhar diante do computador e a construir o texto em conjunto, discutindo o seu conteúdo, estrutura e redação. Permite igualmente que a revisão de texto deixe de ser uma tarefa solitária para ser uma tarefa social, entre pares, o que contribui para que os alunos possam aprender uns com os outros (MacArthur, 1996).

O processador de texto também torna possível criar documentos com uma boa apresentação, sem vestígios das correções efetuadas (Ferreira & Martins, 2009), com cores e formatos de letra variados e com imagens, podendo ser impressos e divulgados a outros.

Além disso, o processador de texto pode ser usado como ferramenta de suporte para a participação dos alunos num blogue. As crianças do 1.º Ciclo do Ensino Básico, especialmente nos dois primeiros anos de escolaridade, levam muito tempo a redigir os seus textos e a digitá-los, por isso podem ter problemas em escrever diretamente no blogue a mensagem que querem publicar. Quando se está muito tempo a criar uma mensagem ou a escrever um comentário, pode surgir uma informação de erro. Também pode falhar a ligação a meio do processo, fazendo com que percam o que tinham escrito até então. Assim, os alunos podem usar o processador de texto para construir e reformular os seus textos, copiando-os e colando-os depois no blogue.

No entanto, para que os alunos possam tirar o devido proveito desta ferramenta, é necessário que aprendam a digitar um texto e a usar os comandos do programa, especialmente as crianças do 1.º Ciclo, que têm muitas vezes na escola o primeiro contacto com o processador de texto.

2.5.2. Os podcasts

Os *podcasts* são uma ferramenta recente da Web 2.0 e correspondem a ficheiros áudio disponíveis na Web e que podem ser descarregados para dispositivos móveis e

ouvidos onde e quando se quiser (Coutinho & Alves, 2010). Existem vários formatos, como o *audiopodcast* (ou simplesmente *podcast*), que é um arquivo de áudio, o *vodcast*, que inclui também vídeo, o *enhanced podcast*, que combina imagem com locução, ou o *screencast*, que consiste na captação do ecrã com locução (Carvalho, 2009).

Coutinho e Alves (2010) referem que os *podcasts* podem ser recursos muito úteis no processo de ensino-aprendizagem, tanto no *elearning* como no ensino presencial. Podem ser usados para disponibilizar materiais didáticos aos alunos, como aulas gravadas pelo professor ou materiais de diferentes autores, como documentários e entrevistas, que podem ser boas fontes de informação. No entanto, o aluno também se pode tornar autor de *podcasts*, assumindo um papel ativo na sua aprendizagem, construindo recursos que podem ser partilhados com outros.

Os *podcasts* podem ser usados em qualquer nível de ensino, incluindo no 1.º Ciclo do Ensino Básico. Marques & Reis (2011) destacam a importância dos *podcasts* como motivação para a aprendizagem da leitura e da escrita neste nível de ensino. No estudo efetuado pelos autores, os alunos fizeram a gravação de histórias dramatizadas, que partilharam com outros colegas e com os encarregados de educação. O trabalho desenvolvido levou os alunos a terem uma maior preocupação com a preparação do texto que estava na base dos *podcasts* e também com a qualidade da sua leitura oral. A reprodução das gravações permitiu a autocorreção dos alunos, o que potenciou a evolução da leitura. Galvão Filho (2002) também reconheceu o contributo para a aprendizagem da leitura e da escrita de projetos de criação e leitura de histórias com recurso às TIC.

A criação de *podcasts* pelos alunos permite a aprendizagem colaborativa, pois podem ser realizados em grupo (Coutinho & Alves, 2010), levando os alunos a trabalharem em conjunto para a criação de um produto comum e a aprenderem uns com os outros. Essa colaboração permite não só o desenvolvimento de competências tecnológicas, mas também a melhoria das competências de escrita e de oralidade, pois os alunos podem discutir entre si a criação do texto que está na base do *podcast* a gravar e corrigir a leitura uns dos outros para que a qualidade final do seu trabalho de grupo seja boa.

Bottentuit Junior e Coutinho (citados por Coutinho & Alves, 2010), apontam várias vantagens da utilização de *podcasts* no ensino:

- «- O maior interesse na aprendizagem dos conteúdos devido a uma nova modalidade de ensino introduzida na sala de aula;

-
- É um recurso que ajuda nos diferentes ritmos de aprendizagem dos alunos visto que os mesmos podem escutar inúmeras vezes um mesmo episódio a fim de melhor compreenderem o conteúdo abordado;
 - A possibilidade da aprendizagem tanto dentro como fora da escola;
 - Se os alunos forem estimulados a gravar episódios aprendem muito mais, pois terão maior preocupação em preparar um bom texto e disponibilizar um material correto e coerente para os colegas;
 - Falar e ouvir constitui uma atividade de aprendizagem muito mais significativa do que o simples ato de ler.» (pág. 218)

Amante e Faria (2012) enumeram ainda outras potencialidades da publicação dos *podcasts* em serviços de *podcasting*:

- «- Maior sentimento de responsabilidade pelo trabalho produzido, mas também maior incentivo à sua realização, relacionados com a disponibilização do trabalho na Internet e a consciência de “se estar ligado ao mundo”. (...)
- Literacia tecnológica - promove o contacto com os suportes multimédia que favorecem a compreensão e assimilação dos conteúdos curriculares.» (pág. 7)

Assim, os *podcasts* são uma ferramenta com grande potencial para a aprendizagem dos alunos.

2.5.3. O PowerPoint

O *software* usado com mais frequência para construir apresentações de diapositivos é o PowerPoint, da Microsoft, embora também se possa utilizar outros programas semelhantes, como o OpenOffice Impress ou as apresentações do Google Docs.

Uma apresentação pode incluir texto, imagens, vídeo, áudio e hiperligações. Assim, alia as potencialidades das ferramentas de processamento de texto, às de edição de imagem e às de criação e edição de *podcasts* e de vídeos, entre outras. A criação de apresentações estimula a criatividade dos alunos, pois estes podem construir ficheiros apelativos usando o seu próprio texto, imagens criadas por si e a gravação da sua própria voz, por exemplo. Para além de poderem ficar em formato de apresentação, os ficheiros criados no PowerPoint podem ser convertidos em vídeo e colocados, assim, no Youtube ou num blogue, permitindo a sua divulgação a outros.

No 1.º Ciclo do Ensino Básico, é possível usar este *software* para construir histórias digitais a partir de textos criados pelos alunos ou ilustrando e narrando algumas das histórias que fazem parte do Plano Nacional de Leitura para este nível de ensino, o que promove o desenvolvimento da escrita e da leitura.

2.5.4. O blogue

O blogue é outra das ferramentas disponíveis na Web 2.0, que surgiu em finais dos anos 90, do século XX. O termo “blogue” é a versão portuguesa de “blog”, abreviatura da palavra inglesa “Weblog”, com o sentido de um registo diário na Web (Carvalho *et al*, 2006). De acordo com Gomes (2005), um blogue é:

«uma página na Web que se pressupõe ser atualizada com grande frequência através da colocação de mensagens – que se designam “posts” – constituídas por imagens e/ou textos normalmente de pequenas dimensões (muitas vezes incluindo links para *sites* de interesse e/ou comentários e pensamentos pessoais do autor) e apresentadas de forma cronológica, sendo as mensagens mais recentes normalmente apresentadas em primeiro lugar.» (pág. 311)

Inicialmente, ainda não existiam os mesmos serviços de criação automática que existem hoje, por isso a criação dos primeiros blogues implicavam conhecimentos informáticos que permitissem gerar páginas Web (Gomes, 2005). No entanto, com a evolução da Web 2.0, hoje é possível criar e gerir um blogue de forma fácil, sem ser necessários grandes conhecimentos informáticos, havendo *sites* que disponibilizam sistemas de criação, gestão e alojamento gratuito de blogues. Esta facilidade de utilização levou a um interesse muito grande dos cibernautas, havendo milhares de blogues na internet sobre os mais variados temas e com objetivos diversificados, de natureza lúdica, informativa, política, de intervenção cívica, entre outras (Gomes, 2005). Surgem, assim, novos termos como “blogosfera”, referindo-se ao universo de blogues existentes, “bloguistas” ou “bloguer”, referente ao autor de um blogue, “blogar”, referente à ação de participar num blogue, ou ainda “postar”, ao nos referirmos à colocação de uma mensagem num blogue (Gomes & Lopes, 2007). A evolução da Web 2.0, com a diversificação de serviços gratuitos de colocação online de fotos, vídeos e áudio, permitiu uma variedade de formatos de blogues, como os audioblogues, videoblogues ou fotoblogues, entre outros (Gomes & Lopes, 2007).

O blogue permite também que os visitantes deixem os seus comentários, tornando-se um meio de comunicação online (Carvalho *et al*, 2006; Coutinho & Bottentuit Junior, 2007). O blogue pode ser de autoria individual ou coletiva, havendo neste último caso várias pessoas com permissão para publicar mensagens.

Também é possível determinar o grau de visibilidade de um blogue, tornando-o completamente privado (apenas visível para o seu autor), parcialmente público (restringindo o acesso a um número selecionado de visitantes e não inscrevendo o

blogue numa base de dados que permita a sua localização nos motores de busca) ou totalmente público (podendo ser acedido por qualquer utilizador da Web). A possibilidade de aceitar ou não comentários pode igualmente ser definida pelo seu autor.

O interesse suscitado pelos blogues chegou também à educação, havendo já muitos exemplos de utilização em escolas e universidades e havendo estudos sobre o seu uso pedagógico (Carvalho *et al*, 2006; Coutinho & Bottentuit Junior, 2007; Gomes & Lopes, 2007; Faria, 2008; Sousa & Silva, 2010, entre outros). O resultado de um estudo realizado por Sousa e Silva (2009) aponta para um envolvimento mais ativo do aluno quando o blogue é utilizado em contexto de aula, seguindo uma perspetiva construtivista da aprendizagem, o que torna o aluno mais autónomo, com maior capacidade de integração no trabalho de grupo e mais motivado para a auto-aprendizagem.

Gomes (2005) refere que em Portugal uma das primeiras utilizações de blogues na educação teve lugar na Universidade do Minho, no curso de Mestrado em Informação e Jornalismo, em 2002. Atualmente, já existem muitos blogues no âmbito da educação, criados e dinamizados por professores, por alunos ou por professores e alunos, focados em disciplinas específicas ou de carácter transdisciplinar. Há blogues que funcionam como portefólios do trabalho realizado ou como espaço de representação na Web de escolas, departamentos ou associações de estudantes (Gomes, 2005).

Carvalho *et al* (2006) apresentaram uma série de exemplos de utilização pedagógica de blogues em diferentes níveis de ensino, desde a pós-graduação ao Ensino Básico. Num curso de mestrado em Supervisão Pedagógica do Ensino, os estudantes usaram o blogue para responder a questões lançadas pela docente, para colocarem informações que desejassem e para indicarem apontadores para *sites* que considerassem interessantes. Numa unidade curricular de Latim de um curso de Licenciatura, o blogue foi utilizado como espaço de intervenção dos estudantes, de publicação de textos, de sugestões de *sites* e de leituras, e de publicação de imagens de visitas de estudo, permitindo a interatividade fora das aulas. Os autores apresentam também exemplos de utilização na disciplina de Português, no Ensino Secundário, em que o blogue funcionou como uma espécie de plataforma de elearning, de apoio à lecionação dos conteúdos e como uma ferramenta pedagógica de apoio ao desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, à reflexão, ao espírito crítico e ao desenvolvimento da competência de literacia informacional. Isso permitiu que os alunos publicassem e arquivassem as atividades desenvolvidas na aula, que lessem e comentassem os

trabalhos uns dos outros, desenvolvendo assim as competências de auto e heteroavaliação. Até mesmo os pais puderam acompanhar o trabalho realizado pelos seus filhos na escola.

Do Ensino Básico, são apresentados exemplos da utilização do blogue nas disciplinas de História e Geografia como um e-caderno administrado pelo próprio aluno, onde os alunos criaram e responderam a desafios, escrevendo textos, publicando desenhos, dando opiniões sobre certos factos históricos e sugerindo ligações para outros *sites*. O uso de blogues permitiu aos alunos consolidarem as suas aprendizagens e partilharem conhecimento com os colegas. Faria (2008) apresenta também a utilização do blogue na disciplina de Português, no 7.º ano, que agregou todos os blogues individuais dos alunos, incorporou ligações a dicionários online, a *sites* de divulgação de livros, entre outros, divulgando projetos e atividades desenvolvidas. Segundo Carvalho *et al* (2006), a utilização de blogues nos diferentes níveis de ensino evidenciou «a importância de tirar partido dos recursos da Web em contexto educativo, desde que desafiantes e adequados à faixa etária dos alunos, mas também o envolvimento e empenho que se verifica nos alunos» (pág. 651), o que reforça as potencialidades educativas dos blogues.

No contexto educacional, o blogue pode ter uma utilização diversificada, enquanto recurso pedagógico ou estratégia pedagógica (Gomes, 2005; Gomes & Lopes, 2007). Como recurso, os blogues podem ser explorados como uma fonte de informação especializada, muitas vezes alheios à escola, o que exige do professor um esforço de análise para poder assegurar-se que os blogues consultados são cientificamente corretos. No entanto também podem ser criados blogues pelo próprio professor ou por um conjunto de professores com a informação considerada pertinente. Nessa perspetiva, o blogue pode ser criado como acompanhamento da sequência de assuntos tratados na aula. Apesar da possibilidade de os alunos poderem comentar as mensagens existentes, a utilização do blogue enquanto recurso atribui ao aluno um papel passivo, enquanto consumidor de informação. Pelo contrário, a utilização do blogue como estratégia confere ao aluno um papel mais ativo, tornando-o autor ou co-autor do blogue. Para que o aluno possa assumir a autoria/coautoria do blogue, existe:

«todo um leque diversificado de atividades a desenvolver, antecedendo a publicação de mensagens (postagem), às quais estão associadas objetivos de aprendizagem e desenvolvimento de competência (...) e que visa[m] conduzir os alunos a atividades de pesquisa, seleção, análise, síntese e publicação de informação, com todas as potencialidades educacionais implicadas.» (Gomes & Lopes, 2007; pág. 123).

A utilização do blogue torna-se, assim, um pretexto para o desenvolvimento de múltiplas competências que incluem o domínio de ferramentas TIC e da Web, estimulando os alunos a produzir e a refletir sobre os produtos criados.

Como referem Carvalho *et al* (2006), as mensagens publicadas no blogue ficam acessíveis ao professor e aos colegas, que os podem ler e comentar, fomentando a sua correção por parte do autor dessa mensagem. Ao ficarem arquivados no blogue, os produtos criados permitem ver o progresso dos alunos ao longo do tempo, permitindo também que os pais acompanhem o processo de ensino-aprendizagem.

Enquanto estratégia pedagógica, Gomes (2005) e Gomes e Lopes (2007) referem o uso do blogue como espaço de intercâmbio e colaboração, permitindo o desenvolvimento de projetos entre escolas geograficamente distantes e ajudando a combater o isolamento de algumas escolas. É também referido o uso do blogue como espaço de desenvolvimento de debates prolongados através de uma estratégia de *role-playing*, que estimula nos alunos o desenvolvimento de competências de pesquisa de informação e de domínio da comunicação escrita, e que permite que os alunos desenvolvam um espírito de tolerância a pontos de vista diferentes dos seus. Outro uso mencionado é o do blogue como espaço de integração, em que alunos com diferentes origens culturais podem partilhar as suas experiências e perspetivas, o que conduzirá a uma melhor integração dos alunos pertencentes a minorias étnicas e culturais. Alunos temporariamente afastados da escola (por doença, por exemplo) também poderão participar à distância na dinamização do blogue, sentindo-se assim mais integrados.

Um outro uso do blogue a que daremos maior atenção, por se relacionar com a investigação realizada, tem a ver com a sua utilização enquanto portefólio digital.

Na literatura sobre esta temática, podem ser encontradas várias definições de portefólio. Paulson, Paulson e Meyer (1991) apresentam uma definição formulada pela Northwest Evaluation Association (EUA), segundo a qual:

«A portfolio is a purposeful collection of student work that exhibits the student's efforts, progress, and achievements in one or more areas. The collection must include student participation in selecting contents, the criteria for selection, the criteria for judging merit, and evidence of student self-reflection» (pág. 60)

Fernandes *et al* (1994) também definem o portefólio como:

«uma coleção organizada e devidamente planeada de trabalhos produzidos por um aluno ao longo de um dado período de tempo, de forma a poder proporcionar uma visão tão alargada e pormenorizada quanto possível das diferentes componentes do seu desenvolvimento (e.g., cognitivo, metacognitivo, afetivo, moral)».(pág.2)

Segundo os autores, o portfólio deverá incluir evidências diversificadas, abrangendo várias áreas do programa, em formatos diferentes (escrito, visual, oral), ilustrando processos, produtos de aprendizagem e métodos de trabalho, implicando o envolvimento dos alunos na revisão, análise, reflexão e seleção dos trabalhos.

Paulson, Paulson e Meyer (1991) lembram que os portfólios serão tão variados como os alunos que os criam e as turmas em que estão inseridos, no entanto deverão sempre constituir uma oportunidade para o aluno aprender sobre a aprendizagem, devendo ser feitos pelo aluno e não para o aluno, dando-lhe a oportunidade de valorizar o seu trabalho e a si próprio enquanto aprendiz.

Quando o portfólio é construído na Web, como acontece quando o blogue é utilizado como suporte à sua construção, é possível integrar materiais multimídia diversificados, o que é muito vantajoso para crianças em risco e para aquelas que não se interessam habitualmente pelas aulas, pois conseguirão evidenciar melhor as suas competências na execução de tarefas que impliquem a criação deste tipo de materiais, como a gravação da sua voz ou a criação de vídeos, que podem ser mais fáceis ou desafiantes para elas do que a escrita de textos (Wade, Abrami & Sclater, 2005). Além disso, torna-se possível uma maior partilha com os pares e professores, permitindo um *feedback* mais efetivo, bem como uma maior ligação entre a escola e a família.

De acordo com Wade, Abrami & Sclater (2005), com base no QESN-Récit (2005), os portfólios são desenvolvidos em cinco fases. A primeira, a fase de coleção, é aquela em que professores e alunos trabalham em conjunto para produzir materiais significativos. Segue-se a fase de seleção em que ambos reveem e apreciam as produções realizadas, selecionando as mais representativas das aprendizagens efetuadas. A terceira fase é a da reflexão, a fase mais importante, em que o aluno reflete sobre cada trabalho realizado, aprecia o seu progresso e as falhas que ainda tem de resolver. As competências desenvolvidas neste momento são as que permitirão ao aluno desenvolver a sua aprendizagem ao longo da vida. A quarta fase consiste na comparação entre as suas reflexões e os objetivos traçados inicialmente, estabelecendo objetivos para o futuro. Finalmente, a última fase é a da apresentação, em que o portfólio é partilhado com outros. Contudo, o portfólio pode ser tornado público desde o início da sua criação, o que permitirá o *feedback* não só do professor como de colegas e até dos encarregados de educação, permitindo assim reforçar a relação entre a escola e a família, especialmente importante nos primeiros anos de escolaridade.

Ao promover a reflexão do aluno sobre as suas produções e o seu processo de aprendizagem, o portefólio torna-se um instrumento de regulação e de autorregulação das aprendizagens. Quando analisam o conteúdo do portefólio, tanto o professor como o aluno podem recolher informações importantes que lhes permitem regular o processo de ensino-aprendizagem. Eyssautier-Bavay (2004) refere o aumento da motivação dos alunos quando lhes é pedido que se impliquem diretamente na sua aprendizagem, seleccionando as provas do seu progresso. Essa motivação é ainda maior no caso dos alunos que têm mais dificuldades (Wade, Abrami & Sclater, 2005), pois a sua autoestima é aumentada ao conseguirem apresentar produções que evidenciam que conseguiram aprender alguma coisa. Visto que o portefólio pode ser tornado público isso também estimula a criatividade dos alunos na apresentação das suas produções. Esta visibilidade torna-o um bom instrumento de partilha e de socialização dos trabalhos realizados (Barbeiro & Rebelo, 2006).

No que diz respeito ao 1.º Ciclo do Ensino Básico, embora as crianças tenham ainda muito pouca autonomia e uma reduzida capacidade de autorreflexão (especialmente nos dois primeiros anos), se forem estimuladas nesse sentido conseguirão desenvolver muito cedo estas capacidades. Reconhecendo as características próprias desta faixa etária, Marques e Reis (2009) propõem a criação de um portefólio digital progressivo, adaptável à evolução dos alunos. Numa primeira fase, que corresponde aos dois primeiros anos de escolaridade, o portefólio deverá ser coletivo devido à pouca autonomia dos alunos, que precisam ainda de muito apoio do professor. Neste sentido, a construção de um blogue de turma é uma estratégia para desenvolver nos alunos a capacidade de refletirem sobre as suas aprendizagens, de colaborarem com os colegas, de produzirem materiais diversificados como evidências das suas aprendizagens e de exporem as suas produções a outros. Em anos mais precoces pode ser usado como familiarização com o portefólio, desenvolvendo quer o seu interesse por este instrumento de trabalho, quer as capacidades necessárias para a sua construção nos anos seguintes, tal como aconteceu ao longo desta investigação.

Independentemente do tipo de utilização que for dada ao blogue, de acordo com Orihuela e Santos (2004), este será uma boa ferramenta para a alfabetização digital dos alunos e, por consequência, para a sua integração na atual sociedade digital.

Capítulo 3. Desenvolvimento da Investigação

3.1. Enquadramento

Durante o ano letivo 2010/2011, a investigadora foi professora titular da turma 1B, da Escola EB1 Eurico Gonçalves. O trabalho desenvolvido com os alunos permitiu concluir que se tratava de um grupo de alunos com características muito próprias, provenientes maioritariamente de famílias economicamente carenciadas e evidenciando dificuldades de aprendizagem, de integração no ambiente escolar, bem como uma grande imaturidade e resistência ao esforço necessário para aprender. Houve um grande esforço por parte da professora titular de turma para que os alunos interiorizassem as regras básicas de comportamento numa sala de aula e desenvolvessem simultaneamente o gosto pela aprendizagem. Para isso, desenvolveram-se alguns projetos, como o Pequeno Cientista (no âmbito das Ciências Naturais, com a realização de experiências e o respetivo registo a partir de fotografias, desenhos e pequenos textos), a Editora Sapinho (no âmbito da Língua Portuguesa, que consistiu na criação de pequenos livros de leitura adaptados ao 1.º ano de escolaridade, com textos copiados pelos alunos e com capas e ilustrações pintadas também pelos alunos) e os Jogos Matemáticos (para estimular o cálculo mental e o apreço pela Matemática). O progresso de todos os alunos foi significativo, no entanto apenas metade deles conseguiu atingir o nível esperado para o seu ano de escolaridade, conforme descreveremos adiante.

Assim, a investigadora e professora titular da turma tentou encontrar outras estratégias que permitissem promover o sucesso de toda a turma. Uma revisão da bibliografia sobre aprendizagem apontou para os benefícios da adoção de práticas socioconstrutivistas, assentes na avaliação formativa e na autoavaliação, bem como da utilização das TIC para apoiar a aprendizagem dos alunos, conforme descrevemos nos capítulos 1 e 2 desta dissertação. Por isso, decidiu-se construir um blogue com a turma para verificar se esse recurso às TIC teria ou não impacto nas aprendizagens destes alunos.

3.2. Metodologia de investigação

Para analisar se as TIC, e em particular o blogue enquanto ferramenta da Web 2.0, teriam ou não impacto nas aprendizagens dos alunos da turma referida acima, optou-se por uma metodologia de natureza qualitativa, por se considerar a mais adequada para as circunstâncias em que a investigação seria desenvolvida, conforme referiremos adiante, sendo esta uma metodologia muito frequente nas investigações em educação (Bogdan & Biklen, 1994). Numa investigação qualitativa, os dados são recolhidos a partir de um contacto aprofundado com a realidade investigada e os sujeitos nela envolvidos, no seu contexto natural, sendo a observação participante uma das estratégias mais representativas. Foi essa a situação na investigação que desenvolvemos. Na investigação qualitativa não há uma preocupação com a dimensão das amostras nem com a generalização de resultados, como acontece com a investigação quantitativa (Fernandes, 1991). Neste caso, a investigação incidiu sobre a turma 2B em particular. Não se pretendeu generalizar os resultados a que se chegou a todos os alunos do 1.º Ciclo, mas estudar o impacto das TIC nas aprendizagens destes alunos específicos.

De acordo com Bogdan e Biklen (1994), a investigação qualitativa apresenta cinco características que poderão estar presentes em graus diferentes em estudos desta natureza, sendo mesmo possível que uma ou mais delas não estejam de todo presentes em certos estudos. Essas cinco características são as seguintes:

1 - «*Na investigação qualitativa a fonte directa de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal.*» (op. cit., pág. 47) Isso implica que o investigador passe muito tempo em campo, observando a realidade investigada e efetuando registos, em texto, vídeo ou áudio, sendo o registo num bloco de apontamentos o mais frequente. O contexto é muito importante, considerando-se que é nesse ambiente habitual de ocorrência que as ações podem ser melhor compreendidas. No caso concreto desta investigação, a investigadora era simultaneamente a professora titular da turma, estando portanto sempre presente no ambiente natural da turma e recolhendo os dados necessários à investigação, como descreveremos adiante.

2 - «*A investigação qualitativa é descritiva.*» (op. cit., pág. 48) Assim, os dados recolhidos são apresentados por palavras e os resultados da investigação podem conter citações das notas de campo registadas pelo investigador, fotografias e outros documentos. A descrição é um bom método tanto para a recolha de dados como para a

apresentação dos resultados pois permite que nenhum detalhe seja deixado de lado. Nesta dissertação, será feita, portanto, uma descrição pormenorizada da realidade observada e serão apresentados excertos do diário de bordo da investigadora, bem como fotografias e exemplos das produções escritas dos alunos, para melhor compreensão dos dados recolhidos.

3 - «*Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos.*» (op. cit., pág. 49) Assim, ao observar os alunos, a principal preocupação foi a de compreender como as suas atitudes se foram modificando ao longo da investigação e que ideias ou interesses começaram a desenvolver, entre outros aspetos.

4 - «*Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva.*» (op. cit., pág. 50) Os dados não são recolhidos com o objetivo de confirmar hipóteses previamente estabelecidas, mas é à medida que os dados vão sendo recolhidos que as abstrações se vão construindo. Desta forma, iniciou-se esta investigação com o objetivo de observar o modo como os alunos reagiam à utilização das TIC, e em particular à criação e desenvolvimento de um blogue, verificando-se ao longo do ano letivo se essa utilização tinha ou não impacto nas suas aprendizagens.

5 - «*O significado é de importância vital na abordagem qualitativa.*» (op. cit., pág. 50) O investigador está interessado no sentido que os sujeitos observados dão à realidade em estudo, tentando apreender as suas perspetivas pessoais. Nesse sentido, estabelece-se uma espécie de diálogo entre os investigadores e os sujeitos de modo a compreender o modo como eles interpretam as suas experiências.

Ao longo desta investigação, a investigadora foi não só observando o comportamento dos alunos como conversando com eles sobre as atividades desenvolvidas, de modo a apreender o seu ponto de vista. Com esse mesmo objetivo, também foi solicitado às crianças que exprimissem por escrito a sua opinião sobre a utilização do blogue, sendo esse registo escrito uma das fontes de informação utilizadas para a elaboração da dissertação.

Como já referimos, a investigação desenvolvida centrou-se no impacto das TIC, mais especificamente do blogue enquanto ferramenta da Web 2.0, nas aprendizagens dos alunos desta turma em particular. Portanto, adotou-se a metodologia de estudo de caso, com uma vertente exploratória e descritiva (Coutinho & Chaves, 2002). Yin (2003) refere que os primeiros passos na organização de um estudo de caso são definir o caso em estudo ou a unidade de análise e optar por um estudo singular de caso

ou por um estudo múltiplo de casos. Nesta investigação, o caso em estudo foi a turma 2B, selecionada por ser a turma de que a investigadora era professora titular e por se tratar do grupo específico de alunos cujas aprendizagens se pretendia promover. Assim, tratou-se de um estudo de caso único (Yin, 2003), intrínseco (Stake, 2007), visto que o objetivo da investigação é o de compreender melhor este caso em particular.

No entanto, como professora da turma, a investigadora não se limitou a investigar, mas também interveio na realidade observada. Nesse sentido, tratou-se de um projeto de investigação-ação, sendo esta a metodologia mais utilizada quando numa investigação em educação se coloca a possibilidade, ou a necessidade, de proceder a mudanças ou de intervir na reconstrução da realidade (Coutinho *et al*, 2009). Esta mesma ideia é expressa por Benavente *et al* (1990):

«Os processos de mudança são a problemática nuclear da investigação-ação. Pretende-se analisar condições, potencialidades, obstáculos, mecanismos, procedimentos, agentes de mudança; pretende-se intervir em situações e processos reais, com os atores neles envolvidos, e pretende-se analisar essas experiências de intervenção e de transformação.» (pág. 11)

Na investigação-ação no âmbito da educação, o professor desempenha um papel central, sendo ele quem planifica, age, analisa, observa e avalia as situações educativas. Isso permite-lhe refletir sobre as suas próprias ações, o que poderá conduzir a alterações da sua prática docente (Cortesão & Stoer, 1997). Este duplo papel do professor enquanto ator educativo e investigador está diretamente ligado ao caráter prático da investigação-ação e ao seu objetivo de resolver problemas reais como aqueles com que os professores se confrontam na sua atividade. Este tipo de investigação permite, assim, implicar os professores na reflexão e na produção de saberes sobre a sua profissão, articulando investigação e intervenção (Benavente *et al*, 1990).

No caso concreto da investigação que desenvolvemos, enquanto professora da turma refletimos sobre a nossa prática docente, tentando encontrar estratégias de trabalho que pudessem promover as aprendizagens de todos os alunos, ultrapassando as dificuldades sentidas no ano letivo anterior.

Há várias modalidades de investigação-ação (Coutinho *et al*, 2009; Cohen *et al*, 2000):

- a modalidade de investigação-ação técnica, em que o professor põe em prática os objetivos e o desenvolvimento metodológico predefinidos por um facilitador externo;

- a investigação-ação prática, em que o professor é o protagonista ativo e autónomo da investigação, conduzindo o processo de investigação, sendo que o facilitador externo age como um consultor do processo, que ajuda o professor na sua atuação e reflexão, tal como aconteceu com a investigação desenvolvida;

- a investigação-ação crítica ou emancipadora, que pretende ir para além da ação pedagógica, tentando intervir na transformação do próprio sistema.

De acordo com Cohen *et al* (2000), a investigação-ação tem um caráter cíclico, sendo desenvolvida em fases contínuas que podem ser resumidas à planificação, à ação (ou implementação da planificação), à observação (avaliação e autoavaliação) e à reflexão (sobre os resultados das fases anteriores de modo a tomar decisões para o próximo ciclo). Assim, ao longo do ano letivo, fomos aplicando as estratégias previamente definidas e verificando o impacto que estas estavam a ter nas aprendizagens dos alunos, redefinindo novas estratégias de acordo com o balanço periódico que foi sendo efetuado, como descreveremos no capítulo 4.

3.3. Recolha de dados

De acordo com Gomez, Flores e Jimènez (citados por Coutinho & Chaves, 2002), adotámos uma modalidade observacional no desenvolvimento deste estudo de caso, tendo assim «na observação participante a principal técnica de recolha de dados» (pág. 227). No paradigma qualitativo, o investigador é o instrumento de recolha de dados por excelência (Fernandes, 1991), que regista as suas observações num diário de bordo. Este diário de bordo, ou diário de campo, é um instrumento importante de recolha de dados na investigação qualitativa (Ponte, 2002; Gómez, Flores & Jimènez, citados por Coutinho & Chaves, 2002; Meirinhos & Osório, 2010; Vásquez & Angulo, 2003). Nele se registam de forma diacrónica vários dados relativos à investigação, como os elementos observados pelo investigador, as ações dos sujeitos observados, as suas conversas, mas também as preocupações do observador, as suas decisões e as suas reflexões (Vásquez & Angulo, 2003). No caso desta investigação, enquanto professora titular da turma, a investigadora pôde observar diariamente o desenvolvimento das atividades e a reação dos alunos e dos seus pais. Assim, registou-se no diário de bordo (Anexo IV) as atividades letivas relevantes para a a investigação, as reações das

crianças, a essência das conversas que tinham entre si e com a professora e a síntese das conversas com os pais. Por a investigadora ser a professora titular de turma, os comentários dos alunos e dos seus pais ocorreram num ambiente natural, sem os constrangimentos causados por um investigador externo. Registaram-se igualmente as reflexões e as tomadas de decisão da investigadora. Assim, este diário de bordo, construído a partir da observação direta e participante, foi uma das principais fontes de informação para a elaboração desta dissertação.

No entanto, é importante diversificar as fontes de informação (Yin, 2003), por isso os dados recolhidos a partir do diário de bordo foram complementados com fotografias dos alunos, documentando o seu envolvimento nas atividades, e com os textos produzidos pelos alunos e incluídos no blogue. Como atividade final, solicitou-se aos alunos que escrevessem um pequeno texto onde referissem a sua opinião sobre o blogue e sobre o que tinham aprendido por participar no desenvolvimento desse blogue, sendo essa reflexão final também uma das fontes de informação para a investigação. Também foram recolhidos dados a partir de grelhas de registo da evolução dos alunos em vários domínios (Anexo I), junto com os respetivos descritores.

3.4. Caracterização da turma

A turma com a qual se desenvolveu esta investigação era uma turma do segundo ano de escolaridade (turma 2B), do 1.º Ciclo do Ensino Básico, da Escola EB1 Eurico Gonçalves, com dezoito alunos no momento do início do projeto.

A Escola EB1 Eurico Gonçalves localiza-se na freguesia da Ameixoeira, no Conselho de Lisboa, e encontra-se junto das freguesias da Charneca, das Galinheiras e do Lumiar. Pertence ao Agrupamento de Escolas Professor Lindley Cintra, com sede no Lumiar. A escola está inserida num bairro residencial constituído por prédios habitados por uma população de nível socioeconómico médio ou alto, rodeado por prédios de realojamento que vieram substituir as barracas já existentes, sendo a maioria dos alunos da escola provenientes desta zona de realojamento.

Os alunos da turma 2B eram essencialmente provenientes da Ameixoeira Velha, da Torrinha (uma zona de construção clandestina), da Estrada da Ameixoeira e ruas adjacentes, havendo também alunos residentes na Charneca, nas Galinheiras, em Odivelas e em Camarate.

A maioria dos alunos pertencia a famílias carentes, sendo que 16 deles beneficiavam da Ação Social Escolar (ASE). Destes, 13 pertenciam ao escalão A (o escalão máximo da ASE) e 3 ao escalão B. Apenas dois alunos não eram apoiados pela ASE. Esta situação deveu-se em grande parte à elevada taxa de desemprego entre os pais dos alunos – 45%. A falta de condições económicas refletiu-se também no material que os alunos traziam para a escola. Em finais de outubro, os alunos carentes ainda não tinham manuais escolares, e muitos não traziam o material de desgaste necessário (lápiz, canetas, borrachas,...). Os pais eram cumpridores dos deveres de assiduidade e pontualidade dos seus filhos mas, conforme expresso pelos próprios pais, sentiam dificuldades em acompanhar os filhos em casa, por não saberem como o fazer.

A turma 2B era composta inicialmente por vinte alunos, sendo uma turma reduzida por ter três alunos com Necessidades Educativas Especiais (designados a partir deste ponto como “alunos NEE”) de carácter permanente, com adaptações curriculares. Logo no início do ano letivo dois alunos foram transferidos, por mudança de residência, ficando a turma com dezoito alunos. Perto do final do primeiro período, em dezembro, uma outra aluna foi transferida, ficando a turma com dezassete alunos. Dos dezoito alunos iniciais, 9 eram rapazes e 9 raparigas, com idades compreendidas entre os seis e os oito anos de idade. No início do ano, quatro alunos ainda não tinham completado os sete anos de idade, estando assim abaixo da idade usual de frequência do segundo ano de escolaridade, o que se refletiu no grau de maturidade evidenciado por estes alunos. As educadoras de infância destas crianças consideraram que estas deveriam continuar mais um ano no Jardim-de-infância, pois ainda não revelavam o grau de maturidade necessário para o 1.º Ciclo, conforme o relatório que consta no processo dos alunos. Efetivamente, ao longo de todo o 1.º ano de escolaridade revelaram comportamentos imaturos, falando de forma infantil e com linguagem “abebezada”. Tendiam a brincar o tempo todo e distraíam-se com muita facilidade, acabando por não concluir as tarefas. Não compreendiam porque deviam concluir os trabalhos ou respeitar as regras de funcionamento de uma sala de aula, considerando que podiam correr, brincar e levantar-se sempre que o desejassem, como se estivessem no Jardim-de-infância, ficando contrariados por isso não lhes ser permitido. Outro aluno foi transferido para a turma no início do ano letivo por solicitação dos pais, pois não tinha realizado a maioria das aprendizagens previstas para o 1.º ano de escolaridade e os pais consideraram que a mudança de estabelecimento de ensino poderia ser benéfica. Uma outra aluna era de etnia cigana e, embora não revelando dificuldades de aprendizagem, demonstrava um

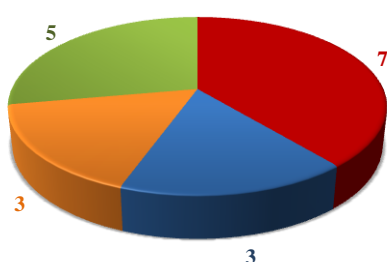
elevado absentismo que prejudicou a sua aprendizagem. Um dos alunos evidenciava graves problemas de aprendizagem, passando a ser acompanhado por uma equipa médica da Unidade de Desenvolvimento do Hospital de Santa Maria a partir de março de 2012. Embora não tivesse (até final do ano letivo) recebido o estatuto de aluno com Necessidades Educativas Especiais por questões burocráticas de organização do processo, a equipa de Ensino Especial do Agrupamento informou que era apenas uma questão de tempo até esse estatuto lhe ser atribuído, elevando o número de alunos NEE da turma para quatro (22% dos alunos). Assim, ao longo desta dissertação, referir-nos-emos a este aluno como sendo um aluno NEE.

Para além destes seis alunos, três apresentavam Necessidades Educativas Especiais, com um quadro de aprendizagem muito abaixo do esperado na sua faixa etária. De acordo com o relatório médico, um dos alunos revelava dificuldades muito graves no processamento da linguagem verbal, tendo a equipa médica que acompanha a criança informado a mãe que seria improvável que aprendesse a ler. Para além da hiperatividade, tinha também muitas dificuldades em lidar com a frustração. Outro dos alunos revelava também grandes dificuldades de memorização, esquecendo em poucos dias as aprendizagens que ia realizando. Outro dos alunos era uma criança acompanhada pela Comissão de Proteção de Crianças e Jovens em Risco, por uma situação familiar grave que não é pertinente descrever nesta dissertação, mas que se refletia nas suas atitudes e comportamentos. Tratava-se de uma criança que evidenciava grandes dificuldades em lidar com a novidade e com a frustração, revelando comportamentos agressivos quando tinha de lidar com novas situações, o que dificultava a sua aprendizagem. Em qualquer destes casos, por recomendação das equipas médicas que acompanhavam os alunos, não se podia insistir para realizarem uma tarefa que tinham dado por concluída ou que se tinham recusado a realizar, mas era necessário encontrar tarefas alternativas e esperar o momento certo para poderem realizar as aprendizagens esperadas. Assim, no início do ano letivo, estes alunos ainda não sabiam ler nem escrever, nem revelavam interesse pelas atividades letivas desenvolvidas pelos colegas.

Portanto, embora todos estivessem a frequentar o segundo ano de escolaridade, para além dos três alunos NEE com um Plano Educativo Individual, seis alunos tinham um Plano de Recuperação por não terem atingido as competências básicas do primeiro ano de escolaridade, encontrando-se quase ao nível do Jardim de Infância, pelas razões referidas atrás.

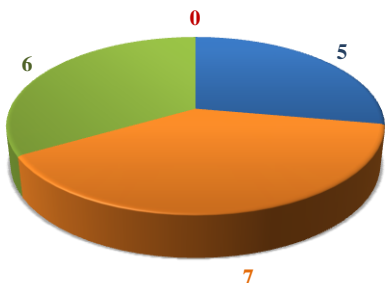
Para uma melhor compreensão das características da turma, apresentamos de seguida alguns gráficos que sintetizam as principais informações que foram recolhidas a partir dos resultados da avaliação diagnóstica e da observação das atitudes dos alunos durante a realização das várias atividades desenvolvidas no início do ano (Anexo II) para que os alunos retomassem gradualmente os hábitos de trabalho que se perdem habitualmente durante as férias de Verão.

1. Domínio da leitura



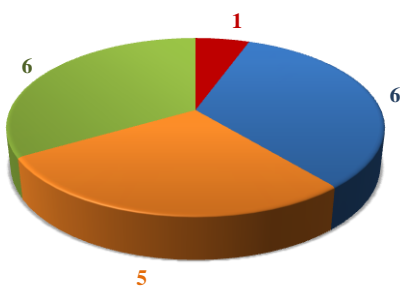
- Lê corretamente.
- Lê com algumas dificuldades, não dominando os casos de leitura.
- Lê com muitas dificuldades, não conhecendo ainda todas as letras.
- Não lê.

2. Domínio da escrita



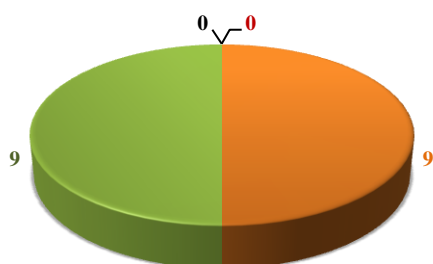
- Escreve pequenos textos, bem organizados, bem redigidos e com conteúdo rico.
- Escreve pequenos textos, com frases simples e algumas incorreções.
- Escreve apenas algumas palavras.
- Não escreve.

3. Leitura em voz alta



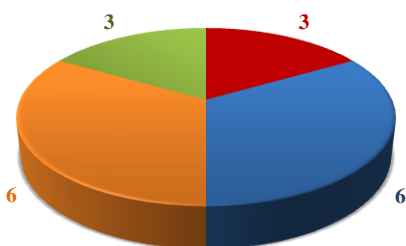
- Lê corretamente em voz alta, sem hesitações.
- Lê corretamente em voz alta, mas com hesitações.
- Lê em voz alta com muitas hesitações, não concluindo a leitura de todo o texto ou frase.
- Não lê em voz alta.

4. Falar em público



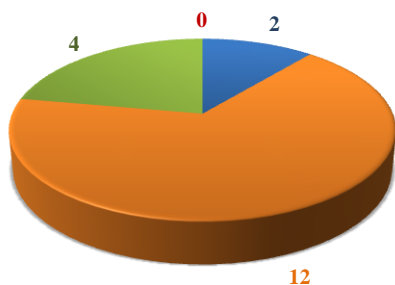
- Expõe as suas ideias perante a turma, com à-vontade e determinação.
- Expõe as suas ideias perante a turma, mas com hesitações.
- Tem muitas dificuldades em expor as suas ideias perante a turma, limitando-se a dizer algumas palavras.
- Não fala perante a turma.

5. Domínio das operações matemáticas de adição e subtração



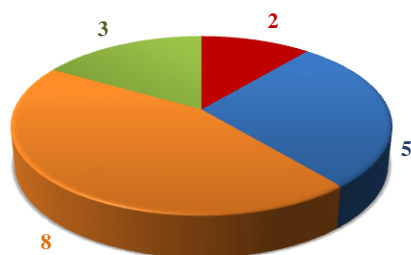
- Realiza corretamente operações de adição e subtração, com poucas ou nenhuma falhas.
- Realiza operações de adição e subtração, com algumas falhas.
- Realiza operações de adição e subtração, com muitas falhas.
- Não realiza operações de adição e subtração.

6. Resolução de problemas matemáticos



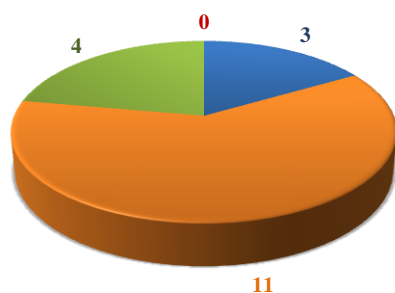
- Resolve problemas com correção, tentando encontrar as melhores estratégias.
- Resolve problemas com correção, depois de se discutir estratégias em grupo.
- Tenta resolver os problemas de forma precipitada, errando frequentemente o resultado.
- Não tenta resolver os problemas.

7. Cálculo mental



- Efetua mentalmente os cálculos necessários à resolução dos exercícios, sem recorrer ao registo escrito.
- Efetua mentalmente os cálculos necessários à resolução dos exercícios, recorrendo esporadicamente ao registo escrito.
- Efetua alguns cálculos mentais para resolver os exercícios, recorrendo frequentemente ao registo escrito.
- Não efetua cálculos mentais para resolver os exercícios, usando sempre o registo escrito.

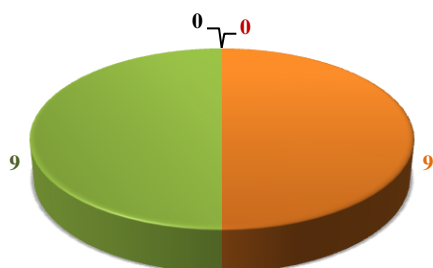
8. Uso de estratégias em jogos matemáticos



- Reflete cuidadosamente antes de efetuar uma jogada, escolhendo a melhor estratégia.
- Reflete um pouco antes de efetuar uma jogada escolhendo por vezes boas estratégias .
- Reflete um pouco antes de efetuar uma jogada, mas não consegue encontrar uma boa estratégia de jogo.
- Efetua jogadas por acaso, sem refletir na opção tomada.

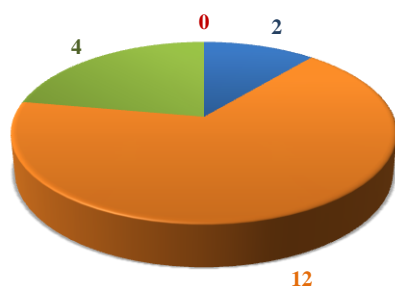
Para além destes aspetos relativos às áreas curriculares de Língua Portuguesa e de Matemática, é importante destacar outros aspetos que se prendem com competências gerais e atitudes que influenciam as aprendizagens dos alunos. Assim, apresentamos de seguida vários gráficos que sintetizam a informação recolhida sobre estes aspetos a partir da observação das atitudes dos alunos durante a realização das várias atividades desenvolvidas no início do ano, incluindo as atividades de diagnóstico.

9. Autoavaliação



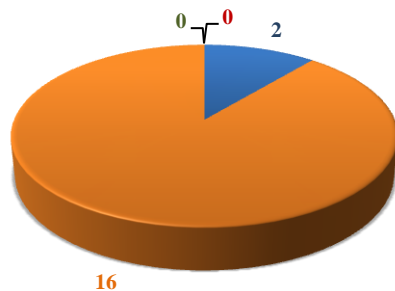
- Analisa o seu trabalho, conseguindo detetar os pontos fracos e fortes e procedendo a muitas das alterações necessárias.
- Analisa o seu trabalho, conseguindo detetar os pontos fracos e fortes, mas precisando de ajuda para efetuar correções.
- Analisa brevemente o seu trabalho, mas não consegue encontrar falhas.
- Não analisa o trabalho realizado.

10. Autonomia



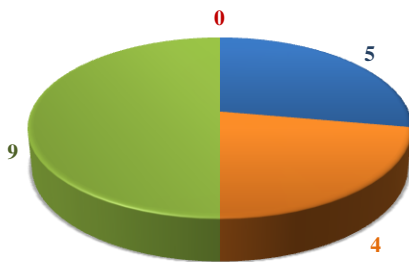
- Realiza as atividades sem necessitar da ajuda do professor, tentando autocorrigir-se e ultrapassar as dificuldades sozinho.
- Tenta realizar as atividades sem a ajuda do professor, procurando o seu apoio para ultrapassar as dificuldades sentidas.
- Realiza as atividades solicitando a ajuda frequente do professor para realizar as tarefas.
- Só realiza as tarefas quando o professor o ajuda, interrompendo a realização da atividade quando o professor se afasta.

11. Espírito crítico



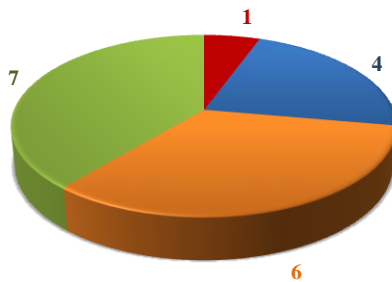
- Reflete sobre as atividades desenvolvidas, destacando as aprendizagens realizadas e apresentando sugestões para melhorar.
- Reflete sobre as atividades desenvolvidas, destacando as aprendizagens realizadas.
- Raramente reflete sobre as atividades desenvolvidas, destacando apenas os aspetos positivos de tarefas que considerou divertidas.
- Não reflete sobre as atividades desenvolvidas.

12. Desejo de aprender



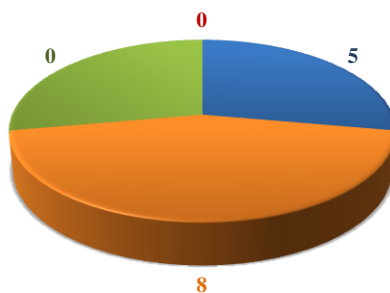
- Fica animado perante novas aprendizagens, mostrando-se atento, empenhado nas atividades propostas e colocando questões.
- Perante novas aprendizagens, mostra-se atento e empenhado nas atividades propostas.
- Não mostra interesse em realizar novas aprendizagens, distraíndo-se e realizando as atividades propostas de forma incompleta.
- Não mostra interesse em realizar novas aprendizagens, realizando as tarefas propostas de forma contrariada.

13. Concentração



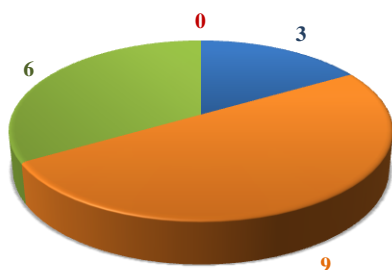
- Mantém-se quase sempre concentrado durante a realização das atividades e ouve atentamente o professor e os colegas.
- Mantém-se concentrado durante a realização das atividades e ouve atentamente o professor, embora se distraia por vezes.
- Distrai-se frequentemente durante a realização das atividades e as intervenções do professor, nem sempre concluindo a tarefa em curso.
- Só consegue manter-se concentrado durante a realização da tarefa e as intervenções do professor por breves momentos,

14. Cumprimento de regras



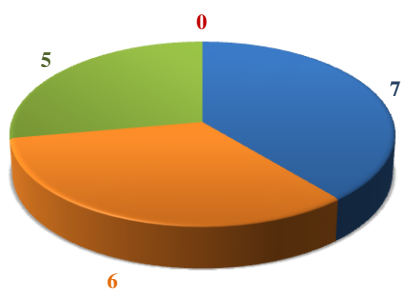
- Cumpre espontaneamente as regras de funcionamento da sala de aula e as instruções para a realização das atividades.
- Cumpre as regras de funcionamento da sala de aula e as instruções para a realização das atividades, tendo por vezes de ser advertido.
- Só cumpre as regras de funcionamento da sala de aula e as instruções para a realização das atividades, por insistência do professor.
- Não cumpre as regras de funcionamento da sala de aula e as instruções para a realização das atividades.

15. Confiança



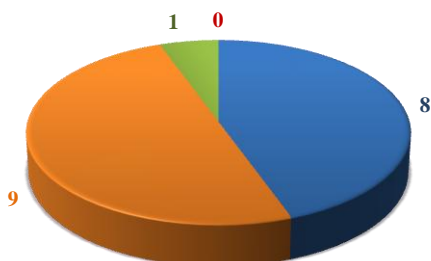
- Enfrenta as novas aprendizagens com confiança de que conseguirá realizar as atividades propostas.
- Enfrenta as novas aprendizagens com confiança, embora evidencie alguma ansiedade ao realizar as atividades propostas.
- Realiza as tarefas propostas, mas de forma hesitante, precisando constantemente de reforço positivo do professor.
- Apesar do reforço positivo, realiza as tarefas de forma hesitante, não querendo mostrar os trabalhos a outros para além do professor.

16. Resistência à frustração



- Reage tranquilamente perante situações imprevistas e enfrenta calmamente os seus erros, esforçando-se para ultrapassar os obstáculos encontrados.
- Reage tranquilamente perante situações imprevistas e enfrenta os seus erros com algum nervosismo, mas tenta ultrapassar os obstáculos encontrados.
- Fica desanimado perante situações imprevistas e não aceita os seus erros, abandonando a tarefa e não tentando ultrapassar os obstáculos encontrados.
- Reage agressivamente perante situações imprevistas e não aceita os seus erros, reagindo de forma intempestiva, abandonando a tarefa e não tentando ultrapassar os obstáculos encontrados.

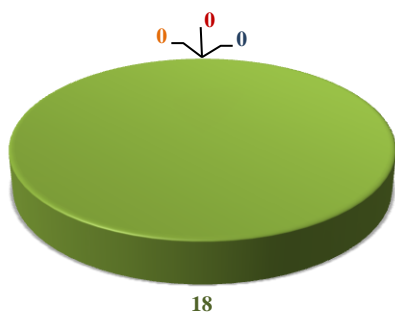
17. Aceitação da diferença



- Compreende que nem todos os alunos evidenciam as mesmas capacidades nem realizam as mesmas atividades da mesma forma, elogiando os colegas pelas suas realizações.
- Compreende que nem todos os alunos evidenciam as mesmas capacidades nem realizam as mesmas atividades da mesma forma.
- Não aceita que outros colegas realizem atividades diferentes de acordo com as suas capacidades, querendo também realizar as atividades que considera mais simples.
- Não aceita as diferenças, fazendo troça dos colegas.

Finalmente, um último aspeto a referir diz respeito à literacia digital dos alunos:

18. Domínio das TIC



- Utiliza autonomamente software variado para trabalho e lazer. Utiliza a Web para pesquisas, divulgação e comunicação.
- Utiliza software variado para trabalho e lazer e utiliza a Web para pesquisas, divulgação e comunicação, precisando de apoio constante.
- Utiliza o computador como instrumento de lazer, não utilizando a Web.
- Não sabe usar o computador nem a Web.

3.4. Questão de investigação e objetivos

Perante os aspetos referidos atrás, tornou-se necessário encontrar novas estratégias que permitissem ultrapassar as dificuldades evidenciadas tanto na Língua Portuguesa, como na Matemática, bem como nas competências gerais e na atitude face à aprendizagem. Além disso, a iliteracia digital dos alunos apresentou-se como mais um fator de exclusão social a somar às carências económicas da turma.

Visto que os alunos receberam os computadores Magalhães durante o período de férias de Verão, no início do segundo ano de escolaridade, em 2011/2012, estavam reunidas condições para poder integrar as TIC no processo de ensino-aprendizagem. Portanto, pretendeu-se verificar se o desenvolvimento e a implementação de estratégias de trabalho que tirassem partido das ferramentas da Web 2.0, em particular a construção de um blogue, teriam ou não impacto nas aprendizagens dos alunos desta turma e, caso se verificasse esse impacto, de que forma as TIC influenciariam a sua aprendizagem.

Assim, a questão que se pretendeu aprofundar nesta investigação é a seguinte:

- Que contributos traz o blogue para a promoção das aprendizagens dos alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico?

Com este estudo pretendeu-se atingir vários objetivos, nomeadamente:

- perceber se e de que forma a utilização do blogue promove a aprendizagem dos alunos nas diferentes áreas;
- compreender o contributo do blogue para a avaliação formativa, a autoavaliação e a autorregulação das aprendizagens, fomentando a autonomia dos alunos;
- verificar se e de que modo a integração do blogue nas atividades letivas contribui para a partilha das aprendizagens.

No capítulo seguinte, descreveremos o processo de criação e desenvolvimento do blogue com os alunos da turma 2B, bem como os contributos desta metodologia para a aprendizagem dos alunos.

Capítulo 4. Criação e desenvolvimento do blogue

Ao longo deste capítulo descreveremos de forma cronológica o processo de criação e desenvolvimento do blogue, destacando as reações dos alunos e a evolução das suas aprendizagens. O blogue foi construído desde setembro de 2011 até meados de maio de 2012. Decidiu-se escolher a data de 18 de maio de 2012 para terminar o blogue, pois a partir dessa data os alunos estariam envolvidos em várias atividades de avaliação sumativa definidas pela coordenação do 2.º ano, como as provas intermédias e as provas de avaliação sumativa final. Estariam também envolvidos em várias atividades de final de ano na escola e fora dela.

4.1. A criação do blogue

A criação do blogue com a turma 2B foi precedida de uma reunião com os pais dos alunos, para explicar os objetivos do projeto e definir o transporte dos computadores Magalhães para a escola. Explicou-se aos pais que a utilização do blogue permitiria aos alunos fazer uma organização e seleção dos seus trabalhos para os tornar públicos, levando-os a empenhar-se mais na aprendizagem e a desenvolver a capacidade de refletir sobre a sua aprendizagem. Além disso, a criação do blogue permitiria que os alunos se familiarizassem com as Tecnologias da Informação e Comunicação, aprendendo a usar o computador e a Internet, o que é indispensável na sociedade atual.

Os pais foram recetivos à ideia de criar um Blogue, tendo ficado definido que, durante este ano, o Blogue ficaria de acesso restrito à turma e aos encarregados de educação. Muitos pais não tinham Internet em casa, mas alguns afirmaram que teriam acesso em casa de familiares. Foi-lhes também dada a possibilidade de verem o blogue na escola.

Aprovado o projeto, foi necessário tratar de questões práticas. Na escola, há apenas uma sala com computadores, que funciona ao mesmo tempo como Biblioteca Escolar. Por isso, cada turma só tem acesso a esses computadores uma vez por semana, durante uma hora. Para que os alunos pudessem fazer bom uso das TIC, seria necessário mais tempo, portanto pediu-se aos pais que levassem à escola os computadores Magalhães que os alunos receberam. No entanto, não há como guardá-los na escola em segurança, pelo que seria necessário trazê-los para a escola sempre que se quisesse

trabalhar com eles. Vários alunos deslocavam-se em transportes públicos para a escola e a maioria deslocava-se a pé, por isso não era prático trazer o computador diariamente, por causa do peso. Ficou então decidido que o fariam todas as sextas-feiras.

De seguida, o projeto foi apresentado aos alunos. Estes gostaram da ideia de agrupar os seus trabalhos e de os poderem ver quando quisessem. Foi-lhes explicado que o objetivo não seria fazer uma simples compilação de trabalho, ou atividades, mas que deveriam ser capazes de selecionar as atividades a incluir no blogue e de explicar por que razão selecionariam cada uma (Eyssautier-Bavay, 2004).

À partida, a intenção era que o blogue fosse um espaço coletivo, com os contributos de todos, pois atendendo à sua idade os alunos eram muito pouco autónomos e precisariam de muito apoio da professora para trabalhar com esta ferramenta Web, mas os alunos preferiram ter um espaço seu, pois era mais fácil verem as suas participações.

«Aproveitei o momento para lhes mostrar o Blogue do Agrupamento: Bibliotequices da Lindley, na sala de aula. Tinha já requisitado o projetor e tinha levado o meu computador portátil e a minha internet portátil, o que facilitou muito a visualização de vários blogues.

“Mas os nossos trabalhos vão ficar todos misturados?” disse a Teresa².

“Sim, ficam. São arrumados pelas datas em que os pusermos lá.”, respondi eu.

“Mas assim fica confuso. Depois não encontro o meu trabalho.” argumentou a Teresa.

“Pois é!” disseram outros.

Senti pela expressão deles que estavam confusos. Estão habituados a ter o seu dossiê e a sua prateleira para arquivar os seus trabalhos, mesmo nas AECs. Por isso, lembrei-me que podíamos organizar o blogue por pastas, com as etiquetas, para simular um dossiê virtual. Perguntei-lhes: **“Se cada um tiver uma pasta com o seu nome, como se fosse o dossiê, gostavam mais?”**

Todos responderam que sim. Então, a Sandra perguntou se podiam pôr a fotografia na capa, como fizeram no dossiê. Disse-lhes que ia ver se conseguia fazer isso. Ficaram muito sorridentes com a ideia.»

(Diário de Bordo, 27 de setembro de 2011)

Optámos por criar espaços individuais, pois o blogue era um espaço dos alunos e eles tinham uma palavra a dizer na sua organização (Marques & Reis, 2009). Criar vários blogues individuais não nos pareceu boa ideia, pois isso iria criar uma grande dispersão. Além disso, um dos objetivos do projeto era que os alunos criassem a ideia de uma comunidade de aprendizagem e aprendessem a partilhar o conhecimento, tal como acontece na atual sociedade em rede (Siemens, 2004, 2006; Downes, 2005), por isso achámos preferível criar um único blogue, mas com espaços individuais acessíveis

² Os nomes das crianças foram substituídos por nomes fictícios.

na página de entrada. Assim, seria mais fácil os alunos consultarem os espaços uns dos outros e os pais também ficariam mais envolvidos no conjunto, acompanhando a evolução não só dos seus filhos como de toda a turma. A professora já tinha decidido usar o Blogger como espaço para a criação do blogue pois estava familiarizada com este serviço. As etiquetas que se colocam em cada mensagem iriam permitir facilmente criar espaços individuais com o nome de cada aluno e mostrá-las na página de entrada do blogue, como os alunos tinham preferido.

Entretanto definiram-se outros aspetos com os alunos, como o nome do blogue e a aparência.

«Enquanto consultávamos ainda o blogue do agrupamento o Carlos perguntou:

“O nosso blogue também vai ter nome?”

“Sim vai ter. Devem escolher um nome interessante para o blogue da turma.”

“O nosso blogue” sugeriu a Sofia

“Não. O blogue do 2B”, disse a Isabel

“O bloguinho”, disse a Sandra

“Pode ser O Sapinho à mesma?” continuou o Carlos.

“Sim, Sapinho Tesouro era engraçado, pois é o nome da nossa editora...” disse a Teresa.

“Pois estamos a guardar as coisas importantes, não é?... disse o Gil

A turma aceitou a opinião do Carlos, do Gil e da Tatiana. Assim, ficou *Eportefólio Sapinho Tesouro*. Pareceu-me que a turma está a ficar mais envolvida, com a ideia das pastas individuais e a escolha do nome para o blogue já está a motivá-los para começarmos a trabalhar. Estão todos a compreender o objetivo do blogue.»

(Diário de Bordo, 27 de setembro de 2011)

No ano anterior, escolheu-se o nome “Sapinho” para identificar a turma porque a professora dizia muitas vezes que eles iam aprendendo cada vez mais, um saltinho de cada vez. Por isso, quando se desenvolveu um projeto de criação de pequenos livros, os alunos escolheram na altura o nome “Sapinho Tesouro” para assinarem os livros, porque fazerem livros era muito importante. Assim, se os alunos preferiram adotar o mesmo nome para o blogue isso mostrava que tinham compreendido que este serviria para reunir os seus melhores trabalhos e atividades, como se fossem tesouros.

De seguida, criou-se em conjunto um pequeno texto introdutório para colocar na apresentação do blogue. O texto foi sendo escrito, corrigido e reformulado no quadro, com a participação de toda a turma e foi interessante ver o entusiasmo dos alunos a darem sugestões para um texto comum, que os identificaria a todos, contribuindo esta construção colaborativa para aprendizagem dos alunos, de acordo com as perspetivas socioconstrutivistas da aprendizagem (Cole & Wertsch, 1996). O texto final, aprovado por todos, foi o seguinte:

Sapinho Tesouro

Somos alunos do 2.º ano de escolaridade. Ao criarmos este blogue pretendemos aprender a construir um eportefólio. Somos curiosos e muito aventureiros. Gostamos muito de ser desafiados para novas aprendizagens.

Vamos aprender de forma divertida e construtiva.

Vamos poder refletir sobre o nosso trabalho realizado de forma a evoluirmos e a saber cada vez mais.

Depois, foram criadas duas contas no *Gmail*, uma para a administração do blogue e outra para os visitantes, que seria utilizada pelos pais para acederem ao blogue.

Criou-se então o blogue e, com os alunos, escolheu-se o fundo e o *design*. A professora introduziu o texto elaborado em conjunto e criou uma etiqueta para cada aluno de modo a que o blogue começasse a criar forma rapidamente.

4.2. As primeiras atividades no blogue: as apresentações individuais

Entretanto, foi necessário começar a familiarizar os alunos com o uso do computador, para que pudessem criar os trabalhos a colocar no blogue. No primeiro dia tiveram de aprender a ligar e a desligar o computador, a usar o rato e o teclado e a explorar alguns dos jogos didáticos pré-instalados nos Magalhães. A agitação foi muita, pois o computador não era um elemento natural e foi necessário estabelecer regras para o bom funcionamento da aula, mas os alunos mostraram-se muito animados:

«Quando os alunos chegaram à sala vinham muito entusiasmados, carregando as pastas, com um sorriso grande e falando alto que traziam os Magalhães.

“...trouxemos o Magalhães. A minha mãe carregou o Magalhães...” disseram a Teresa, a Isabel e a Bruna.

“...trouxe o Magalhães e trouxe o carregador...” gritaram o Hugo e o Gil

A Francisca e a Sandra muito tímidas sentaram-se nos seus lugares e começaram a tirar o computador das malas. Entretanto, foi necessário sentá-los e falar-lhes das regras de segurança e de utilização de computadores em sala de aula. Os alunos estavam sentados em grupo, como é hábito, para poderem auxiliar-se mutuamente. (...)

A agitação foi muito grande, foi necessário estabelecer constantemente as regras para o bom funcionamento da aula. Estavam muito contentes, diziam uns para os outros:

“Anda cá ver, olha este jogo...” dizia o Gil

“Olha este, é giro...” dizia o Rui

“professora, como é que faço para mexer este boneco?...” dizia a Isabel

“olha, professora, anda cá ver...” dizia o Manuel»

(Diário de Bordo, 30 de setembro de 2011)

No dia seguinte, os alunos chegaram à escola muito entusiasmados, pois tinham mostrado aos pais aquilo que eram capazes de fazer.

Na aula seguinte com o Magalhães, foi difícil trabalhar com os alunos. Evidenciaram um excesso de confiança, como se já tivessem aprendido tudo e por isso não prestaram atenção às instruções. Alguns só queriam usar os jogos, como se o computador só tivesse essa função. Outros esqueceram-se de trazer o computador, como costumavam fazer com o restante material didático. Quando a professora introduziu o processador de texto Word, surgiram novas dificuldades que os alunos não souberam resolver e, então, acalmaram. Começaram a concentrar-se para ver como conseguiriam fazer o que lhes era pedido (Coscarelli, 1998; Santos, 2006). Perceberam que tinham de seguir certas regras para não perderem tudo o que tinham escrito, ou para que o programa funcionasse.

«Introduzi o processador de texto Word, e surgiram dificuldades, o que foi bom. Os alunos acalmaram.

“Como é que faço para pôr o acento?” perguntou o Hugo

“... não sei, espera... professora como é que eu faço para as palavras não ficarem coladas?” perguntou o Carlos

“Eu consegui escrever o meu nome, olha...” disse o Gil

“Onde está a letra o, não encontro...” procurou o Hugo

“... professora, não encontro o meu trabalho...” disse o Rui, preocupado

“Guardaste o trabalho antes de começar a escrever?..” tentou ajudar a Francisca

“Já sei. Abres o Word e guardas...” explicou a Sandra

“Que giro, escrevi o meu nome e o teu, queres ver?...” disse a Bruna, sorridente»

(Diário de Bordo, 7 de outubro de 2011)

Aprenderam também a aceder ao blogue e ficaram muito entusiasmados ao ver o aspeto que tinha e ao ver as etiquetas laterais com o seu nome³. Na página seguinte apresentamos o aspeto da página inicial do blogue.

³ Optámos por desfocar os rostos das crianças e usar nomes fictícios sempre que colocámos exemplos do blogue, de forma a garantir o anonimato das crianças.



Imagem 1: Aspeto do blogue com os espaços individuais laterais

Ao acederem às suas etiquetas, viram que estavam vazias e compreenderam que tinham de escrever algo para poder colocar no blogue. Decidiu-se que, tal como tinha sido criada uma apresentação coletiva, cada um faria uma apresentação individual. Isso constituiu um obstáculo para muitos, pois ainda não sabiam escrever, mas tinham de ultrapassar esse obstáculo ou o seu espaço ficaria vazio. Assim, na aula, cada um tentou fazer a sua apresentação no caderno. Escreveram o que sabiam e pediam sugestões à professora e uns aos outros para corrigir o seu texto, pois não queriam colocar erros no blogue.

Alguns sugeriram que as apresentações incluíssem uma fotografia e todos gostaram da ideia. Por isso, organizou-se uma sessão fotográfica. Os alunos estavam muito entusiasmados e perguntavam frequentemente se os pais também iam ver essas fotografias. Ao perceberem que sim, esforçaram-se para tirar uma fotografia interessante. Por exemplo, uma das alunas pediu uns óculos emprestados e pediu para lhe tirar uma fotografia em que parecesse a professora. Outros escolheram posturas diferentes – sentados, a dançar, em posturas cómicas, com os braços cruzados, entre

outras. Apenas um aluno, extremamente tímido, se recusou a tirar a fotografia, mas permitiu que a tirássemos noutra ocasião.

Depois de selecionadas as fotografias a colocar na apresentação, os alunos começaram a escrever no Word as apresentações que tinham feito no caderno. Como referimos no capítulo 2, os alunos levariam muito tempo a escrever os seus textos no computador, por isso o Word seria usado como base para a escrita dos textos, que seriam depois copiados e colocados no blogue tornando o processo de publicação das mensagens mais rápido e sem o risco de se perder os textos escritos, como poderia acontecer se estes fossem escritos diretamente no Blogger e se a Internet falhasse entretanto ou surgisse uma informação de erro por se estar a editar uma mensagem há demasiado tempo.

Embora se tratasse de apresentações muito simples, os alunos sentiram muitas dificuldades em fazê-lo, devido à pouca experiência que tinham com o Word, e solicitaram muita ajuda, mas estavam desejosos de escrever o seu texto, por isso esforçaram-se e seguiram as instruções da professora. Ainda assim, houve alunos que não quiseram realizar a atividade, pois exigia esforço da sua parte e não quiseram esforçar-se para escrever um texto nem passá-lo para o Word. Foi necessário incentivá-los e dizer-lhes que iam gostar de ver o trabalho pronto e publicado no Word, para que concluíssem a atividade.

«Depois os alunos foram escrever no Word as apresentações que tinham escrito no caderno. Os trabalhos foram guardados na pasta dos meus documentos e depois guardei-os na pen. Alguns dos textos são muito simples, mas os alunos esforçaram-se muito. Os que não trouxeram o computador usaram o dos colegas para fazer a tarefa.

A Joana, a Lurdes, o Mateus e a Isabel escreveram o texto no caderno, mas ficaram cansados. Já não quiseram escrever o texto no Word.

“Não quero fazer mais” disseram o Mateus, a Lurdes e a Isabel

“Eu também não, já estou cansada” disse a Joana

Tive que me juntar a eles e insistir para que não desistissem. Disse-lhes que ia ficar muito bonito quando estivesse pronto. Tive de ficar sentada ao pé deles, se não desistiam.

O Manuel, o Luís e o Frederico (NEE) não quiseram escrever a sua apresentação. Ficaram contentes com a sessão de fotografia, mas escolherem a sua pose e verem a animação geral deixou-os nervosos. Olharam para o computador com um ar desconfiado e preferiram não escrever no Word.

“professora, depois escreves tu...escreves o meu nome...” disse o Manuel

“...não quero escrever, professora. Escreve tu, vá lá...” disse o Luís

“...agora não quero, professora escreve tu...” disse o Frederico

Já não conseguiam concentrar-se mais. Não era a altura de insistir. Disse-lhes que ia escrever e depois mostrava-lhes. Já foi bom quererem tirar a fotografia para inserir no blogue, na sua pasta.»

Como não havia acesso à Internet, a professora colocou no blogue os trabalhos dos alunos a partir da sua própria casa, para que os alunos pudessem sentir-se entusiasmados ao ver o blogue já com algumas participações. Mais tarde, ensinaria aos alunos a colocarem mensagens no blogue.

No dia em que a turma tinha acesso à Biblioteca, fizemos a primeira visita ao blogue depois da introdução das apresentações. Com o uso do projetor, vimos o blogue em conjunto. Apresentamos de seguida alguns exemplos de apresentações feitas pelos alunos:

Imagem 2: Exemplos de apresentações individuais dos alunos

Apresentação da Bruna



O meu nome é Bruna.
Eu tenho sete anos e ando na escola.
Eu sou a Bruna e todos me chamam Bruninha.
Falo muito com os meus colegas.
Brinco com o meu amigo hámster que se chama Ratatouille.

7 de outubro de 2011

Apresentação da Joana



Olá, eu sou a Joana.
Sou muito distraída.
Gosto de ir à escola.

14 de outubro de 2011

Apresentação do Carlos



O meu nome é Carlos.
Sou muito lento e tenho preguiça.

Lisboa, 7 de outubro de 2011

Apresentação da Sandra



Eu chamo -me Sandra.
Lá em casa chamam-me Sandi .
Eu tenho sete anos e ando na escola .
Tenho cabelo curto e a cor do meu cabelo é preto.
Os meus olhos são castanhos.
Sou atleta e magrinha.
Gosto de ler e de brincar.
Não gosto de vestir calças.

Lisboa, 7 de outubro de 2011

Apresentação do Manuel



Sou o Manuel.

Lisboa, 7 de outubro de 2011

Apresentação da Teresa



O meu nome é Teresa. Já em casa chamam-me Teté .

Eu tenho sete anos e ando na escola.

Tenho o cabelo comprido. Com muitos caracóis.

Os meus olhos são castanhos e uso óculos.

Sou baixa e magrinha.

Gosto de ir à escola e à praia.

Não gosto de vestir calças de treino.

Lisboa, 7 de outubro de 2011

Vimos as fotografias, lemos as apresentações e os alunos foram comentando o que viam.

«À medida que abrimos as diferentes pastas e observámos as fotografias de cada um e lemos as apresentações eles ficaram um pouco envergonhados. Baixavam a cabeça, coravam e riam-se, mas gostavam de se ver e de ouvir os comentários dos colegas.

Até os que tinham apenas a sua fotografia e uma frase simples estavam muito contentes.

Os alunos foram comentando o que viam:

“Professora, mostra aí o trabalho do Gil.” disse o Hugo

“Olha a fotografia da Lurdes!”, disse o Carlos

“São os óculos do Carlos! A Lurdes parece a professora” disse a Francisca

“Professora, mostra o trabalho do Manuel”, disse o Rui

“Boa, Manuel. A tua fotografia está gira!” disse o Gil

Pedi ao Gil para ler o texto da Teresa em voz alta, para todos ouvirmos.

“Ela escreveu muito, não foi professora?”, disse a Isabel

Pedi à Teresa para ler o texto do Rui. Riram-se muito da apresentação.

Pedi ao Carlos para ler a sua apresentação. Todos se riram por ele dizer que era preguiçoso.

Lemos as outras apresentações e as reações foram semelhantes.

No fim, estavam todos muito bem dispostos. Nem foram a correr para o recreio.»

(Diário de Bordo, 10 de outubro de 2011)

Com esta visualização, os alunos compreenderam como funcionavam as etiquetas e perceberam que poderiam consultar os espaços individuais uns dos outros. Muitos alunos começaram a mostrar-se interessados em realizar mais trabalhos para terem mais elementos para incluir no blogue, evidenciando que um maior envolvimento e empenho, como é referido por autores como Carvalho *et al* (2006).

4.3. Os primeiros trabalhos a incluir no blogue: o esforço de seleção

Com vista a terem trabalhos para colocar no blogue, muitos dedicaram-se ao trabalho. Fizeram muitas cópias no Word, pois estavam ainda a aprender a dominar o programa e não se sentiam à vontade para escrever diretamente no computador. À medida que iam realizando as cópias, ficavam muito surpreendidos com os sublinhados a vermelho e a verde que o programa ia introduzindo. A professora explicou-lhes que o sublinhado a vermelho assinalava erros ortográficos e o verde erros gramaticais, como o desrespeito pelas letras maiúsculas. Sempre que algum erro era assinalado chamavam a professora para os ajudar a corrigir. No entanto, foi-lhes sugerido que tentassem descobrir por si próprios a correção. Assim, quando surgiam os erros ficavam muito

concentrados a tentarem descobrir qual era a falha, olhando atentamente para o texto original que estava a ser copiado até descobrir a diferença. Nas primeiras cópias, a professora deixou que os alunos seguissem esse método, para que conseguissem desenvolver a capacidade de comparar o seu trabalho com um modelo correto e de verem as diferenças. O facto de o Word assinalar as falhas permitiu que os alunos comesçassem a fazer um esforço autónomo de correção dos erros, sem precisar que a professora os assinalasse (Santos, 2006; MacArthur, 1996). Além disso, por não terem de refazer toda a cópia e por conseguirem fazer uma cópia sem vestígios das correções realizadas (Ferreira & Martins, 2009; Santos, 2006; MacArthur, 1996), como aconteceria numa cópia escrita à mão os alunos preocuparam-se em realizar as correções necessárias.

Os alunos NEE não mostravam ainda interesse em realizar trabalhos para colocar no blogue, preferindo usar os jogos instalados no Magalhães, pois era algo que conseguiam dominar. Embora se pretendesse que a sua utilização das TIC fosse mais além, nesse momento o facto de estarem concentrados a jogar já era positivo, mas continuava a ser necessário despertar o seu interesse em participar na construção do blogue.

Chegou, então, o momento de fazer a primeira seleção de trabalhos para colocar no blogue. Os alunos mostraram muitas dificuldades em selecionar as suas produções, querendo colocar lá tudo o que tinham feito. Uma vez que isso não lhes foi permitido e se exigiu que seleccionassem um só trabalho, seleccionavam um, mas se alguém falava noutro trabalho, mudavam e já queriam esse outro trabalho, sem encontrar razões concretas para a escolha de um trabalho em particular.

Visto que se estava no início do trabalho com o blogue, a professora considerou que ainda seria necessário fazer uma atividade conjunta que ajudasse os alunos a compreender como se pode selecionar um trabalho e fazer uma reflexão acerca do mesmo.

Assim, como turma fomos discutindo os vários trabalhos realizados e os alunos tinham de dizer qual tinham gostado mais de fazer, qual achavam que tinha ficado com mais qualidade e com qual tinham aprendido mais. Foram surgindo várias ideias e aos poucos foi surgindo um consenso sobre um trabalho de expressão plástica acerca do Outono, que consistiu na criação de um boneco a partir de uma folha seca de árvore. Embora tivesse havido atividades mais enriquecedoras em termos de aprendizagem, a professora não quis condicionar a escolha dos alunos, aceitando que esse seria o trabalho selecionado, para o qual faríamos a reflexão conjunta referida no parágrafo

anterior. Depois de realizarmos esta atividade conjunta seria mais fácil os alunos tentarem fazer o mesmo individualmente na seleção seguinte, adotando a prática do *scaffolding* (ou andaime), termo introduzido por Wood, Bruner e Ross, em 1976 (Oliveira e Vasconcelos, 2010), para se referir à forma como os adultos apoiam a participação das crianças em tarefas que não conseguem ainda desenvolver sozinhas, transferindo gradualmente para a criança o controle dessa tarefa à medida que as suas competências vão aumentando, como se houvesse um ajuste constante dos andaimes colocados para a apoiar. A partir daí, elaborámos em conjunto, no quadro, um texto que justificasse a escolha desse trabalho.

O Outono



Reflexão:

A turma achou por bem selecionar o trabalho sobre as folhas do outono por ter sido um momento engraçado de aprendizagem.

Fez-se a recolha de folhas e construiu-se um boneco com as folhas.

Foi um trabalho diferente e bastante divertido.

Escolheu-se este trabalho porque para nós, foi uma novidade usar folhas das árvores para fazer um desenho.

Não estávamos à espera que ficasse tão bonito.

Lisboa, 14 de outubro de 2011

Imagem 3: Primeiro trabalho selecionado pela turma

No entanto, para que os alunos compreendessem que os espaços individuais deveriam ter as produções de cada aluno, a professora decidiu acrescentar uma mensagem em cada espaço individual com o trabalho que cada aluno tinha feito durante essa atividade e com uma pequena frase “Este foi o meu trabalho sobre o Outono”. Dois alunos começaram a mostrar já o desejo de marcar a sua individualidade:

«A Lurdes veio ter comigo e disse-me:

“Professora, eu fiz dois desenhos com as folhas. Também fiz uma árvore.”

“Pois fizeste. Estão muito bonitos.” respondi. “Gostavas de mostrar os teus desenhos no blogue?”

“Gostava”

“Então, vou lá pô-los”

O Gaspar perguntou-me:

“Podemos pôr uma fotografia do meu boneco?”

“Sim, porque é que queres colocar essa fotografia?”

“Porque gostei muito de aprender a fazer bonecos com as folhas”»

(Diário de Bordo, 14 de outubro de 2011)

Por isso, a professora escreveu uma frase um pouco diferente para esses alunos, refletindo o seu interesse.

Imagem 4: Exemplos dos primeiros trabalhos individuais colocados no blogue

O Outono



Reflexão:

Este foi o meu trabalho de outono.

Aprendi a fazer uma árvore e um boneco com as folhas das árvores.

Lisboa, 14 de outubro de 2011

(trabalho da Lurdes)

O Outono



Reflexão:

Eu escolhi este trabalho porque aprendi a fazer um boneco com as folhas das árvores.

Lisboa, 14 de outubro de 2011

(trabalho do Gaspar)

No dia da Biblioteca, fez-se uma nova visualização do blogue, já com estes trabalhos incluídos. Em vez de ser a professora a mostrar o blogue, pediu-se a cada aluno que fosse abrir o seu espaço e o mostrasse à turma. Os colegas foram elogiando os desenhos uns dos outros, com expressões como «Está tão giro», «Está engraçado». Esta visualização permitiu-lhes compreender que os espaços individuais podiam ser diferentes e que cada um poderia mostrar a sua seleção pessoal aos colegas, o que seria mais interessante.

4.4. As primeiras seleções e reflexões individuais

Visto que a maioria dos alunos gostava de desenhar, ensinou-se também os alunos a utilizarem o Paint para criarem diferentes tipos de desenhos, o que entusiasmou os alunos com mais dificuldades nas áreas da Língua Portuguesa e da Matemática (Wade, Abrami & Sclater, 2005). A exploração do Paint permitiu que os alunos desenvolvessem trabalhos a partir de figuras geométricas, aprendendo a reconhecer a existência destas figuras em objetos do dia-a-dia e em formas humanas e animais. Permitiu-lhes também, através do uso das formas automáticas, compreender que as mesmas figuras podem ter larguras e alturas diferentes (Amante, 2007). Gradualmente, utilização do Paint tornou-se autónoma e os alunos com mais dificuldades de leitura e escrita começaram a usar o programa para fazerem os seus desenhos em vez de usarem o papel, ficando muito satisfeitos por conseguirem usar o programa com relativa facilidade. A professora ia circulando entre os alunos e dando as suas sugestões para a melhoria dos trabalhos. Ia levantando questões (Santos, 2002) para que os alunos pudessem olhar de forma mais crítica para o que estavam a produzir no Paint e para que começassem a entender que, quando fazemos um trabalho, antes de dá-lo por concluído podemos devemos ver se é preciso reformulá-lo ou não:

«Aproximei-me da Francisca que estava a desenhar uma casa. Não se conseguia distinguir bem as janelas e a porta, porque as cores eram muito escuras e parecidas com as paredes da casa. Disse-lhe que o seu desenho estava muito bonito. Depois perguntei-lhe: *“Achas que as cores estão bem assim?”* Ela ficou a olhar para o desenho e depois respondeu: *“As janelas não estão assim muito bonitas”*. *“Experimenta pô-las um pouco mais claras”*

A Francisca mudou a cor das janelas e fez um grande sorriso: *“Ficou mais bonito!”*

A Joana estava a desenhar uma menina, mas a cabeça estava enorme. Elogiei-lhe o desenho e depois perguntei-lhe: *“Queres ficar com o desenho ainda mais bonito?”* Ela disse que

sim, então disse-lhe para olhar bem para o desenho: ***“Parece-te bem o tamanho da cabeça comparando com o corpo?” “Está grande!” disse a Joana com um ar surpreendido.***

Então apagou a cabeça e desenhou uma nova, mais pequena. Depois olhou para mim com um grande sorriso e perguntou-me se gostava. Disse-lhe que sim e ela continuou muito sorridente a completar o desenho. ***“Este é para pôr no blogue” disse ela.»***

(Diário de Bordo, 24 de outubro de 2011)

A partir desse *feedback* da professora durante a realização das atividades no Paint (Fernandes, 2006, Santos, 2008), os alunos reformulavam os seus trabalhos, pois queriam fazer um desenho bonito para colocar no blogue e achavam que a professora estava a ajudá-los nesse sentido e não a repreendê-los.

O empenho dos alunos nas atividades desenvolvidas continuou a aumentar nas aulas seguintes. Os alunos já utilizavam o Word com mais à-vontade, embora até aqui sobretudo para fazer cópias. Durante a realização de atividades de Matemática ou de Estudo do Meio, os alunos solicitavam que a professora tirasse fotografias, pois poderiam querer falar dessas atividades e assim teriam como mostrá-las.

«Hoje, durante o jogo de matemática, os alunos solicitaram-me que eu tirasse fotografias para depois inserir no blogue. À medida que trabalhavam, ouvi-os a conversar sobre o blogue. O Carlos disse que gostava do jogo e a Bruna respondeu-lhe:

“Eu também gosto muito de jogar este jogo, podíamos tirar fotografias para pôr no Blogue”

“Professora, tira-me uma fotografia minha a jogar com as cartas” disse o Mateus

“...podíamos tirar uma fotografia nossa com o nosso amigo, para pormos no Blogue...”sugeriu o Gil»

(Diário de Bordo, 27 de outubro de 2011)

Foi interessante começar a ouvir vários alunos conversarem entre si à medida que trabalhavam (Amante, 2007) e dizerem que poderiam colocar esta ou aquela atividade no seu espaço individual, o que mostrou que, apesar de ser ainda um projeto recente para os alunos, já tinha sido aceite por eles como uma parte integrante das atividades letivas.

No entanto, os alunos NEE ainda não estavam muito preocupados em realizar trabalhos com o objetivo de os colocar no blogue. Isso era natural, dadas as características destes alunos. O blogue ainda era sentido como algo muito abstrato, pois não era de facto algo palpável em que pudessem mexer, como faziam com os legos, os livros ou os lápis a que eles estavam habituados. Mas nos momentos em que víamos o blogue em conjunto, no computador ou no projetor, eles já se mostravam curiosos em

relação ao que se estava a ver e a analisar. Por isso, quando tiramos fotografias dos jogos e da aula de Estudo do Meio eles quiseram ser fotografados.

Quando chegou o novo momento de seleção de atividades para integrar no blogue, os alunos assumiram que a seleção seria mais uma vez uma atividade de conjunto, mas já havia alunos com propostas para a melhor atividade.

«O Rui propôs que escolhêssemos o jogo dos conjuntos de dez e o painel do Lobo Mau e dos Três Porquinhos. O Mateus disse que o jogo do peixinho era melhor. O Hugo disse que preferia falar dos computadores. A Isabel zangou-se e disse que tínhamos de pôr um desenho do Paint. A discussão continuou com mais propostas. No fim, mais uma vez, escolheram uma atividade de expressão plástica. Escolheram o painel do Lobo Mau e os Três Porquinhos, porque gostaram de fazer casinhas com materiais diferentes.»

(Diário de Bordo, 28 de outubro de 2011)

Todos gostaram desta ideia, mas a professora aproveitou o facto de terem surgido várias ideias diferentes para lhes dizer que, desta vez, cada um teria de escolher uma segunda atividade, que corresponderia aos seus interesses pessoais, para colocarem no seu espaço individual. Os alunos sentiram dificuldades nesta seleção, porque queriam colocar mais do que uma atividade. À partida, nada impedia que cada aluno seleccionasse mais do que uma atividade para colocar no blogue, mas a professora decidiu limitar essa escolha para que os alunos se esforçassem a refletir sobre os seus trabalhos e a seleccioná-los. Ainda assim, alguns acabaram por fazer referência a duas atividades.

Tal como aconteceu na seleção anterior, o texto de justificação da escolha do painel “O Lobo Mau e os Três Porquinhos” foi feito em conjunto, mas a professora pediu que cada aluno preparasse uma justificação pessoal para a sua escolha individual. Os alunos ficaram muito apreensivos, pois era a primeira vez que o realizavam individualmente. A elaboração de uma justificação constituiu um trabalho de escrita de texto, embora os alunos nem se tivessem apercebido que, na prática, estavam a fazer uma composição. Desta forma, as TIC estavam a ser usadas ao serviço da aprendizagem, como recomendam alguns autores (MacArthur, 1996; Coscarelli, 1998; Amante, 2007; Miranda, 2007; Ferreira & Martins, 2009). No entanto, como este texto tinha uma finalidade concreta, a de ser colocado no blogue para justificar a sua escolha, o empenho na sua construção foi maior do que nos outros textos que tinham escrito até então. De acordo com o seu nível de aprendizagem, os alunos foram escrevendo o seu texto no caderno. À medida que iam fazendo o texto, mostravam-no à professora pois

não queriam colocar um texto mal escrito no blogue. A professora foi assinalando as falhas mais importantes, solicitando a cada aluno que reformulasse o texto e lho mostrasse novamente (Santos, 2002). Depois de corrigidos e reformulados, os alunos escreveram os seus textos no Word.

Os alunos NEE quiseram que lhes tirássemos fotografias do trabalho que eles escolheram fazer no geoplano e no quadro. Desta vez estavam preocupados em colocar um trabalho no blogue, o que revelava já alguma evolução. Começaram a gostar de tirar fotografias com o seu trabalho na mão e quiseram que a professora os ajudasse a elaborar um texto que explicasse as suas razões na escolha do trabalho.

Imagem 5: Exemplos de trabalhos ou atividades selecionados individualmente

Atividades preferidas



Reflexão:

Eu escolhi este trabalho porque aprendi a desenhar e a pintar com canetas de feltro e com o paint.

Gosto muito de desenhar.

29 de outubro de 2011

(atividade selecionada pela Joana)

Atividade preferida



Reflexão:

Eu escolhi estas atividades porque aprendi a jogar ao peixinho com os meus colegas sem me zangar. Aprendi a perder.

Também aprendi a escrever no meu computador. Gostei muito de trabalhar no meu computador.

29 de outubro de 2011

(atividade selecionada pelo Mateus)

Atividade preferida

Reflexão:

Gostei muito de jogar com os meus colegas.
Tive que aprender a fazer bem as contas para ganhar o jogo.

Também, gostei muito de aprender a desenhar no paint.
Foi muito divertido.



29 de outubro de 2011

(atividade selecionada pela Teresa)

Atividade preferida



Reflexão:

Eu escolhi este trabalho porque gostei muito de ter aprendido a fazer desenhos com os elásticos.

29 de outubro de 2011

(atividade selecionada pelo Gaspar)

A professora planeou que a colocação destas mensagens no blogue fosse feita com os alunos, para que estes aprendessem a usar o blogue, no entanto a internet da escola estava sistematicamente muito lenta, não se conseguindo publicar as mensagens na Biblioteca. Conseguiu-se colocar apenas algumas, mas a lentidão do processo desmotivou muitos alunos, especialmente porque o serviço dava frequentemente uma mensagem de erro, sendo preciso reiniciar a operação. Ainda assim, alguns alunos prestaram atenção e mostraram-se curiosos em aprender. À medida que iam vendo as mensagens a serem colocadas, vários alunos pediram se não podiam pôr uma fotografia sua nessas mensagens. A professora não considerou que isso fosse necessário, mas aceitou a sugestão dos alunos, pois o desejo de colocar uma fotografia sua, como se fosse uma assinatura, revelava que os alunos já sentiam mais confiança em si próprios, identificando-se com o que produziam. Muitos já gostavam de ser fotografados com o seu trabalho na mão.

A visualização do blogue decorreu de novo na Biblioteca, nos mesmos moldes que a visualização anterior, sendo a animação dos alunos muito grande:

«Fomos para a biblioteca. Estavam tão animados que se sentaram depressa e sem confusão.

E, lá estavam muito concentrados e curiosos.

“anda lá, senta-te... para vermos o nosso blogue...” disse a Isabel

“eu fico aqui à frente...assim consigo ver melhor” disse o Carlos

A maior parte dos alunos quis mostrar a sua pasta aos colegas, não quiseram abrir a dos colegas, pois acharam que cada um devia mostrar o seu trabalho»

(Diário de Bordo, 31 de outubro de 2011)

Desta vez pediu-se aos alunos tentassem explicar oralmente porque tinham escolhido aquela atividade, de forma a fomentar a sua capacidade de falar em público. O interesse da turma em ver o blogue aumentou, tanto que os alunos acabaram por se juntar em pequenos grupos em frente aos poucos computadores que tinham acesso à Internet para voltar a consultar o blogue e ler os textos de reflexão dos colegas (Amante, 2007). Os que liam melhor liam para o grupo e todos queriam voltar a mostrar a sua atividade aos colegas.

4.5. As primeiras pesquisas na Web

Ao fim de um mês e meio de trabalho com o blogue, verificava-se já um maior empenho dos alunos no trabalho (embora mais de uns do que de outros) e uma maior capacidade de concentração, mas ainda havia muitos aspetos a melhorar.

Um dos aspetos que era necessário melhorar era a capacidade de selecionar trabalhos e de explicar as razões dessa seleção, pois esse esforço de reflexão iria permitir aos alunos tomarem mais consciência tanto das suas dificuldades como dos seus progressos. Além disso, tornava-se necessário conseguir que os alunos NEE se envolvessem mais ativamente no projeto, sentindo-se mais motivados para aprender e para se integrarem na turma. Por fim, apesar de os alunos comentarem oralmente os trabalhos consultados, seria importante que desenvolvessem mais o seu espírito crítico e que fizessem comentários mais completos, sem ser apenas “Gostei do trabalho, está giro”. Também seria importante que tentassem inserir comentários no blogue. Desde o início do ano letivo, os alunos já tinham desenvolvido algumas competências TIC, aprendendo a usar o computador e programas como o Paint e o Word e aprendendo a consultar um blogue. No entanto, precisavam ainda de desenvolver algumas competências de utilização da Web, aprendendo a pesquisar informação e a usá-la nos seus trabalhos (Coutinho, 2006; Galvão Filho, 2002). Atendendo ao nível etário dos alunos e ao seu domínio da língua escrita, pareceu-nos mais apropriado que nesta fase a informação pesquisada fosse sobretudo ao nível de imagens a usar para ilustrar textos.

Com estes objetivos em mente, no início do mês de novembro fez-se uma visualização conjunta do blogue e cada aluno apresentou o seu espaço individual. Então, para além de os colegas fazerem comentários sobre o que estavam a ver, cada um teve

de comentar os seus próprios trabalhos, ou textos de reflexão, de forma a criarem o hábito de se autoavaliarem.

«Hoje estivemos a ver o blogue em conjunto. Ao vermos os trabalhos escolhidos pedi que fizessem comentários sobre os seus trabalhos e os dos colegas. Quis que refletissem um pouco mais sobre a qualidade do trabalho, que me dissessem o que estava bem e o que podia ser melhorado. Foi difícil, colaram-se muito à expressão “gostei muito...está giro...”. Alguns, como a Teresa, a Francisca, o Gil, o Carlos e o Rui, fizeram observações interessantes, como: *“eu acho que o Luís tem que escrever bem o seu nome, não pode enganar-se...”* comentou o Gil. *“eu gosto do trabalho do Manuel, mas só escreve Manuel podia escrever o nome todo...”* comentou o Rui. *“eu gosto muito do trabalho da Sandra, escreveu muito bem...”* comentou a Francisca. No entanto, quando lhes perguntei o que tinham a dizer sobre o seu trabalho, todos foram respondendo: *“Acho que está bem...”* Pedi-lhes para serem mais específicos: o que achavam que estava bem e o que podia ser melhorado. A Teresa disse que gostava dos seus textos, porque dizia o que tinha aprendido com a atividade. A Sandra também disse que gostava dos seus trabalhos, mas acrescentou: *“Eu só disse que gostei...”* O Rui disse: *“Eu escrevi muito. Eu também disse que aprendi!”* A Isabel acrescentou: *“Eu também só disse que gostei...”* As observações dos restantes repartiram-se entre os que achavam que só tinham dito que gostavam e os que tinham dito algo mais nas reflexões. Pedi-lhes então que olhassem para ver se tinham mesmo selecionado trabalhos feitos por si. A Joana e a Fábria disseram logo *“Eu pus o meu trabalho do Paint!”* O Gonçalo disse timidamente que tinha posto os seus elásticos. Outros olharam melhor para sua pasta e começaram a ver que só tinham referido atividades, como trabalhar com o computador ou participar em jogos matemáticos, mas não tinham um trabalho individual (para além do desenho das folhas de árvores).»

(Diário de Bordo, 4 de novembro de 2011)

Perante estas observações, professora conversou com os alunos e explicou-lhes que a partir deste momento as seleções de trabalho e atividades a incluir no blogue seriam todas individuais, que deveriam pensar no que tinham aprendido com determinado trabalho ou atividade para selecionar algo que mostrasse as suas aprendizagens e que todos deveriam incluir textos criados por si. Iríamos também aprender a fazer pesquisas na Internet para procurar imagens para ilustrar os textos.

Assim, na aula seguinte os alunos aprenderam a fazer pesquisas na Internet. Aprenderam a aceder ao motor de busca, neste caso o Google, a escrever a palavra que queriam pesquisar e a procurar no separador das imagens. Aprenderam também a guardar as imagens em pastas, no computador, e a inseri-las num ficheiro Word. Foi necessário praticarem bastante, mas os alunos ficaram muito entusiasmados (Lencastre & Araújo, 2007). Não tinham compreendido ainda que podiam encontrar na Internet quase tudo o que procuravam, que podiam guardar essa informação (neste caso, tratava-se de imagens) e que podiam usá-la mais tarde, num trabalho, para mostrar a outros no

blogue, também através da Internet (Carvalho *et al*, 2006; Coutinho & Bottentuit, 2007). Até os alunos NEE falavam entre si sobre as imagens que encontravam e estavam sempre a pedir ajuda, tanto à professora como aos colegas, para lhes mostrarem como se escrevia a palavra que pretendiam. Os colegas ajudavam-nos, chegando mesmo a sair do seu lugar para lhes escrever as palavras no computador.

De uma forma geral, a maioria dos alunos esforçou-se para escrever vários textos inspirados em imagens que tinham retirado da Internet ou procurado depois para ilustrar textos que estavam a escrever. Sentiram dificuldades em encontrar ideias para incluir nos seus textos, limitando-se a escrever uma frase ou duas. À medida que os alunos iam escrevendo os seus textos, a professora ia comentando cada trabalho. A professora deu várias indicações aos alunos sobre como podiam melhorar os seus textos, desenvolver as ideias e organizá-los de forma correta. Os próprios alunos procuravam frequentemente a ajuda da professora para que esta lhes dissesse o que estava bem e o que tinha de ser melhorado. Prestavam atenção aos seus comentários com o objetivo de melhorar os seus textos, pois queriam colocar um bom trabalho no blogue (Coutinho & Alves, 2010). Assim, o trabalho de avaliação formativa que a professora já tinha tentado desenvolver desde o ano letivo anterior foi facilitado, pois a atitude dos alunos mudou de forma positiva.

Imagem 6: Exemplos de trabalhos com imagens retiradas da Internet

Texto escrito

ra re ri ro ru

O ratito roía a rede.

A avó Rita ouvia rádio rua e viu o rato.

O ratito roía a rede do Renato.

Ele viu o Renato e rolou rápido.

A avó ria, ria, ria.

Reflexão:

Eu escolhi este trabalho porque aprendi a procurar uma imagem na net.

Eu gostei muito desta imagem do ratito.

11 de novembro de 2011



(trabalho da Sofia)

Texto escrito

A gata Lulu

O meu presente vai ser a minha gata Lulu.

Ela tem muito pêlo.

Só tenho de me portar bem para receber a minha gatinha.

Reflexão:

Aprendi a procurar imagens na net.

Aprendi a escrever um texto sozinha.

11 de novembro de 2011



(trabalho da Isabel)

A procura de imagens decorreu de forma autónoma e os alunos conseguiram organizar-se para usar os poucos computadores que tinham acesso à Internet. Pediam a *pen USB*, procuravam a imagem pretendida na Internet, guardavam-na e levavam-na para o seu computador. Os alunos que sentiam mais dificuldades com este processo recorriam à ajuda uns dos outros e foi muito interessante ver os alunos apoiarem-se na realização das atividades. Ao fazerem os seus textos ou ao realizarem tarefas noutras áreas, já era frequente ouvir vários alunos conversarem em pequenos grupos e dizerem que era esta ou aquela atividade que iam escolher para colocar no blogue.

«Fui circulando entre os grupos. Enquanto estavam a pintar as figuras geométricas os alunos iam conversando. Num dos grupos estavam a conversar sobre o blogue. O Gil perguntou à Teresa se já tinha escolhido o trabalho para pôr no blogue. Ela disse que sim, que ia pôr a história da rainha e do gato. O Gil disse que também queria pôr uma história. Ia pôr a história do príncipe. O Carlos disse-lhe que achava a história do ladrão mais gira. A Joana disse que preferia a do príncipe, mas o Gil ficou a pensar no que o Carlos disse.»

(Diário de Bordo, 30 de novembro de 2011)

Neste momento, os alunos ainda preferiam escrever primeiro o texto no caderno, passando-o depois para o Word. Ao escreverem os textos no Word, iam surgindo os sublinhados a vermelho e a verde, pois a professora só corrigia as falhas mais importantes, passando por alto outras para que o excesso de correções não desmotivasse os alunos. No entanto, agora os alunos não tinham nenhum texto original para fazer comparações e ver a forma correta de escrever. Por isso, a professora ensinou-lhes a usarem as sugestões do corretor ortográfico, mas tendo o cuidado de ver qual das sugestões apresentadas era a mais correta (MacArthur, 1996). Em caso de dúvida,

poderiam sempre contar com o apoio da professora. Os alunos acharam esta ferramenta muito útil e o seu uso deu-lhes mais autonomia na correção dos textos, deixando de pedir constantemente a ajuda da professora.

Os alunos com mais dificuldades ainda não conseguiram escrever um texto seu, mas empenharam-se em fazer várias cópias e em ilustrá-las com imagens encontradas na Internet. A professora levou frequentemente o seu computador portátil para a sala, junto com a sua banda larga móvel, fora dos dias definidos inicialmente, por isso de vez em quando havia alunos que pediam para ver o blogue.

4.6. O envolvimento dos alunos com mais dificuldades

Alguns dos alunos que evidenciavam um menor envolvimento nas atividades propostas começaram a juntar-se em grupos de dois ou três em frente do mesmo computador e começaram a tentar fazer algo (Amante, 2007), a explorar o Word e a escrever pequenas cópias, adequadas ao seu nível de aprendizagem, para também terem algo para colocar no blogue.



Imagem 7: Alunas a explorarem o computador em conjunto

Os próprios alunos NEE começaram a mudar de atitude. Um deles, por exemplo, esforçou-se para realizar uma atividade já com o objetivo de a colocar no blogue.

«O Frederico esteve a trabalhar com o geoplano durante muito tempo. Esteve muito concentrado a tentar fazer uma casa. Quando conseguiu, fez um grande sorriso e pediu-me para pôr no blogue. Tirei-lhe uma fotografia com o geoplano na mão e perguntei-lhe o que queria que escrevêssemos no blogue. *“Não sei”* disse ele. Perguntei-lhe *“Porque é que queres pôr esta fotografia no blogue?”* *“Porque fiz uma casinha com os elásticos”* *“E estás contente?”* *“Sim”* *“Então podemos escrever isso.”* Construímos então as frases: “Eu escolhi este trabalho porque quero falar da minha casinha. Aprendi a fazer a casinha com os elásticos”.»

(Diário de Bordo, 4 de novembro de 2011)

«Chamei o Frederico para vir ver o meu computador. Abri o blogue e disse-lhe para abrir a sua pasta. Quando clicou e viu lá a sua atividade dos elásticos fez um grande sorriso e disse que estava giro. Foi a correr chamar o Manuel. O Manuel veio e também disse que estava giro. Perguntou-lhe como é que ele tinha feito a casa. Foram os dois para o lugar e o Frederico começou a mostrar-lhe como pôr os elásticos para fazer uma casa.»

(Diário de Bordo, 7 de novembro de 2011)

Imagem 8: Trabalho realizado por um aluno NEE para colocar no blogue

Atividade preferida



Reflexão:

Eu escolhi este trabalho porque quero falar da minha casinha.

Aprendi a fazer a casinha com os elásticos.

(Atividade construída pelo Frederico)

Um outro aluno NEE quis escrever uma pequena cópia no Word. Só usou letras maiúsculas, mas fez um grande esforço e esteve muito empenhado, por isso não era o momento para o corrigir, para que ele pudesse criar mais confiança em si próprio.

«O Luís esteve a fazer uma cópia no Word. A Joana quis ajudar mas ele disse que queria fazer sozinho. Levou muito tempo, mas esteve muito concentrado. Notei que estava a escrever só com maiúsculas, mas não quis interrompê-lo, porque se o corrigisse naquela altura podia desistir. Um passo de cada vez. Quando acabou, chamou-me com um grande sorriso e disse emocionado: *“professora, já acabei...está bem, não está?...”* *“Sim, senhor. Está muito bem. Já sabes escrever no computador.”* Pediu-me para o ajudar a encontrar na internet uma imagem dum menino. Procurámos a imagem, pusemo-la no documento Word e escrevemos a reflexão. Quando acabámos, ele pediu-me para o ajudar a ler e disse-me: *“Quero ler o texto quando mostrar o blogue.”* Fomos praticando a leitura e a Joana ficou sentada ao pé de nós, muito atenta. Quando tive de ir ajudar o Hugo a procurar uma imagem a Joana perguntou-me se podia ficar a ajudar o Luís. Disse-lhe que sim. Deixei-os ficar sozinhos muito tempo, pois assim, em conjunto, iam os dois praticando a leitura.»

(Diário de Bordo, 11 de novembro de 2011)

Quando chegou o momento de selecionar atividades para colocar no blogue, os alunos já se mostraram mais à vontade, embora ainda quisessem colocar várias atividades. Em grupos, iam tentando explicar aos colegas porque tinham escolhido aquelas atividades e depois tiveram de escrever algumas pequenas frases para juntar ao trabalho, elaborando-as com a ajuda uns dos outros.

No dia da Biblioteca, a exploração do blogue foi feita pelos alunos, em pequenos grupos. Foram eles próprios a entrar no blogue sem a ajuda da professora e a explorar as contribuições de cada um. Foram comentando uns com os outros o que viam, muito interessados (Coutinho & Alves, 2010). O próprio aluno NEE referido acima (o Luís) teve a oportunidade de mostrar a sua cópia e de a ler aos colegas junto a quem estava sentado. Nessa aula, o aluno NEE que tinha mostrado menos interesse pelo blogue sentou-se sozinho e começou a explorar os espaços dos seus colegas. Tal como referimos no capítulo 3, por questões relacionadas com a sua deficiência, este aluno não sabe ler nem escrever, pois tem muitas dificuldades em estruturar a linguagem a nível cerebral. No entanto, começou a consultar o blogue, clicando junto à fotografia dos colegas para abrir cada espaço individual. Foi vendo o que os colegas lá tinham colocado e embora não conseguisse ler o que lá estava, foi comentando com a professora que gostava desta ou daquela fotografia ou imagem. Na aula seguinte em que os colegas estavam a trabalhar nos seus computadores, este aluno pediu à professora para o ajudar a fazer um trabalho para pôr no blogue. Com dificuldade conseguiu escrever o seu nome no Word e escolheu uma das várias fotografias que a professora lhe tinha tirado, para juntar ao seu nome. A professora colocou essa mensagem no blogue e o aluno ficou satisfeito por ter feito um pequeno trabalho:

«O Manuel isolou-se da turma e tentou trabalhar no computador. Pediu-me ajuda para escrever o nome. Desenhei num papel as letras iguais às que estão no teclado. Levou bastante tempo, mas conseguiu copiar o nome para o Word. Depois pediu-me uma fotografia. Escolheu uma em que está com o Mateus. Pus logo o trabalho nele no blogue e mostrei-lhe. Ficou muito contente, bateu palmas e disse que também já tinha escrito um trabalho.»

(Diário de Bordo, 9 de dezembro de 2011)

Texto Escrito

**Manuel
É o Manuel.**

**Reflexão:
Já sei escrever o meu nome sozinho e no computador.
Lisboa, 9 de dezembro de 2011**

Imagem 9: Trabalho realizado por um aluno NEE para colocar no blogue

Os restantes alunos continuaram a escrever mais textos e a preocuparem-se com a qualidade dos mesmos. A professora mostrou-lhes como fazer um pequeno plano antes de escrever, para que o texto ficasse mais organizado. Alguns dos alunos mais empenhados começaram a tentar escrever diretamente no Word, depois de terem feito o plano no caderno, mas continuaram a achar mais fácil escrever primeiro no caderno e só depois passar para o Word. No entanto, começaram a perceber que era mais fácil fazer as emendas diretamente no Word, por isso alguns escreveram a primeira versão do seu texto no caderno, submeteram-no à avaliação da professora e depois passaram-no para o Word, fazendo as correções necessárias (MacArthur, 1996). Ao mostrarem os seus textos à professora, vários alunos vinham já com a impressão de que não estavam bem. Então, a professora perguntava-lhes o que achavam que estava mal e ajudava-os a chegarem a essa conclusão por si próprios (Oliveira e Vasconcelos, 2010).

Para além do seu envolvimento nas atividades de Língua Portuguesa, o empenho dos alunos nas atividades de Matemática mudou muito. Muitos tinham dificuldades ao nível da Matemática porque não se concentravam o suficiente, realizando os exercícios quase por acaso, pois cansavam-se facilmente. Depois, dececionados com o resultado, já não queriam trabalhar mais. Outras vezes, reagiam mal quando surgiam dificuldades e desistiam sem tentar sequer ultrapassar os obstáculos, pois não queriam correr o risco de errar. No entanto, em meados de novembro os alunos já mostravam uma maior capacidade de concentração e não evidenciavam tantas dificuldades em enfrentar

obstáculos. O trabalho desenvolvido com as TIC levou os alunos a fazerem um esforço de concentração na realização de tarefas. Enquanto anteriormente muitos não estavam mais do que cinco minutos concentrados na mesma tarefa, quando trabalhavam com o computador ficavam bastante tempo empenhados na realização da mesma tarefa, seja a escrever textos, a desenhar no Paint ou a fazer pesquisas na Internet. Essa maior capacidade de concentração passou a ser sentida também na realização de outras tarefas, inclusive no âmbito da matemática, o que levou os alunos a compreenderem melhor as explicações dadas e a empenharem-se mais calmamente na resolução dos exercícios. Além disso, ao trabalharem com as TIC os poucos conhecimentos dos alunos na utilização do software faziam surgir dificuldades que tinham de ser ultrapassadas para poder realizar as atividades, como encontrar os comandos certos, formatar o texto e as imagens, entre outras. Perante essas dificuldades, os alunos não desistiam e acabavam por encontrar uma solução por si próprios ou com a ajuda de outros. Essa atitude teve também reflexos na área da matemática, pois os alunos deixaram de desistir às primeiras dificuldades, mas passaram a esforçar-se mais para tentar chegar aos resultados corretos. Por isso, vários alunos começaram a ter um desempenho melhor nos exercícios e nos jogos matemáticos. Essa evolução foi sentida pela professora/ investigadora numa reflexão registada no Diário de Bordo:

«Estamos a aprender a desenvolver cálculo matemático realizando adições recorrendo a estratégias de cálculo mental e escrito. Não é fácil. Exige muita concentração. Pode-se errar, mas têm que conseguir perceber o erro e corrigir-se. Embora seja difícil, todos quiseram ir ao quadro, não se preocupando em expor-se perante os colegas, ou seja, que eles vejam que erraram. Sabem que vão errar, mas que se aprende no quadro. Respeitaram-se, não fizeram troça por o colega errar. Houve colegas que até se ofereceram para ajudar quem estava no quadro (Carlos, Bruna, Gil).

O Manuel e o Frederico estão a desenvolver algum cálculo mental, somas muito simples, mas querem fazer contas. Estiveram sempre a dizer: *“professora põe mais contas, já acabei estas, põe mais...”* Até quiseram ir ao quadro fazer as contas para mostrar aos colegas que sabem fazer as contas sem se enganar. O que mais me está a impressionar é ver a colaboração de todos, não denunciando ao Manuel e ao Frederico que as contas deles nada têm a ver com as que eles estão a fazer. Até os incentivam e lhe fazem perguntas para eles responderem e eles respondem. *“Manuel, quanto é 2+2... e 4+4...muito bem, Manuel”*. Os alunos com Plano de Recuperação vão ao quadro com alguma relutância, vão sempre ansiosos e erram muitas vezes. Mas fazem questão de ir ao quadro, e com a minha ajuda corrigimos o que está mal e voltamos a repetir para ver se já ultrapassaram as dificuldades. A postura deles todos mudou de facto. As aulas de matemática estão a ser bastante produtivas.»

(Diário de Bordo, 30 de novembro de 2011)

4.7. Os comentários e as reflexões

Entretanto, a professora foi fazendo pequenos comentários escritos às atividades colocadas no blogue (Coutinho & Alves, 2010). Os alunos mais interessados quiseram ver o que a professora estava a fazer e tentaram também fazer os seus pequenos comentários, como os seguintes:

- «- Olá. Gostei do teu texto.
- Gostei muito da tua folha.
- Eu também gostei de escrever no computador. Foi divertido.
- Fizeste um bonito boneco.
- Gostei do teu desenho com o geoplano.
- Olá, gostei muito da tua foto. »

A elaboração de trabalhos e a seleção de atividades continuou a decorrer até ao final do primeiro período, com um empenho cada vez maior dos alunos. Os alunos já mostravam um maior à-vontade em analisar os trabalhos que iam fazendo e em escolher os que achavam mais importantes, escolhendo aqueles que mostravam que já tinham aprendido a fazer alguma coisa ou a conhecer algum assunto. Iam explicando uns aos outros oralmente porque selecionavam cada trabalho e então escreviam uma ou mais frases com essas ideias.

Ao comentar os trabalhos que viam no blogue, ainda não se mostraram capazes de destacar algumas falhas e dar sugestões para melhorar, sendo um dos aspetos a trabalhar no período seguinte. No entanto, comentavam as participações uns dos outros, fazendo elogios (Amaro, Ramos & Osório, 2009; Barbeiro & Rebelo, 2006). Embora os trabalhos que os alunos NEE selecionaram para incluir no blogue fossem muito simples comparativamente com os dos colegas, também receberam elogios. Os colegas começaram finalmente a compreender que nem todos conseguem fazer o mesmo tipo de trabalhos, mas que o facto de participarem já era positivo. Por exemplo, um dos alunos NEE pediu para o fotografar a pintar um desenho com tinta porque conseguiu não sujar a mesa toda, como fazia habitualmente. Assim, a fotografia da mesa limpa foi o trabalho que selecionou e conseguiu explicar aos colegas como fez para não sujar a mesa. Vários colegas, especialmente os com melhor aproveitamento, elogiaram-no ao ver essa fotografia no blogue e isso animou-o, fazendo-o sentir-se integrado no projeto da turma. Além disso, revelou que muitos alunos começaram a compreender e a aceitar as diferenças.

4.8. O envolvimento da família

No final de novembro, um dos alunos deixou de levar o seu computador para a escola, visto que a mãe teve receio de que ele o estragasse ou o perdesse, pois o aluno perdia muitas vezes o seu material escolar ou peças de roupa. Ele sentiu-se mais desmotivado e pareceu perder o interesse no blogue, limitando-se a ficar junto de algum colega, sem usar o computador deste para escrever os seus trabalhos. Para contornar esta situação, a professora decidiu solicitar uma participação mais ativa dos pais. Assim, na Biblioteca a professora mostrou à turma os comentários que já estavam inseridos no blogue, tanto os seus como o dos quatro alunos que já tinham escrito alguns. Gostaram de ver e ficaram curiosos em aprender como o fazer. A professora ensinou-lhes, mas não se conseguiu inserir comentários na altura, pois a Internet estava muito lenta e levava-se muito tempo a submeter um comentário, sendo que na maioria das vezes no final dava uma informação de erro. O trabalho de casa dos alunos foi ensinar os pais a entrar no blogue e mostrar-lhe o que já lá estava inserido, pedindo-lhes para escreverem comentários.

No fim-de-semana, vários alunos mostraram o blogue aos pais e vinham muito animados, dizendo que os pais tinham gostado muito. O aluno que tinha deixado de trazer o computador, porque a mãe não queria que ele o perdesse, vinha também muito animado. Toda a família tinha consultado o blogue e vários elementos da família escreveram os seus comentários, dizendo que sentiam muito orgulho no seu trabalho:

«- Gostei da tua apresentação. E gostei do teu trabalho. Tenho orgulho em ti. Parabéns. Irmão, pai, mãe, avós, primos e tios.

- Olá, parabens gostei do teu texto. primo

- Ola tu es o maior quero que passes o ano para a 3 classe parabens e muitas felicidades. Irmao»

A partir daí voltou a levar o computador para a escola e mostrou-se ainda mais empenhado nas atividades letivas. Outras duas famílias também inseriram comentários. Alguns alunos disseram que os pais não tinham conseguido inserir comentários, mas que tinham gostado de ver o trabalho da turma. Muitos alunos não tinham Internet em casa, mas mostraram aos pais os trabalhos que tinham feito e que estavam guardados no seu computador e quais é que tinham selecionado para colocar no blogue, junto com a respetiva reflexão.

Na reunião com os encarregados de educação, que teve lugar em meados de dezembro, a professora deu-lhes a conhecer a evolução dos alunos. Os pais fizeram referência à mudança de atitude que tinham notado nos seus filhos, especialmente no seu desejo de aprender. Os pais presentes comentaram o entusiasmo dos alunos com o blogue e disseram que tinham apreciado ver o trabalho da turma. Os pais que não tinham Internet em casa e que apenas tinham visto no computador os trabalhos feitos pelos seus filhos, tiveram a oportunidade de consultar todo o blogue na escola, mostrando-se impressionados com a evolução dos alunos. Vários pais referiram que em casa era frequente verem os seus filhos a usar o computador, desenhando no Paint ou fazendo pequenas cópias no Word em vez de estarem apenas a jogar.

Ao longo do segundo e do terceiro períodos, os pais fizeram mais comentários, como os que apresentamos abaixo, embora a maioria dos pais não se sentisse muito à vontade em escrever.

- «- Ola a todos gostei muito dos vossos trabalhos e das fotos estão todos muito lindos. Espero por novidades e mais trabalhos. Jocas para todos e também para a Prof. Margarida.
- ola meu amor quero que saibas que tenho muito orgulho em ti e quero ver muitos trabalhos teus porque tu és capaz. muitos beijinhos dos teus pais e mano
- Ola é a mae.E para te dizer que gostei muito do teu blogger ta tudo muito lindo bjs grandes
- Parabens a todos os alunos da turma2b.esta tudo muito engraçado bjs»

Esta participação dos pais motivou os alunos:

«O Rui entrou na sala muito sorridente e disse: “ *A minha mãe esteve a ver a minha pasta e mostrou os meus trabalhos ao meu pai*” “*e fez comentários?*” perguntou o Manuel “*não sei...*” respondeu o Rui. “*podemos ver, anda...*” acrescentou o Manuel. Juntou-se ao grupo o Gil e o Hugo. “*professora, a mãe do Rui escreveu um comentário*” disse o Hugo Pedí ao Rui que lesse o comentário à turma. “*Olá meu amor quero que saibas que tenho muito orgulho em ti. E quero ver muitos trabalhos teus porque tu és capaz. Muitos beijinhos dos teus pais e mano*” leu muito envergonhado e sorridente. A turma riu-se e gostou de ouvir o comentário.»

(Diário de Bordo, 23 de abril de 2012)

Quando iam à escola falar com a professora, vários pais referiram que gostavam de ver o blogue e alguns que não tinham Internet chegaram a vê-lo em casa de outros familiares. Outros pais viram-no na escola, na hora de atendimento aos encarregados de educação. Quando falavam com os alunos diziam-lhes que estavam a gostar de ver o trabalho de todos, o que deixava a turma animada, mas quando lhes pedíamos para

colocarem lá alguns comentários, muitos pareciam não se sentir à vontade para escrever os seus comentários e os inserir no blogue. De facto apenas alguns encarregados de educação o fizeram. No entanto, vários pais fizeram comentários orais aos alunos quando iam à escola, elogiando a turma pelo esforço que estavam a desenvolver e os alunos já ficavam animados ao ouvir esses comentários. Uma das alunas que já fazia alguns comentários de forma autónoma ensinou a mãe a fazer comentários e conseguiu convencê-la a fazer um (o último comentário apresentado acima).

4.9. A escrita autónoma

No segundo período deu-se continuidade ao trabalho realizado com o objetivo de aumentar a autonomia dos alunos, e de promover o domínio da oralidade, para que os alunos refletissem na sua aprendizagem e começassem a criar a capacidade de autorregular o seu processo de aprendizagem e de desenvolver o seu espírito crítico. Os alunos foram incentivados a consultar o blogue e a analisá-lo tentando descobrir se faltava algo para que o blogue pudesse refletir de forma mais completa as suas aprendizagens (Santos, 2002, Santos, 2006).

«Ao explorarmos o blogue perguntei à turma se os trabalhos selecionados e apresentados eram suficientes para mostrar aos visitantes o que eles sabiam e tinham aprendido. A maior parte da turma disse que sim, não conseguindo sugerir outro tipo de trabalhos. “... *estão lá trabalhos de português, de matemática e de estudo do meio...*” ponderou o Gil. “...*temos histórias escritas por nós...*” acrescentou a Teresa. Ao fim de um tempo o Gaspar disse: “...*professora eu já sei ler mas a minha mãe não vê isso ...*” Disse-lhe que tinha razão e expliquei que podíamos gravar a nossa leitura e fazer vídeos de histórias para inserirmos no blogue. Ficaram muito contente, mas ansiosos “*e depois vão ouvir a gente a ler?...*”»

(Diário de Bordo, 6 de janeiro de 2012)

A professora explicou-lhes então que o blogue permitia incluir diferentes tipos de informação, não só o texto e a imagem, como tinham feito até o momento, mas também som e vídeo (Wade, Abrami & Sclater, 2005; Eyssautier-Bavay, 2004). Por isso, ao longo do segundo período iriam aprender a gravar a sua voz, para mostrar que já sabiam ler. Os alunos ficaram animados com essa perspetiva e perguntaram se podiam pôr a sua fotografia no som. A professora disse que seria possível, mas para isso teriam de aprender a usar um novo programa para além do Word e do Paint: o PowerPoint.

Tal como referimos no capítulo 2, o PowerPoint tem a particularidade de poder conjugar aquilo que os alunos já tinham aprendido, como a escrita de texto e a inserção de imagens, com sons gravados pelos próprios alunos. O blogue não permite submeter diretamente ficheiros do PowerPoint, mas estes podem ser transformados em pequenos vídeos, mantendo os efeitos de animação e os sons. Neste formato, já podem ser integrados no blogue. Foram precisas algumas aulas para os alunos aprenderem a usar o PowerPoint, mas estiveram sempre muito interessados e empenhados, experimentando os diferentes comandos. Além disso, como muitos procedimentos são semelhantes ao Word, os alunos facilmente transferiram os conhecimentos que já tinham adquirido para esta nova aprendizagem. Simultaneamente, os alunos iam usando o Word para continuarem os seus trabalhos, de modo a poder incluí-los no blogue. Autonomamente, os alunos iam consultando o blogue para ver os novos comentários que existiam, embora ainda não houvesse muitos, pois na escola era difícil submetê-los e a maioria não tinha Internet em casa. Ainda assim, os alunos mais persistentes continuaram a fazer comentários escritos de forma autónoma, já não os mostrando à professora antes de os submeter no blogue.

Com o objetivo de poder enriquecer o seu espaço individual no blogue e de expor perante os outros um texto de melhor qualidade, os alunos pediam à professora para que esta assinalasse os erros e desse sugestões para a sua melhoria, prestando atenção aos comentários da professora. Essa mudança de atitude contribuiu para a sua autonomia, pois os alunos começaram a procurar menos a orientação da professora, já sendo capazes de olhar para o seu próprio texto, encontrar as falhas e tentar corrigi-las. Alguns dos alunos começaram a fazer o plano de texto no caderno e a escrever o texto diretamente no Word, olhando para os sublinhados a vermelho e a verde para os ajudar a identificar as falhas. Até então, os alunos contentavam-se em escrever textos muito curtos, mas ao longo do segundo período quiseram aumentar a extensão dos seus textos. Um dos alunos, por exemplo, ficou muito orgulhosos por ter conseguido escrever um texto de cinco linhas.

Imagem 10: Exemplos de textos escritos pelos alunos**Texto escrito****A folha Daniela e Luísa**

Era uma vez duas folhas que caíram duma árvore.
Uma chamava-se Luísa e a outra chamava-se Daniela.
Elas eram muito amigas e bonitas.
Um dia o senhor vento apareceu e levou as folhas para o ar.
No fim do dia o senhor vento pediu desculpa às folhas.

**Reflexão:**

Eu escolhi este texto porque aprendi a escrever uma história com cinco linhas.
Aprendi que é muito engraçado escrever as nossas histórias.

14 de Janeiro de 2012

(Trabalho do Gil)

A folha fofinha

Era uma vez uma folha que se chamava Fábía.
Ela era muito gordinha.
Um dia, a folha foi fazer educação física.
No dia seguinte, a folha estava magrinha e elegante.
Ela ficou muito feliz.

**Reflexão:**

Eu escolhi este trabalho para mostrar que gosto muito de escrever histórias.
Aprendi que é divertido escrever.

7 de Janeiro de 2012

(Trabalho da Sandra)

Os alunos com mais dificuldades tentaram também começar a escrever os seus próprios textos, embora muito elementares, já não se contentando em fazer apenas cópias.

A melhoria da qualidade dos textos dos alunos só foi possível porque a sua capacidade de concentração aumentou e porque foram criando mais confiança nas suas capacidades ao serem capazes de colocar atividades no blogue e ao ouvirem os comentários positivos que os colegas foram fazendo uns aos outros à medida que observavam o blogue (Wade, Abrami e Sclater, 2005; Barbeiro & Rebelo, 2006). Os alunos NEE continuavam a ter muitas dificuldades ao nível da leitura e sobretudo da escrita, mas estavam muito empenhados em realizar atividades de acordo com o seu nível de aprendizagem, como desenhos, construções de legos e jogos matemáticos. Um dos alunos NEE começou a brincar com um jogo de montagem de letras, tentando fazer palavras, o que revelou o seu interesse em aprender a ler, pedindo para colocar essa atividade no blogue.

Imagem 11: Trabalho evidenciando esforço de aprender a ler e escrever

Texto escrito

Gosto muito de escrever.



Reflexão:

Eu escolhi este trabalho para mostrar que já sei escrever sozinho.

14 de Janeiro de 2012

(Trabalho do Gaspar)

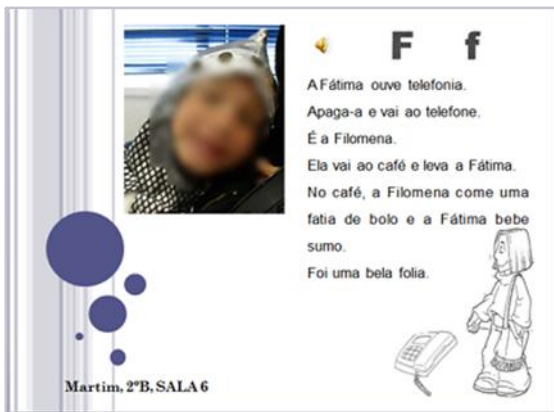
4.10. A criação de *podcasts*: o trabalho colaborativo e a aceitação das falhas

Para além dos textos escritos, um dos aspetos que mais envolveu os alunos ao longo do segundo período foram as gravações que referimos atrás. À medida que iam aprendendo a trabalhar com o PowerPoint, também se foram fazendo gravações das leituras dos alunos. Estranharam o som da sua voz e acharam que era mais difícil do que pensavam porque sentiam-se um pouco nervosos quando estavam a gravar e por isso enganavam-se frequentemente. Alguns ficavam um pouco intimidados e não quiseram experimentar, limitando-se a ver o que os colegas faziam. Aperceberam-se que o microfone captava todos os sons da sala e que se estivessem a fazer barulho isso ficava nas gravações, tirando qualidade ao *podcast*. Por isso, todos fizeram um esforço para que houvesse um silêncio quase absoluto na sala sempre que algum aluno estava a gravar. Depois de algumas experiências, inseriram-se os sons gravados nos primeiros ficheiros PowerPoint e toda a turma assistiu à sua apresentação. Gostaram muito de ver o texto escrito no diapositivo e de ouvir a respetiva leitura gravada. Até os alunos que ainda não tinham querido gravar disseram que tinham gostado muito e foi possível ver que começavam a querer fazer o mesmo (Coutinho & Alves, 2010; Marques & Reis, 2011). Os próprios alunos NEE disseram que também queriam um trabalho daqueles para si.

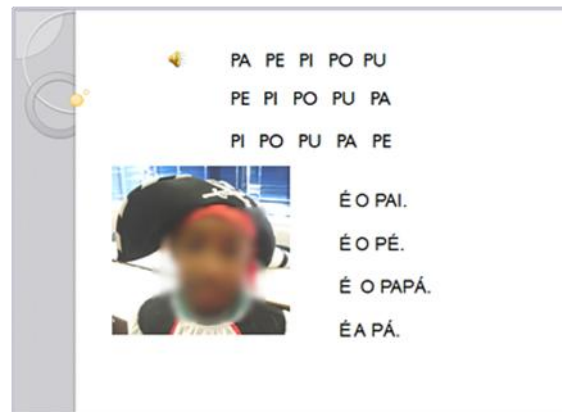
De forma a que todos pudessem participar, a professora definiu diferentes tipos de PowerPoint. Os alunos que dominavam melhor a leitura faziam um ficheiro com mais diapositivos, com uma história, os alunos que estavam a aprender a ler faziam um só diapositivo, com algumas sílabas ou com pequenas palavras, de acordo com o seu nível de aprendizagem. O esforço de todos em querer ler bem foi evidente (Bottentuit Junior & Coutinho, 2007, 2008). Os alunos juntavam-se em pequenos grupos e ensaiavam a sua leitura, aceitando as correções dos colegas quando liam mal alguma palavra, pois todos queriam que o seu ficheiro ficasse bem gravado. Mesmo durante a gravação das leituras o espírito crítico dos alunos foi evidente. Não era necessário que as gravações ficassem perfeitas, pois eram alunos muito pequenos e é natural que cometessem algumas falhas ao ler. No entanto, quando estavam a ler e se enganavam em alguma palavra, os alunos interrompiam imediatamente a leitura e queriam recomeçar, repetindo para si a palavra que tinham lido mal até a dizer corretamente. Embora esta atitude dos alunos tornasse a atividade mais prolongada, a professora decidiu não interferir na sua decisão, pois isso revelava que os alunos estavam a

aprender a lidar com as suas falhas de forma mais madura e a compreender que a aprendizagem se vai construindo num processo de tentativa e erro (Santos, 2002). Além disso, os alunos que costumavam ficar muito frustrados quando erravam e que desistiam de trabalhar quando isso acontecia, aceitavam agora calmamente reformular o seu trabalho, não achando que as falhas fossem sinal de fracasso, mas confiando que eram capazes de fazer melhor.

Imagem 12: Exemplos de ficheiros PowerPoint criados por um aluno com dificuldades de leitura e por um aluno NEE

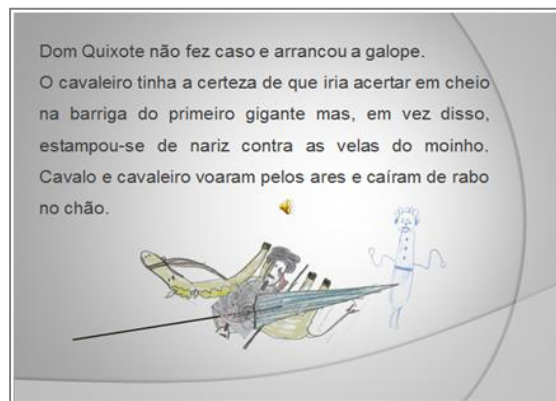
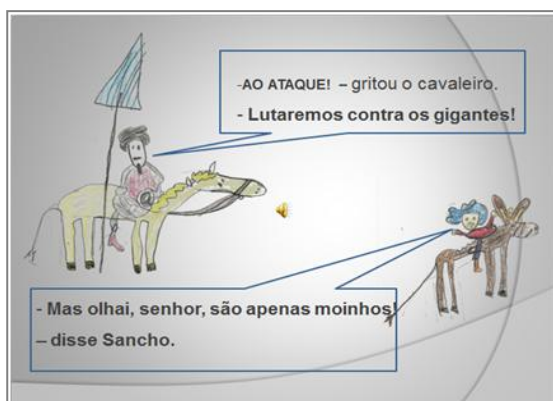
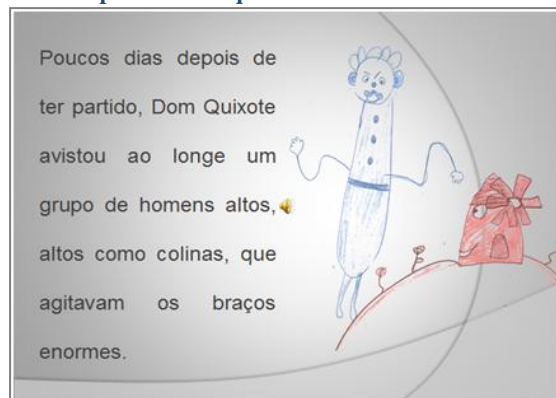


(Trabalho do Mateus)



(Trabalho do Frederico)

Imagem 13: Exemplo de ficheiro PowerPoint criado pelos alunos que sabiam ler bem



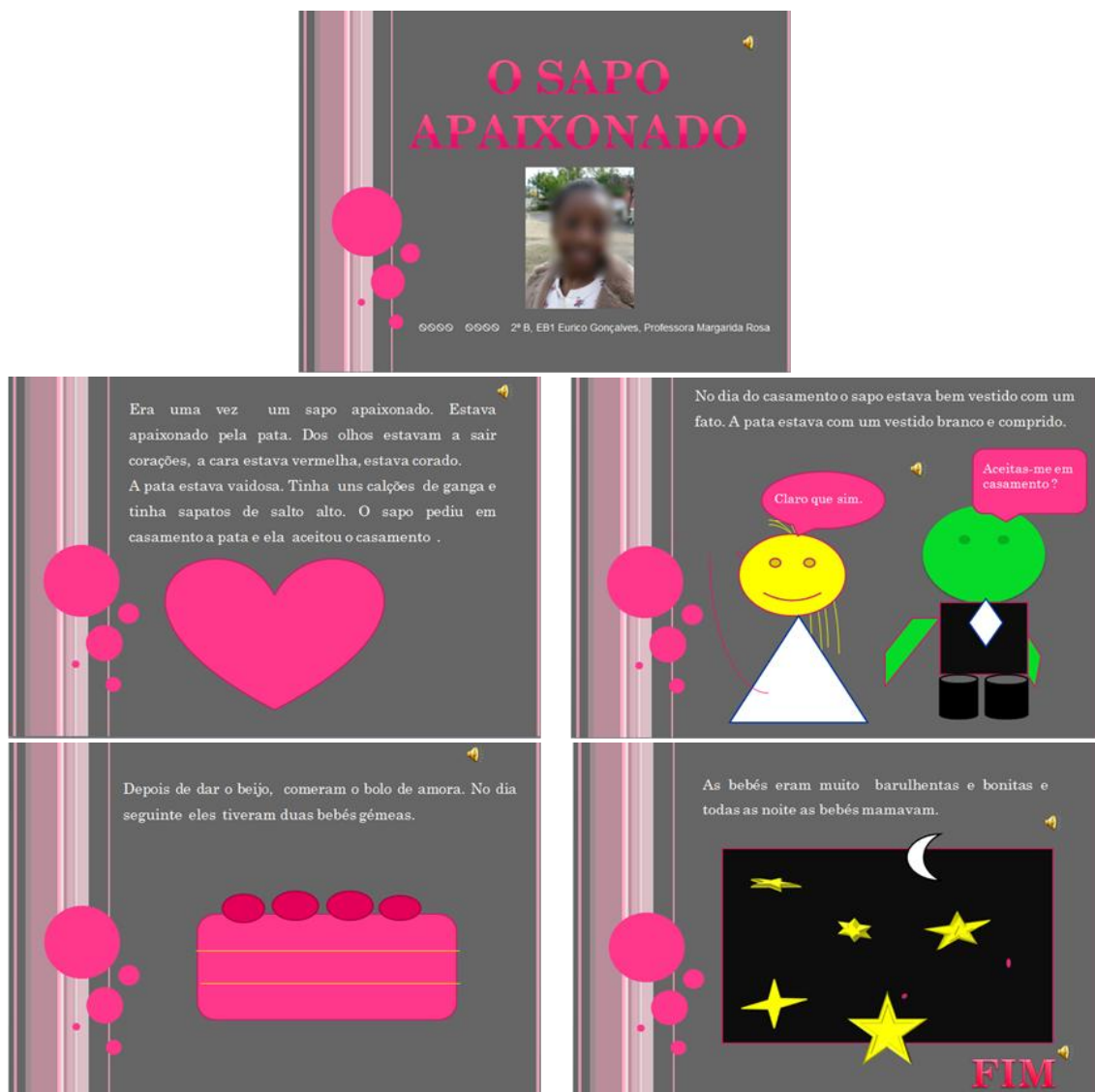
(Trabalho realizado por Isabel, Mateus, Carlos e Sofia)

Quando os primeiros PowerPoint com *podcasts* foram colocados no blogue, os alunos ficaram muito animados e quiseram continuar a produzir mais trabalhos desse tipo. Dois dos alunos NEE fizeram um esforço muito grande para não esquecerem as letras que aprendiam, como acontecia habitualmente, pois queriam gravar a sua voz, mas não queriam gravar apenas palavras soltas. Os restantes alunos que se encontravam apenas ao nível do primeiro ano de escolaridade também começaram a esforçar-se muito mais, pois queriam participar na gravação de histórias como os colegas que tinham melhor aproveitamento. Enquanto até ali a professora tinha de insistir com eles para aprenderem letras novas para formar mais palavras, tendo de se confrontar com o cansaço destes alunos e com o seu ritmo de aprendizagem mais lento, a partir desta altura foram os próprios alunos que se dirigiam à professora e lhes pediam “Ensina-me uma letra nova”. O desejo de os alunos terem ficheiros PowerPoint com leituras gravadas para colocar no blogue e para mostrar aos outros foi um forte estímulo para o seu progresso, a tal ponto que, até ao final do segundo período, excetuando os alunos NEE todos os outros aprenderam a ler incluindo um dos alunos NEE (Coutinho & Alves, 2010; Marques & Reis, 2011). Outro aluno NEE começou também a ler e aprendeu a maioria das letras, faltando-lhe apenas assimilar os chamados “casos de leitura” (os grupos de duas consoantes, como br, lh, ss, entre outros).

A colocação deste tipo de ficheiros no blogue permitiu também desenvolver a concentração dos alunos e a capacidade de ouvir os outros. Ao analisarmos o blogue em conjunto, os alunos ouviam muito atentamente a leitura dos colegas, sem se distraírem e depois faziam comentários sobre a qualidade dessas apresentações PowerPoint. Ouvirem as diferentes leituras também ajudou os alunos a tomarem mais consciência das diferenças e a aceitarem-nas. Vários alunos elogiaram os colegas mais fracos, inclusive os NEE, pela sua leitura, mesmo que essa fosse muito elementar comparada com outras mais longas.

Alguns ficheiros foram construídos individualmente, tendo cada aluno escrito o texto, feito as ilustrações e gravado a leitura, enquanto outros foram feitos em conjunto. Uma aluna decidiu fazer por sua iniciativa um ficheiro PowerPoint sozinha, em casa, com a sua versão pessoal de uma história lida na aula. Criou também as ilustrações a partir de formas automáticas aplicando no PowerPoint o que tinha aprendido a fazer no Paint.

Imagem 14: Exemplo de ficheiro PowerPoint feito por uma aluna em casa



(Trabalho realizado pela Francisca)

Quando chegou à escola, estava muito orgulhosa com o que tinha conseguido fazer, mas quis que a professora verificasse se estava tudo bem, prestando muita atenção às observações que a professora lhe foi fazendo. Segundo a mãe informou, nos fins-de-semana a aluna entretinha-se muitas vezes a criar ficheiros PowerPoint para mostrar à família. A gravação foi feita na escola pois os alunos não tinham microfones (ou *headsets*) para gravar e se usassem o microfone incorporado no computador Magalhães a qualidade do som ficava fraca. Outra aluna também criou um ficheiro PowerPoint em casa, com a ajuda da prima, sobre a sua família, inserindo fotografias dos vários familiares.

No entanto, muitos ficheiros PowerPoint permitiram aos alunos um trabalho mais colaborativo (Amaro, Ramos & Osório, 2009; Lencastre & Araújo, 2009; Sousa & Silva, 2009; MacArthur, 1996). A professora sugeriu que os alunos trabalhassem em conjunto para poderem fazer as vozes das personagens das histórias e os alunos escolheram espontaneamente os grupos com que queriam trabalhar. Dentro do grupo, foram os próprios alunos que tomaram a iniciativa de dividir tarefas. Os alunos que tinham mais dificuldades em escrever foram escolhidos para fazer as ilustrações, enquanto os outros trabalhavam o resumo da história.

Os alunos repartiram as falas entre si e as leituras foram ensaiadas em grupo. Houve uma grande preocupação com a entoação das vozes, para que o resultado final fosse o melhor possível e todos ficaram satisfeitos com o produto final, exibindo-os aos colegas durante as visualizações do blogue.

4.11. A partilha com o agrupamento

Aproveitando esse entusiasmo dos alunos, a professora criou oportunidades para que os alunos começassem a mostrar o seu trabalho a outros (Amaro, Santos & Osório, 2009). Por exemplo, quando havia alunos distribuídos na sala⁴, a professora fazia referência a alguma atividade que estivesse no blogue:

«Hoje recebemos alunos distribuídos do 4ºano. Aproveitei para mostrarmos o nosso trabalho a outros alunos. A princípio ficaram envergonhados, mas à medida que íamos mostrando os trabalhos eles ficaram mais descontraídos. Os alunos de 4º ano gostaram muito de ver o blogue. O que deixou a turma mais animada e descontraída. Mas como se conheciam muito bem dos momentos de recreio e não só, facilmente se foram formando grupos de trabalho. O Gil ofereceu-se para mostrar alguns dos trabalhos, a Teresa também se ofereceu. Pedi à Isabel e à Sofia para mostrar os seus trabalhos. O Manuel e o Francisco ofereceram-se para mostrar o blogue aos colegas. E, assim se foram formando grupos de trabalho. Os outros colegas juntaram-se aos diferentes grupos por sua iniciativa e todos falavam dos trabalhos e de como os tinham feito.»

(Diário de Bordo, 27 de fevereiro de 2012)

⁴ Quando um professor de 1.º Ciclo falta, os seus alunos são divididos e distribuídos pelas outras salas. Cada grupo de alunos é sempre colocado na mesma sala.

Numa das aulas na Biblioteca em que os alunos estavam a ver o blogue e em particular estes ficheiros, a Assistente Operacional responsável pela Biblioteca Escolar também ouviu as gravações dos alunos e elogiou-os pelo trabalho feito, o que os deixou muito satisfeitos. Sugeriu-lhes que mostrassem o seu trabalho a outros alunos do Agrupamento, fora da escola, e esta ideia, embora tivesse deixado os alunos apreensivos, não foi rejeitada, como teria acontecido uns meses antes. Assim, combinou-se que poderíamos colocá-los no Blogue da Biblioteca do Agrupamento, para que todo o Agrupamento os pudesse ver. A professora entrou em contato com a Bibliotecária do Agrupamento, que lhe deu as senhas de acesso para inserir os ficheiros nesse blogue. A turma decidiu então que escolheria as histórias mais interessantes e selecionaram seis para divulgar o seu trabalho.

Com a devida permissão dos pais esses trabalhos foram colocados no referido blogue. Alguns dias mais tarde, a professora responsável pela Biblioteca da escola, que colabora com a Biblioteca do agrupamento, junto da bibliotecária, foi à sala para elogiar os alunos, dizendo-lhes que o seu trabalho tinha sido muito apreciado na Escola EB2/3, que é a sede do Agrupamento.

«Fomos interrompidos pela professora Elvira⁵, que nos disse: **“Olá, meninos! Estão todos de parabéns... Vi as vossa histórias...estão muito bonitas, vocês sabem ler muito bem.”** **“Viste o blogue do agrupamento?”** perguntei. **“...Vi a bibliotecária a trabalhar com uns alunos do 3º Ciclo. Esteve a mostrar-lhes os livros feitos pelos teus meninos...”** respondeu. **“E, estiveram a ouvir as histórias?”** perguntou a Teresa. **“Sim, e estavam com muita atenção”** respondeu a professora. **“E tu? Gostaste?”** perguntou o Gil. **“Está muito engraçado, vejo que os meninos trabalham muito, parabéns”** respondeu dirigindo-se para a turma. Todos sorriram, olhando uns para os outros com um ar envergonhado mas satisfeito. Daí, circulou pela sala observando o que estávamos a fazer. A Lurdes e a Sofia mostraram-lhe as ilustrações que estavam a fazer sobre “D.Quixote e as velas do Moinho”. A Isabel, o Carlos, o Hugo e o Mateus mostraram-lhe o texto que estavam a preparar para gravarem o diálogo. A Francisca e a Sandra mostraram que estavam a ajudar o Manuel e o Gaspar a ilustrar a história. Senti que a turma ficou animada de ver que alguém que eles não conheciam bem tinha visto os seus trabalhos. Daí, a Joana perguntou: **“Podemos ver as histórias no blogue do agrupamento?”** **“Claro que sim....Quem quer ligar o computador e abrir a net?”** O Luís e o Frederico prontificaram-se. O Rui e a Bruna juntaram-se ao grupo e pediram-me para escrever no papel o nome do blogue para procurar. Abriu-se o blogue e vimos os trabalhos. Estivemos a escutar de novo as histórias a pedido do Luís. A Teresa alertou-nos: **“Temos um comentário!”** Pedi à Teresa para o ler: **“Excelente trabalho! Parabéns à turma 2ºB e à professora Margarida!”**»

(Diário de Bordo, 20 de abril de 2012)

⁵ Nome fictício.

«Quando entrei na sala disse à turma: *“Parece que temos outro comentário no blogue do agrupamento”* *“Vamos ver...”* disse a turma. Cada grupo abriu a internet e escreveu Bibliotequices da Lindley e procurou-se os trabalhos dos PowerPoint para vermos os comentários. A Bruna leu para a turma: *“Estão de parabéns!”* *“Foi a D. Filomena⁶...”* *“foi, professora?”* perguntou o Mateus. *“sim, foi e parece que gostou...”* respondi. O Mateus e outros ficaram satisfeitos de ver que alguém que eles conheciam também tinha visto o trabalho deles.

Daí, o Gil e o Carlos pediram para ir ter com ela, pois estava na biblioteca da escola. Lá foram, juntou-se o Frederico, a Lurdes e a Joana e estiveram a conversar sobre o assunto. Regressaram à sala muito orgulhosos.»

(Diário de Bordo, 27 de abril de 2012)

4.12. O desenvolvimento de uma postura mais madura

Para além destes trabalhos, os alunos continuaram a escrever os seus textos, mesmo os alunos com mais dificuldades, e a querer realizar atividades noutras áreas, para poderem tornar o blogue diversificado e para conseguirem mostrar que estavam a progredir em todas as áreas.

No que diz respeito às atividades matemáticas, a postura dos alunos mudou completamente, o que permitiu uma aprendizagem mais fácil. Como já referimos, uma vez que a matemática exige esforço, concentração e capacidade de enfrentar o erro, muitos alunos tinham um mau desempenho, pois não se concentravam e, quando erravam os cálculos, bloqueavam, ficavam frustrados e já não queriam tentar de novo. Ao longo do segundo período, especialmente depois de se terem criado vários ficheiros PowerPoint com as gravações (que implicaram enfrentar as falhas e fazer várias tentativas até ficar tudo bem), os alunos passaram a lidar melhor com o erro. Quando erravam os cálculos matemáticos já se riam e tentavam de novo, chegando por vezes a perguntar a outros colegas como tinham feito. Também já não ficavam apreensivos quando aprendiam algo novo. Pelo contrário, ficavam curiosos e atentos. Por isso, durante a Semana da Matemática do Agrupamento os alunos tiveram uma boa prestação. Participaram nas várias atividades, aceitaram naturalmente terem perdido nos jogos do Campeonato da Matemática, sem se mostrarem frustrados e fazerem birras, como alguns costumavam fazer. Um dos alunos da turma ganhou inclusivamente o

⁶ Nome fictício de uma Assistente Administrativa do Agrupamento que no até ao segundo período tinha sido Assistente Operacional na escola.

Campeonato do 2.º ano de escolaridade do Agrupamento, integrando a equipa que participou no 8º Campeonato Nacional de Jogos Matemáticos, em Coimbra. Por isso, os alunos quiseram fazer referência no blogue não só à Semana da Matemática como às outras atividades matemáticas realizadas na aula, como a construção de frisos matemáticos com figuras geométricas e alguns jogos de cálculo, entre outras.

O tipo de comentários feitos pelos alunos também se foi alterando ao longo do segundo período. Até meio do ano letivo, os comentários feitos aos trabalhos incluídos no blogue eram sempre elogios que destacavam os aspetos positivos de cada trabalho. Mais perto do final do segundo período, alguns alunos começaram a fazer também comentários referentes a algumas falhas que encontravam nos trabalhos, como algum erro ortográfico ou de digitação do texto, ou alguma falha de estrutura dos textos. Também conseguiram apresentar sugestões para fazer melhorias, por exemplo sugerindo uma conclusão para um texto. No seguimento dessas observações houve trabalhos que foram retirados do blogue, reformulados pelos seus autores e colocados lá de novo, já corrigidos. A maioria dos alunos ainda não revelava a capacidade de fazer esses comentários, mas vários já o conseguiram fazer e de uma forma que não ofendeu os colegas, mas que os incentivou a fazer as referidas melhorias.

Assim, no final do segundo período o progresso dos alunos foi muito significativo. Os nove alunos que estavam a frequentar normalmente o segundo ano de escolaridade tiveram um bom desempenho nas provas de avaliação sumativa do final do período, cinco dos alunos com Plano de Recuperação já sabiam ler e começavam a escrever pequenas frases, realizando corretamente os exercícios matemáticos e as atividades de estudo do Meio, e dois dos alunos NEE já começavam a ler, realizando com aproveitamento as atividades previstas no seu Plano Educativo Individual nas diferentes áreas. Apenas dois dos alunos NEE (o Manuel e o Frederico) não conseguiam ainda ler, devido à sua problemática, embora também tivessem evidenciado progressos, empenhando-se na realização das tarefas propostas. Sobretudo, já não se isolavam da turma e desenvolviam animadamente atividades adequadas ao seu nível de aprendizagem, querendo colocá-las no blogue.

4.13. A autorregulação das aprendizagens

O terceiro período permitiu consolidar o trabalho desenvolvido nos dois períodos anteriores no que diz respeito à autonomia dos alunos, ao domínio da Língua Portuguesa, à sua atitude perante o trabalho e os outros e ao desenvolvimento de competências nas diferentes áreas curriculares.

A maioria dos alunos conseguiu trabalhar de forma autónoma, realizando as tarefas propostas de acordo com o seu nível de aprendizagem, mas sempre tentando resolvê-las por si próprios antes de pedirem o apoio da professora para ultrapassar as dificuldades que iam surgindo. Essa autonomia foi visível na escrita de textos. Os alunos criavam os seus textos no caderno e reformulavam-nos antes de os mostrarem à professora. Quando utilizavam o Word, nos dias em que tinham acesso aos computadores, já escreviam muitas vezes diretamente no Word, apoiando-se no corretor ortográfico para encontrarem as suas falhas e para as tentarem corrigir. Outras vezes os alunos pediam ajuda à professora (Fernandes, 2009) para reformularem os textos pois não conseguiam corrigir as falhas por si próprios, mas já tinham consciência do que precisava ser corrigido. Por exemplo, os alunos que já tinham desenvolvido uma maior competência de escrita já se sentiam incomodados com a repetição de palavras que acontece muitas vezes nos primeiros textos que as crianças escrevem, mas não encontravam alternativas. A professora aproveitou essa necessidade para lhes ensinar a usar o dicionário de sinónimos incorporado no Word. Os alunos acharam esta ferramenta muito útil e todos tentaram fazer uso dela. Mesmo os alunos com mais dificuldades quiseram usar esse dicionário de sinónimos para melhorar os seus textos procurando sugestões para substituir alguns vocábulos mais comuns por outros que não usavam habitualmente, como substituir “bonito” por “belo”. Assim, tornaram-se capazes de escrever textos bastante longos para alunos do 2.º ano de escolaridade, como podemos ver nos exemplos seguintes:

Imagem 15: Exemplos de textos escritos no terceiro período

Texto escrito



A PRINCESA BAIXINHA

Era uma vez uma princesa muito bonita mas era muito muito baixinha.

Os meninos na aldeia gozavam com ela por ela ser tão baixinha.

A princesa chorava muito.

Ela foi pedir ajuda a avó. A avó ajudou a princesa a fazer uma mala para uma viagem.

A princesa decidiu viajar para longe.

Na viagem ela teve que ajudar muitas pessoas e as pessoas começaram a gostar dela.

Um dia quando ela voltou da viagem todos gritavam:

-Viva a Princesa.

(Trabalho realizado pela Francisca)

A FESTA

Pintar as máscaras



Hoje estivemos a trabalhar para acabarmos as

máscaras que vamos usar na festa da escola.

Eu ajudei a pintar as máscaras e foi muito divertido.

Sujei um pouco as mãos mas não faz mal.

As máscaras ficaram muito bonitas.

Vamos cantar a canção dos animais e vamos pôr as máscaras na cara para fingirmos que somos animais.

A minha máscara vai ser a abelha.



(Trabalho realizado pela Teresa)

Ao selecionarem os seus trabalhos e ao explicarem aos colegas as razões da sua escolha, os alunos mostraram ter mais consciência das aprendizagens que já tinham realizado e dos aspetos que ainda precisavam melhorar (Galvão Filho, 2002; Santos, 2002). Assim, antes do Apoio ao Estudo, a professora e os alunos conversavam uns minutos para decidir o que iria ser trabalhado nessa aula e muitos alunos já escolhiam o que queriam trabalhar. Já diziam “ainda não sei fazer isto ou aquilo bem, por isso hoje vou trabalhar nisso”, fosse ao nível da Língua Portuguesa, da Matemática, do Estudo do Meio ou das Expressões. Para promover essa capacidade de refletir no já aprendido e no que faltava aprender, a professora solicitou aos alunos que aprofundassem um pouco mais as justificações que apresentavam por escrito para a seleção das atividades a incluir no blogue. Deveriam ir para além da indicação de que tinham gostado daquela atividade porque tinham aprendido algo, mas deveriam ser capazes de explicar de forma mais concreta o que tinham aprendido e tentar apontar aspetos que tinham se ser aprimorados (Eyssautier-Bavay, 2004). Por se tratar de crianças com apenas sete anos, este tipo de reflexão exigia esforço, mas os alunos esforçaram-se por apresentar este tipo de reflexões:

- «- Aprendi a gravar a minha apresentação. É muito difícil estar quieta enquanto falo. Tenho que melhorar. Mas gostei muito de ter conseguido gravar. Falei alto e todos percebem o que digo.
- Eu escolhi este trabalho para mostrar que já sei escrever bem. Mas preciso de praticar mais a escrita.
- Aprendi a gravar. Aprendi que devo falar alto e bem. As pessoas precisam de perceber o que estou a dizer.
- Aprendi a contar um conto. Tenho que me concentrar.
- Aprendi a gravar as minhas ideias, os meus sentimentos. É muito difícil. Tenho que experimentar mais vezes.
- Aprendi a fazer gravações. Não é fácil falar para a câmara, mas tentei e consegui. Tenho que melhorar. Tenho que falar mais alto.
- Já aprendi a escrever textos. Tenho que escrever muito para poder escrever ainda melhor.»

Um dos aspetos importantes era que os alunos aprendessem a publicar as mensagens no blogue, para poderem fazê-lo sem a ajuda de ninguém. No entanto, como já referimos, a Internet da escola falhava muitas vezes e tinha pouca velocidade, por isso conseguia-se consultar o blogue e fazer pesquisas, mas nem sempre se conseguia publicar as mensagens ou os comentários. Mesmo assim, todos os alunos tentaram colocar mensagens com a ajuda da professora. Conseguiram perceber como funcionava, mas não se sentiam seguros a fazê-lo sozinhos, pois tinham receio de estragar algo

devido às várias informações de erro que iam surgindo. Quando a professora levava o seu computador e a sua banda larga móvel, era mais fácil fazer essa inserção, mas ficávamos limitados a um computador para dezassete alunos, o que dificultava a tarefa. Por isso, a maior parte das mensagens teve de ser publicada pela professora, em casa, copiando e colando as mensagens criadas pelos alunos no Word.

Para responsabilizar os alunos pelas suas aprendizagens, a professora solicitou aos alunos que escolhessem as atividades que preferiam fazer para colocar no blogue. O objetivo não seria o de selecionar para o blogue as atividades já realizadas, mas que propusessem eles próprios as atividades a realizar, de acordo com os seus interesses. Alguns propuseram atividades de expressão plástica, outros preferiram pequenas experiências de ciências e vários quiseram fazer mais gravações. A professora organizou então as atividades de modo a corresponder a estas escolhas. Quanto às gravações, decidiu-se introduzir uma novidade. Em vez de serem exercícios de leitura expressiva, os alunos deveriam tentar falar para a câmara sobre um assunto à sua escolha. Uns quiseram contar uma história, mas outros preferiram falar sobre a escola ou sobre a família. Foi um exercício difícil, que teve de ser repetido várias vezes, mas os alunos conseguiram falar em público, conscientes de que estavam a ser gravados e de que iriam ser vistos por outros, o que foi um progresso significativo.

4.14. A aceitação das diferenças

Ao longo do ano letivo, os alunos foram mostrando um respeito cada vez maior pela diferença (Wade, Abrami & Sclater, 2005), compreendendo que nem todos são capazes de fazer o mesmo, ao mesmo ritmo. Os alunos com melhor aproveitamento perceberam que os colegas estavam a esforçar-se e que um trabalho mais simples não era resultado da sua preguiça, por isso apoiaram os colegas na sua aprendizagem, como podemos ver nas situações seguintes:

«Durante a atividade de escrita, estiveram todos muito sossegados. A Joana escreveu um texto sobre uma vaca, só com duas frases: A vaca é muito grande. A vaca é preta e branca. Pegou no caderno e foi ter com o Gil. Perguntou-lhe: **“Gostas?”** Ele respondeu: **“Está muito bem.”** **“Vou pôr no blogue”** continuou ela. Então o Gil disse-lhe: **“Põe mais uma frase. Diz o que é que a vaca come.”** A Joana voltou ao lugar e esteve a escrever durante muito tempo. Depois voltou a mostrar o texto ao Gil e ele disse-lhe que estava muito bem.»

(Diário de Bordo, 27 de abril de 2012)

Imagem 16: Texto escrito por uma aluna com a cooperação de outro colega

Texto escrito



A VACA

A vaca é muito grande.
A vaca é preta e branca.
Ela come erva.
A vaca dá leite.

Lisboa, 4 de maio de 2012

Reflexão:

Eu gostei de escrever este texto sobre a vaca. Foi difícil escrever.

(texto escrito pela Joana)

Para além dos elogios aos trabalhos que os alunos NEE eram capazes de fazer, os alunos passaram a incluir por vontade própria os alunos NEE nos seus grupos de trabalho. Por exemplo, na realização de uma experiência de ciências com a germinação de feijões, uma das alunas que só aprendeu a ler e a escrever neste ano letivo convidou um dos alunos NEE para ser o seu par de trabalho. Foi ela que escreveu duas pequenas frases para explicar a atividade e fez um desenho como ilustração. Depois entregou o desenho ao aluno NEE para ele o pintar porque era uma das atividades que este conseguia fazer melhor, o que o fez sentir um elemento útil do grupo (na página seguinte).

Outra aluna que costumava fazer troça dos colegas e que provocava conflitos por causa disso, mudou também de atitude. Numa das aulas, por exemplo, convidou um dos alunos NEE para ser o seu parceiro num jogo matemático e estiveram tranquilamente a jogar, aceitando inclusivamente ter perdido algumas partidas com este aluno.

Imagem 17: Atividade realizada colaborativamente

As sementes**Reflexão:**

**Nós escolhemos este trabalho porque aprendemos a semear sementes.
Queremos mostrar como as plantas crescem.**

Lisboa, 11 de abril de 2012

(atividade realizada em conjunto pela Lurdes e pelo Manuel)

Também foi interessante ver a cooperação que se estabeleceu com os colegas. Por exemplo, na realização da atividade final dois dos alunos NEE, um dos quais não aprendeu a ler nem a escrever, juntaram-se para tentar escrever algo. Então uma das alunas que também só aprendeu a ler e a escrever neste ano letivo juntou-se a eles para os ajudar e construíram os três um texto comum.

Imagem 18: Atividade realizada colaborativamente

O nosso projeto**Reflexão Final:**

Aprendemos a escrever no word.

Aprendemos a trabalhar em grupo.

Aprendemos a estar mais calmos e mais atentos.

Foi muito divertido termos feito o nosso blogue.

(texto do Frederico, da Joana e do Luís)

4.15. O final das atividades no blogue: balanço das atividades

Tal como referimos no início do capítulo, o desenvolvimento do blogue estendeu-se até 18 de maio. Assim, na semana anterior fez-se um balanço do trabalho desenvolvido. Todos os alunos afirmaram que tinham gostado muito de construir o blogue, de partilhar os seus trabalhos com os colegas e de ver os trabalhos dos outros. Apreciaram ter aprendido a usar o computador e a fazer uso da Internet para procurar informações e divulgar as suas atividades, mesmo a pessoas que não conheciam, recebendo comentários. Apresentamos de seguida alguns exemplos dos textos finais escritos pelos alunos.

Imagem 19: Exemplos das reflexões finais dos alunos

O nosso projeto

REFLEXÃO FINAL


Eu gostei muito de ter feito o nosso blogue. Gostei muito de ter aprendido a trabalhar no computador. Gostei mais das histórias no Powerpoint. Também gostei muito de ter trabalhado com a professora e os meus colegas.



Lisboa, 18 de maio de 2012

(texto da Bruna)

O nosso projeto



O Blogue

Aprendi muitas coisas novas.
Aprendi a desenhar no paint e a escrever no word.
Fiz trabalhos no powerpoint.
O que mais gostei foi de ver os meus trabalhos no blogue.
Acho engraçado quando a minha mãe vê os meus trabalhos colocados na minha pasta.

Lisboa, 18 de maio de 2012

(texto da Francisca)

O nosso projeto



REFLEXÃO FINAL

Aprendi muitas coisas com o meu computador.
Aprendi a escrever no word, a escrever histórias no powerpoint, a gravar a minha leitura.
Gosto muito do nosso blogue.
Consigo mostrar os meus trabalhos a todos e consigo ver os trabalhos dos meus colegas.
Também consegui fazer comentários aos trabalhos dos meus colegas.

Lisboa, 18 de maio de 2012

(texto da Isabel)

O nosso projeto



O Blogue

Reflexão Final

Aprendi a escrever no word. Aprendi a ler muito bem.
Aprendi a gravar a minha leitura.
Agora tenho que melhorar a minha escrita.
Gostei muito de mostrar os meus trabalhos colocados no blogue.

Lisboa, 18 de maio de 2012

(texto do Mateus)

O nosso projeto



Reflexão final

Aprendi a trabalhar no computador.
 Já sei escrever no word, a guardar os trabalhos nos meus documentos.
 Aprendi a contar histórias no powerpoint e a fazer gravações da minha leitura.
 O que mais gostei foi de mostrar os meus trabalhos à minha família.
 Gostei muito de ver a minha história no blogue do agrupamento.
 Foi muito engraçado este ano.

(texto do Rui)

O nosso projeto



REFLEXÃO FINAL

Gostei muito de termos construído o no eportefólio.
 Aprendi a guardar os meus trabalhos nos meus documentos.

Consegui a fazer gravações das minhas leituras.
 Aprendi a fazer histórias com o powerpoint.
 As gravações são muito difíceis, mas quero continuar.
 O que mais gostei foi de a minha mãe ver os meus trabalhos no eportefólio e ter feito comentários.

Gostei muito de ter escolhido o nome para o nosso eportefólio de turma: *Sapinho Tesouro*

Lisboa, 18 de maio de 2012

(texto do Carlos)

O nosso projeto

Reflexão final

Eu gostei muito do nosso eportefólio.
 Tem trabalhos de todos os colegas.
 Eu aprendi muito.



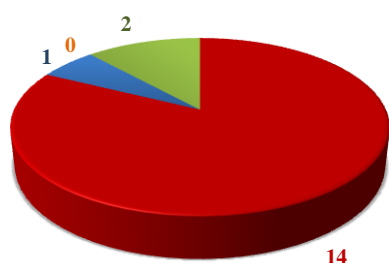
Aprendi a escrever, a ler, a fazer ilustrações e a gravar.
 O que mais gostei foi das histórias no powerpoint.
 Também gostei de escrever no word.
 Gosto muito de ver os trabalhos das minhas amigas.

(texto da Sandra)

4.16. A evolução dos alunos

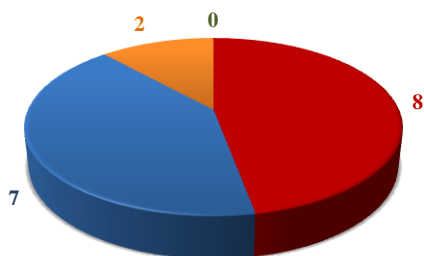
Ao longo do ano letivo, a evolução dos alunos foi evidente nas diferentes áreas. O seu domínio escrito e oral da língua portuguesa evoluiu significativamente, tendo todos os alunos (exceto os dois alunos NEE já referidos, por questões ligadas à sua problemática) aprendido a ler e a escrever. Os que já sabiam ler e escrever criaram igualmente um maior à-vontade. Também se verificou uma evolução muito positiva na sua capacidade de falar em público e de ler em voz alta. Os gráficos seguintes mostram a situação que se verificava no final do ano (Anexo III; cf. 3.4.).

1. Domínio da leitura



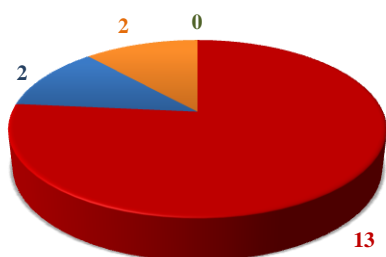
- Lê corretamente.
- Lê com algumas dificuldades, não dominando os casos de leitura.
- Lê com muitas dificuldades, não conhecendo ainda todas as letras.
- Não lê.

2. Domínio da escrita



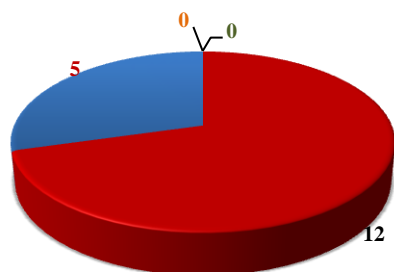
- Escreve pequenos textos, bem organizados, bem redigidos e com conteúdo rico.
- Escreve pequenos textos, com frases simples e algumas incorreções.
- Escreve apenas algumas palavras.
- Não escreve.

3. Leitura em voz alta



- Lê corretamente em voz alta, sem hesitações.
- Lê corretamente em voz alta, mas com hesitações.
- Lê em voz alta com muitas hesitações, não concluindo a leitura de todo o texto ou frase.
- Não lê em voz alta.

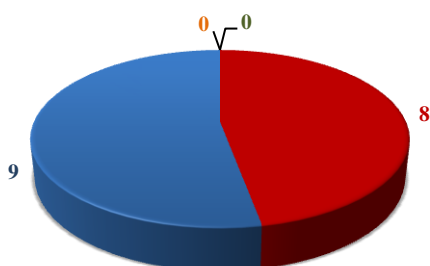
4. Falar em público



- Expõe as suas ideias perante a turma, com à-vontade e determinação.
- Expõe as suas ideias perante a turma, mas com hesitações.
- Tem muitas dificuldades em expor as suas ideias perante a turma, limitando-se a dizer algumas palavras.
- Não fala perante a turma.

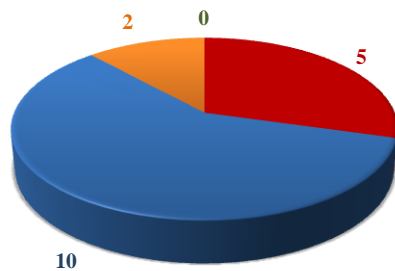
No domínio da matemática, também se verificou uma evolução significativa dos alunos, sendo os alunos capazes de realizar as operações matemáticas previstas para o seu ano de escolaridade ou plano educativo individual (de acordo com os casos). Um dos aspetos que mais se sentiu foi a melhoria na capacidade de concentração dos alunos e na sua disponibilidade para enfrentar aprendizagens novas, o que permitiu que ultrapassassem as dificuldades que sentiam anteriormente e progredissem nesta área curricular, como podemos ver nos gráficos seguintes (Anexo 3; cf. 3.4.).

5. Domínio das operações matemáticas de adição e subtração



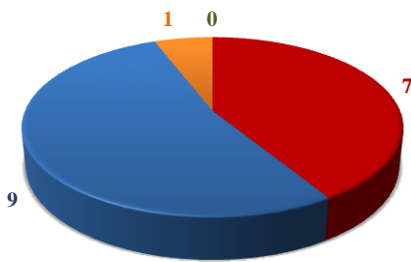
- Realiza corretamente operações de adição e subtração, com poucas ou nenhuma falhas.
- Realiza operações de adição e subtração, com algumas falhas.
- Realiza operações de adição e subtração, com muitas falhas.
- Não realiza operações de adição e subtração.

6. Resolução de problemas matemáticos



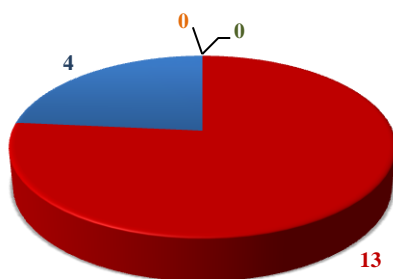
- Resolve problemas com correção, tentando encontrar as melhores estratégias.
- Resolve problemas com correção, depois de se discutir estratégias em grupo.
- Tenta resolver os problemas de forma precipitada, errando frequentemente o resultado.
- Não tenta resolver os problemas.

7. Cálculo mental



- Efetua mentalmente os cálculos necessários à resolução dos exercícios, sem recorrer ao registo escrito.
- Efetua mentalmente os cálculos necessários à resolução dos exercícios, recorrendo esporadicamente ao registo escrito.
- Efetua alguns cálculos mentais para resolver os exercícios, recorrendo frequentemente ao registo escrito.
- Não efetua cálculos mentais para resolver os exercícios, usando sempre o registo escrito.

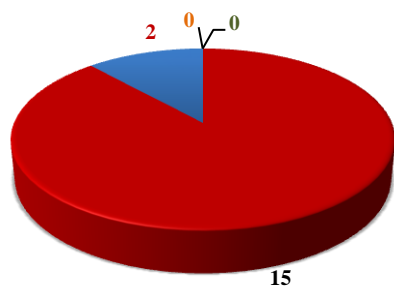
8. Uso de estratégias em jogos matemáticos



- Reflete cuidadosamente antes de efetuar uma jogada, escolhendo a melhor estratégia.
- Reflete um pouco antes de efetuar uma jogada escolhendo por vezes boas estratégias .
- Reflete um pouco antes de efetuar uma jogada, mas não consegue encontrar uma boa estratégia de jogo.
- Efetua jogadas por acaso, sem refletir na opção tomada.

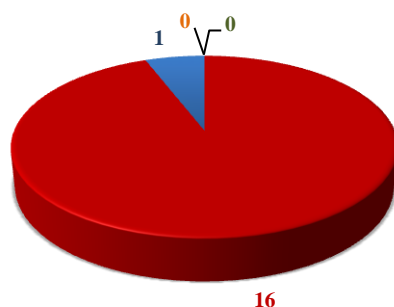
A evolução sentida nas áreas curriculares de Língua Portuguesa e de Matemática resultou em grande parte da alteração das atitudes dos alunos face à aprendizagem. Essa transformação é, talvez, um dos aspetos mais impressionantes da evolução dos alunos. Tanto os alunos com um bom nível de aprendizagem como aqueles que revelavam mais dificuldades inicialmente evoluíram muito, sendo capazes de regular o seu trabalho e de o analisar criticamente. Os próprios alunos NEE se mostraram capazes de olhar para o seu trabalho e o corrigir. O espírito de entreajuda e aceitação das diferenças também se desenvolveram significativamente, criando-se um clima de trabalho e de camaradagem muito agradável entre os alunos. Os gráficos seguintes ilustram a situação da turma no final do ano letivo (Anexo 3; cf. 3.4.).

9. Autoavaliação



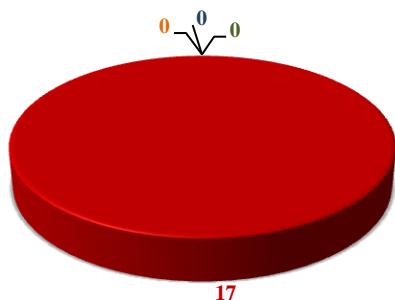
- Analisa o seu trabalho, conseguindo detetar os pontos fracos e fortes e procedendo a muitas das alterações necessárias.
- Analisa o seu trabalho, conseguindo detetar os pontos fracos e fortes, mas precisando de ajuda para efetuar correções.
- Analisa brevemente o seu trabalho, mas não consegue encontrar falhas.
- Não analisa o trabalho realizado.

10. Autonomia



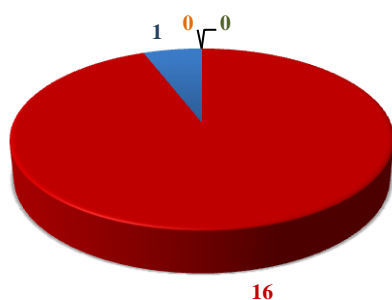
- Realiza as atividades sem necessitar da ajuda do professor, tentando autocorriger-se e ultrapassar as dificuldades sozinho.
- Tenta realizar as atividades sem a ajuda do professor, procurando o seu apoio para ultrapassar as dificuldades sentidas.
- Realiza as atividades solicitando a ajuda frequente do professor para realizar as tarefas.
- Só realiza as tarefas quando o professor o ajuda, interrompendo a realização da atividade quando o professor se afasta.

11. Espírito crítico



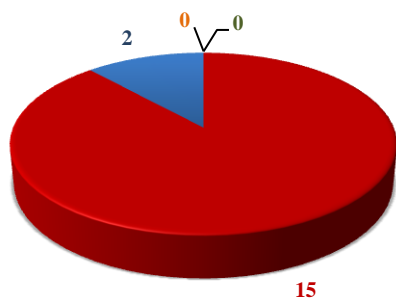
- Reflete sobre as atividades desenvolvidas, destacando as aprendizagens realizadas e apresentando sugestões para melhorar.
- Reflete sobre as atividades desenvolvidas, destacando as aprendizagens realizadas.
- Raramente reflete sobre as atividades desenvolvidas, destacando apenas os aspetos positivos de tarefas que considerou divertidas.
- Não reflete sobre as atividades desenvolvidas.

12. Desejo de aprender



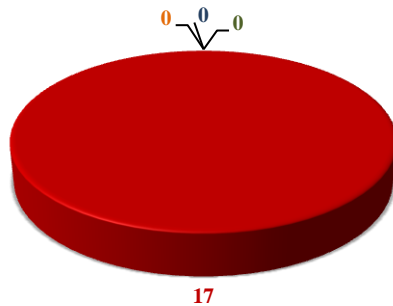
- Fica animado perante novas aprendizagens, mostrando-se atento, empenhado nas atividades propostas e colocando questões.
- Perante novas aprendizagens, mostra-se atento e empenhado nas atividades propostas.
- Não mostra interesse em realizar novas aprendizagens, distraído-se e realizando as atividades propostas de forma incompleta.
- Não mostra interesse em realizar novas aprendizagens, realizando as tarefas propostas de forma contrariada.

13. Concentração



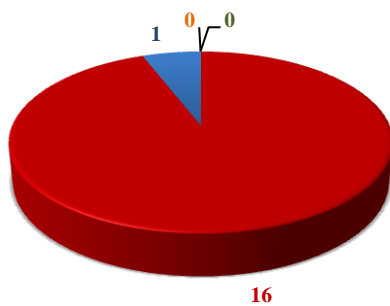
- Mantém-se quase sempre concentrado durante a realização das atividades e ouve atentamente o professor e os colegas.
- Mantém-se concentrado durante a realização das atividades e ouve atentamente o professor, embora se distraia por vezes.
- Distrai-se frequentemente durante a realização das atividades e as intervenções do professor, nem sempre concluindo a tarefa em curso.
- Só consegue manter-se concentrado durante a realização da tarefa e as intervenções do professor por breves momentos,

14. Cumprimento de regras



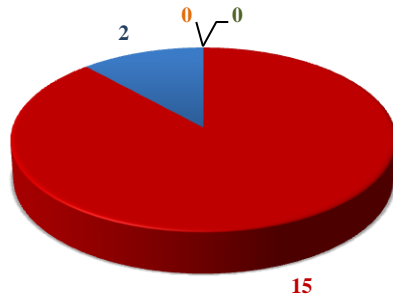
- Cumpre espontaneamente as regras de funcionamento da sala de aula e as instruções para a realização das atividades.
- Cumpre as regras de funcionamento da sala de aula e as instruções para a realização das atividades, tendo por vezes de ser advertido.
- Só cumpre as regras de funcionamento da sala de aula e as instruções para a realização das atividades, por insistência do professor.
- Não cumpre as regras de funcionamento da sala de aula e as instruções para a realização das atividades.

15. Confiança



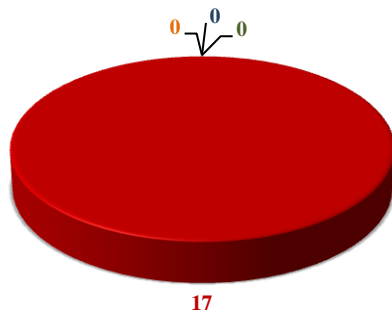
- Enfrenta as novas aprendizagens com confiança de que conseguirá realizar as atividades propostas.
- Enfrenta as novas aprendizagens com confiança, embora evidencie alguma ansiedade ao realizar as atividades propostas.
- Realiza as tarefas propostas, mas de forma hesitante, precisando constantemente de reforço positivo do professor.
- Apesar do reforço positivo, realiza as tarefas de forma hesitante, não querendo mostrar os trabalhos a outros para além do professor.

16. Resistência à frustração



- Reage tranquilamente perante situações imprevistas e enfrenta calmamente os seus erros, esforçando-se para ultrapassar os obstáculos encontrados.
- Reage tranquilamente perante situações imprevistas e enfrenta os seus erros com algum nervosismo, mas tenta ultrapassar os obstáculos encontrados.
- Fica desanimado perante situações imprevistas e não aceita os seus erros, abandonando a tarefa e não tentando ultrapassar os obstáculos encontrados.
- Reage agressivamente perante situações imprevistas e não aceita os seus erros, reagindo de forma intempestiva, abandonando a tarefa e não tentando ultrapassar os obstáculos encontrados.

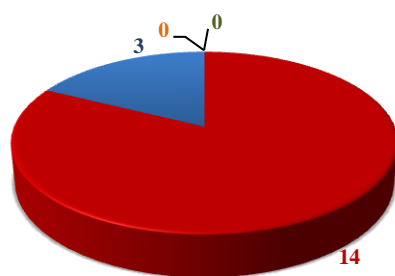
17. Aceitação da diferença



- Compreende que nem todos os alunos evidenciam as mesmas capacidades nem realizam as mesmas atividades da mesma forma, elogiando os colegas pelas suas realizações.
- Compreende que nem todos os alunos evidenciam as mesmas capacidades nem realizam as mesmas atividades da mesma forma.
- Não aceita que outros colegas realizem atividades diferentes de acordo com as suas capacidades, querendo também realizar as atividades que considera mais simples.
- Não aceita as diferenças, fazendo troça dos colegas.

Finalmente, o trabalho desenvolvido ao longo do ano promoveu a literacia digital dos alunos, como se percebe pelo gráfico abaixo. Começaram a usar autonomamente programas como o Paint, o Word e o PowerPoint, explorando por sua iniciativa os comandos existentes. Sobretudo no que diz respeito ao Word, tornaram-se capazes de usar as ferramentas de correção automática para fazer uma autoavaliação dos seus textos. O PowerPoint e os *podcasts* promoveram a criatividade dos alunos e motivaram-nos para melhorar a sua capacidade de ler e de escrever. Os alunos também passaram a evidenciar uma boa capacidade de recorrer à Internet e de procurar informação, bem como de usar uma ferramenta de aprendizagem como o blogue, o que foi muito significativo, sobretudo considerando que nenhum aluno tinha usado ainda um computador no início do ano letivo (Anexo 3; cf. 3.4.).

18. Domínio das TIC



- Utiliza autonomamente software variado para trabalho e lazer. Utiliza a Web para pesquisas, divulgação e comunicação.
- Utiliza software variado para trabalho e lazer e utiliza a Web para pesquisas, divulgação e comunicação, precisando de apoio constante.
- Utiliza o computador como instrumento de lazer, não utilizando a Web.
- Não sabe usar o computador nem a Web.

Conclusões

Promover as aprendizagens de todos os alunos numa turma é sempre uma tarefa difícil, pois as turmas são frequentemente muito heterogéneas, compostas por alunos com bom desempenho a par de outros com dificuldades de aprendizagem, incluindo alunos com Necessidades Educativas Especiais, alguns deles com adaptações curriculares. No entanto, a escola deve ser capaz de promover o sucesso dos alunos com mais dificuldades ao mesmo tempo que estimula os melhores alunos a progredirem e a usarem plenamente as suas capacidades.

A bibliografia consultada apontou para um contributo positivo da integração das TIC no processo de ensino aprendizagem, aliada a uma pedagogia socioconstrutivista e à avaliação formativa dos alunos. Assim, no ano letivo 2011/2012, desenvolvemos com os alunos de uma turma do 2.º ano de escolaridade um projeto de criação de um blogue com o objetivo de investigar o contributo dessa utilização das TIC na promoção das aprendizagens dos alunos desta turma.

Como professora titular da turma, assumimos o duplo papel de investigadora e professora, o que nos levantou algumas dificuldades. Em primeiro lugar, por termos de trabalhar com os alunos e acompanhar de perto as atividades que iam desenvolvendo, era impossível registar no Diário de Bordo as diferentes situações no momento exato em que aconteciam. Para evitar esquecimentos, sempre que algo nos parecia importante escrevíamos rapidamente um tópico num caderno, para não nos esquecermos dele. Então, no intervalo do lanche ou do almoço e no fim das aulas desse dia fazíamos um registo mais completo no Diário de Bordo. Tentámos, assim, fazer esse registo o mais cedo possível enquanto a memória dos acontecimentos ainda estivesse bem viva. Além disso, exercemos um esforço de distanciamento na recolha de dados, refinando de forma sistemática o nosso olhar (Coutinho *et al*, 2009), e fazendo no Diário de Bordo um registo tão detalhado e objetivo quanto possível (Bogdan & Biklen, 1994), que refletisse não os nossos pontos de vista, mas incluísse expressões usadas pelos próprios alunos, que poderiam ser úteis numa interpretação mais objetiva dos dados. O envolvimento dos alunos nas atividades e o seu espírito de cooperação uns com os outros foi também documentado em fotografias e a sua opinião ficou expressa nos textos finais que elaboraram individualmente ou em grupo, o que permitiu completar os dados recolhidos pela nossa observação.

A questão a que pretendemos responder com esta investigação foi:

“Que contributo traz o blogue para a promoção das aprendizagens dos alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico?”

Também se pretendeu atingir os objetivos seguintes:

- perceber se e de que forma a utilização do blogue promove a aprendizagem dos alunos nas diferentes áreas;

- compreender o contributo do blogue para a avaliação formativa, a autoavaliação e a autorregulação das aprendizagens, fomentando a autonomia dos alunos;

- verificar se e de que modo a integração do blogue nas atividades letivas contribui para a partilha das aprendizagens.

A investigação desenvolvida permitiu concluir que o blogue teve um impacto positivo nas aprendizagens dos alunos da turma 2B nas diferentes áreas e na sua postura como alunos, correspondendo aos contributos apontados na bibliografia referida nos capítulos 1 e 2 desta dissertação. Como referimos no capítulo 3, tratava-se de uma turma com muitas dificuldades, tanto no que diz respeito às áreas curriculares da Língua Portuguesa e da Matemática, como às competências gerais, ao comportamento e à sua atitude perante os outros e o trabalho. No ano letivo anterior e no início do ano letivo 2011/2012, a maioria dos alunos mostrava pouco interesse pela aprendizagem. Com a criação do blogue, a sua atitude foi mudando. Todos se esforçaram por participar nas tarefas propostas para poderem colocar algo no blogue. A visibilidade do blogue funcionou como um estímulo para a aprendizagem, pois os alunos não estavam a trabalhar para apresentar um trabalho à professora, mas estavam a fazê-lo para mostrar a toda a turma e para contribuir para a construção de um projeto comum (Coutinho & Alves, 2010). Desta forma, foi possível dar um significado às suas aprendizagens.

De facto, os alunos mostravam interesse em aprender a usar o Word, o Paint e o PowerPoint para terem ferramentas para construir trabalhos mais interessantes para colocar no blogue. Também navegaram na Web para conseguirem encontrar as melhores imagens para embelezar os seus trabalhos, para explorar o blogue e para escrever e ler comentários (Carvalho *et al*, 2006; Coutinho & Bottentuit Junior, 2007). Para poderem escrever os textos a colocar no blogue e para poderem participar na criação de ficheiros PowerPoint com a gravação das leituras, muitos dos alunos que não sabiam ler esforçaram-se em aprender a ler e fizeram-no a um ritmo muito mais rápido do que o esperado. Os próprios alunos NEE, que não queriam ir para além daquilo que

dominavam melhor, fizeram um esforço para enfrentar novas aprendizagens, tendo mesmo dois deles conseguido aprender a ler. Os outros dois alunos NEE não aprenderam a ler, atendendo à sua problemática, mas também evidenciaram progressos.

A aprendizagem das TIC esteve ao serviço das aprendizagens dos alunos. Eles não aprenderam a usar as TIC como um fim em si, mas para poderem melhorar as suas aprendizagens (Amante, 2007). O Word permitiu promover a aprendizagem da escrita, levando os alunos a prestarem mais atenção tanto ao conteúdo como à forma dos seus textos e usando as ferramentas incluídas no processador de texto, como o corretor ortográfico e gramatical e o dicionário de sinónimos (MacArthur, 1996). O Paint permitiu estimular a sua criatividade e explorar as figuras geométricas (Amante, 2007). O PowerPoint promoveu também a criatividade e a aprendizagem da leitura, sobretudo por permitir a inclusão de *podcasts* que levaram os alunos com mais dificuldades a quererem aprender a ler (Santos, 2006; Miranda, 2007; Marques & Reis, 2011). O uso da Internet estimulou a sua curiosidade e levou-os a compreender que se pode ter acesso a informações diversificadas, que se pode divulgar o seu trabalho e partilhar o conhecimento com outros e também que se pode comunicar com outros, como aconteceu com os pais (quando consultaram o blogue e fizeram comentários) e com os alunos do 3.º Ciclo que viram os seus trabalhos no blogue da Biblioteca do Agrupamento (Coutinho & Alves, 2010).

A exploração das TIC levou também a que os alunos começassem a ter mais confiança nas suas capacidades. Mesmo os alunos com dificuldades de aprendizagem aperceberam-se de que conseguiam dominar as TIC e produzir mensagens interessantes, com pequenos textos e imagens. Essa confiança levou-os a enfrentar melhor novos desafios, o que se revelou importante para a sua evolução no domínio da Matemática.

O blogue contribuiu igualmente para a avaliação formativa, a autoavaliação, a autorregulação das aprendizagens e a autonomia dos alunos. A criação do blogue permitiu que a aprendizagem fosse centrada no aluno, assumindo a professora o papel de orientadora das suas aprendizagens e criando contextos para que os alunos pudessem aprender (Fernandes, 2006; Santos, 2006; Coutinho & Alves, 2010). Os alunos estiveram sempre empenhados a construir coisas e a ajudar-se uns aos outros nessa construção (Cole & Wertsch, 1996), com a ideia de que tinham de fazer algo que provasse as suas aprendizagens para poderem colocar no blogue, fosse ao nível da Língua portuguesa, da Matemática, do Estudo do Meio ou das Expressões.

Os alunos queriam ter bons trabalhos para poderem colocar no blogue, por isso queriam aprender a fazê-los bem (Coutinho & Alves, 2010), o que permitiu desenvolver a prática da avaliação formativa. A criação do blogue colocou a avaliação formativa ao serviço de uma pedagogia diferenciada (Santos, 2008), pois não se exigia que todos os alunos produzissem exatamente o mesmo, mas que desenvolvessem trabalhos e atividades de acordo com o seu nível e ritmo de aprendizagem. Em cada atividade a professora ia destacando os aspetos positivos e os que precisavam ser melhorados. Gradualmente, a professora ia dizendo cada vez menos e perguntando aos alunos o que eles achavam de determinados aspetos, o que lhes parecia que não estava bem, o que achavam que tinham de emendar e como o fariam (Santos, 2008). Os alunos aceitaram essas observações como ajudas para melhorarem (Fernandes, 2009) e apresentarem um trabalho que os colegas poderiam elogiar, o que gerou um clima de maior confiança entre a professora e os alunos.

O *feedback* da professora aos alunos foi frequente, não apenas depois da conclusão dos trabalhos, mas acompanhando o processo de construção dos mesmos e de realização das atividades, para que os alunos pudessem usar as observações da professora para reorientar o seu trabalho e, sobretudo, para que se habituassem a questionar-se sobre a qualidade do que estavam a produzir (Santos, 2002).

Este trabalho sistemático de avaliação formativa alunos levou os alunos a criarem o hábito de procurarem as suas falhas e de as tentarem corrigir por si próprios (Santos, 2002), fazendo e refazendo os trabalhos até acharem que tinham qualidade suficiente para serem postos definitivamente no blogue. Ao nível da escrita, os alunos habituaram-se a usar as ferramentas de correção ortográfica e gramatical e o dicionário de sinónimos do Word para os ajudar nesse trabalho autónomo de deteção e correção das falhas (Santos, 2006).

Ao terem de selecionar um trabalho ou atividade para colocar no blogue, os alunos tiveram de ser capazes de pensar sobre os trabalhos que tinham realizado ou sobre a sua participação em determinadas atividades e escolher o que refletia melhor as suas aprendizagens (Wade, Abrami & Sclater, 2005; Eyssautier-Bavay, 2004). Além disso, por terem de apresentar uma pequena justificação escrita para a escolha de cada trabalho ou atividade, os alunos foram criando consciência do que aprendiam com cada tipo de atividade e o que lhes faltava ainda aprender, sendo já capazes, sobretudo no terceiro período, de apresentar os pontos a melhorar em trabalhos futuros do mesmo tipo, autorregulando a sua aprendizagem (Galvão Filho, 2002; Santos, 2002).

O blogue também deu um contributo positivo no que diz respeito à partilha das aprendizagens. A visibilidade do blogue fez com que os outros colegas comentassem os seus trabalhos e os elogiassem (Amaro, Ramos & Osório, 2009), o que aumentou a sua autoestima e a confiança em si próprios. Essa divulgação dos contributos de cada um para o blogue foi estimulando o seu interesse pela aprendizagem, pois aprendiam com o que viam nos trabalhos dos outros e os outros aprendiam com o que viam nos seus (Barbeiro & Rebelo, 2006). Esse espírito de partilha fez com que os alunos começassem a conversar mais entre si sobre os trabalhos já realizados e sobre os que estavam a realizar. Tornou-se frequente ouvi-los perguntar uns aos outros como é que tinham feito uma determinada atividade, para poderem fazê-la também. Por isso, os alunos passaram a trabalhar melhor em conjunto, partilhando o que sabiam e construindo colaborativamente os seus trabalhos (Coutinho & Alves, 2010). Passaram também a aceitar a ideia de partilhar o seu conhecimento com estranhos, tanto que no final do ano letivo fizeram questão que se colocasse um novo ficheiro PowerPoint com a leitura de uma história no blogue da Biblioteca do Agrupamento, como trabalho de despedida para os alunos da Escola EB 2/3.

O trabalho desenvolvido em torno do blogue permitiu ainda que os alunos começassem a aceitar as diferenças existentes entre eles, reconhecendo que nem todos eram iguais, mas que todos tinham o seu valor. Toda a turma teve consciência do esforço individual que cada um fazia para participar nas atividades e criar os seus trabalhos. Ao mesmo tempo, conseguiram ver que, apesar desse esforço, o resultado final era diferente. Os alunos com mais dificuldades ficaram satisfeitos por conseguirem produzir algo (Wade, Abrami & Sclater, 2005) e, mesmo sendo mais elementares do que os trabalhos dos outros, não desanimaram, porque era o que conseguiam fazer. Compreenderam que se não conseguiam fazer um texto com muitas linhas, conseguiam escrever uma ou duas frases, mas participavam de igual forma no blogue. O mesmo aconteceu em relação aos alunos NEE. Os colegas foram percebendo que o nível de aprendizagem destes alunos era diferente e passaram a fazer elogios aos trabalhos que eles colocavam no blogue, aumentando a autoestima destes alunos e fazendo-os sentir parte integrante do projeto (Ferreira & Martins, 2009).

Um último aspeto que gostaríamos de referir diz respeito ao contributo do blogue para a aproximação da escola à família. Embora vários pais não tenham estabelecido nenhuma ligação com a escola, não vindo às reuniões nem à hora de atendimento aos encarregados de educação, muitos pais manifestaram a sua satisfação

por poderem acompanhar o trabalho desenvolvido pelos alunos através do blogue e verem a sua evolução. Este interesse dos pais foi um estímulo para os alunos, que se sentiram motivados por partilhar com a família o seu trabalho.

Apesar dos bons resultados, a implementação de um projeto desta natureza enfrenta alguns obstáculos nem sempre fáceis de ultrapassar. Na maioria das escolas do 1º Ciclo o acesso aos computadores é muito limitado. Por exemplo, esta turma tinha apenas direito a usar os computadores da Biblioteca uma vez por semana, durante uma hora, o que é manifestamente muito pouco tempo. Durante o ano letivo 2011/2012 conseguiu-se contornar esta situação pois todos os alunos tinham recebido recentemente os computadores Magalhães e puderam levá-los para a escola, embora apenas uma vez por semana. No entanto, o projeto *e-escolinhas* foi terminado e os novos alunos já não têm acesso a estes equipamentos. Por isso, será necessário que os agrupamentos de escolas encontrem soluções para facilitar o acesso dos alunos às TIC, visto que o desenvolvimento da literacia digital é fundamental na sociedade atual.

Esta investigação mostrou que a alteração das práticas letivas, integrando de forma equilibrada na rotina da sala de aula as TIC, e em particular uma das ferramentas de elearning disponíveis na Web, como o blogue, contribuiu para que tanto os alunos com dificuldades como os que não tinham essas dificuldades aprendessem melhor e desenvolvessem o gosto pela escola. Seria interessante reproduzir essa experiência com outras turmas de modo a poder generalizar as conclusões a que chegámos.

Numa futura investigação, deveria ser explorado um dos aspetos que foram menos desenvolvidos ao longo deste projeto – a partilha das aprendizagens com outros alunos fora do universo da turma e da sua família. A divulgação de alguns trabalhos a outras turmas do 3.º Ciclo do agrupamento despertou nos alunos o desejo de alargar a sua partilha a um público mais vasto. Essa partilha é uma das características da atual sociedade em rede. Nesse sentido, seria interessante estabelecer um intercâmbio com outras turmas do 1.º Ciclo que também estivessem a construir um blogue de turma, tornando-se seguidores desses blogues e tendo outras turmas a seguir o seu blogue. Isso permitiria estabelecer uma comunicação com esses outros alunos, utilizando de forma mais plena várias ferramentas de comunicação online, como os comentários no blogue, o *email* e o *chat*. Também permitiria a construção colaborativa de trabalhos através de *wikis*.

Com o desenvolvimento de um projeto desta natureza poder-se-ia investigar o contributo que a comunicação online e a construção partilhada do conhecimento trazem

à aprendizagem dos alunos do 1.º Ciclo. Ao ser alargada a várias turmas e respetivos professores, os resultados obtidos permitiriam uma generalização que a investigação agora desenvolvida não permite.

Ainda que não seja possível generalizar os resultados da atual investigação, o projeto desenvolvido com a turma 2B contribuiu para que a professora/investigadora refletisse sobre a sua prática letiva e essa reflexão motivou-a a continuar a integrar as TIC no trabalho a desenvolver com os seus alunos.

Bibliografia

ABRANTES, Paulo (2002). A avaliação das aprendizagens no Ensino Básico (Introdução). *Reorganização Curricular do Ensino Básico. Avaliação das Aprendizagens - Das concepções às práticas*. Coord. P. Abrantes e F. Araújo. Lisboa: Ministério da Educação / Departamento da Educação Básica. Acedido em 20/11/2011 em <http://www.escolavirtual.pt/assets/conteudos/downloads/1c1cr/Cgenerico/avaliacaodasaprendizagens.pdf?width=965&height=600>

ALONSO, Luiza (2002). Integração Currículo-Avaliação: Que significados? Que constrangimentos? Que implicações?. *Reorganização Curricular do Ensino Básico. Avaliação das Aprendizagens - Das concepções às práticas*. Coord. P. Abrantes e F. Araújo. Lisboa: Ministério da Educação / Departamento da Educação Básica. Acedido em 20/11/2011 em <http://www.escolavirtual.pt/assets/conteudos/downloads/1c1cr/Cgenerico/avaliacaodasaprendizagens.pdf?width=965&height=600>

AMANTE, Lúcia (2004). Explorando as novas tecnologias em contexto de educação pré-escolar: A actividade de escrita. *Aná. Psicológica*. vol. 22, n.1, pp. 139-154. Acedido em 28/08/2012 em http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S0870-82312004000100013&script=sci_arttext

AMANTE, Lúcia (2007). As TIC na Escola e no Jardim de Infância: motivos e factores para a sua integração. *Sísifo. Revista de Ciências da Educação*, 03, pp. 51-64. Acedido em 02/05/2012 em <http://sisifo.fpce.ul.pt>

AMANTE, Lúcia; FARIA, Ádila (2012). Sentido(s) Emergente(s) das Tecnologias Digitais no Jardim de Infância (no prelo)

AMARO, Sandra; RAMOS, Altina; OSÓRIO, António (2009). Os meninos à volta do computador: a aprendizagem colaborativa na era digital. *EduSer: revista de educação*. Instituto Politécnico de Bragança, Escola Superior de Educação. Acedido em 02/04/2012 em <http://hdl.handle.net/10198/1222>

BARBEIRO, Luís; REBELO, Isabel (2006). Autonomização dos e-portefólios nas EB1: visibilidade e consciencialização da aprendizagem. *Actas do 1.º Encontro sobre e-Portefólio / Aprendizagem Formal e Informal*. Org. Lia Raquel Oliveira e Maria Palmira Alves. Universidade do Minho. Acedido em 18/11/2011 em <http://eportefolio.es.ipsantarem.pt/eportefolio/images/stories/materiais/artigos/encontro-e-portfoliportugal.pdf>

BECKER, Fernando (1992). O que é construtivismo? *Revista de Educação AEC*, Brasília, v. 21, n.º 83, p. 7-15, abr./jun. 1992. Acedido em 12/11/2011 em http://livrosdamara.pbworks.com/f/oquee_construtivismo.pdf

BENAVENTE, Ana; COSTA, António; MACHADO, Fernando (1990). Práticas de Mudança e de Investigação - Conhecimento e intervenção na escola primária. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 29, pág. 55-80. Acedido em 12/11/2011 em http://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/029/ABenavente_at_al._pp.55-80.pdf

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Coleção Ciências da Educação. Porto: Porto Editora

CARVALHO, Ana Amélia Amorim *et al.* (2006). Blogue : uma ferramenta com potencialidades pedagógicas em diferentes níveis de ensino. *Globalização e des(igualdades): os desafios curriculares - actas do Colóquio sobre Questões Curriculares*, 7. Org. A. Moreira *et al.* Braga: CIED, 2006. p. 635-652. Acedido em 18/04/2012 em <http://hdl.handle.net/1822/5915>

CARVALHO, Ana Amélia; AGUIAR, Cristina; MACIEL, Romana (2009). Taxonomia de Podcasts: da criação à utilização em contexto educativo. *Actas do Encontro sobre Podcasts*. Org. Ana Amélia Amorim Carvalho. Braga: CIED, 2009. Acedido a 05/02/2012 em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/10052>

CASTELLS, Manuel (2002). *A Sociedade em Rede*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

COHEN, Louis; MANION, Lawrence, MORRISON, Keith (2000). *Research Methods in Education*. London: Routledge Falmer, 5th edition

COLE, M. e WERTSCH, J. (1996). Beyond the Individual-Social Antimony in Discussions of Piaget and Vygotsky. Acedido em 12/11/2012 em <http://www.massey.ac.nz/~ALock/virtual/colenvyg.htm>.<http://lhc.ucsd.edu/People/MCole/Beyond%20the%20individual-social%20antimony.pdf>

CORTESÃO, Luísa (2002). Formas de ensinar, formas de avaliar. Breve análise de práticas correntes de avaliação. *Reorganização Curricular do Ensino Básico. Avaliação das Aprendizagens - Das concepções às práticas*. Coord. P. Abrantes e F. Araújo. Lisboa: Ministério da Educação / Departamento da Educação Básica. Acedido em 20/11/2011 em <http://www.escolavirtual.pt/assets/conteudos/downloads/1c1cr/Cgenerico/avaliacaodasaprendizagens.pdf?width=965&height=600>

CORTESÃO, Luíza; STOER, Stephen (1997). Investigação-acção e a produção de conhecimento no âmbito de uma formação de professores para a educação inter/multicultural. *Educação, Sociedade e Culturas*, n.º 7, pág. 7-28. Acedido em 12/11/2011 em <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/14410/2/33883.pdf>

COSCARELLI, C. V. (1998). O uso da informática como instrumento de ensino-aprendizagem. *Presença Pedagógica*, 4 (20), 37-45. Acedido em 15/04/2012 em <http://www.presencapedagogica.com.br/capa6/artigos/20.pdf>

COUTINHO, Clara et al (2009). Investigação-acção: metodologia preferencial nas práticas educativas. *Psicologia, Educação e Cultura*, 2009, XIII, pág. 455-479

COUTINHO, Clara Pereira (2006). Tecnologia educativa e currículo : caminhos que se cruzam ou se bifurcam?. *Globalização e (des)igualdades : os desafios curriculares: actas*. Colóquio sobre questões curriculares, 7, Braga: Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho. Acedido em 22/04/2012 em <http://hdl.handle.net/1822/6468>

COUTINHO, Clara Pereira; ALVES, Manuela Cristina Ferreira (2010). Educação e sociedade da aprendizagem: um olhar sobre o potencial educativo da internet. *Revista de Formación e Innovación Universitaria*. p. 206-225. Acedido em 18/04/2012 em <http://hdl.handle.net/1822/11229>

COUTINHO, Clara Pereira; BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista (2007). Blog e wiki: os futuros professores e as ferramentas da Web 2.0. *SIIE 2007: actas do Simpósio Internacional de Informática Educativa*, 9. org, Maria José Marcelino e Maria João Silva. Porto: ESE. p. 199-204. Acedido em 12/04/2012 em <http://hdl.handle.net/1822/7358>

COUTINHO, Clara; CHAVES, José Henrique (2002). O Estudo de Caso na Investigação em Tecnologia Educativa em Portugal. *Revista Portuguesa de Educação*, 15 (1), 221-243. Universidade do Minho. Acedido em 10/09/2011 em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/492>

Despacho n.º 17169/2011. Acedido em 16/04/2012 em <http://dre.pt/pdf2sdip/2011/12/245000000/5008050080.pdf>.

Despacho Normativo n.º 1/2005. Acedido em 10/08/2011 em <http://dre.pt/pdf1sdip/2005/01/003B00/00710076.pdf>

Despacho Normativo n.º 14/2011. Acedido em 14/02/2012 em <http://dre.pt/pdf2sdip/2011/11/222000000/4572345728.pdf>

DOWNES, Stephen (2005). An Introduction to Connective Knowledge. *Stephen's Web*. Acedido em 26/08/2012 em <http://www.downes.ca/post/33034>

EYSSAUTIER-BAVAY, Carole (2004). Le Portfolio en Éducation: Concept et Usages. Laboratoire CLIPS-IMAG. Université Joseph Fourier. Acedido em 05/11/2011 em <http://isd.m.univ-tln.fr/PDF/isd.m18/27-eyssautier.pdf>

FARIA, Paulo (2008). Integração Curricular das Tecnologias Educativas no Ensino da Língua Portuguesa: um blogue para desenvolver a leitura e a escrita. *Eft-Educação, formação & tecnologias*. Vol. 1, n.º2. Acedido em 12/04/2012 em <http://eft.educom.pt/index.php/eft/article/view/57/37>

FERNANDES, Domingos (1991). Notas sobre os paradigmas de investigação em educação. *Noesis* (18), pág. 64-66. Acedido em 12/10/2011 em <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/ichagas/mi2/Fernandes.pdf>

FERNANDES, Domingos (2006). Para uma teoria da avaliação formativa. *Revista Portuguesa de Educação*, 2006, 19(2), pp. 21-50. CiEd - Universidade do Minho. Acedido em 09/07/2011 em http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0871-91872006000200003&lng=pt&nrm=iso. ISSN 0871-9187.

FERNANDES, Domingos (2009). O papel dos professores no desenvolvimento da avaliação para as aprendizagens. In *Sapiens 2009* (Ed.), Anais do VIII Congresso Internacional de Educação, pp. 41-45. Recife, PE: Sapiens – Centro de Formação e Pesquisa. Acedido em 08/04/2012 em <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/5664>

FERNANDES, Domingos *et al* (1994) Portfolios: para uma avaliação mais autêntica, mais participada e mais reflexiva. In “*Pensar avaliação, melhorar a aprendizagem*”/IIE. Lisboa: IIE. Acedido em 05/02/2012 em <http://www.dgdc.min-edu.pt/avaliacaointerna/index.php?s=directorio&pid=20#i>

FERNANDES, Margarida (2002). Métodos de avaliação pedagógica. *Reorganização Curricular do Ensino Básico. Avaliação das Aprendizagens - Das concepções às práticas*. Coord. P. Abrantes e F. Araújo. Lisboa: Ministério da Educação / Departamento da Educação Básica. Acedido em 20/11/2011 em <http://www.escolavirtual.pt/assets/conteudos/downloads/1c1cr/Cgenerico/avaliacaodasaaprendizagens.pdf?width=965&height=600>

FERREIRA, Sandra; MARTINS, Ana Paula (2009). O processador de texto como ajuda tecnológica eficaz para alunos com dificuldades de aprendizagem específicas. *EduSer: revista de educação*. Instituto Politécnico de Bragança, Escola Superior de Educação. Acedido em 06/03/2012 em <http://hdl.handle.net/10198/1221>

FONSECA, Neumar Gianotti (1999). A Influência da Família na Aprendizagem da Criança. CEFAC - Centro de Especialização em Fonoaudiologia Clínica. São Paulo. Acedido em 25/11/2011 em <http://www.cefac.br/library/teses/ab197be20bb61cc49ca2e591c0171417.pdf>

GALVÃO FILHO, Teófilo Alves (2002). As novas tecnologias na escola e no mundo atual: fator de inclusão social do aluno com necessidades especiais? Anais do III Congresso Ibero-Americano de Informática na Educação Especial. Fortaleza: MEC. Acedido em 01/04/2012 em <http://www.galvaofilho.net/comunica.pdf>

GOMES, Maria João (2005). Blogs : um recurso e uma estratégia pedagógica. *SIIE05: actas do Simpósio Internacional de Informática Educativa*, 7. ed. lit. António Mendes; Isabel Pereira e Rogério Costa. Leiria: Escola Superior de Educação de Leiria. p. 311-315. Acedido em 12/03/2012 em <http://hdl.handle.net/1822/4499>

GOMES, Maria João; LOPES, António Marcelino (2007). Blogues escolares: quando, como e porquê?. *Weblogs na educação, 3 experiências, 3 testemunhos*. Org. Conceição Brito, José Torres e José Duarte. Setúbal: Centro de Competência CRIE, 2007. p. 117-133. Acedido em 10/04/2012 em <http://hdl.handle.net/1822/6487>

LENCASTRE, José Alberto; ARAÚJO, Maria José (2007). Impacto das tecnologias em contexto educativo formal. *Libro de actas do congreso internacional galego-portugués de psicopedagogia*. Acedido em 05/02/2012 em <http://hdl.handle.net/10216/15730>

MACARTHUR, C. A. (1996). Using technology to enhance the writing process of students with learning disabilities. *Journal of Learning Disabilities*, 29(4), 344-354. Acedido em 15/03/2012 em <http://www.edtechpolicy.org/MHEC/WebCT/UsingTechnologytoEnhance.pdf>

MARQUES, Cidália; REIS, Pedro (2009). E-Portefólios no 1.º Ciclo do Ensino Básico - Estratégia de promoção e certificação de competências. In *Educação, Formação & Tecnologias*, vol. 2 (2), pp 58-66. Acedido em 02/09/2011 em <http://eft.educom.pt>

MARQUES, Cidália; REIS, Pedro (2011). Criação de *Podcasts* no Jardim de Infância e no 1.º Ciclo do Ensino Básico. *Nuances: estudos sobre Educação*. Ano XVII, v. 18, n. 19, p. 68-80. Universidade Estadual Paulista: UNESP. Acedido em 02/04/2012 em <http://hdl.handle.net/10451/4706>

MEIRINHOS, Manuel; OSÓRIO, António (2010). O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. *EDUSER: Revista de Educação – Inovação, Investigação em Educação*, Vol 2. pág. 49-65. Acedido em 10/02/2012 em <https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/3961>

MELÃO, Dulce Helena (2011). Da página ao(s) ecrã(s): tecnologia, educação e cidadania digital no século XXI. *Eft-Educação, formação & tecnologias*. Vol. 4, N.º 2. em <http://eft.educom.pt/index.php/eft/article/view/210/148> Acedido em 22/04/2012

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (2001). Currículo Nacional do Ensino Básico: Competências Essenciais. Acedido em 14/02/2012 em <http://dgidc.min-edu.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=2>

MIRANDA, Guilhermina Lobato (2007). Limites e possibilidades das TIC na educação. *Sísifo. Revista de Ciências da Educação*, 03, pp. 41-50. Acedido em 02/05/2012 em <http://sisifo.fpce.ul.pt>

OLIVEIRA, Maria Helena; Teresa VASCONCELOS (2010). Os portfolios reflexivos na prática pedagógica: implicações da participação do professor cooperante. *Da Investigação às Práticas - Estudos de Natureza Educacional* 2010 Vol X Nº1. Acedido em 26/08/2012 em <http://www.eselx.ipl.pt/cied/publicacoes/inv/2010/OS%20PORTFOLIOS%20REFLEXIVOS%20NA%20PR%C3%81TICA%20PEDAG%C3%93GICA%20IMPLICA%C3%87%C3%95ES%20DA%20PARTICIPA%C3%87%C3%83O%20DO%20PROFESSOR%20COOPERANTE.pdf>

ORIHUELA, J. & SANTOS, M. (2004). Los weblogs como herramienta educativa: experiencias con bitácoras de alumnos. Laboratorio de Comunicación Multimedia, Universidad de Navarra. Acedido em 25/08/2012 em http://www.quadernsdigitals.net/index.php?accionMenu=hemeroteca.DescargaArticuloIU.descarga&tipo=PDF&articulo_id=7751

PAULSON, Leon; PAULSON, Pearl; MEYER, Carol (1991) What Makes a Portfolio a Portfolio?. *Educational Leadership*, 58:5, pp. 60-63. Acedido em 20/11/2011 em <http://www.stanford.edu/dept/SUSE/projects/ireport/articles/e-portfolio/what%20makes%20a%20portfolio%20a%20portfolio.pdf>

PERALTA, Helena (2002). Como avaliar competência(s)? Algumas considerações. *Reorganização Curricular do Ensino Básico. Avaliação das Aprendizagens - Das concepções às práticas*. Coord. P. Abrantes e F. Araújo. Lisboa: Ministério da Educação / Departamento da Educação Básica. Acedido em 20/11/2011 em <http://www.escolavirtual.pt/assets/conteudos/downloads/1c1cr/Cgenerico/avaliacaodasaaprendizagens.pdf?width=965&height=600>

PERRENOUD, Phillipe (2001). Les trois fonctions de l'évaluation dans une scolarité organisée en cycles. *Éducateur*, n° 2, 9 février 2001, pp. 19-25. Acedido em 12/02/2012 em http://www.unige.ch/fapse/SSE/teachers/perrenoud/php_main/php_2001/2001_01.html#begin

PINTO, Jorge. (2007). A Avaliação em Educação: da linearidade dos usos à complexidade das práticas (no prelo)

PONTE, J. P. (1997). *As novas tecnologias e a educação*. Lisboa: Editora Texto

PONTE, J. P. (2002). Investigar a nossa própria prática. In GTI (Org), *Reflectir e investigar sobre a prática profissional*, pág. 5-28. Lisboa: APM. Acedido em 10/08/2012 em [http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/docs-pt/02-Ponte%20\(GTI\).pdf](http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/docs-pt/02-Ponte%20(GTI).pdf)

SANTOS, Jorge (2006). *A escrita e as TIC em crianças com dificuldades de aprendizagem: um ponto de encontro*. Acedido em 04/02/2012 em <http://hdl.handle.net/1822/14365>

SANTOS, Leonor (2002). *Auto-avaliação regulada. Porquê, o quê e como?. Reorganização Curricular do Ensino Básico. Avaliação das Aprendizagens - Das concepções às práticas*. Coord. P. Abrantes e F. Araújo. Lisboa: Ministério da Educação / Departamento da Educação Básica. Acedido em 20/11/2011 em <http://www.escolavirtual.pt/assets/conteudos/downloads/1c1cr/Cgenerico/avaliacaodasaaprendizagens.pdf?width=965&height=600>

SANTOS, Leonor (2008). *Dilemas e desafios da avaliação reguladora. Avaliação em Matemática: Problemas e desafios*. Secção de Educação Matemática da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. Acedido em 16/02/2012 em <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/5286>

SIEMENS, George (2004). *Connectivism: A Learning Theory for the Digital Age*. Acedido em 26/08/2012 em <http://www.elearnspace.org/Articles/connectivism.htm>

SIEMENS, George (2006). *Connectivism: Learning Theory or Pastime of the Self-Amused?* *elearnspace*. Acedido em 20/04/2012 em http://www.elearnspace.org/Articles/connectivism_self-amused.htm

SILVA, Bento; PEREIRA, Maria da Graça (2011). *Contributos da escola para a inclusão digital*. Instituto de Ciencias da Educación da Universidade de Santiago de Compostela. Acedido em 05/02/2012 em <http://hdl.handle.net/1822/14362>

SILVA, Bento; PEREIRA, Maria da Graça (2011). *O papel da escola no combate à divisão digital*. Universidade Federal da Bahia. Acedido em 05/02/2012 em <http://hdl.handle.net/1822/14365>

SOUSA, Ana Judite; SILVA, Bento Duarte da (2009). Percepções dos alunos e dos professores face à integração de blogues em contexto sala de aula. *Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia: actas do Congresso, 10*. Org. B. Silva *et al.* Braga: CIEd - Universidade do Minho. p. 5914-5926. Acedido em 18/04/2012 em <http://hdl.handle.net/1822/9969>

SOUSA, Ana; SILVA, Bento (2010). Blogues em contexto de sala de aula e implicações no ensino, no currículo e na avaliação. *Actas do IX Colóquio Sobre Questões Curriculares / V Colóquio Luso Brasileiro. Debater o Currículo e seus Campos: Políticas, Fundamentos e Práticas*. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, p. 4345-4358. Acedido em 12/04/2012 em <http://hdl.handle.net/1822/18162>

STAKE, Robert (2007). *A arte de investigação com estudos de caso*. Lisboa: Gulbenkian

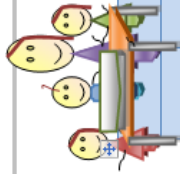
VÁSQUEZ. Rosa, & ANGULO, Félix (2003). Introducción a los estudios de casos. Los primeros contactos con la investigación etnográfica. Málaga: Ediciones Aljibe.

VIANA, Fernanda Leopoldina (2005). Avaliação e intervenção em dificuldades de aprendizagem da leitura. “Psicologia Escolar: uma proposta científico-pedagógica”. Coord. Maria do Céu TAVEIRA. Coimbra. Quarteto. p. 61-82. Acedido em 04/04/2012 em <http://hdl.handle.net/1822/11982>

WADE, Anne; ABRAMI, Philip; SCLATER, Jennifer (2005). An Electronic Portfolio to Support Learning. *Canadian Journal of Learning and Technology*, Volume 31(3) Fall/ automne 2005. Acedido em 15/03/2012 em <http://www.cjlt.ca/index.php/cjlt/article/view/94/88#1>

YIN, Robert (2003). *Case study research: Design and methods* (Third Ed.). London: Sage Publications

Anexo I: Grelhas de registo e respetivos descritores



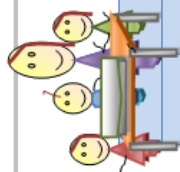
Grelha de Registo

Data: ___/___/___

Aluno N.º	Domínio da Língua Portuguesa					
	Oralidade		Escrita			
	Compreensão	Expressão	Compreensão	Expressão		
	Leitura em voz alta	Falar em público	Conteúdo do texto	Organização do texto	Correção ortográfica/frásica	Vocabulário
1						
2						
3						
4						
5						
6						
7						
8						
9						
10						
11						
12						
13						
14						
15						
16						
17						
18						
Média						
F						
NS						
S						
B						
MB						

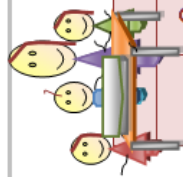
Legenda:

1. Fraco 2. Não Satisfaz 3. Satisfaz 4. Bom 5. Muito Bom



Grelha de Registo - Descritores

Aluno N.º		Domínio da Língua Portuguesa						
		Oralidade			Escrita			
		Compreensão	Expressão		Compreensão	Expressão		
	Leitura em voz alta	Falar em público		Conteúdo do texto	Organização do texto	Correção ortográfica/frásica	Vocabulário	
5 Muito Bom	Compreende plenamente um texto oral, apreendendo as ideias principais, secundárias e os pormenores mais relevantes.	Lê corretamente em voz alta, sem hesitações, e com entoação.	Expõe as suas ideias perante a turma, com à-vontade e determinação, cativando a atenção dos colegas.	Apreende o sentido global do texto sem dificuldades e interpreta alguns subentendidos.	Escreve um texto rico, com ideias diversificadas.	Elabora um plano prévio, escrevendo um texto com introdução, desenvolvimento e conclusão, com parágrafos e com as ideias bem encadeadas.	Escreve corretamente, sem erros ortográficos.	Utiliza um vocabulário rico e variado.
4 Bom	Compreende plenamente um texto oral, apreendendo as ideias principais e secundárias.	Lê corretamente em voz alta, sem hesitações.	Expõe as suas ideias perante a turma, com à-vontade e determinação.	Apreende o sentido global do texto sem dificuldades.	Escreve um texto rico, com algumas ideias diversificadas.	Elabora um plano prévio, escrevendo um texto com introdução, desenvolvimento e ideias bem encadeadas.	Escreve praticamente sem erros, com pequenas falhas esporádicas.	Utiliza um vocabulário variado.
3 Satisfaz	Compreende as ideias principais de um texto oral.	Lê corretamente em voz alta, mas com hesitações.	Expõe as suas ideias perante a turma, mas com hesitações.	Apreende parte do sentido global do texto, tendo dificuldades em compreender todas as palavras.	Escreve um texto simples, com algumas ideias.	Escreve um texto com introdução, desenvolvimento e conclusão.	Escreve com alguns erros ortográficos nos casos de leitura.	Utiliza um vocabulário simples.
2 Não Satisfaz	Compreende apenas algumas ideias de um texto oral.	Lê em voz alta com muitas hesitações, não concluindo a leitura de todo o texto ou frase.	Tem muitas dificuldades em expor as suas ideias perante a turma, limitando-se a dizer algumas palavras.	Só consegue compreender algumas palavras, não apreendendo o sentido global do texto.	Escreve palavras ou frases soltas, em torno de uma ideia simples.	Escreve palavras ou frases soltas, não constituindo um texto organizado.	Escreve com muitos erros ortográficos.	Só escreve um leque limitado de palavras.
1 Fraco	Não compreende um texto oral.	Não lê em voz alta.	Não fala perante a turma.	Não compreende o texto, pois não consegue ler as palavras.	Não escreve.	Não escreve.	Não escreve.	Não escreve.



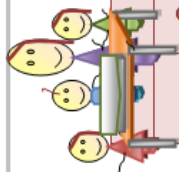
Grelha de Registo

Data: ___/___/___

Aluno N.º	Domínio da Matemática							Gosto pela matemática
	Operações de adição e subtração	Resolução de problemas	Cálculo mental	Jogos matemáticos		Saber errar/perder		
				Respeito pelas regras	Estratégias de jogo			
1								
2								
3								
4								
5								
6								
7								
8								
9								
10								
11								
12								
13								
14								
15								
16								
17								
18								
Média								
F								
NS								
S								
B								
MB								

Legenda:

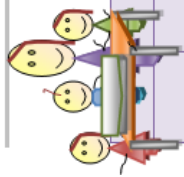
1. Fraco 2. Não Satisfaz 3. Satisfaz 4. Bom 5. Muito Bom



Grelha de Registo - Descritores

Domínio da Matemática						
Aval.	Operações de adição e subtração	Resolução de problemas	Cálculo mental	Jogos matemáticos		Gosto pela matemática
				Respeito pelas regras	Estratégias de jogo	
5 Muito Bom	Realiza corretamente operações de adição e subtração, sem falhas.	Resolve problemas com correção, tentando encontrar as melhores estratégias e sendo capaz de explicar as estratégias utilizadas.	Efetua mentalmente os cálculos necessários à resolução dos exercícios, sem recorrer ao registo escrito e sendo capaz de explicar o raciocínio seguido.	Cumprir rigorosamente todas as regras de jogo.	Reflete cuidadosamente antes de efetuar uma jogada, escolhendo a melhor estratégia e sendo capaz de explicar o raciocínio seguido.	Mostra muito interesse em realizar atividades matemáticas, realizando exercícios por sua iniciativa e participando muito ativamente nas aulas.
4 Bom	Realiza corretamente operações de adição e subtração, com poucas falhas.	Resolve problemas com correção, tentando encontrar as melhores estratégias.	Efetua mentalmente os cálculos necessários à resolução dos exercícios, sem recorrer ao registo escrito.	Cumprir praticamente todas as regras de jogo.	Reflete cuidadosamente antes de efetuar uma jogada, escolhendo a melhor estratégia.	Mostra muito interesse em realizar atividades matemáticas, participando muito ativamente nas aulas.
3 Satisfaz	Realiza operações de adição e subtração, com algumas falhas.	Resolve problemas com correção, depois de se discutir estratégias em grupo.	Efetua mentalmente os cálculos necessários à resolução dos exercícios, recorrendo esporadicamente ao registo escrito.	Cumprir a maioria das regras de jogo.	Reflete um pouco antes de efetuar uma jogada escolhendo por vezes boas estratégias.	Mostra interesse em realizar atividades matemáticas, participando nas aulas com alguma regularidade.
2 Não Satisfaz	Realiza operações de adição e subtração, com muitas falhas.	Tenta resolver os problemas de forma precipitada, errando frequentemente o resultado.	Efetua alguns cálculos mentais para resolver os exercícios, recorrendo frequentemente ao registo escrito.	Só cumpre algumas regras de jogo.	Reflete um pouco antes de efetuar uma jogada, mas não consegue encontrar uma boa estratégia de jogo.	Ouve as explicações e realiza as atividades matemáticas de forma contrariada.
1 Fraco	Não realiza operações de adição e subtração.	Não tenta resolver os problemas.	Não efetua cálculos mentais para resolver os exercícios, usando sempre o registo escrito.	Não cumpre as regras de jogo.	Efetua jogadas por acaso, sem refletir na opção tomada.	Não quer aprender matemática.

Turma 2B: Avaliação Diagnóstica ou 1º/2º/3º período



Grelha de Registo

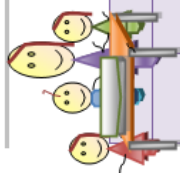
Data: ___/___/___

Aluno N.º	Competências Gerais e Atitude perante o trabalho										Domínio das TIC
	Espírito crítico	Auto-avaliação	Hetero-avaliação	Preocupação com a qualidade do trabalho	Capacidade de reformular o trabalho	Capacidade de seleção	Capacidade de organização	Confiança	Autonomia	Maturidade	
1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											
12											
13											
14											
15											
16											
17											
18											
Média											
F											
NS											
S											
B											
MB											

Legenda|

1. Fraco 2. Não Satisfaz 3. Satisfaz 4. Bom 5. Muito Bom

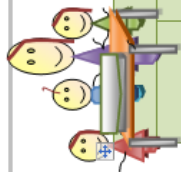
Grelha de Registo - Descritores



Competências Gerais e Atitude perante o trabalho											
Aluno N.º	Espírito crítico	Auto-avaliação	Hetero-avaliação	Preocupação com a qualidade do trabalho	Capacidade de reformular o trabalho	Capacidade de seleção	Capacidade de organização	Confiança	Autonomia	Maturidade	Domínio das TIC
5 Muito Bom	Reflete sobre as atividades desenvolvidas, destacando as aprendizagens realizadas e apresentando sugestões para melhorar.	Analisa o seu trabalho, conseguindo detetar os pontos fracos e fortes e procedendo autonomamente a muitas das alterações necessárias.	Analisa o trabalho realizado pelos colegas, conseguindo detetar os pontos fracos e fortes e apresentando sugestões de melhoria.	É rigoroso na apresentação dos seus trabalhos e analisando-o e reformulando-o quanto ao conteúdo e à apresentação, se necessário.	Reformula o seu trabalho espontaneamente e a partir da sua autoavaliação e das observações feitas pelo professor e/ou colegas.	Perante trabalhos e atividades diversos, evidenciam aprendizagens realizadas e que têm melhor qualidade, justificando as suas escolhas e ajudando os colegas a realizarem essa seleção.	Tem o caderno e os seus materiais escolares bem organizados, gerindo o tempo eficaz e realizando para a realização das atividades.	Enfrenta as novas aprendizagens com confiança de que conseguirá realizar as atividades propostas, dispondo-se a ajudar os colegas.	Realiza as atividades sem necessitar da ajuda do professor, autocorrigindo-se e tentando ultrapassar as dificuldades sozinho.	É responsável e aplicado, comportando-se corretamente e preocupando-se em aprender, adequando a sua postura à situação e ao espaço em que se encontra, conversando sobre assuntos diversificados.	Utiliza autonomamente e software variado para trabalho e lazer. Utiliza a Web para pesquisas, divulgação e comunicação.
4 Bom	Reflete sobre as atividades desenvolvidas, destacando as aprendizagens realizadas e não realizadas.	Analisa o seu trabalho, conseguindo detetar os pontos fracos e fortes e procedendo autonomamente a várias das alterações necessárias.	Analisa o trabalho realizado pelos colegas, conseguindo detetar os pontos fracos e fortes.	É rigoroso na apresentação dos seus trabalhos, reformulando-o quanto ao conteúdo e à apresentação se o professor ou um colega lhe apontar alguma falha.	Reformula o seu trabalho espontaneamente e a partir das observações feitas pelo professor e/ou colegas.	Perante trabalhos e atividades diversos, seleciona os que evidenciam aprendizagens realizadas e que têm melhor qualidade, justificando as suas escolhas.	Tem o caderno e os seus materiais escolares bem organizados, tentando gerir o tempo para a realização das atividades.	Enfrenta as novas aprendizagens com confiança de que conseguirá realizar as atividades propostas.	Realiza as atividades sem necessitar da ajuda do professor, tentando autocorrigir-se.	É responsável e aplicado, comportando-se corretamente e preocupando-se em aprender, adequando a sua postura à situação e ao espaço em que se encontra.	Utiliza autonomamente e software variado para trabalho e lazer. Utiliza a Web para pesquisas, divulgação e comunicação.
3 Satisfaz	Reflete sobre as atividades desenvolvidas, destacando as aprendizagens realizadas.	Analisa o seu trabalho, conseguindo detetar os pontos fracos e fortes, mas precisando de ajuda para efetuar correções.	Analisa o trabalho realizado pelos colegas, conseguindo apontar os pontos fortes.	Tem algum cuidado com a apresentação dos seus trabalhos, só o reformulando por insistência do professor.	Reformula o seu trabalho a partir das observações feitas pelo professor e por insistência deste.	Perante trabalhos e atividades diversos, seleciona os que têm melhor qualidade.	Tem o caderno e os seus materiais escolares bem organizados.	Enfrenta as novas aprendizagens com confiança, embora evidencie alguma ansiedade ao realizar as atividades propostas.	Tenta realizar as atividades sem a ajuda do professor, procurando o seu apoio para ultrapassar as dificuldades sentidas.	Comporta-se corretamente e preocupa-se em aprender, tentando adequar a sua postura à situação e ao espaço em que se encontra.	Utiliza software variado para trabalho e lazer e utiliza a Web para pesquisas, divulgação e comunicação, precisando de apoio constante.

Turma 2B: Avaliação Diagnóstica ou 1º/2º/3º período

Competências Gerais e Atitude perante o trabalho											
Aluno N.º	Espírito crítico	Auto-avaliação	Hetero-avaliação	Preocupação com a qualidade do trabalho	Capacidade de reformular o trabalho	Capacidade de seleção	Capacidade de organização	Confiança	Autonomia	Maturidade	Domínio das TIC
2 Não Satisfaz	Raramente reflete sobre as atividades desenvolvidas, destacando apenas os aspetos positivos de tarefas que considerou divertidas.	Analisa brevemente o seu trabalho, mas não consegue encontrar falhas.	Analisa brevemente o trabalho realizado pelos colegas, apenas dizendo que gostou do trabalho.	É pouco cuidadoso com o conteúdo e a apresentação dos seus trabalhos, não mostrando vontade de os reformular.	Só reformula alguns dos seus trabalhos por insistência do professor.	Perante trabalhos e atividades diversos, seleciona apenas aqueles que gostou mais de fazer.	Precisa da orientação do professor e do exemplo dos colegas para organizar o caderno e os seus materiais escolares.	Realiza as tarefas propostas, mas de forma hesitante, precisando constantemente de reforço positivo do professor.	Realiza as atividades solicitando a ajuda frequente do professor para realizar as tarefas. desafia os colegas para brincadeiras.	Nem sempre se preocupa em aprender, preferindo brincar e interrompendo as tarefas para desafiar os colegas para brincadeiras.	Utiliza o computador como instrumento de lazer, não utilizando a Web.
1 Fraco	Não reflete sobre as atividades desenvolvidas.	Não analisa o trabalho realizado.	Não analisa o trabalho realizado pelos colegas.	É muito descurado com o conteúdo e a apresentação dos seus trabalhos.	Não reformula os seus trabalhos.	Perante trabalhos e atividades diversos, não é capaz de selecionar nenhum.	É muito descurado com o seu caderno e perde frequentemente os seus materiais escolares.	Apesar do reforço positivo, realiza as tarefas de forma hesitante, não querendo mostrar os trabalhos a outros para além do professor.	Só realiza as tarefas quando o professor o ajuda, interrompendo a realização da atividade quando o professor se afasta.	Não se preocupa em aprender, querendo apenas brincar e trazendo brinquedos para a sala, amuando quando tem de realizar algum esforço.	Não sabe usar o computador nem a Web.



Grelha de Registro

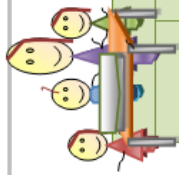
Data: ___/___/___

AlunoN.º	Atitudes e Comportamentos								Aceitação da diferença
	Concentração	Cumprimento de regras	Resistência à frustração	Cumprimento de tarefas	Participação nas atividades	Desejo de aprender			
1									
2									
3									
4									
5									
6									
7									
8									
9									
10									
11									
12									
13									
14									
15									
16									
17									
18									
Média									
F									
NS									
S									
B									
MB									

Legenda:

- 1. Fraco 2. Não Satisfaz 3. Satisfaz 4. Bom 5. Muito Bom

Grelha de Registo - Descritores



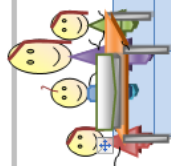
Atitudes e Comportamentos							
AlunoN.º	Concentração	Cumprimento de regras	Resistência à frustração	Cumprimento de tarefas	Participação nas atividades	Desejo de aprender	Aceitação da diferença
5 Muito Bom	Mantém-se sempre concentrado durante a realização das atividades e ouve atentamente o professor e os colegas.	Cumprir espontaneamente as regras de funcionamento da sala de aula e as instruções para a realização das atividades, incentivando os colegas a fazer o mesmo.	Reage tranquilamente perante situações imprevistas e enfrenta calmamente os seus erros, conseguindo ultrapassar os obstáculos encontrados.	Realiza espontaneamente todas as tarefas propostas, preocupando-se com a qualidade do trabalho desenvolvido.	Participa espontaneamente em todas as atividades da turma, escola e agrupamento que impliquem a sua participação, apresentando sugestões.	Fica animado perante novas aprendizagens, mostrando-se atento, empenhado nas atividades propostas e colocando questões.	Compreende que nem todos os alunos evidenciam as mesmas capacidades nem realizam as mesmas atividades da mesma forma, elogiando os colegas pelas suas realizações e ajudando-os a progredir.
4 Bom	Mantém-se quase sempre concentrado durante a realização das atividades e ouve atentamente o professor.	Cumprir espontaneamente as regras de funcionamento da sala de aula e as instruções para a realização das atividades.	Reage tranquilamente perante situações imprevistas e enfrenta calmamente os seus erros, esforçando-se para ultrapassar os obstáculos encontrados.	Realiza espontaneamente todas as tarefas propostas.	Participa espontaneamente em todas as atividades da turma, escola e agrupamento que impliquem a sua participação.	Fica animado perante novas aprendizagens, mostrando-se atento, empenhado nas atividades propostas.	Compreende que nem todos os alunos evidenciam as mesmas capacidades nem realizam as mesmas atividades da mesma forma, elogiando os colegas pelas suas realizações.
3 Satisfaz	Mantém-se concentrado durante a realização das atividades e ouve atentamente o professor, embora se distraia por vezes.	Cumprir as regras de funcionamento da sala de aula e as instruções para a realização das atividades, tendo por vezes de ser advertido.	Reage tranquilamente perante situações imprevistas e enfrenta os seus erros com algum nervosismo, mas tenta ultrapassar os obstáculos encontrados.	Realiza a maioria das tarefas propostas, embora por vezes seja necessário insistir para o fazer.	Participa na maioria das atividades da turma, escola e agrupamento que impliquem a sua participação, embora por vezes seja necessário insistir para o fazer.	Perante novas aprendizagens, mostra-se atento e empenhado nas atividades propostas.	Compreende que nem todos os alunos evidenciam as mesmas capacidades nem realizam as mesmas atividades da mesma forma.

Atitudes e Comportamentos							
AlunoN.º	Concentração	Cumprimento de regras	Resistência à frustração	Cumprimento de tarefas	Participação nas atividades	Desejo de aprender	Aceitação da diferença
2 Não Satisfaz	Distrai-se frequentemente durante a realização das atividades e as intervenções do professor, nem sempre concluindo a tarefa em curso.	Só cumpre as regras de funcionamento da sala de aula e as instruções para a realização das atividades, por insistência do professor.	Fica desanimado perante situações imprevistas e não aceita os seus erros, abandonando a tarefa e não tentando ultrapassar os obstáculos encontrados.	Só realiza algumas das tarefas propostas após a insistência do professor.	Não quer participar nas atividades da turma, escola e agrupamento que impliquem a sua participação, só o fazendo após a insistência do professor.	Não mostra interesse em realizar novas aprendizagens, distraíndo-se e realizando as atividades propostas de forma incompleta.	Não aceita que outros colegas realizem atividades diferentes de acordo com as suas capacidades, querendo também realizar as atividades que considera mais simples.
1 Fraco	Só consegue manter-se concentrado durante a realização da tarefa e as intervenções do professor por breves momentos,	Não cumpre as regras de funcionamento da sala de aula e as instruções para a realização das atividades.	Reage agressivamente perante situações imprevistas e não aceita os seus erros, reagindo de forma intempestiva, abandonando a tarefa e não tentando ultrapassar os obstáculos encontrados.	Realiza poucas ou nenhuma das tarefas propostas.	Não participa em várias atividades da turma, escola e agrupamento que impliquem a sua participação.	Não mostra interesse em realizar novas aprendizagens, realizando as tarefas propostas de forma contrariada.	Não aceita as diferenças, fazendo troça dos colegas.

Anexo II: Grelhas de registo preenchidas no início do ano

Grelha de Registo

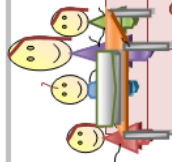
Data: 23/09/2011



Aluno N.º	Oralidade				Escrita			
	Compreensão		Expressão		Compreensão		Expressão	
	Leitura em voz alta	Falar em público	Conteúdo do texto	Organização do texto	Correção ortográfica/frásica	Vocabulário		
1	3	2	3	3	2	3	3	
2	3	2	3	3	3	3	3	
3	2	1	1	1	1	1	1	
4	4	2	3	3	3	3	4	
5	3	2	2	3	2	2	2	
6	3	2	2	3	2	2	2	
7	3	2	2	3	2	2	2	
8	3	1	1	3	1	1	1	
9	3	1	1	1	1	1	1	
10	3	2	2	3	2	2	2	
11	3	1	1	1	1	1	1	
12	3	1	1	1	1	1	1	
13	3	3	3	3	3	2	2	
14	1	1	1	1	1	1	1	
15	3	2	2	3	2	2	2	
16	3	2	2	3	2	2	2	
17	3	2	2	3	2	2	2	
18	3	3	2	3	3	2	3	
Média	2,89	2,11	1,50	2,44	1,94	1,89	1,83	1,94
F	1	6	9	5	6	6	6	6
NS	1	5	9	0	7	8	9	8
S	15	6	0	13	5	4	3	3
B	1	1	0	0	0	0	0	1
MB	0	0	0	0	0	0	0	0

Legenda:

1. Fraco 2. Não Satisfaz 3. Satisfaz 4. Bom 5. Muito Bom



Grelha de Registro **Data: 23/09/2011**

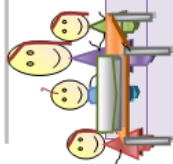
Aluno N.º	Domínio da Matemática										Gosto pela matemática
	Operações de adição e subtração	Resolução de problemas	Cálculo mental	Jogos matemáticos			Saber errar/perder	Gosto pela matemática			
				Respeito pelas regras	Estratégias de jogo	Saber errar/perder					
1	4	2	3	4	3	3	3	4	3	4	
2	3	2	3	3	3	3	3	3	3	3	
3	1	1	1	1	1	1	1	2	1	2	
4	4	3	4	3	4	3	3	4	3	4	
5	2	2	2	2	2	2	1	2	1	2	
6	3	2	3	2	3	2	2	3	1	3	
7	2	2	2	1	2	2	1	2	1	2	
8	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	
9	2	2	2	4	2	2	2	2	3	2	
10	3	2	2	1	2	1	1	2	1	2	
11	1	1	1	2	1	1	1	2	2	2	
12	3	1	2	1	2	1	2	2	1	2	
13	4	3	4	4	4	3	3	4	3	4	
14	1	1	1	1	1	1	1	2	3	2	
15	2	2	2	4	2	2	2	3	2	3	
16	2	2	2	4	2	2	2	3	3	3	
17	3	2	3	3	3	3	2	3	3	3	
18	3	2	3	3	3	3	2	3	3	3	
Média	2,50	1,89	2,33	2,50	1,94	2,17	2,50	2,50	2,17	2,50	
F	3	4	3	5	4	6	3	3	6	3	
NS	6	12	8	4	11	3	4	6	3	6	
S	6	2	5	4	3	9	4	3	9	6	
B	3	0	2	5	0	0	5	0	0	3	
MB	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	

Legenda:

1. Fraco 2. Não Satisfaz 3. Satisfaz 4. Bom 5. Muito Bom

Data: 23/09/2011

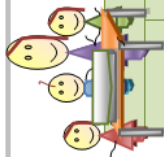
Grelha de Registro



Aluno N.º	Espírito crítico	Auto- avaliação	Hetero- avaliação	Competências Gerais e Atitude perante o trabalho										Maturidade	Domínio das TIC
				Preocupação com a qualidade do trabalho	Capacidade de reformular o trabalho	Capacidade de seleção de seleção	Capacidade de organização	Confiança	Autonomia						
1	3	2	3	2	2	3	3	1	2	1	1	1	1	1	
2	2	2	3	2	2	2	2	2	2	2	2	3	2	1	
3	2	2	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	
4	2	2	2	2	3	2	2	3	2	3	2	3	2	1	
5	2	2	2	1	2	1	1	2	1	2	1	2	1	1	
6	2	2	2	1	3	2	2	1	1	1	1	2	2	1	
7	2	2	2	1	2	2	2	2	2	2	1	1	1	1	
8	2	2	2	1	2	1	1	2	1	2	1	1	1	1	
9	2	2	3	3	3	2	2	3	2	3	2	3	2	1	
10	2	2	3	2	2	1	1	1	1	1	1	2	1	1	
11	2	2	2	2	1	1	1	2	1	2	1	3	1	1	
12	2	2	2	2	2	1	1	2	1	2	1	1	1	1	
13	2	2	2	2	2	1	1	2	1	2	2	2	2	1	
14	2	2	2	1	1	1	1	1	1	1	1	2	2	1	
15	2	2	3	2	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	
16	2	2	3	3	3	3	3	2	2	2	2	3	2	1	
17	2	2	2	2	3	2	2	3	2	3	2	3	2	1	
18	3	2	3	3	3	3	3	3	3	2	3	4	3	1	
Média	2,11	2,00	2,39	1,89	2,17	1,67	1,67	1,83	1,56	2,06	1,00				
F	0	0	0	7	3	9	9	6	10	6	18				
NS	16	18	11	7	9	6	6	9	6	6	0				
S	2	0	7	3	6	3	3	3	2	5	0				
B	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0				
MB	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0				

Legenda:

1. Fraco 2. Não Satisfaz 3. Satisfaz 4. Bom 5. Muito Bom



Data: 23/09/2011

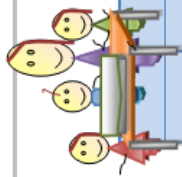
Grelha de Registro

Aluno N.º	Atitudes e Comportamentos							
	Concentração	Cumprimento de regras	Resistência à frustração	Cumprimento de tarefas	Participação nas atividades	Desejo de aprender	Aceitação da diferença	
1	1	2	1	2	2	1	2	2
2	3	4	3	2	4	2	3	3
3	1	3	3	2	3	1	3	3
4	3	3	2	3	3	3	2	2
5	2	2	2	2	2	2	2	2
6	1	1	1	3	1	1	1	1
7	1	1	2	2	2	1	2	2
8	2	2	2	2	1	1	2	2
9	3	4	3	2	3	2	3	3
10	2	2	1	1	2	1	2	2
11	2	2	2	2	1	1	3	3
12	1	2	1	1	2	1	3	3
13	2	3	3	1	3	2	3	3
14	1	2	3	1	2	1	3	3
15	1	3	1	1	3	3	2	2
16	3	3	3	3	4	3	3	3
17	2	2	3	3	3	3	2	2
18	4	4	2	3	3	3	2	2
Média	1,94	2,50	2,11	2,00	2,44	1,78	2,39	
F	7	2	5	5	3	9	1	
NS	6	8	6	8	6	4	9	
S	4	5	7	5	7	5	8	
B	1	3	0	0	2	0	0	
MB	0	0	0	0	0	0	0	

Legenda:

1. Fraco 2. Não Satisfaz 3. Satisfaz 4. Bom 5. Muito Bom

Anexo III: Grelhas de registo da evolução dos alunos ao longo do ano



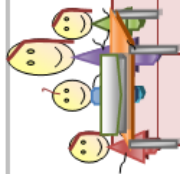
Grelha de Registro

Datas: 23/09; 29/10; 22/12

Aluno N.º	Domínio da Língua Portuguesa																								
	Oralidade									Escrita															
	Compreensão			Expressão			Compreensão			Conteúdo do texto			Expressão			Expressão									
	Leitura em voz alta			Falar em público			1º per			1º per			1º per			1º per									
Diag.	1º per	22/12	Diag.	1º per	22/12	Diag.	23/09	29/10	22/12	Diag.	23/09	29/10	22/12	Diag.	23/09	29/10	22/12	Diag.	23/09	29/10	22/12				
1	3	4	4	3	3	3	2	3	3	3	3	3	4	2	3	3	3	3	3	3	3	3			
2	3	4	5	3	3	4	2	3	3	3	3	3	4	3	3	3	3	3	3	3	3	3			
3	2	2	3	1	2	2	1	2	2	1	1	2	2	1	1	2	1	2	1	1	2	1			
4	4	4	4	4	4	4	2	4	4	4	4	3	4	3	4	4	3	3	3	4	4	4			
5	3	3	4	2	2	3	2	2	3	3	3	3	3	2	2	2	2	2	2	2	2	3			
6	3	3	3	3	3	3	2	3	2	3	3	3	3	2	3	3	3	2	2	2	2	3			
7	3	3	Tr.	3	3	Tr.	2	3	Tr.	3	3	Tr.	Tr.	2	2	2	Tr.	2	2	2	2	Tr.			
8	3	3	3	1	2	3	1	2	2	3	2	3	1	2	2	1	2	2	1	2	2	3			
9	3	3	3	1	2	3	1	2	2	1	2	3	1	2	2	1	2	2	1	2	2	3			
10	3	3	3	2	2	3	2	2	2	3	3	3	2	2	2	2	2	2	2	2	2	3			
11	3	2	3	1	1	1	1	1	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1			
12	3	3	4	1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	2	2	1	2	2	1	2	2	3			
13	3	3	3	3	2	3	1	2	2	3	4	4	3	3	4	3	3	4	2	3	3	3			
14	1	2	3	1	1	1	1	2	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1			
15	3	4	4	2	2	4	1	2	3	3	3	4	2	2	3	2	2	3	2	2	2	3			
16	3	4	5	2	3	4	2	3	4	3	4	3	3	2	3	2	3	2	2	2	2	3			
17	3	3	3	2	3	3	1	3	3	3	3	3	2	2	2	2	2	2	2	2	2	3			
18	3	4	4	3	3	3	2	3	3	3	3	4	3	3	3	3	4	2	2	2	3	3			
Média	2,89	3,17	3,59	2,11	2,39	2,94	1,50	2,44	2,65	2,44	2,61	2,44	2,76	1,94	2,33	2,76	1,89	2,28	2,59	1,83	2,06	2,24	1,94	2,22	2,76
F	1	0	0	6	2	2	9	1	0	5	3	2	2	6	3	2	6	3	2	6	3	2	6	3	2
NS	1	3	0	5	8	1	9	9	8	0	3	1	7	8	8	6	8	8	6	9	11	9	8	9	1
S	15	9	9	6	7	10	0	7	7	13	10	9	5	8	5	4	4	6	6	3	4	6	3	5	13
B	1	6	6	1	1	4	0	1	2	0	2	5	0	0	0	5	0	1	3	0	0	0	1	1	1
MB	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Legenda:

1. Fraco 2. Não Satisfaz 3. Satisfaz 4. Bom 5. Muito Bom

Grelha de Registro Datas: 27/02; 30/03; 15/05; 16/06

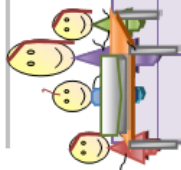
Aluno N.º	Domínio da Matemática																					
	Operações de adição e subtração			Resolução de problemas			Cálculo mental			Respeito pelas regras			Jogos matemáticos						Gosto pela matemática			
	2º per.	3º per.	16/06	27/02	30/03	15/05	16/06	27/02	30/03	15/05	16/06	27/02	30/03	15/05	16/06	27/02	30/03	15/05	16/06	27/02	30/03	15/05
1	4	4	5	4	4	5	4	4	4	4	4	5	5	5	4	4	5	5	4	5	5	5
2	4	4	4	3	3	3	3	3	3	3	3	5	5	5	4	4	5	5	4	5	5	5
3	3	3	3	2	2	3	3	3	3	3	3	4	5	5	2	3	3	3	4	5	5	5
4	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	4	5	5	5
5	3	3	3	2	2	2	3	3	3	3	3	4	5	5	4	4	4	4	4	5	5	5
6	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	4	5	5	3	3	3	3	4	5	5	5
7	Transfênda																					
8	3	3	3	2	2	2	3	3	3	3	3	3	4	5	5	3	3	3	3	3	4	5
9	3	3	3	2	2	3	3	3	3	3	3	5	5	5	3	3	3	3	3	5	5	5
10	3	3	3	2	2	3	3	3	4	4	4	4	5	5	3	4	5	5	4	5	5	5
11	3	3	3	2	2	2	2	3	3	3	3	4	5	5	3	4	5	5	4	5	5	5
12	4	4	5	3	3	3	3	4	4	5	5	5	5	5	4	4	4	4	4	5	5	5
13	5	5	5	4	4	4	5	5	5	5	5	5	5	5	4	5	5	5	4	5	5	5
14	3	3	3	2	2	2	2	2	2	2	2	3	5	5	2	3	3	3	4	5	5	5
15	4	5	5	4	4	4	5	4	5	5	5	5	5	5	4	5	5	5	4	5	5	5
16	3	4	4	3	3	3	3	3	3	3	3	5	5	5	4	5	5	5	5	5	5	5
17	3	3	3	2	2	3	3	3	3	3	3	4	5	5	3	4	4	4	4	4	5	5
18	4	5	5	4	4	4	5	4	4	4	4	5	5	5	4	5	5	5	4	5	5	5
Média	3,53	3,71	3,71	3,82	2,88	3,12	3,47	3,41	3,53	3,59	3,65	4,35	4,88	5,00	5,00	3,47	4,00	4,29	4,29	4,00	4,82	5,00
F	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
NS	0	0	0	8	8	4	2	1	1	1	1	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0
S	10	9	9	4	4	8	10	9	9	9	9	2	0	0	6	5	4	4	4	2	1	0
B	5	4	4	2	4	4	4	4	4	3	2	7	2	0	8	7	4	4	4	13	1	0
MB	2	4	4	6	1	1	1	5	2	3	4	8	15	17	1	5	9	9	2	15	17	17

Legenda:

1. Fraco 2. Não Satisfaz 3. Satisfaz 4. Bom 5. Muito Bom

Grelha de Registro

Datas: 23/09; 29/10; 22/12

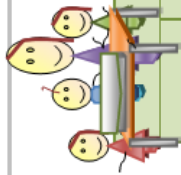


Aluno N.º	Competências Gerais e Atitude perante o trabalho																																							
	Espírito crítico		Auto-avaliação		Hetero-avaliação		Preocupação com a qualidade do trabalho		Capacidade de reformular o trabalho		Capacidade de seleção		Capacidade de organização		Confiança		Autonomia		Maturidade		Dominio das TIC																			
	Diag	1º per	Diag	1º per	Diag	1º per	Diag	1º per	Diag	1º per	Diag	1º per	Diag	1º per	Diag	1º per	Diag	1º per	Diag	1º per	Diag	1º per																		
1	3	3	3	2	3	3	2	4	4	2	3	4	3	4	4	1	3	4	2	3	4	1	3	4																
2	2	3	4	2	3	4	2	4	4	2	3	4	2	4	4	2	4	4	3	3	4	2	3	4																
3	2	2	3	2	2	3	1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	3	3	1	2	2	1	2	2	3															
4	2	3	4	2	4	4	2	4	4	3	4	4	2	4	4	3	4	4	2	3	4	3	4	1	3	4														
5	2	3	4	2	3	4	1	3	4	2	3	3	1	3	3	2	3	3	1	3	3	2	2	3	1	3	3													
6	2	3	3	2	2	3	1	3	4	3	3	3	2	3	4	2	3	3	1	2	3	2	2	3	1	3	3													
7	2	2	Tr.	2	2	Tr.	1	2	Tr.	2	2	Tr.	2	2	Tr.	2	3	Tr.	1	2	Tr.	1	2	Tr.	1	2	Tr.													
8	2	2	3	2	2	3	1	2	3	2	2	3	1	3	4	1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	2	3													
9	2	2	3	2	2	3	3	2	4	3	3	3	2	4	4	2	3	3	2	2	3	2	2	3	3	3	4	1	2	3										
10	2	2	3	2	2	3	2	2	3	2	2	3	1	2	3	1	2	2	1	2	2	1	2	2	2	2	2	2	2	2	3									
11	2	2	3	2	2	2	2	2	2	1	2	2	1	2	3	1	2	2	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	3								
12	2	3	4	2	3	4	1	3	4	2	3	3	1	4	4	1	3	3	1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	3	3							
13	2	3	4	2	3	3	2	3	3	2	3	3	1	3	3	1	4	4	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	3	3	4					
14	2	2	3	2	2	2	1	2	3	1	2	2	1	2	3	1	2	2	1	2	2	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2				
15	2	3	3	2	3	3	2	3	4	2	3	3	1	4	3	1	4	3	1	3	3	1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	3	4				
16	2	3	4	2	4	4	4	4	4	3	3	4	3	4	4	2	4	4	2	4	4	2	3	4	2	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	4		
17	2	3	3	2	3	3	2	3	3	3	3	3	2	2	2	2	3	3	2	3	3	2	3	3	2	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3		
18	3	3	3	2	3	3	3	4	4	3	3	3	2	2	3	2	4	4	2	4	4	3	3	3	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4		
Média	2,11	2,61	3,35	2,00	2,67	3,12	2,39	2,67	3,06	1,89	2,89	3,53	2,17	2,72	3,12	1,67	2,94	3,29	1,67	3,06	3,12	1,83	2,89	3,24	1,56	2,44	3,06	2,06	2,50	3,18	1,00	2,61	3,35	1,00	2,61	3,35				
F	0	0	0	0	0	0	7	0	0	3	0	0	9	0	0	0	0	6	0	0	6	0	0	10	0	0	6	0	0	18	0	0	0	0	0	0	0			
NS	16	7	0	18	8	3	11	8	4	7	7	1	9	6	2	6	6	4	9	6	1	6	10	4	6	10	4	6	10	2	0	7	0	7	1	0	7	1		
S	2	11	11	0	8	9	7	8	8	3	6	6	6	11	11	3	7	8	3	5	7	3	8	11	2	8	8	5	7	10	0	11	9	0	11	9	9			
B	0	0	6	0	2	5	0	2	5	1	5	10	0	4	0	5	7	0	7	6	0	4	5	0	0	0	5	1	1	5	0	0	7	0	0	7	0	7		
MB	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Legenda:

1. Fraco 2. Não Satisfaz 3. Satisfaz 4. Bom 5. Muito Bom

Grelha de Registro **Datas: 23/09; 29/10; 22/12**



AlunoN.º	Atitudes e Comportamentos																					
	Concentração			Cumprimento de regras			Resistência à frustração			Cumprimento de tarefas			Participação nas atividades			Desejo de aprender			Aceitação da diferença			
	Diag.	1º per	2º per	Diag.	1º per	2º per	Diag.	1º per	2º per	Diag.	1º per	2º per	Diag.	1º per	2º per	Diag.	1º per	2º per	Diag.	1º per	2º per	
	23/09	29/10	22/12	23/09	29/10	22/12	23/09	29/10	22/12	23/09	29/10	22/12	23/09	29/10	22/12	23/09	29/10	22/12	23/09	29/10	22/12	
1	1	3	4	2	3	4	1	3	4	2	3	3	2	3	4	1	3	3	2	3	2	3
2	3	4	4	4	4	5	3	4	4	2	3	4	4	4	4	2	3	4	3	4	3	4
3	1	2	3	3	3	3	3	3	4	2	2	3	3	3	4	1	2	3	3	3	3	3
4	3	4	4	3	4	4	2	3	3	3	4	4	3	4	5	3	4	5	2	3	3	4
5	2	2	3	2	3	3	2	2	3	2	3	3	2	3	4	2	2	3	2	2	2	4
6	1	3	3	1	3	3	1	2	2	3	3	3	1	3	4	1	3	3	1	2	2	3
7	1	2	Tr.	1	2	Tr.	2	2	Tr.	2	2	Tr.	2	3	Tr.	1	2	Tr.	2	2	2	Tr.
8	2	2	3	2	2	3	2	3	3	2	2	3	1	3	3	1	2	3	2	2	2	3
9	3	3	4	4	4	5	3	3	4	2	2	3	3	3	3	2	2	3	3	3	3	4
10	2	2	3	2	2	3	1	1	2	1	3	3	2	3	3	1	2	3	2	2	2	3
11	2	2	3	2	3	3	2	2	3	2	3	3	1	2	3	1	2	3	1	2	3	3
12	1	3	3	2	3	3	1	2	3	1	3	3	2	3	4	1	2	3	3	3	3	3
13	2	3	3	3	3	4	3	3	3	1	3	3	3	3	4	2	3	4	3	3	3	4
14	1	1	2	2	2	3	3	3	3	1	2	2	2	2	3	1	2	3	3	3	3	4
15	1	3	3	3	3	3	1	3	3	1	3	3	3	4	4	3	3	4	2	3	3	4
16	3	3	4	3	4	4	3	4	4	3	4	4	4	5	5	3	4	5	3	4	3	4
17	2	2	3	2	2	3	3	3	3	3	2	3	3	3	3	3	3	4	2	2	2	3
18	4	4	4	4	4	5	2	3	3	3	4	4	3	4	5	3	3	4	2	2	2	3
Média	1,94	2,67	3,29	2,50	3,06	3,59	2,11	2,72	3,18	2,00	2,83	3,18	2,44	3,28	3,82	1,78	2,61	3,53	2,39	2,67	3,41	
F	7	1	0	2	0	0	5	1	0	5	0	0	3	0	0	9	0	0	1	0	0	
NS	6	7	1	8	5	0	6	5	2	8	6	1	6	1	0	4	9	0	9	8	0	
S	4	7	10	5	8	10	7	10	10	5	9	12	7	12	6	5	7	10	8	8	10	
B	1	3	6	3	4	4	0	2	5	0	3	4	2	4	8	0	2	5	0	2	7	
MB	0	0	0	0	1	3	0	0	0	0	0	0	0	1	3	0	0	2	0	0	0	

Legenda:

1. Fraco 2. Não Satisfaz 3. Satisfaz 4. Bom 5. Muito Bom

Anexo IV: Diário de Bordo

Diário de Bordo



15 de setembro de 2011

Hoje começaram as aulas. Os alunos vieram todos e chegaram muito faladores, como é de esperar. Aproveitei a manhã para os ouvir falar das suas férias, dos seus momentos divertidos com a família. Falaram das suas idas à praia e de terem visto muita televisão. A Bruna, o Hugo e o Rui¹ disseram: **“Professora, não tivemos tempo para fazer os trabalhos das férias. Não faz mal, pois não?”** Perguntei aos outros se também não tinham feito os trabalhos de férias. Só a Sandra e a Teresa é que disseram que tinham feito os trabalhos e entregaram as respetivas fichas. **“Professora, eu comecei mas não tive tempo para os acabar”**, disse o Carlos. Falando com a turma em geral percebi que a maioria dos alunos nem sequer tinha lido um texto durante as férias.

Pedi-lhes que fizessem um desenho sobre as férias e/ou escrevessem duas a três frases sobre os momentos mais divertidos para eles. **“É mesmo preciso, professora? Não sei o que escrever. Posso fazer só o desenho da praia?...”**, perguntou o Hugo. A Francisca mostrou o seu desenho à turma e leu a frase que escreveu: **“Eu e a minha mãe e o meu pai e o meu irmão fomos à praia”**. O Manuel fez um grande desenho mostrando que tinha comido um gelado, mas só mostrou o desenho a mim, como professora. Disse-lhe que estava muito bonito e que iria afixá-lo no placard da sala. Mas, ele pediu: **“Não, professora. É para ti.”** Percebi, que não queria mostrá-lo aos colegas. Disse-lhe: **“Então, Manuel. Está tão bonito. A sala vai ficar mais gira com o teu desenho na parede, não achas?”** A Bruna pediu para ver o desenho e disse: **“Está giro, Manuel. Olha o meu desenho”**. Então, aproveitei o momento para pedir à Bruna para ajudar o Manuel a afixarem os desenhos deles. **“Vai Manuel, toma lá os pioneses. Vai com a Bruna que ela precisa de ajuda para os afixar”**. Ele lá foi, acabando por se afixar os desenhos de todos com a ajuda do Manuel, pois ele estava a gostar de usar os pioneses.

Na parte da tarde, estivemos no recreio a realizar jogos com colegas de outras turmas. Todos participaram nas brincadeiras e divertimo-nos muito. Foi um dia engraçado, houve muitos abraços e beijinhos. Deu para matar saudades. 😊

¹ Para preservar o anonimato das pessoas envolvidas no projeto, todos os nomes utilizados no *Diário de Bordo* são fictícios, tanto os das crianças como os dos adultos referidos no texto.



19 a 23 de setembro de 2011

Esta semana realizam-se as fichas de diagnóstico. As grandes áreas avaliadas foram Língua Portuguesa, Matemática e Atitudes e Comportamentos.

Na área da Língua Portuguesa, a ficha de avaliação diagnóstica incidiu sobre oralidade (leitura de textos simples), a escrita de pequenas frases e ilustrações através de imagens. Na área da Matemática, a ficha de avaliação diagnóstica incidiu na realização de somas simples e na noção de quantidade. Na área das atitudes, a avaliação diagnóstica decorreu da observação feita por mim durante a realização de atividades, como os momentos da realização de jogos matemáticos e de trabalhos individuais e/ou de grupo, durante a semana de 19 a 23 de setembro.

O Hugo, o Carlos e o Gil passaram a semana toda na conversa. Riram-se por tudo e por nada. Levantavam-se várias vezes para entregar as fichas. **“Já está Professora, não quero fazer mais. Está bem assim.”** Pedi-lhes que pintassem pelo menos as imagens para que a apresentação das fichas ficasse melhor. O Hugo respondeu: **“Está bem assim, não me apetece pintar mais. Posso ir jogar à bola no recreio?”** A Isabel passou a maior parte do tempo a arrumar o estojo e quando me chegava perto dela oferecendo-lhe ajuda ela dizia: **“Estou cansada. É mesmo preciso fazer as contas?”** Pedi-lhe então que lesse um texto muito simples para mim. Ela começou a ler, mas depressa disse: **“Já está. Posso agora fazer um desenho para ti, professora?”** A Joana e a Lurdes solicitaram-me constantemente ajuda: **“Professora, é assim que se escreve... Podes ler-me esta pergunta?... O que é para fazer aqui?...”**, disseram. A Sandra, a Francisca estavam muito concentradas a realizarem as fichas apresentadas, mas quando me sentei junto delas reparei que a Sandra tinha feito tudo, mas nada estava certo. A Francisca, pelo contrário, o que fez estava bem, mas não passou da primeira folha. **“Então, Francisca. Precisas de ajuda?”** Perguntei-lhe. **“Não...Estou quase a acabar”** respondeu ela com um grande sorriso. O Mateus, novo aluno da turma, não fez nenhum exercício. **“Estou muito cansado. Faço só desenhos. Eu desenho muito bem, queres ver. Na outra escola, a professora dizia que eu desenhava muito bem”**, disse-me ele. Elogiei-o pelos seus desenhos e ofereci-me para ajudá-lo a escrever frases muito simples como legenda dos seus desenhos. Mas demonstrou ter muitas dificuldades em se concentrar no trabalho. Esteve sempre muito desatento, mais preocupado no que os colegas faziam.



O Gaspar chegou todos os dias atrasado, atrasos de meia a uma hora. Chegava sempre meio perdido e dizia: **“Bom dia professora. Hoje doí-me a cabeça”** Começava por abrir um caderno que trazia de casa e desenhava um carro. Aproveitei para lhe ensinar a contar, uma sequência simples de um a cinco: **“Desenhas muito bem. Ajudas-me, agora, a contar estas peças. 1, 2, 3...”** Fazia-o, mas desconcentrava-se facilmente e enganava-se constantemente. Daí, pedi ajuda ao Manuel e ao Frederico. Eles vieram dizendo: **“Eu sei contar, queres ver professora? Olha, 1, 2, ...”** Chegavam ao número seis e enganavam-se. Riam-se e pediam ajuda: **“Como é professora?”** E, lá repetíamos.

A Isabel e a Bruna estavam sempre fora do seu lugar e tentando conversar e brincar durante a aula. Por isso, aproveitei para que elas ajudassem os colegas a contar. Vieram logo muito animadas, mas a Isabel depressa desistiu: **“Professora, posso ir fazer um desenho no quadro?”**

Vendo o Luís a olhar para a janela, disse-lhe: **“Então, Luís, o que gostas tanto de ver lá fora?! Queres ir brincar lá fora, é isso?”** Perguntei-lhe isso porque passou o tempo todo levantado, junto da janela, sem fazer as fichas e nem fez um desenho. **“Não, professora. Quero estar aqui a ver o recreio. Não me apetece escrever...”** Muitas vezes dizia: **“Tenho fome. Posso lanchar, agora?”**

O Rui não conseguiu acabar nenhuma tarefa a tempo, distraía-se com facilidade, mas nunca fez barulho. Por isso, não incomodava os colegas. **“Tenho sono, já faço...está bem, professora?”**

Quando pedi à Sofia, à Isabel, à Joana, à Lurdes, ao Hugo e ao Mateus que lessem, reparei que tinham esquecido o mecanismo da leitura. Leram com muitas dificuldades e desistiam facilmente. A Sofia só queria fazer cópias. Todos eles fizeram cópias, mas com uma apresentação muito descuidada e cheia de gatafunhos.

NOTA: Em conclusão, vejo que durante as férias não leram nenhum dos textos programados e que por isso se esqueceram das aprendizagens adquiridas no ano anterior. Só conseguiram ler textos muito elementares, sem casos de leitura. A turma, de modo geral, está muito desconcentrada, sem vontade de trabalhar e de se esforçar. Por isso, não terminam as tarefas, desistem dos jogos matemáticos assim que se apercebem que vão perder. Preferem fazer desenhos em substituição de trabalhos individuais e/ou de grupo que exigem mais concentração. Estão muito conversadores e alguns muito distantes. Ainda estão de férias...



26 de setembro de 2011

Hoje realizou-se a reunião com os Encarregados de Educação. Já nos conhecemos do ano anterior, apenas os pais do Mateus são novos. Na reunião fomos falando dos resultados da avaliação diagnóstica realizada na semana anterior. Todos estávamos bem cientes das distrações dos alunos e das suas dificuldades.

Falei-lhes do projeto da turma: a criação de um blogue de turma. Informei-os das vantagens para as crianças desenvolverem as suas aprendizagens e a sua autonomia. Seria um projeto para os alunos mostrarem o que aprendiam ao longo do ano e, que isso envolveria o registo fotográfico dos alunos e das atividades a desenvolver. Uma das grandes vantagens da criação do blogue seria de permitir que os alunos conseguissem fazer uma organização e seleção dos seus trabalhos para os tornarem públicos, levando-os a desenvolver a capacidade de refletir sobre as suas aprendizagens e a superar as dificuldades detetadas. Esperava que as crianças se preocupassem mais com a qualidade dos seus trabalhos e que se empenhassem para melhorar cada vez mais. Para além disso, seria interessante desenvolver um projeto em que os alunos pudessem trabalhar com o seu computador Magalhães. Seria muito positivo que eles aprendessem a usar o computador e a internet de forma segura e sempre sob a minha orientação.

Os pais foram recetivos à ideia, tendo preferido que o blogue fosse de acesso limitado aos Encarregados de Educação, aos alunos e a mim, como era óbvio, e que só o tornaríamos mais público quando todos se sentissem mais à vontade. Esta ideia agradou a todos os Encarregados de Educação.

Enquanto os Encarregados de Educação assinavam as autorizações para o uso das fotografias dos alunos e dos seus trabalhos para o projeto/estudo, fomos acordando alguns aspetos práticos, tais como: todos os alunos iriam trazer o computador apenas uma vez por semana, isto porque alguns pais disseram: **“As crianças são muito pequenas para carregar o computador todos os dias.”**; **“O meu filho vem de transporte e não é prático ele carregar sozinho uma pasta tão pesada”**. Nesse momento, a mãe do Luís, da Joana e da Sofia disseram: **“Mas, nós não temos o Magalhães, pois era preciso pagar vinte e cinco euros para recebermos o Magalhães”**. Garanti que não fazia diferença, pois os alunos poderiam partilhar os computadores, trabalhando em pares ou em grupo. Além disso, uma vez que se tratava apenas de três alunos sem computador, acordei com eles que arranjaría computadores para eles trabalharem junto dos colegas. Portanto, ficou acordado que às segundas-feiras a turma utilizaria a biblioteca escolar e os seus computadores. Nas sextas-feiras, os alunos trariam o Magalhães para trabalharmos na sala de aula.



Também falámos do envolvimento dos pais no projeto, que deveriam elogiar os trabalhos apresentados e que não deveriam fazer comparações. O objetivo era de as crianças aprenderem e desenvolverem a sua autoestima. Em Dezembro, na próxima reunião de Encarregados de Educação, voltaríamos a falar do projeto e do seu desenvolvimento.

No final da reunião, os pais do Luís, do Frederico, da Bruna e da Lurdes disseram não ter internet em casa, por isso perguntaram como poderiam ter acesso ao blogue. Ficou acordado que sempre que quisessem poderiam vir ter comigo e lhes mostraria o blogue na escola. Disse-lhes que estaria sempre na escola às segundas-feiras, à tarde, para atender os Encarregados de Educação, no momento de Atendimento aos Encarregados de Educação.

NOTA: Embora eu reconheça que seria preferível uma maior visibilidade do blogue, de forma a que os alunos pudessem partilhá-lo com outras turmas, considerei que, neste momento, e dadas as circunstâncias, era necessário respeitar todos os Encarregados de Educação envolvidos no projeto.



27 de setembro de 2011

Hoje apresentei o projeto “a criação do Blogue” à turma. Falei-lhes da possibilidade de guardarmos os nossos trabalhos num blogue. Para isso era necessário que todos soubessem usar um computador e a internet. O objetivo do projeto seria o de eles aprenderem a selecionar os trabalhos a os apresentarem no blogue e teriam de ser capazes de explicar por escrito o porquê dessa escolha. Todos iriam saber trabalhar com um blogue. Iriam depois poder mostrar aos pais e aos colegas os trabalhos realizados.

À medida que se ia falando do projeto a Isabel disse: **“Oh! Professora, mas depois todos podem ver os meus trabalhos?”**

“Sim, Isabel. Vais ver como vai ser engraçado.”

“Não quero. Professora.”

“Porquê? Não precisamos de ter vergonha, pois a professora vai ajudar-te. Vais ver como todos vão gostar dos teus trabalhos”.

“Não quero, professora. Não quero...” Conhecendo as características emocionais da Isabel, achei melhor não insistir para que as suas desconfianças não influenciassem os outros colegas.

Daí, o Luís também disse: **“Professora, eu também tenho que mostrar os meus trabalhos?”**

“O que te preocupa, Luís?”

“Eu não quero que a Bruna e a Isabel vejam os meus trabalhos.”

“Porquê? Vais ver que elas vão gostar de ver os teus trabalhos. A professora ajuda-te sempre que precisares. Vais ver...”

“Professora, elas estão sempre a gozar comigo. Elas riscam os meus trabalhos quando estamos nas aulas de Inglês” Daí, o Manuel disse: **“Professora, elas gozam comigo nas aulas de Música...”**

Percebi pelo desabafo dos alunos NEE que as suas dificuldades não estão a ser respeitadas por alguns colegas e que são alvo de troça. Fiquei admirada, pois no ano anterior a turma não se tinha apercebido que nem todos eram iguais. Mas este ano letivo, estão de facto mais velhos e começam a observar que os NEE não leem, não falam como eles, e que são frágeis emocionalmente. Achei que era melhor acalmar as desconfianças e os desconfortos de alguns alunos que, por questões do foro emocional, não conseguem lidar com a novidade e não lidam bem com as frustrações. Então, expliquei-lhes: **“O blogue só vai ser visto por nós (a turma) e só quando vocês quiserem é que vamos mostrar aos pais os nossos trabalhos.”**



Nota: ²

Aproveitei o momento para lhes mostrar o Blogue do Agrupamento: Bibliotequices da Lindley, na sala de aula. Tinha já requisitado o projetor e tinha levado o meu computador portátil e a minha internet portátil, o que facilitou muito a visualização de vários blogues. **“Mas os nossos trabalhos vão ficar todos misturados?”** disse a Teresa. **“Sim, ficam. São arrumados pelas datas em que os pusermos lá.”**, respondi eu.

“Mas assim fica confuso. Depois não encontro o meu trabalho.” argumentou a Teresa.

“Pois é!” disseram outros. Senti pela expressão deles que estavam confusos. Estão habituados a ter o seu dossiê e a sua prateleira para arquivar os seus trabalhos, mesmo nas AECs. Por isso, lembrei-me que podíamos organizar o blogue por pastas, com as etiquetas, para simular um dossiê virtual. Perguntei-lhes: **“Se cada um tiver uma pasta com o seu nome, como se fosse o dossiê, gostavam mais?”** Todos responderam que sim. Então, a Sandra perguntou se podiam pôr a fotografia na capa, como fizeram no dossiê. Disse-lhes que ia ver se conseguia fazer isso. Ficaram muito sorridentes com a ideia.

Enquanto consultávamos ainda o blogue do agrupamento o Carlos perguntou:

“O nosso blogue também vai ter nome?”

“Sim vai ter. Devem escolher um nome interessante para o blogue da turma.”

“O nosso blogue” sugeriu a Sofia

“Não. O blogue do 2B”, disse a Isabel

“O bloguinho”, disse a Sandra

“Pode ser O Sapinho à mesma?” continuou o Carlos.

“Sim, Sapinho Tesouro era engraçado, pois é o nome da nossa editora...” disse a Teresa.

“Pois estamos a guardar as coisas importantes, não é?...” disse o Gil

A turma aceitou a opinião do Carlos, do Gil e da Tatiana. Assim, ficou *Eportefólio Sapinho Tesouro*. Pareceu-me que a turma está a ficar mais envolvida, com a ideia das pastas individuais e a escolha do nome para o blogue já está a motivá-los para começarmos a trabalhar. Estão todos a compreender o objetivo do blogue.

² As partes que foram citadas na dissertação aparecem sombreadas a verde.



De seguida, por sugestão minha, elaborámos em conjunto um texto introdutório para colocar na apresentação do blogue. Todos participaram e estavam interessados. O texto foi escrito, redigido, corrigido e reformulado no quadro. No final, ficou aprovado o seguinte texto:

Sapinho Tesouro

Somos alunos do 2º ano de escolaridade. Ao criarmos este blogue pretendemos aprender a construir um eportefólio. Somos curiosos e muito aventureiros. Gostamos muito de ser desafiados para novas aprendizagens.

Vamos aprender de forma divertida e construtiva.

Vamos poder refletir sobre o nosso trabalho realizado de forma a evoluirmos e a saber cada vez mais.

NOTA: Vou criar um blogue respeitando a vontade de alguns alunos, criando pastas individuais, de forma a conseguir a desinibição de todos.

Espero que o blogue sirva para o desenvolvimento do respeito pela diferença, o respeito pelos colegas com Necessidades Educativas Especiais. Espero que o espírito de partilha e de cooperação se torne evidente com o desenvolvimento do projeto.



28 de setembro de 2011

A criação do Blogue: Eportefólio Sapinho Tesouro

Decidi usar o Blogger como espaço para a criação do blogue pois já estou familiarizada com este serviço e porque o blogger me permite criar etiquetas individuais com o nome de cada aluno, como se se tratasse de espaços individuais, tal como sugerido pela Isabel e pelo Luís.

Decidi criar duas contas no Gmail, uma para a administração do blogue e outra para visitantes (sendo a única conta com permissão para visitar o blogue, garantindo a privacidade do blogue conforme acordado em reunião com os Encarregados de Educação):

Na sala de aula, com os alunos, escolhemos o fundo e o design que mais agradou a todos. Gostaram mais do fundo cor-de-rosa com bonequinhos. À noite, em casa, introduzi o texto elaborado ontem. Comecei a criar as etiquetas com os nomes dos alunos. Sempre se consegue pôr fotografias junto das etiquetas, por isso vou surpreendê-los com as pastas criadas, como eles pediram.



30 de setembro de 2011

Quando os alunos chegaram à sala vinham muito entusiasmados, carregando as pastas, com um sorriso grande e falando alto que traziam os Magalhães.

“...trouxemos o Magalhães. A minha mãe carregou o Magalhães...” disseram a Teresa, a Isabel e a Bruna.

“...trouxe o Magalhães e trouxe o carregador...” gritaram o Hugo e o Gil

A Francisca e a Sandra muito tímidas sentaram-se nos seus lugares e começaram a tirar o computador das malas. Entretanto, foi necessário sentá-los e falar-lhes das regras de segurança e de utilização de computadores em sala de aula. Os alunos estavam sentados em grupo, como é hábito, para poderem auxiliar-se mutuamente. (...)

A agitação foi muito grande, foi necessário estabelecer constantemente as regras para o bom funcionamento da aula. Estavam muito contentes, diziam uns para os outros:

“Anda cá ver, olha este jogo...” dizia o Gil

“Olha este, é giro...” dizia o Rui

“professora, como é que faço para mexer este boneco?...” dizia a Isabel

“olha, professora, anda cá ver...” dizia o Manuel

Como disse aos pais, emprestei computadores ao Luís, à Sofia e à Joana, que não tinham computador. Assim, todos os alunos puderam experimentar e aprender a utilizar um computador. Nenhum deles se sentiu excluído.



3 de outubro de 2011

Hoje os alunos chegaram à escola muito entusiasmados, pois tinham mostrado aos pais aquilo que eram capazes de fazer:

“Eu mostrei à minha mãe como se liga e desliga o computador” dizia a Isabel

“... eu tive a jogar com o meu irmão...” dizia o Rui

“A minha mana não me deixou jogar no computador dela, mas não faz mal joguei no meu computador...” dizia o Manuel

“Professora, o meu pai não sabia ligar o computador...” dizia o Mateus

O Carlos e Hugo estavam tristes: ***“a minha mãe não me deixou trazer o computador hoje...”***

Aproveitei a animação geral para lhes lembrar a programação do nosso trabalho com o computador:

Segundas-Feiras: Ida à Biblioteca (usar o equipamento da escola)

Sextas-Feiras: Na sala de aula (trazer o Magalhães)

Aproveitámos para conhecer o espaço da biblioteca nova da escola. Registámos as regras fundamentais para o bom funcionamento da aula naquele espaço.



7 de outubro de 2011

Hoje a aula foi difícil. Os alunos estavam muito agitados, mostraram um excesso de confiança, pensando que já sabiam tudo sobre computadores. Por isso, não prestavam atenção às minhas instruções. Só queriam usar os jogos, como se o computador só tivesse essa função. Para meu espanto houve quem se esquecesse do Magalhães, como o Mateus, a Lurdes, o Gaspar e o Hugo.

“Oh! Professora, a minha mãe esqueceu-se de pôr o computador na minha mala” disse o Hugo.

“...era para trazer...” desculpou-se o Mateus

Daí, resolvi começar a aula, como tinha programado.

Introduzi o processador de texto Word, e surgiram dificuldades, o que foi bom. Os alunos acalmaram.

“Como é que faço para pôr o acento?” perguntou o Hugo

“... não sei, espera... professora como é que eu faço para as palavras não ficarem coladas?” perguntou o Carlos

“Eu consegui escrever o meu nome, olha...” disse o Gil

“Onde está a letra o, não encontro...” procurou o Hugo

“... professora, não encontro o meu trabalho...” disse o Rui, preocupado

“Guardaste o trabalho antes de começar a escrever?..” tentou ajudar a Francisca

“Já sei. Abres o Word e guardas...” explicou a Sandra

“Que giro, escrevi o meu nome e o teu, queres ver?...” disse a Bruna, sorridente.

Não sabiam como escrever, como encontrar as letras no teclado. Também perceberam que tinham de seguir certas regras para não perderem o trabalho escrito, como guardar nos meus documentos e só depois começarem a escrever o seu nome. De seguida, aprenderam a fazer a ligação à internet para acederem ao blogue da turma. Entraram no blogue e ficaram muito entusiasmados. Os alunos que não trouxeram o computador juntaram-se a outros colegas e perceberam que não deviam ter-se esquecido do seu computador. **“..eu nunca mais vou esquecer do meu computador, não é professora...”** disse o Mateus. A Isabel ficou radiante quando viu as etiquetas laterais com o seu nome e com a fotografia. Ao acederem às etiquetas com o seu nome aperceberam-se que não estava lá nada.

“não tenho nada na pasta, professora...” disse o Gil

“eu também não tenho...” disse o Luís

Então, decidimos em conjunto que era melhor cada um fazer uma apresentação individual, mas nem todos sabem escrever. Senti que estavam preocupados em ultrapassar esse obstáculo pois queriam colocar algum trabalho dentro da sua pasta.



Assim, cada um tentou fazer a sua apresentação no caderno. Escreveram o que sabiam e pediam sugestões e ajuda para corrigir o seu texto, pois não queriam escrever com erros.

“Professora, como é que se escreve *Eu chamo-me Joana?*...” perguntou a Joana

“É assim que se escreve...” perguntou o Mateus

“Professora ajuda-me a escrever o meu nome...” dizia o Luís

“Professora, está bem escrito assim?” perguntava a Sofia

A Sandra sugeriu que tirássemos uma fotografia para colocar na apresentação. O Mateus disse que também queria. **“...podíamos tirar uma fotografia da turma, ficava mais giro...”** sugeriu o Carlos. **“...empresta-me os teus óculos, para eu os pôr na minha fotografia”**, disse a Lurdes para o Carlos. **“... eu posso tirar sentada...”** perguntou a Joana.

O entusiasmo da turma foi tão grande em melhorar o seu texto de apresentação e estavam tão preocupados em tirar uma fotografia com poses diferentes que acabei por achar engraçado.

E, lá tirámos...



Depois os alunos foram escrever no Word as apresentações que tinham escrito no caderno. Os trabalhos foram guardados na pasta dos meus documentos e depois guardei-os na pen.

Alguns dos textos são muito simples, mas os alunos esforçaram-se muito. Os que não trouxeram o computador usaram o dos colegas para fazer a tarefa.

A Joana, a Lurdes, o Mateus e a Isabel escreveram o texto no caderno, mas ficaram cansados. Já não quiseram escrever o texto no Word.

“Não quero fazer mais” disseram o Mateus, a Lurdes e a Isabel

“Eu também não, já estou cansada” disse a Joana

Tive que me juntar a eles e insistir para que não desistissem. Disse-lhes que ia ficar muito bonito quando estivesse pronto. Tive de ficar sentada ao pé deles, se não desistiam.

O Manuel, o Luís e o Frederico (NEE) não quiseram escrever a sua apresentação. Ficaram contentes com a sessão de fotografia, mas escolherem a sua pose e verem a animação geral deixou-os nervosos. Olharam para o computador com um ar desconfiado e preferiram não escrever no Word.

“professora, depois escreves tu...escreves o meu nome...” disse o Manuel

“...não quero escrever, professora. Escreve tu, vá lá...” disse o Luís

“...agora não quero, professora escreve tu...” disse o Frederico

Já não conseguiam concentrar-se mais. Não era a altura de insistir. Disse-lhes que ia escrever e depois mostrava-lhes. Já foi bom quererem tirar a fotografia para inserir no blogue, na sua pasta.

Nota: Tive de colocar os trabalhos dos alunos em casa, pois a net deixou de funcionar na aula e estava muito lenta, não se conseguindo inserir as imagens.



10 de outubro de 2011

Hoje foi o dia de vermos o nosso primeiro trabalho concluído, no blogue. Usámos o projetor da Biblioteca e vimos o blogue todos juntos. Estavam nervosos, mas entusiasmados.

À medida que abrimos as diferentes pastas e observámos as fotografias de cada um e lemos as apresentações eles ficaram um pouco envergonhados. Baixavam a cabeça, coravam e riam-se, mas gostavam de se ver e de ouvir os comentários dos colegas.

Até os que tinham apenas a sua fotografia e uma frase simples estavam muito contentes.

Os alunos foram comentando o que viam:

“Professora, mostra aí o trabalho do Gil.” disse o Hugo

“Olha a fotografia da Lurdes!”, disse o Carlos

“São os óculos do Carlos! A Lurdes parece a professora” disse a Francisca

“Professora, mostra o trabalho do Manuel”, disse o Rui

“Boa, Manuel. A tua fotografia está gira!” disse o Gil

Pedi ao Gil para ler o texto da Teresa em voz alta, para todos ouvirmos.

“Ela escreveu muito, não foi professora?”, disse a Isabel

Pedi à Teresa para ler o texto do Rui. Riram-se muito da apresentação.

Pedi ao Carlos para ler a sua apresentação. Todos se riram por ele dizer que era preguiçoso.

Lemos as outras apresentações e as reações foram semelhantes.

No fim, estavam todos muito bem dispostos. Nem foram a correr para o recreio.



14 de outubro de 2011

Hoje todos os alunos trouxeram o computador. Estavam muito alegres e com muita vontade de trabalhar. Sentaram-se e começaram por ligar o computador, prontos para iniciar a tarefa de hoje. Foi emocionante ver a vontade deles em aprender algo de novo. Estavam com muita vontade de realizar trabalhos para colocar no blogue e por isso estiveram ocupados em fazer pequenas cópias no Word, pois estavam ainda a aprender a dominar o processador de texto. Ficaram surpreendidos com o sublinhado vermelho e/ou verde que ia surgindo nas cópias. Expliquei-lhes que o vermelho assinalava os erros ortográficos e o verde assinalava erros gramaticais. Disse-lhes que deveriam rever a escrita do texto e teriam de corrigir o erro. Poderiam ver as sugestões dadas pelo próprio programa. No entanto, sempre que houve dúvidas eu estava por perto para ajudá-los.

Curiosamente os alunos não desistiram e concentraram-se ainda mais no trabalho que estavam a realizar. Verifiquei que uma das vantagens da utilização do Word é o de assinalar os erros, o que permite aos alunos desenvolver a sua autonomia corrigindo os erros sem precisar da minha ajuda.

Quanto aos alunos NEE, por terem dificuldades em se concentrar na cópia de frases simples, desistiram do trabalho. No entanto, não desistiram de trabalhar com o computador.

“Professora, posso ir jogar com o Frederico, vá lá...”, pediu o Manuel.

“Sim, professora, deixa a gente jogar. Não vamos fazer barulho...”, acrescentou o Frederico. Percebi as dificuldades deles. Já estavam há mais de dez minutos tentando copiar o texto para o Word e, de facto, a concentração deles deveria estar no seu limite. Por isso autorizei-os, afinal iam trabalhar com o teclado e iriam trabalhar em grupo numa tarefa que eles dominavam melhor. Assim foi. Exploraram alguns dos jogos existentes no Magalhães e estavam a entendê-los muito bem. O Gaspar e o Luís juntaram-se a eles, pegando num dos computadores, e foi engraçado ver o Manuel a explicar-lhes como aceder a um dos jogos e como deveriam jogar. Embora não estivessem preocupados em realizar um trabalho para colocar no blogue, foi bastante positiva a forma como eles estavam tão concentrados e o modo como partilhavam as suas experiências.

Tive a noção que continua a haver a necessidade de os despertar para o objetivo da criação do Blogue, mas dadas as características dos alunos foi uma aula bastante produtiva.



Quando me cheguei perto do Mateus, da Joana, da Lurdes, da Sofia e da Isabel, alunos imaturos e que por isso poderiam precisar da minha ajuda, reparei que estavam com dificuldades em achar as letras e que tinham dificuldades em se manter concentrados. O Mateus estava com uma expressão fatigada.

“Oh, professora...já escrevi estas palavras...já está. Posso ir fazer um desenho no meu caderno?”, disse o Mateus.

“Podes, mas não era melhor acabares primeiro. Não falta muito para terminares. Eu ajudo-te...”, respondi-lhe eu.

“Não, está bem assim. Depois acabo. Vá lá, professora...”, pediu o Mateus.

“Eu também estou cansada...posso ir jogar com a Isabel?”, perguntou a Joana.

“O Luís e o Manuel também estão a jogar!”, argumentou a Isabel.

“Está bem, escrevem mais duas palavras e depois podem jogar um jogo. Mas não quero barulho pois os outros colegas estão a trabalhar”, respondi-lhes eu.

Percebi o pedido deles. Escrever no Word exigia-lhes um esforço redobrado, ler do caderno e copiar para o Word. Além disso, ao verem os colegas NEE a jogar quiseram fazer o mesmo trabalho que eles, não percebendo as diferenças específicas dos colegas NEE. Tenho de conseguir estimular-lhes a concentração e a vontade de ultrapassar dificuldades, pois trata-se de alunos capazes, mas imaturos, e estão um pouco preguiçosos.

Os restantes alunos estiveram muito dedicados ao trabalho e esforçaram-se em aprender a guardar os ficheiros e a passá-los para a minha Pen USB.

A aula correu muito bem, o silêncio na sala era agradável, não havia confusão entre eles e pude observar a partilha, a cooperação entre eles. A minha ajuda foi dada sempre que necessário, mas muito menos que o habitual.

Na parte da tarde chegou o momento de seleccionarmos o primeiro trabalho para colocarmos no Blogue. Os alunos sentiram muitas dificuldades em seleccionar os seus trabalhos. Queriam pôr tudo. **“Quero este trabalho...também pode ser este...aquele também é bonito, eu gostei muito deste trabalho...”**, expressão geral da turma. Tive de lhes relembrar o que estava envolvido em seleccionar um trabalho, mas a confusão manteve-se porque, ao escolher apenas um dos melhores trabalhos, acabavam por se deixar influenciar pela escolha do outro colega.

“Vais escolher este trabalho, então eu também quero” disse a Sofia para a Isabel.

“Qual é que vais escolher? Eu também vou pôr esse...” disse a Francisca para a Sandra.

Quase todos queriam colocar os mesmos trabalhos e mudavam facilmente de opinião assim que viam a escolha do colega de mesa. Vi que tinham dificuldades em assumir a sua individualidade e em encontrar as razões concretas para a escolha de um trabalho em particular.



Dadas as circunstâncias, vi que era necessário fazermos uma seleção e uma reflexão em conjunto. Assim, fomos discutindo os vários trabalhos realizados e os alunos começaram por dizer de qual gostavam mais e qual tinha mais qualidade. Surgiram várias opiniões, mas todos concordaram com a escolha da Teresa e do Gil.

“Eu acho que devíamos pôr o trabalho do Outono porque os bonecos ficaram muito bonitos”, sugeriu a Teresa.

“Eu gosto do trabalho da folhas porque foi muito giro fazer o boneco com as folhas que o Luís apanhou”, sugeriu o Gil.

Sabia que existiam trabalhos mais significativos para selecionar, mas não quis condicionar a escolha dos alunos. Afinal, estavam a começar a pensar na escolha de um trabalho e estavam muito atentos, começavam a ouvir as opiniões dos colegas. A partir daí, elaborámos em conjunto no quadro um texto que justificasse a escolha do trabalho. No final, todos copiaram o texto no caderno e eu digitei o texto para o inserir no Blogue.

A Lurdes veio ter comigo e disse-me:

“Professora, eu fiz dois desenhos com as folhas. Também fiz uma árvore.”

“Pois fizeste. Estão muito bonitos.” respondi. “Gostavas de mostrar os teus desenhos no blogue?”

“Gostava”

“Então, vou lá pô-los”

O Gaspar perguntou-me:

“Podemos pôr uma fotografia do meu boneco?”

“Sim, porque é que queres colocar essa fotografia?”

“Porque gostei muito de aprender a fazer bonecos com as folhas”

Por isso, aproveitei o que ele disse para escrever uma reflexão sobre a escolha do seu trabalho, refletindo o seu interesse: ***«Eu escolhi este trabalho porque aprendi a fazer um boneco com as folhas das árvores.»***

Aproveitando esta ideia, para que os alunos compreendessem melhor que cada um deveria fazer a sua escolha independentemente da escolha feita pelos outros colegas (afinal as pastas são espaços individuais), decidi criar uma mensagem em cada espaço individual com o trabalho que cada aluno tinha feito durante a atividade do Outono e com uma frase do género ***“Este foi o meu trabalho sobre o Outono”***.



17 de outubro de 2011

Hoje fomos à Biblioteca. Fizemos uma nova visualização do Blogue e vimos os trabalhos sobre o Outono. Pedi a cada aluno que abrisse a sua pasta e mostrasse aos colegas o seu trabalho. Todos gostaram de mexer no Blogue. Apenas os alunos NEE estavam mais ansiosos e conseguia-se ver o nervosismo do Luís e do Manuel, pois estavam com receio que os colegas não gostassem do trabalho deles. Ficaram muito satisfeitos quando os colegas os elogiaram (“**está giro, Manuel...o teu boneco ficou muito giro, Luís**”). Esta visualização permitiu aos alunos compreender que os espaços individuais podiam ser diferentes e que cada um deveria mostrar a sua seleção pessoal aos colegas.

Assim, como primeiro trabalho apresentado no Blogue foi:

Trabalho Selecionado { Turma (O Outono)
Individual (o boneco Folha)



21 de outubro de 2011

Hoje a escola esteve encerrada.



24 de outubro de 2011

Hoje estivemos a trabalhar com o Paint. Os alunos gostam muito de fazer desenhos, principalmente os alunos imaturos e os NEE, que registam os seus trabalhos por meio de desenhos, por isso o Paint foi uma ferramenta que despertou o interesse de todos os alunos.

Senti que o empenho dos alunos nas atividades desenvolvidas com o computador está a aumentar cada vez mais. Os alunos já se sentem mais à vontade com o Word, sobretudo quando fazem cópias dos textos escritos a partir dos seus cadernos. Durante a aula, fui circulando pela sala e fui dando sugestões de melhoria aos alunos. Fui levantando perguntas para lhes desenvolver uma atitude diferente perante o produto final dos seus trabalhos, para que começassem a se preocupar com a apresentação melhorada dos seus trabalhos.

Aproximei-me da Francisca que estava a desenhar uma casa. Não se conseguia distinguir bem as janelas e a porta, porque as cores eram muito escuras e parecidas com as paredes da casa. Disse-lhe que o seu desenho estava muito bonito. Depois perguntei-lhe: **“Achas que as cores estão bem assim?”** Ela ficou a olhar para o desenho e depois respondeu: **“As janelas não estão assim muito bonitas”. “Experimenta pô-las um pouco mais claras”**

A Francisca mudou a cor das janelas e fez um grande sorriso: **“Ficou mais bonito!”**

A Joana estava a desenhar uma menina, mas a cabeça estava enorme. Elogiei-lhe o desenho e depois perguntei-lhe: **“Queres ficar com o desenho ainda mais bonito?”** Ela disse que sim, então disse-lhe para olhar bem para o desenho: **“Parece-te bem o tamanho da cabeça comparando com o corpo?”** **“Está grande!”** disse a Joana com um ar surpreendido.

Então apagou a cabeça e desenhou uma nova, mais pequena. Depois olhou para mim com um grande sorriso e perguntou-me se gostava. Disse-lhe que sim e ela continuou muito sorridente a completar o desenho. **“Este é para pôr no blogue”** disse ela.

A reação deles foi bastante positiva. Estiveram muito empenhados e mais concentrados. Quando davam por concluído o desenho chamavam-me para ver a minha reação e faziam-no com um belo sorriso na cara, muito orgulhosos. A partir do meu feedback durante a realização dos desenhos no Paint, os alunos puderam reformular os trabalhos, pois queriam que o seu trabalho ficasse bonito para colocar no Blogue.

Uma das atitudes que vi alterar-se foi a reação deles quando lhes dava as minhas sugestões. Viam os meus comentários como ajuda e não como se os tivesse a repreender. Começaram a entender que, quando fazemos um trabalho, antes de dá-lo como concluído podemos e devemos olhar e ver o que podemos reformular.



27 de outubro de 2011

Hoje, durante o jogo de matemática, os alunos solicitaram-me que eu tirasse fotografias para depois inserir no blogue. À medida que trabalhavam, ouvi-os a conversar sobre o blogue. O Carlos disse que gostava do jogo e a Bruna respondeu-lhe:

“Eu também gosto muito de jogar este jogo, podíamos tirar fotografias para pôr no Blogue”

“Professora, tira-me uma fotografia minha a jogar com as cartas”, disse o Mateus.

“...podíamos tirar uma fotografia nossa com o nosso amigo, para pormos no Blogue...”, sugeriu o Gil.

Isso mostrou-me que, apesar de o Blogue ser um projeto recente para os alunos, já começa a fazer parte deles, como se o Blogue fosse uma parte integrante das atividades letivas. No entanto, os alunos NEE não estão muito preocupados em realizar trabalhos com o objetivo de os colocar no Blogue. É natural, dadas as características destes alunos. O Blogue ainda é sentido como algo muito abstrato, até porque o Blogue não é de facto uma coisa palpável que se possa mexer como fazem com os legos, os livros, os lápis em que eles estão habituados a mexer. Mas nos momentos em que vemos o Blogue em conjunto, no computador ou no projetor, eles estão interessados e muito concentrados no que se está a ver e a analisar.

Quando tirámos fotografias dos jogos e da aula de estudo do meio, eles quiseram ser fotografados, e estou certa que quando eles virem as fotografias no Blogue irão assimilar que o que fazemos na aula irá ser visualizado mais tarde no Blogue e isso irá estimulá-los a participar nas atividades junto da turma. Isso fará com que se sintam mais integrados.



28 de outubro de 2011

Hoje estivemos a selecionar o segundo trabalho para colocar no Blogue. Foi um momento de grande confusão. Eles ainda têm dificuldades em selecionar o trabalho mais significativo. Mais uma vez escolheram uma atividade de expressão plástica e entenderam que a seleção era outra vez em conjunto, uma escolha da turma.

O Rui propôs que escolhêssemos o jogo dos conjuntos de dez e o painel do Lobo Mau e dos Três Porquinhos. O Mateus disse que o jogo do peixinho era melhor. O Hugo disse que preferia falar dos computadores. A Isabel zangou-se e disse que tínhamos de pôr um desenho do Paint. A discussão continuou com mais propostas. No fim, mais uma vez, escolheram uma atividade de expressão plástica. Escolheram o painel do Lobo Mau e os Três Porquinhos, porque gostaram de fazer casinhas com materiais diferentes.

Mais uma vez fizemos a reflexão em conjunto no quadro, porque vi que estavam com dificuldades nesta parte do trabalho. Então decidi que devíamos escolher um segundo trabalho, mas cada um iria escolher o seu trabalho, não o que o colega estava a escolher. Mesmo assim, alguns acabaram por se deixar influenciar pela escolha do colega. Ficaram muito animados e começaram a pensar na sua própria escolha. O problema é que escolheram mais do que um trabalho e tiveram dificuldades em escolher apenas um para colocar no Blogue. Teria sido preferível eu ter limitado a escolha a apenas um trabalho, para que eles comessem a refletir na escolha dos trabalhos e a selecionar melhor o trabalho a apresentar.

O selecionar trabalhos deu mesmo trabalho, mas gostaram e estavam muito empenhados. Daí, cada um começou a escrever uma justificação para a sua escolha. Foi difícil, pois na verdade estiveram a escrever uma composição, mas não se aperceberam disso. Foi entendido por eles que era um texto para pôr no blogue e por isso empenharam-se em escrever algumas frases no caderno para depois passá-las no Word. Alguns precisaram da minha ajuda, mas ninguém desistiu. Vinham ter comigo para lermos juntos o texto. Reformulámos os textos e só depois os passaram a limpo no computador. O que foi mais difícil foi fazê-los escrever mais do que: **“Escolhi este trabalho porque gostei dele.”** Mesmo assim, com a minha ajuda lá se conseguiu escrever frases como: **“Escolhi este trabalho porque aprendi...”**

O Manuel, o Gaspar e o Federico (NEEs) quiseram que eu lhes tirasse fotografias do trabalho que ele escolheram fazer no geoplano e no quadro. Desta vez estavam preocupados em colocar um trabalho no Blogue, o que achei bastante positivo. Começaram a gostar de tirar fotografias com o seu trabalho na mão.



O Luís (NEE) já quis fazer um trabalho diferente. Escolheu a casinha que construiu e quis que eu o ajudasse a elaborar um texto que explicasse as suas razões para a escolha do trabalho.

Tinha planeado que, à medida que alguns alunos fossem escrevendo o seu texto, outros poderiam indo colocar o seu trabalho no Blogue. Mas foi mesmo impossível. A internet foi abaixo e dava sempre erro. Conseguimos que o Gil e a Teresa colocassem o seu trabalho, mas foi tão demorado que a turma começou a dispersar-se. Mesmo assim, o Gil, a Teresa, a Isabel e a Bruna mostraram muito interesse em ver como se colocava os trabalhos no blogue. Na brincadeira, até dizíamos uns para os outros: **“O computador é velhote, coitadinho.”** O Gil disse: **“Não faz mal, na tua casa o computador é mais novo, não é?”** Vi que o que ele queria era que o trabalho fosse mesmo inserido no blogue para que ele pudesse vê-lo. Lá como, isso não fazia diferença.

À medida que estávamos a colocar o trabalho da Teresa ela sugeriu que colocássemos a sua fotografia no trabalho. Não achei que fosse necessário, mas ela fez tanto gosto que lá escolhemos a fotografia e a colocámos. Ficou radiante. Parecia que tinha assinado o trabalho.



31 de outubro de 2011

De novo, lá fomos visualizar os nossos trabalhos no Blogue.

Fomos para a biblioteca. Estavam tão animados que se sentaram depressa e sem confusão. E, lá estavam muito concentrados e curiosos.

“anda lá, senta-te... para vermos o nosso blogue...” disse a Isabel

“eu fico aqui à frente... assim consigo ver melhor” disse o Carlos

A maior parte dos alunos quis mostrar a sua pasta aos colegas, não quiseram abrir a dos colegas, pois acharam que cada um devia mostrar o seu trabalho.

Isso acabou por ser uma aula expositiva por parte dos alunos, obrigando-os a falar em público. Foi muito interessante ver que estão mais seguros de si, do seu trabalho. Estão mais desinibidos e com uma grande autoestima. Senti que o interesse deles em verem o Blogue aumentou muito e por parte de todos os alunos. Falaram muito entre eles sem atropelos. No fim, acabaram por se juntar em grupos em computadores diferentes para verem melhor o Blogue. Quando me aproximava, via que estavam lendo as reflexões dos colegas. Os que leem melhor liam para o grupo. Os NEEs, os com mais dificuldades e os mais habilidosos estavam todos misturados a verem o Blogue. Diziam entre eles:

“anda cá, lê aqui o texto do ...”

“anda cá ver o trabalho do ...”

“este está giro, agora vê o meu...”

A turma está coesa, já está a trabalhar como um conjunto, independentemente das dificuldades de cada um. Foi uma aula muito interessante e produtiva.



4 de novembro de 2011

Hoje estivemos a ver o blogue em conjunto. Ao vermos os trabalhos escolhidos pedi que fizessem comentários sobre os seus trabalhos e os dos colegas. Quis que refletissem um pouco mais sobre a qualidade do trabalho, que me dissessem o que estava bem e o que podia ser melhorado. Foi difícil, colaram-se muito à expressão “gostei muito...está giro...”. Alguns, como a Teresa, a Francisca, o Gil, o Carlos e o Rui, fizeram observações interessantes, como: **“eu acho que o Luís tem que escrever bem o seu nome, não pode enganar-se...”** comentou o Gil. **“eu gosto do trabalho do Manuel, mas só escreve Manuel podia escrever o nome todo...”** comentou o Rui. **“eu gosto muito do trabalho da Sandra, escreveu muito bem...”** comentou a Francisca. No entanto, quando lhes perguntei o que tinham a dizer sobre o seu trabalho, todos foram respondendo: **“Acho que está bem...”** Pedi-lhes para serem mais específicos: o que achavam que estava bem e o que podia ser melhorado. A Teresa disse que gostava dos seus textos, porque dizia o que tinha aprendido com a atividade. A Sandra também disse que gostava dos seus trabalhos, mas acrescentou: **“Eu só disse que gostei...”** O Rui disse: **“Eu escrevi muito. Eu também disse que aprendi!”** A Isabel acrescentou: **“Eu também só disse que gostei...”** As observações dos restantes repartiram-se entre os que achavam que só tinham dito que gostavam e os que tinham dito algo mais nas reflexões. Pedi-lhes então que olhassem para ver se tinham mesmo selecionado trabalhos feitos por si. A Joana e a Fábia disseram logo **“Eu pus o meu trabalho do Paint!”** O Gonçalo disse timidamente que tinha posto os seus elásticos. Outros olharam melhor para sua pasta e começaram a ver que só tinham referido atividades, como trabalhar com o computador ou participar em jogos matemáticos, mas não tinham um trabalho individual (para além do desenho das folhas de árvores).

Depois, fiz um balanço dos comentários dados e apresentei o trabalho a desenvolver em novembro: a seleção individual de trabalhos/textos escritos e evitar cópias, comentários/reflexões sobre o que aprenderam e ilustrar os textos com uma imagem.

Assim, como já sabem trabalhar com o Word e o Paint, resolvi introduzir a utilização da Web. Quero que aprendam a pesquisar, a procurar e a abrir o Blogue sozinhos, a inserir comentários no blogue e a procurar imagens. Todos gostaram de procurar imagens no Google. No princípio, expliquei como fazer e depois apoiei individualmente quem precisou de ajuda. No início pareceu difícil, mas não desistiram e empenharam-se. Foi engraçado ver eles a memorizar os passos: **“...entrar na net, google imagens, procurar imagem e guardar como imagem na pasta”** repetia o Gil



Ajudaram-se mutuamente e juntaram em grupo de dois, três colegas. Quiseram escrever textos para depois inserir a imagem. Os que estão a aprender a ler também participaram. Escreveram frases simples, mas estiveram empenhados. Os NEE também trabalharam e gostaram muito de explorar o Google. No geral, a turma não teve dificuldades em guardar as imagens. Os que tinham mais dificuldades pediram ajuda aos colegas.

“Isabel ajudas-me...” pedia a Bruna

“sim, dá cá, fazes assim,...” respondia a Isabel

“Hugo, precisas de ajuda... Carlos anda para aqui...” disse o Gil

“Como é que eu faço para guardar...” pedia a Sandra

“dá cá, é assim...faz tu...” ajudava a Bruna

O Frederico esteve a trabalhar com o geoplano durante muito tempo. Esteve muito concentrado a tentar fazer uma casa. Quando conseguiu, fez um grande sorriso e pediu-me para pôr no blogue. Tirei-lhe uma fotografia com o geoplano na mão e perguntei-lhe o que queria que escrevêssemos no blogue. **“Não sei”** disse ele. Perguntei-lhe **“Porque é que queres pôr esta fotografia no blogue?”** **“Porque fiz uma casinha com os elásticos”** **“E estás contente?”** **“Sim”** **“Então podemos escrever isso.”** Construámos então as frases: “Eu escolhi este trabalho porque quero falar da minha casinha. Aprendi a fazer a casinha com os elásticos”.



7 de novembro de 2011

Chamei o Frederico para vir ver o meu computador. Abri o blogue e disse-lhe para abrir a sua pasta. Quando clicou e viu lá a sua atividade dos elásticos fez um grande sorriso e disse que estava giro. Foi a correr chamar o Manuel. O Manuel veio e também disse que estava giro. Perguntou-lhe como é que ele tinha feito a casa. Foram os dois para o lugar e o Frederico começou a mostrar-lhe como pôr os elásticos para fazer uma casa.

Na aula de estudo do meio fomos trabalhar na biblioteca porque o trabalho foi a pesquisa de animais. Voltaram a aceder ao Google, a escrever a palavra e a pesquisar imagens e trabalhos sobre o tema. Foi preciso praticar muito e tive de lhes dar apoio. Estiveram a trabalhar em grupo de dois, três alunos, o que foi positivo, pois conseguiram apoiar-se a ultrapassar as dificuldades. Estiveram muito concentrados e entusiasmados. Perceberam que na internet se consegue encontrar muitas coisas, como imagens para os ajudar a fazer os trabalhos.

Sentiram grandes dificuldades em escrever textos sobre a imagem que quiseram colocar no trabalho. Escreveram frases simples sobre a imagem encontrada. Tive que apoiá-los constantemente e incentivei-os a melhorar os textos escritos.

A aula de estudo do meio decorreu com muita tranquilidade. Estavam todos a trabalhar, não se dispersaram. Até os NEE falavam entre si sobre as imagens que encontravam e estavam sempre a pedir ajuda, tanto a mim como aos colegas, sobre como se escrevia a palavra e os colegas ajudavam. Chegaram mesmo a sair do seu lugar para lhe escrever a palavra no computador.

A autonomia dos alunos tem vindo a aumentar. A parceria, o gosto pela aprendizagem e o espírito de grupo estão bem evidentes.

Cada vez aceitam melhor as correções. Quando os corriji, aceitaram bem as minhas ajudas, ouviram e corrigiram-se.



11 de novembro de 2011

Estão muito envolvidos no projeto/o blogue. Falam sobre o blogue com naturalidade, fazendo parte das suas vidas e conversas.

“Foste ver o blogue? Eu fui ver a tua pasta lá em casa...” comentou a Isabel para a Bruna e o Gil

“Professora, eu ontem vi o eportefólio com a minha mana...” disse a Francisca

“Eu também vi o nosso eportefólio,...” acrescentou o Mateus

Falam muito do eportefólio e/ou blogue. Nas conversas, oiço-os utilizarem as expressões corretas: Word, Paint, Comentário, Google, guardar nos documentos ou nas imagens, net, guardar como... Abrem com muita facilidade a net e procuram imagens guardando-as na biblioteca imagens com bastante autonomia. Pedem a minha Pen com muita naturalidade e sabem que guardam lá os seus trabalhos para serem colocados no blogue.

Todos os alunos estão mais autónomos e mais concentrados. Tiveram a preocupação de terminar o trabalho e alguns nem quiseram ir ao recreio. Só foram quando terminaram. O interesse, a sua atitude de responsabilidade estão bem evidentes.

O Luís esteve a fazer uma cópia no Word. A Joana quis ajudar mas ele disse que queria fazer sozinho. Levou muito tempo, mas esteve muito concentrado. Notei que estava a escrever só com maiúsculas, mas não quis interrompê-lo, porque se o corrigisse naquela altura podia desistir. Um passo de cada vez. Quando acabou, chamou-me com um grande sorriso e disse emocionado: **“professora, já acabei...está bem, não está?...”** **“Sim, senhor. Está muito bem. Já sabes escrever no computador.”** Pediu-me para o ajudar a encontrar na internet uma imagem dum menino. Procurámos a imagem, pusemo-la no documento Word e escrevemos a reflexão. Quando acabámos, ele pediu-me para o ajudar a ler e disse-me: **“Quero ler o texto quando mostrar o blogue.”** Fomos praticando a leitura e a Joana ficou sentada ao pé de nós, muito atenta. Quando tive de ir ajudar o Hugo a procurar uma imagem a Joana perguntou-me se podia ficar a ajudar o Luís. Disse-lhe que sim. Deixei-os ficar sozinhos muito tempo, pois assim, em conjunto, iam os dois praticando a leitura.

Começa a estar mais confiante. Vi que é difícil para ele se concentrar, mas que se esforça muito. Faz questão de copiar os colegas melhores, o que é bom, pois isso faz com que ele aprenda cada vez mais.

Vi que os alunos preferem escrever o texto primeiro no caderno e depois é que o copiam para o Word. À medida que vão copiando, conseguem corrigir os erros, quando se enganam, sem grande intervenção minha. Acham mesmo muito interessante o computador ter sempre razão...



Os alunos com dificuldades em escrever empenharam-se na mesma,. Não conseguiram escrever um texto, mas procuraram um texto do livro que sabem ler, copiaram-no e procuraram uma imagem para ilustrá-lo. Preocuparam-se muito com o colocar a sua fotografia: parece ser a sua assinatura, uma marca em como foram eles que fizeram o seu trabalho. Vi que já começam a querer divulgar os seu trabalho com muita segurança e confiança.

Conseguiram selecionar um trabalho e sabem explicar as razões da sua escolha.

“Eu escolhi este texto porque foi o melhor texto que eu escrevi. Aprendi a escrever composições.” escreveu o Hugo

“... porque aprendi a procurar uma imagem na net...” escreveu a Bruna

“Eu escolhi este texto porque foi o melhor texto que escrevi” escreveu o Rui

Até os alunos NEEs explicaram porque que querem aquele trabalho específico. Por isso, apontei o que disseram e ajudei-os a inserir esses comentários na fotografia que eles escolheram tirar.

“Eu escolhi esta atividade porque já aprendi a pintar sem sujar a mesa” Manuel

“Eu escolhi este trabalho porque quero falar da minha casinha.”

“Aprendi a fazer a casinha com os elásticos.” Frederico

“Escolhi este texto para escrever porque aprendi a ler sozinho. Gostei de ter aprendido a escrever no computador” Luís

“Eu escolhi este texto porque aprendi a ler estas frases sozinho. Gosto muito de ler.” Gaspar

Foram eles que escolheram a atividade que queriam fazer e pediram-me para tirar a fotografia para inserir no blogue. Estiveram muito atarefados, apoiando-se uns aos outros.

“Anda cá, professora, anda ver... põe no blogue...” pediu o Manuel

“...olha o que eu fiz, ... tira a fotografia... põe no portefólio” pediu o Francisco

O problema foi a internet ter deixado de funcionar...

A Sofia, a Lurdes e a Maria juntaram-se numa mesa com apenas um computador e ajudaram-se mutuamente. As três selecionaram o seu melhor trabalho. Estiveram muito empenhadas e muito mais autónomas. (alunas Plano Recuperação)

Toda a turma trabalhou, esteve empenhada em concluir os trabalhos da semana e escreveram a sua frase de reflexão. Os grupos funcionaram muito bem. Esqueceram-se do tempo... estiveram a manhã toda concentrados sem interromper o trabalho e sem perturbar os outros colegas. Ajudaram-se com responsabilidade e respeito pela dificuldades dos outros (sem risotas ou troça).



14 de novembro de 2011

A aula de matemática correu muito bem. Hoje realizámos **o jogo do conjunto do dez** que exige cálculo matemático e concentração. Todos participaram. De tempos a tempos trocámos de parceiro, jogando com qualquer colega. Riram-se quando perdiam e tentavam não repetir o mesmo erro na próxima jogada. O Manuel, o Francisco e o Gaspar, mesmo não entendendo as regras todas do jogo, participaram na atividade. O interessante foi ver o Gil, a Teresa e a Francisca terem uma paciência enorme com eles, desculpando-os pelas batotices e deixarem-nos ganhar o jogo. **“Pronto não faz mal, mas faz assim...”** explicou a Teresa. **“Está bem, mas põe aqui a peça...”** explicou a Francisca. **“Professora, eu ganhei o Gil...”** disse o Frederico. **“Oh, professora...sim, ganhaste... muito bem”** respondia o Gil. Também joguei, fui saltando de grupo para grupo e foi um período agradável para todos. A Teresa sugeriu: **“Professora, tira uma fotografia nossa a jogar... depois põe no eportefólio”**

Também, fomos à biblioteca onde explorámos o nosso eportefólio. Todos se sentaram sem confusões nem discussões. A Sandra e a Francisca, por serem muito altas, sentaram-se nos últimos lugares, pois tiveram a consciência que tapavam a vista dos outros. Mostram um sentido de responsabilidade e de respeito pelos outros, o que me impressionou bastante. Os mais pequeninos sentaram-se à frente sem tapar a vista dos que estavam sentados atrás deles. **“Muito bem, estão todos sentadinhos, mas que meninos tão crescidos...”**, disse-lhes eu. **“Então vamos ver o eportefólio...”** responderam eles.

Todos conseguiram introduzir as senhas para entrar no blogue. Só o Manuel e o Frederico precisaram de ajuda, mas isso deve-se ao facto de não saberem escrever e dificilmente conseguem copiar as senhas. Mas, depois de entrarmos no blogue, organizam-se e exploram sozinhos a sua pasta e a dos colegas. O Luís (NEE) leu o seu texto aos colegas e foi elogiado pelos colegas pela forma como leu. Já sabe ler de forma correta sem o meu auxílio. Os colegas disseram: **“Muito bem, Luís...leste muito bem”**. O Manuel também mostrou o seu trabalho (fotografia pintar). Riram-se todos e fizeram bons comentários sobre o trabalho dele. Ele ficou radiante. Embora não consiga aprender a ler, ultrapassou a suas dificuldades. Arranjou uma boa estratégia para apresentar trabalho, constrói um trabalho e pede para tirar a fotografia. Mostra muito orgulho no seu trabalho quando está a tirar a fotografia. Isso serve de estímulo positivo para o Frederico, que o tenta copiar, esforçando-se também em trabalhar. Têm dificuldades, mas já sabem escrever o seu nome sozinhos tanto no caderno como no computador. Os restantes alunos preocupam-se com a qualidade do trabalho. Não gostam de repetir o trabalho já apresentado e conseguem fazer críticas ao seu trabalho., como: **“ficou bem...” ou “oh! Escrevi um erro, como apagamos?”**



18 de novembro de 2011

Os alunos estiveram muito empenhados a escrever o seu texto, mas ainda preferem escrever primeiro no caderno e depois passam-no no Word. Só a Francisca e o Gil é que tentaram escrever diretamente no Word. Aperceberam-se que podiam apagar ou corrigir os erros, mas foi difícil, exigiu muita concentração deles. Não desistiram, ultrapassando as dificuldades com certa autonomia.

A turma estava tão silenciosa que resolvi tirar fotografias. O engraçado é que a concentração deles era tão grande que nem sentiram que eu me aproximava deles, e que estava a tirar fotografias.

Tentei que o Gil e a Isabel colocassem os trabalhos no blogue uma vez que já tinham terminado o trabalho. O Gil estava a conseguir, mas levou tanto tempo que a net caiu. Depois, quando conseguimos ligar a net outra vez, ia-se abaixo sempre que tentávamos inserir a imagem. Vi que no Magalhães dele se consegue inserir comentários, mas inserir os trabalhos não dá.

Mesmo perante as dificuldades, os alunos mostram-se muito curiosos em ver como é que eu faço. Já conseguem ver facilmente se os seus trabalhos estão corretamente guardados nos documentos e conseguem enviá-los para a pen.

Enquanto trabalhavam ouvia-os dizer:

“abre o Word...não te esqueças de guardar como...”

“Como é que mudo de linha?...faz enter...”

“Enganei-me na imagem, vou apagá-la...carrega-se no delete não é...”

Sabem seleccionar trabalhos, fazer comentários, utilizar o teclado sem a minha ajuda.



21 de novembro de 2011

Hoje não pudemos ir à biblioteca.

Estivemos envolvidos em atividades do agrupamento.



25 de novembro de 2011

Hoje o Rui chegou à escola muito choroso. Disse que a mãe já não o deixava trazer mais o computador, pois estava de castigo. Tive de o acalmar e expliquei-lhe que assim que pudesse falava com a mãe. Enquanto isso, ele podia juntar-se a um colega e trabalhariam juntos. Ele estava mesmo desanimado.



28 a 30 de novembro de 2011

Estou a aproveitar estes dias para realizar atividades de matemática.

Estamos a aprender a desenvolver cálculo matemático realizando adições recorrendo a estratégias de cálculo mental e escrito. Não é fácil. Exige muita concentração. Pode-se errar, mas têm que conseguir perceber o erro e corrigir-se. Embora seja difícil, todos quiseram ir ao quadro, não se preocupando em expor-se perante os colegas, ou seja, que eles vejam que erraram. Sabem que vão errar, mas que se aprende no quadro. Respeitaram-se, não fizeram troça por o colega errar. Houve colegas que até se ofereceram para ajudar quem estava no quadro (Carlos, Bruna, Gil).

O Manuel e o Frederico estão a desenvolver algum cálculo mental, somas muito simples, mas querem fazer contas. Estiveram sempre a dizer: **“professora põe mais contas, já acabei estas, põe mais...”** Até quiseram ir ao quadro fazer as contas para mostrar aos colegas que sabem fazer as contas sem se enganar. O que mais me está a impressionar é ver a colaboração de todos, não denunciando ao Manuel e ao Frederico que as contas deles nada têm a ver com as que eles estão a fazer. Até os incentivam e lhe fazem perguntas para eles responderem e eles respondem. **“Manuel, quanto é $2+2...$ e $4+4...$ muito bem, Manuel”**. Os alunos com Plano de Recuperação vão ao quadro com alguma relutância, vão sempre ansiosos e erram muitas vezes. Mas fazem questão de ir ao quadro, e com a minha ajuda corrigimos o que está mal e voltamos a repetir para ver se já ultrapassaram as dificuldades. A postura deles todos mudou de facto. As aulas de matemática estão a ser bastante produtivas.

Fui circulando entre os grupos. Enquanto estavam a pintar as figuras geométricas os alunos iam conversando. Num dos grupos estavam a conversar sobre o blogue. O Gil perguntou à Teresa se já tinha escolhido o trabalho para pôr no blogue. Ela disse que sim, que ia pôr a história da rainha e do gato. O Gil disse que também queria pôr uma história. Ia pôr a história do príncipe. O Carlos disse-lhe que achava a história do ladrão mais gira. A Joana disse que preferia a do príncipe, mas o Gil ficou a pensar no que o Carlos disse.



5 de dezembro de 2011

Ficha sumativa de Língua Portuguesa.



9 de dezembro de 2011

(Não consegui ainda falar com a mãe do Rui devido ao horário de trabalho da mesma. O Rui continua a não trazer o computador. Anda muito triste e desanimado.)

Fui fazendo alguns comentários no blogue aos trabalhos realizados por eles. Os alunos mais atentos (Isabel, Gil, Teresa, Sofia, ...) aperceberam-se que tinham comentários.

“Oh, professora escreveste aqui...”

Olá, gostei do teu texto.

Gostei muito da tua folha

Fizeste um bonito boneco.

Gostei do teu desenho no geoplano

Fiz comentários muito simples para ver se eles se apercebiam que podiam receber elogios através do blogue. Oralmente, vejo que eles não têm problemas em fazer reflexões sobre os seus trabalhos e os dos colegas. O Gaspar e o Luís evoluíram muito, estão a aprender a ler. O falar em público (a turma) já faz parte das aulas. Comentam, criticam-se com respeito e dão sugestões para melhorar os trabalhos.

“Falaste muito baixo, tens que falar mais alto...”

“Leste muito depressa, lê mais devagar...”

“Não é assim que se escreve...é assim, eu mostro-te...”

Tanto fazem críticas como elogiam os trabalhos, o que faz com que todos se sintam bem na realização das diferentes atividades.

O que mais gostaram hoje foi de ter visto os comentários no blogue. Todos quiseram saber quantos comentários tinham.

“Eu tenho um comentário... e tu?”

“Eu também tenho, olha...”

“Anda cá ver, ... é da professora...”

Até o Rui ficou contente quando lhe mostrei que tinha comentários. Aproveitei o entusiasmo da turma por terem gostado de ver os comentários para marcar um trabalho de casa:

Mostrar o blogue aos pais

Todos disseram que sim. Ficaram contentes com a minha sugestão. Mas ficaram nervosos pois não achavam que iriam conseguir mostrar o blogue sozinhos. Será que os pais iriam gostar de ver os seus trabalhos.

“Oh, professora. A minha mãe não tem tempo...” disse a Isabel

“A minha mãe chega sempre tarde...” acrescentou o Hugo

“a minha mãe pode não gostar...” disse o Carlos um pouco choroso



Disse-lhes que os pais iam gostar muito, que iam ficar muito admirados por eles terem trabalhado tanto. Iam ficar muito contentes de ver que os seus filhotes sabiam utilizar tão bem o computador e a internet. Ficaram mais convencidos mas ansiosos. Os pais teriam que fazer comentários como participação no projeto de turma. Para além disso, será uma boa oportunidade para o Rui mostrar o blogue à mãe. De certo que ela irá mudar de opinião sobre o computador.

O Manuel isolou-se da turma e tentou trabalhar no computador. Pediu-me ajuda para escrever o nome. Desenhei num papel as letras iguais às que estão no teclado. Levou bastante tempo, mas conseguiu copiar o nome para o Word. Depois pediu-me uma fotografia. Escolheu uma em que está com o Mateus. Pus logo o trabalho nele no blogue e mostrei-lhe. Ficou muito contente, bateu palmas e disse que também já tinha escrito um trabalho.



12 de dezembro de 2011

O Rui chegou eufórico.

“Professora, a minha mãe viu o blogue...o meu mano também viu.”

“Ela deixou-me trazer o computador, diz que já não estou de castigo”

“Eu também mostrei, a minha mãe e o meu pai gostaram muito” disse a Isabel

Foram vários os que mostraram o blogue aos pais, estavam muito contentes e falavam entre eles sobre o que tinha visto, o que os pais tinham dito. O que achei muito curioso foi a participação dos pais do Rui. Toda a família tinha de facto visto o blogue e participaram com vários comentários. Lemos os comentários que foram inseridos pelos pais. Curiosamente, muitos pais não fizeram comentários, mas gostaram de ver o blogue.



16 de dezembro de 2011

Encerramento do 1º período.

Ida ao cinema (Todos os alunos da escola).

Interrupção das atividades escolares: Natal



21 de dezembro de 2011

Reunião de Pais.

Os pais estavam muito contentes em ver os trabalhos apresentados no blogue. Os que mais falaram foram os pais do Gil, da Isabel, do Rui, do Carlos, do Mateus e da Teresa. A mãe da Bruna e do Luís não têm internet em casa, mas disseram que estavam muito contentes porque foram vendo os trabalhos que eles fizeram e gravaram no computador e aperceberam-se que estavam mais calmos e estavam a ter um bom desempenho na escola.

No fim da reunião, alguns pais que puderam ficar um pouco mais estiveram a ver o blogue comigo no meu computador. A mãe do Carlos disse que não se sentia muito à vontade de escrever no blogue. Aconselhei-a a fazer comentários, mesmo que fossem comentários muito simples como **“gostei muito...”**, pois o Carlos iria ficar muito satisfeito de ver os pais alegres por observarem a sua evolução e participação na escola.



6 de janeiro de 2012

Hoje foi o recomeço das aulas e pensei que os alunos se esqueceriam do Magalhães, mas todos entraram com um grande sorriso carregando o seu computador.

“Olá, professora. A minha mãe quer falar contigo...”Manuel e Gaspar

“Olá, professora, a minha mãe e o meu pai estiveram a ver o blogue comigo lá em casa.”, disseram o Rui, o Gil, a Sandra e a Sofia...

“...a minha mãe escreveu lá comentários...”sorriu o Carlos

Algumas mães vieram falar comigo, disseram-me que tinham visto o blogue, mas que não lhes tinha dado muito jeito escrever um comentário. Mas disseram que gostavam muito de ver os trabalhos da turma. Enquanto isso, os alunos escutavam a conversa muito contentes por ouvir os pais falarem do trabalho deles, como, por exemplo, as mães do Manuel, do Gaspar, da Bruna e da Teresa.

Como o Carlos comentou que a mãe tinha escrito comentários fomos explorar o blogue e de facto havia dois comentários:

“Está lindo meu querido filho. A mãe adora-te muito muito bjs grandes”

“Olá Carlos é a mãe. É para te dizer que gostei muito do teu blogger ta tudo muito lindo bjs grandes”

A turma está radiante de saber que os pais estão a ver os seus trabalhos e estão com muita energia para continuar a trabalhar. Também estou contente. Foi um comentário simples mas positivo para a turma.

Nas férias, vi uns trabalhos de alunos do secundário que tinham a gravação da sua voz inserida num PowerPoint e achei que podiam ser bom para levar os alunos a mostrar que sabiam ler.

Ao explorarmos o blogue perguntei à turma se os trabalhos seleccionados e apresentados eram suficientes para mostrar aos visitantes o que eles sabiam e tinham aprendido. A maior parte da turma disse que sim, não conseguindo sugerir outro tipo de trabalhos. **“... estão lá trabalhos de português, de matemática e de estudo do meio...”** ponderou o Gil. **“...temos histórias escritas por nós...”** acrescentou a Teresa. Ao fim de um tempo o Gaspar disse: **“...professora eu já sei ler mas a minha mãe não vê isso ...”** Disse-lhe que tinha razão e expliquei que podíamos gravar a nossa leitura e fazer vídeos de histórias para inserirmos no blogue. Ficaram muito contente, mas ansiosos **“e depois vão ouvir a gente a ler?...”**

Assim, o trabalho de hoje foi aprender a utilizar o PowerPoint.



9 de janeiro de 2012

Estivemos a trabalhar com o PowerPoint e a selecionar histórias para ler na gravação. Todos estiveram empenhados. Alguns tiveram dificuldades, como o Manuel, o Frederico e o Gaspar, mas juntaram-se ao Gil, ao Carlos e ao Hugo, trabalhando em conjunto. Hoje precisaram de muita ajuda da minha parte, mas souberam esperar pela minha ajuda sem desistirem do trabalho. Também aproveitei para trabalhar com o PowerPoint no projetor da biblioteca o que me ajudou a explicar certos passos gerais à turma e depois individualmente sempre que surgia uma dificuldade. É uma ferramenta muito boa para se trabalhar com os alunos, pois eles acharam facilmente os comandos: “**é parecido com o Word...**” referiram eles.

A Sandra quis escrever uma história (A folha fofinha) no Word para colocar no Blogue e ficou muito contente por ter conseguido escrever cinco linhas. O Gil leu o trabalho da Sandra e foi também escrever um história (A folha Daniela e Luísa). Conseguiu escrever uma história bem estruturada. Ficou radiante por ter escrito uma história com cinco linhas. O Gaspar esteve a trabalhar com o jogo das letras tentando escrever palavras.



13 de janeiro de 2012

Hoje, ao entrar na sala, a Sandra e a Francisca disseram que estiveram no ATL a tentar escrever uma história no PowerPoint. A turma ficou muito curiosa e estivemos a ver no computador delas o trabalho feito. Ficaram muito contentes e isso despertou ainda mais a vontade de trabalharmos no PowerPoint.

Estivemos a praticar a leitura em voz alta para depois gravarmos a história. A turma trabalhou em grupo e cooperaram entre si. Os que sabem ler melhor (Gil, Francisca, Teresa, o Carlos entre outros) ajudaram os que precisam de apoio (Joana, Lurdes, Sofia...). Foi um excelente dia de trabalho de grupo. Todos estiveram empenhados em ler com correção e entoação.



16 de janeiro de 2012

Estivemos a ler textos variados e depois, quando estavam mais seguros, leram em voz alta para a turma. A turma fez as críticas necessárias como:

“Lê mais alto,... não ouvimos... mais devagar...”

Vejo que já conseguem fazer críticas positivas aos trabalhos dos colegas, com respeito e com sugestões de melhoria. Os que ouvem as críticas não levam a mal, pois querem melhorar para poderem gravar a história escolhida. Vejo que a autonomia, o empenho e a participação da turma estão cada vez mais presentes. A alegria da turma é notória e faz com que aprendam mais e melhor.

Os alunos com plano de recuperação estão a ler com correção e com vontade de ultrapassar as dificuldades. Quando não conseguem ler uma palavra pedem ajuda ao colega do lado e continuam. No fim, levantam-se e vêm ler para mim ou para a turma, mostrando a todos que já aprenderam a ler.



20 de janeiro de 2012

Vejo que os alunos Nee estão dispostos a trabalhar, a concluir o trabalho proposto por mim. Procuram aprender mais e fazem sugestões:

“...posso ir trabalhar com o Geoplano...”sugere o Manuel

“...empresta os dados de matemática para ir jogar com o Frederico...”pede o Manuel

Trabalham sossegados e mais concentrados.

Hoje estivemos a fazer gravações de leitura e a turma colaborou bastante, pois quando um deles esteve a gravar, a turma esteve tão silenciosa que nem se ouvem nas gravações. Leram um pouco mais nervosos, e estranharam quando se ouviu a leitura gravada. Todos ficaram interessados em participar depois de vermos em conjunto os primeiros PowerPoint com o som inserido. **“...ficou giro...”** **“eu também quero...”**

O Gaspar (NEE) pediu para gravar a sua leitura e por isso esteve a ler um texto escolhido por ele com a minha ajuda. No fim da aula, conseguiu ler, gravando a sua leitura. Quando se enganou soube ultrapassar a dificuldade, corrigiu-se e continuou a ler. Ficou radiante.

O Manuel e o Frederico (NEE) também quiseram ler um texto e gravar a sua leitura. Fizeram a gravação com muito empenho e não desistiram mesmo quando se enganavam. Esforçaram-se imenso por gravar o melhor possível.

Fizemos diferentes tipos de PowerPoint/gravações. Para os alunos com mais dificuldades em ler fizemos um ficheiro com um diapositivo apenas. Para os que sabem ler melhor fizemos diapositivos com uma história. Tentámos gravar com entoação e graça, tornando o PowerPoint mais interessante. Alguns alunos agruparam-se para ler textos com falas. Eles próprios formaram os grupos e escolheram as falas. Foi um excelente dia de trabalho.

Quando ouvimos a gravação final, todos escutaram em silêncio: aprenderam a saber ouvir, a refletir no trabalho realizado, e a fazer melhor na próxima. Quando gravam, e se apercebem que estão a ler mal, param e pedem-me para recomeçar. Fizeram estas tentativas de forma autónoma.



23 de janeiro de 2012

Hoje, na aula de estudo do meio, estivemos a trabalhar na biblioteca. Estivemos a fazer pesquisas na internet sobre os Meios de Comunicação: As notícias de um jornal.

Os alunos souberam sentar-se com tranquilidade, em grupo, e ligando o computador e acederam à internet sem dificuldades. Vi que na formação dos grupos os NEE estão inseridos na turma. Os alunos com dificuldades também estão inseridos na turma. Todos trabalham juntos, respeitando a diferença e as dificuldades de cada um sem problema. Cooperam, trabalham em conjunto, falam sobre o trabalho e respondem às dúvidas que surgem dos colegas de grupo. Só intervim quando me solicitaram algum tipo de apoio técnico.

Quando tocou para o recreio da manhã não quiseram sair. Por isso, os que quiseram ficar na biblioteca foram buscar o lanche e continuaram a explorar a internet. Alguns quiseram sair (apenas o Hugo, o Carlos e o Gil quiseram ir jogar à bola). O Luís e o Frederico (NEEs) aproveitaram para explorar a internet sozinhos.

A diferença de vontades foi respeitada nesta aula.



27 de janeiro de 2012

A turma entrou na sala sem empurrões e correria. Estão “uns senhores pequeninos”. Chegam sempre prontos para trabalhar.

“O que vamos fazer hoje, professora...”

“Eu ajudo-te a arrumar as mesas...”

“...posso ir distribuir os livros ...os cadernos...”

“...eu apago o quadro...”

A sala está sempre a arrumada e limpa. Hoje o Manuel e o Frederico levantaram-se para varrer o lixo que se encontrava debaixo da mesa deles.

O modo como se dirigem a mim e me fazem perguntas é agradável. Estão mais calmos, mais confiantes e falam mais baixo. Sabem ouvir e respeitar a vez do outro.

Hoje, na aula de matemática, foram ao quadro um a um resolver as operações e respeitaram o tempo necessário para cada um para os resolver.



30 de janeiro de 2012

A Teresa entrou na sala radiante dizendo: “...**ensinei a minha mãe a fazer comentários, queres ver professora?...**” A turma e eu ficámos curiosos e estivemos a explorar o blogue e a Teresa leu em voz alta os comentários que a mãe fez aos trabalhos.

“As meninas estão muito bem!”

“Há muitos jogos que se pode aprender a brincar!”

“Bjs mãe da Teresa

A turma ficou radiante. Vejo que é difícil para os pais escrever comentários, sentem-se desconfortáveis porque sabem que todos nós vamos ler os comentários escritos – não deixa de ser curioso.

Estivemos a continuar a gravar as leituras. Correu muito bem. Percebem que temos de ler alto para que todos percebam, senão na gravação não se percebe o que é dito. O Manuel leu o seu texto, com muitas dificuldades e muito baixinho. Não desistiu e a turma colaborou no silêncio para que a gravação decorresse. O Frederico também leu o seu texto, preparou-se bastante comigo e com o Manuel e a Joana. A Joana ficou muito orgulhosa de ter ajudado o Frederico a ler.



3 de fevereiro de 2012

Hoje estivemos a explorar o blogue. Tivemos a ver os PowerPoint concluídos e estiveram muito interessados. Riam-se à medida que ouviam a voz do colega. O próprio corava e ria-se também. Ouviram a história contada e pediram para ouvir de novo. Depois de ouvir refletiam na forma como tinha sido lido, se estava bem e se podiam melhorar.

“O Manuel podia ter lido mais alto, leu muito baixo...” comentou o Gil

O Manuel abanou a cabeça concordando.

“...temos que ler mais rápido... eu li muito devagar...” comentou o Mateus

“...mostra outra vez o meu...” pediu a Isabel

Depois, em grupo, foram explorando em mais pormenor o blogue da turma. Enquanto eles trabalhavam, o professor do ensino especial entrou na sala e perguntou o que eles estavam a fazer. O Manuel e o Gaspar (NEE) levantaram-se logo e chamaram-no para ver a pasta deles:

“anda cá, anda cá ver...”

O Luís (NEE) juntou-se ao grupo. O Gil explicou ao professor que ele podia comentar os trabalhos e mostrou-lhe como fazer.

“Gostei muito do teu trabalho. Felicidades.” escreveu o professor

Acharam muita graça de ver o professor a escrever no blogue.

A seguir tocou para eles irem almoçar. Curiosamente, antes de sair, tiveram todos o cuidado de sair do blogue e de deixar os computadores desligados.

À tarde, os alunos ouviram as várias leituras e respeitaram as dificuldades de cada um.



6 de fevereiro de 2012

Na aula de matemática estivemos a jogar o “Jogo do Semáforo”. É um jogo que exige alguma concentração, senão não conseguem ganhar a partida. Em grupos de dois, jogaram como verdadeiros colegas, sem problemas em perder, compreendendo que nem sempre se ganha. O medo de errar/perder não os preocupou. Foram trocando de adversário sem complicações. Até eu joguei com vários deles que vinham ter comigo ou me pediam para jogar. Estão a aprender a raciocinar antes de jogar, não jogam à pressa, como faziam, por exemplo, a Isabel e a Bruna, levando o seu tempo para pensar na jogada a fazer. Quando perdem não ficam aborrecidos, como ficavam a Isabel e o Luís.

Os grupos de jogadores foram variados o que se tornou interessante. O Gil, o Rui e o Carlos jogaram muito bem. A Teresa, a Sandra e a Francisca também jogaram, o que é admirável, pois tinham dificuldades em se concentrar, o que hoje não aconteceu.



10 de fevereiro de 2012

Hoje estivemos a trabalhar com o PowerPoint e a construir bonecos com o *Inserir Formas*. Acharam graça de se conseguir fazer desenhos no PowerPoint. Os alunos NEE não conseguiram, devido às suas dificuldades, mas quiseram continuar a trabalhar com o computador. Pediram para abrir a internet e foram procurar um jogo didático para fazer. O Rui juntou-se a eles e esteve a ensinar-lhes como encontrar jogos que ele conhecia.

A Sandra esteve muito interessada na aula e, junto da Francisca, estiveram a construir bonecos. A Lurdes, a Sofia e a Joana juntaram-se num só computador e trabalharam juntas. Foi interessante vê-los a colaborar uns com os outros e a aprenderem uns com os outros.



17 de fevereiro de 2012

Continuámos a construir os PowerPoint, a gravar a desenhar ilustrações para fazer um scan para inserir no PowerPoint. Os PowerPoint feitos foram de grupo, em que cada um tinha que ler a sua fala. Estivemos a praticar a leitura em diálogo. O Hugo, que é muito tímido, pediu para participar e correu muito bem, mas a fala dele ficou muito engraçada, o que fez com que todos se rissem, mas ele não se importou. Achou graça e assim ficou no PowerPoint.

Ficou um PowerPoint engraçado e muito recompensador. Tive de os ajudar mas foi positiva a participação deles.

O cão que miava (Gil, Bruna, Hugo)



22 de fevereiro de 2012

Hoje, na aula de matemática, estivemos a trabalhar os frisos. A vontade de aprender e o saber construir frisos com imaginação foi conseguido. A Sandra fez um friso grande e teve o cuidado de o pintar com todo o rigor.

“Professora, tira uma fotografia para pôr no blogue...”sugeriu a Sandra

“Sim, professora, tira uma fotografia do nosso friso...”pediu a Bruna e a Teresa

Enquanto isso, a Isabel esteve muito concentrada a ver como se faziam frisos. Quando percebeu como se fazia, fez vários frisos e também pediu para tirar fotografias para a mãe poder ver lá em casa. O Gil ficou radiante com o seu friso e juntou-se às meninas para tirar as fotografias.

O Manuel e o Frederico fizeram frisos muito pequeninos, mas estiveram muito aplicados. A concentração deles mudou e a vontade de aprender coisas diferentes está mais evidente.

Alguns agruparam-se em grupos de dois para fazer um friso comum, em que um pintou com uma cor e o outro com uma cor diferente (Sandra, Francisca, Carlos, Hugo...).



24 de fevereiro de 2012

A Sandra entrou na aula e disse:

“Eu fiz um PowerPoint em casa...”

“Fiz a história do Sapo apaixonado...”

“Fiz os bonecos...”

Estava muito engraçado, mas estivemos a gravar a leitura, pois não consegui gravar sozinha em casa. A turma esteve muito silenciosa enquanto o fazíamos.

Depois, o Gaspar entrou na sala atrasado, mas muito contente.

“Professora, a minha mãe escreveu no blogue...”

Perguntei o que ela tinha escrito e ele não sabia, pois não sabe ler. Então, fomos todos ver o blogue e a Sofia gritou: ***“está aqui!...”***. O Gaspar juntou-se a ela para ver e pediu-lhe para ela ler. Ela leu em voz alta:

“bjs jeca”

“eu gostava muito que o Gaspar aprendesse a ler...”

Todos refletimos um pouco no desejo da mãe, e o Gaspar comprometeu-se que iria trabalhar mais. Aproveitámos o momento para lhe ensinar uma letra nova no quadro. Ele esteve muito atento e depois foi trabalhar no caderno. A turma esteve também muito atenta sem interromper a aula. Estavam todos interessados em que ele aprendesse a ler.

Terminámos o outro PowerPoint de grupo:

o Bicho carpinteiro (Teresa, Bruna, Sandra)



27 de fevereiro de 2012

Hoje a Bruna e a Teresa estiveram a selecionar fotografias para colocar na pasta *Imagens* da turma e escolheram colocar o jogo matemático. Enquanto escolhem, recordam-se das atividades desenvolvidas, o que é positivo, pois fazem revisão dos temas/trabalhos e enriquecem o vocabulário.

Hoje recebemos alunos distribuídos do 4º ano. Aproveitei para mostrarmos o nosso trabalho a outros alunos. A princípio ficaram envergonhados, mas à medida que íamos mostrando os trabalhos eles ficaram mais descontraídos. Os alunos de 4º ano gostaram muito de ver o blogue. O que deixou a turma mais animada e descontraída. Mas como se conheciam muito bem dos momentos de recreio e não só, facilmente se foram formando grupos de trabalho. O Gil ofereceu-se para mostrar alguns dos trabalhos, a Teresa também se ofereceu. Pedi à Isabel e à Sofia para mostrar os seus trabalhos. O Manuel e o Francisco ofereceram-se para mostrar o blogue aos colegas. E, assim se foram formando grupos de trabalho. Os outros colegas juntaram-se aos diferentes grupos por sua iniciativa e todos falavam dos trabalhos e de como os tinham feito.

Foi um bom momento de partilha.



2 de Março de 2012

Estivemos a ouvir e a rever os PowerPoint concluídos. Para isso, fomos para a biblioteca. A funcionária responsável pela biblioteca, D. Gabriela, esteve presente e juntou-se à turma.

“Muito bem, meninos... vejo que já sabem ler muito bem...”

“Obrigado...”

“Vocês podiam colocar os vossos trabalhos na biblioteca do agrupamento...”

Olharam para mim para eu lhes explicar o que isso queria dizer. Então, mostrei-lhes o blogue *Bibliotequices da Lindley*. Estivemos a explorar os trabalhos lá expostos.

“Mas depois a outra escola vai ver os nossos trabalhos?!...” perguntou a Isabel

“Sim, e vão ficar admirados quando virem que vocês fazem trabalhos muito interessantes..”

“E, se não gostarem...” disse a Teresa

“Porquê que achas que não vão gostar?” perguntou a D. Gabriela

“Não sei...” respondeu de modo apreensivo a Teresa.

“Os vossos pais gostaram, ... vocês também estão a gostar... Está um trabalho mal feito?” perguntei eu.

“Não, está bonito o nosso trabalho...” comentou o Carlos

“Sim, as nossas ilustrações estão muito bem feitas...” disse o Gil

“Eu gosto muito de ouvir os colegas a ler...” disse a Francisca

“Então, vamos escolher um trabalho para mostrarmos ao agrupamento?” perguntei eu

“Vamos...” a turma

“Qual escolhemos?...”

As sugestões foram várias e por fim escolheram a história do Dragão Samuel (realizado pelo Gil).

“E, só colocamos esse trabalho?” perguntei

“Eu gostava de colocar o meu PowerPoint...” sugeriu o Rui.

“Sim, pode ser... podemos colocar o número de histórias que quisermos” expliquei **“Qual é que queres colocar?”** perguntei

“O Monstro das festinhas” escolheu o Rui

Assim foi. Agrupei os PowerPoint escolhidos e no fim das aulas fui falar com a responsável pelo blogue, a bibliotecária do agrupamento.

Depois, estiveram a explorar a net sozinhos sob a minha supervisão e alguns, como a Isabel e a Sofia estiveram junto da D. Gabriela, mostrando-lhe o nosso blogue.



9 a 16 de Março de 2012

Quando chegaram à aula perguntaram-me se já tinha colocado os PowerPoint no blogue do agrupamento. Expliquei-lhes que estava aguardar a informação necessária por parte da bibliotecária para os inserir.

A Teresa sugeriu que continuássemos a ler histórias para construirmos novos PowerPoint, pois estava a gostar muito. Assim, durante a semana estivemos a preparar a leitura em voz alta, a seleccionar histórias e a gravar as leituras.

O Hugo, muito confiante na sua leitura, quis ser o primeiro a gravar (*Os bichos*). A Isabel quis escolher duas histórias (*A girafa Gigi* e *A Sofia sujou-se*) e pela primeira vez preparou-se sozinha e estava muito confiante. O Carlos escolheu ler o mesmo texto do Hugo (*Os bichos*) e depois, a pedido do Luís, foi ensaiar a leitura “dos bichos” para ele gravar também. No final, preparam duas leituras, *Os bichos* e *A girafa do Zoo*.

O Mateus está a ler muito bem, sem dificuldades. Consegue preparar-se sozinho (*A cigarra e a Formiga*). O Gaspar está a ter uma evolução significativa. Quis fazer várias gravações e estava entusiasmado (já vai na letra V). A Bruna timidamente gravou uma leitura sozinha (*O casamento da gata*). A Sofia já consegue ler os textos sozinha com atenção e cuidado (*A Helena toca piano*). A Lurdes, pela primeira vez, trabalhou sozinha, sem a ajuda de colegas. Trabalhou muito concentrada e quando se sentiu preparada veio ter comigo para gravar (*O Jaime e o Jipe*).

O Gil, o Rui e a Teresa quiseram construir um PowerPoint da história *A girafa que comia estrelas*. O Rui juntou-se à Teresa e ajudou-a nas ilustrações. A Sandra juntou-se ao grupo e também fez um PowerPoint da Girafa, pedindo ao Gil para narrar a história. Ela fez as ilustrações. Os dois trabalharam juntos na elaboração do PowerPoint.

A Francisca e a Joana quiseram fazer algo diferente. Estiveram a ler as várias histórias do manual escolar. A Francisca fez de professora para a Joana. A Joana está a ler muito bem e com mais autonomia. Não desiste da leitura e depois faz a cópia das mesmas sob a supervisão da Francisca. Vejo que a Joana está muito mais autónoma. O seu desejo pela aprendizagem aumentou consideravelmente.

O Manuel e o Frederico estiveram no computador, a trabalhar nos jogos de concentração junto do professor de apoio.



19 de Março de 2012

A Teresa chegou à sala muito contente, ligou o computador e mostrou-me um PowerPoint que fez em casa sobre a família.

“Eu fiz um PowerPoint em casa...a minha prima ajudou-me...” disse a teresa muito animada

“Deixa ver...” disse eu

“É a minha mãe e o meu pai...é a minha mana...” comentava com um sorriso na cara.

Estava tão orgulhosa.

“Agora ajudas-me a pôr eu a ler...” pediu a Teresa

Estivemos a gravar e depois, juntas, fomos inserindo as falas no PowerPoint. No fim, transformei-o em vídeo. Ficou gravado no computador dela para poder mostrar aos pais antes de o colocarmos no blogue e escrevi na caderneta a pedir autorização dos pais para o divulgar no blogue, por ter fotografias da família.

Entretanto, estivemos a inserir as imagens de ilustrações nos diferentes PowerPoint.

A Francisca decidiu escrever um texto sobre os jogos matemáticos e quis inserir fotografias desses momentos. A Joana pediu à Isabel para lhe ensinar o jogo matemático. Foi interessante ver o jeito como a Isabel ensinava a Joana. Decidi tirar fotografias do momento. O desejo de aprender e de saber ultrapassar as dificuldades está cada vez mais visível e isso é notório nas atividades de matemática.



23 de Março de 2012

Festa da escola e atividades do Dia do Patrono.

Interrupção das atividades escolares: Páscoa



28 de Março de 2012

A Bibliotecária veio falar comigo e pediu-me o mail para me enviar um convite para poder publicar mensagens no blogue. Combinei com ela que iria inserir os PowerPoint de leitura de histórias representando a turma em geral. À noite, em casa consegui colocar os PowerPoint, mas os alunos estão em casa e não posso mostrar o trabalho feito. Terei de esperar pelo 3º período.

Reunião com os Encarregados de Educação: Só vieram as mães do Frederico, do Mateus e do Gaspar. A hora da reunião definida pela Direção, à noite, não foi a melhor. Estivemos a falar da evolução das crianças e da forma como eles leem e trabalham.
Um progresso notável!!!



13 de Abril de 2012

Na aula de estudo do meio concluímos as experiências com o feijão. Cada um fez um registo da experiência do feijão e a Teresa sugeriu que se tirasse fotografias dos feijões. O Gil, a Bruna e a Teresa fizeram questão de tirar a fotografia e decidiram fazer um trabalho sobre o tema para colocar no blogue. O Gil disse que aprendeu muito com a experiência, pois não sabia que era assim que nasciam as raízes. Que queria colocar no blogue para mostrar o que tinha aprendido, e foi elaborar um texto com a Bruna e a Teresa. Pedi que escrevessem uma reflexão sobre o que tinham aprendido.

“Nós escolhemos a experiência com o feijão porque aprendemos a semear o feijão transformando o feijão num feijoeiro. Foi muito interessante para nós. Foi uma grande descoberta.”

“Podemos escrever que queremos mostrar aos nossos pais que somos grandes cientistas?” perguntou a Bruna

“Sim, se é esse o teu desejo” respondi

O Gil concordou e acrescentou o comentário da Bruna.

O Manuel juntou-se à Lurdes e decidiram fazer um trabalho sobre os feijões. Conseguiram organizar-se e distribuir tarefas. Fizeram um bom trabalho. Quando me mostraram o trabalho pedi-lhes que escrevessem uma reflexão sobre o que aprenderam:

“Nós escolhemos este trabalho porque aprendemos a semear sementes.” disse a Lurdes
“Queremos mostrar como as plantas crescem.” acrescentou o Manuel

O Gaspar pediu à Sandra para o ajudar a escrever a sua reflexão.

“Escolhi este trabalho porque gostei muito da história de Dom Quixote. Gostava que a minha mãe visse o meu trabalho.”

Escolheu colocar um desenho ilustrativo da história. Ultrapassou o obstáculo e não desistiu de participar no projeto. Não escreveu a história porque ainda lhe é difícil, mas decidiu fazer a ilustração, um modo de contar a história.



Estivemos a filmar...

Os alunos falaram sobre os seus sentimentos ou sobre o tema que quiseram. Envergonharam-se bastante enquanto falaram à frente da câmara. O Carlos quis falar da mãe e quis colocar esse momento no blogue e escreveu a seguinte reflexão:

“Aprendi a gravar as minhas ideias, os meus sentimentos. É muito difícil. Tenho que experimentar mais vezes.”

O Gil, o Frederico, a Francisca, o Carlos, o Mateus e o Gaspar sugeriram colocar estes trabalhos no blogue. Como tal, foram pensar na reflexão que deveriam acrescentar e escrevê-la.

Estive a ajudar o Rui a concluir o trabalho colocado no Blogue. Colocou-se o trabalho no dia 11 de abril, mas reparámos que não se tinha escrito uma reflexão. O Rui sugeriu que se escrevesse: ***“Escolhi este texto porque aprendi a escrever um texto sobre a sopa.”***



20 de Abril de 2012

Fomos interrompidos pela professora Elvira, que nos disse: **“Olá, meninos! Estão todos de parabéns... Vi as vossas histórias...estão muito bonitas, vocês sabem ler muito bem.”**
“Viste o blogue do agrupamento?” perguntei. **“...Vi a bibliotecária a trabalhar com uns alunos do 3º Ciclo. Esteve a mostrar-lhes os livros feitos pelos teus meninos...”**
respondeu. **“E, estiveram a ouvir as histórias?”** perguntou a Teresa. **“Sim, e estavam com muita atenção”** respondeu a professora. **“E tu? Gostaste?”** perguntou o Gil. **“Está muito engraçado, vejo que os meninos trabalham muito, parabéns”** respondeu dirigindo-se para a turma. Todos sorriram, olhando uns para os outros com um ar envergonhado mas satisfeito. Daí, circulou pela sala observando o que estávamos a fazer. A Lurdes e a Sofia mostraram-lhe as ilustrações que estavam a fazer sobre “D. Quixote e as velas do Moinho”. A Isabel, o Carlos, o Hugo e o Mateus mostraram-lhe o texto que estavam a preparar para gravarem o diálogo. A Francisca e a Sandra mostraram que estavam a ajudar o Manuel e o Gaspar a ilustrar a história. Senti que a turma ficou animada de ver que alguém que eles não conheciam bem tinha visto os seus trabalhos. Daí, a Joana perguntou: **“Podemos ver as histórias no blogue do agrupamento?”** **“Claro que sim....Quem quer ligar o computador e abrir a net?”** O Luís e o Frederico prontificaram-se. O Rui e a Bruna juntaram-se ao grupo e pediram-me para escrever no papel o nome do blogue para procurar. Abriu-se o blogue e vimos os trabalhos. Estivemos a escutar de novo as histórias a pedido do Luís. A Teresa alertou-nos: **“Temos um comentário!”** Pedi à Teresa para o ler: **“Excelente trabalho! Parabéns à turma 2ºB e à professora Margarida!”**

A Francisca decidiu colocar no blogue a história que tinha feito sobre a princesa baixinha. Escreveu a sua reflexão **“Gosto muito da história”**.

“O que aprendeste com esse trabalho?” perguntei

“Aprendi a escrever uma história bonita” respondeu

“E, porque escolheste este trabalho?” acrescentei

“Porque gostei de ter escrito esta história” explicou a Francisca

“Então podias reformular a tua reflexão, para podermos saber o que aprendeste e porque o escolheste, o que achas?”

“Está bem...”

No fim mostrou-me o seu texto:

“Está melhor assim, não está? - “Eu escolhi este trabalho porque aprendi a escrever histórias muito bonitas. Eu gosto muito de escrever””



O Hugo concluiu o seu trabalho e escreveu a sua reflexão:

“Eu escolhi este texto porque fala da pasta de papel. Aprendi a escrever como se faz. Gostava de fazer pasta de papel mais vezes.”

A Sofia, a Lurdes e a Joana terminaram o seu trabalho de grupo. Estiveram a escolher fotografias da experiência da água e escreveram um texto com a minha ajuda, estando sempre empenhadas. Copiaram-no no Word e indicaram-me que fotografias a colocar. No fim pedi-lhes que refletissem sobre o que tinham aprendido:

“Nós escolhemos esta experiência com a água porque aprendemos o que quer dizer a palavra “flutuar”. Aprendemos a construir aranhas e a trabalhar em grupo.”

O Luís acabou o seu trabalho e quis inserir uma imagem que ele encontrou na net. Estivemos junto a escrever uma reflexão:

“Eu escolhi este texto porque quero mostrar que já sei escrever.”

O Frederico quis escrever um texto, sentou-se ao meu lado para o ajudar a escrever no computador.

As máscaras de animais

Eu sou a galinha.

Lisboa, 20 de abril de 2012

Reflexão:

Aprendi a escrever no Word.

Ficou muito satisfeito com o seu trabalho.

A Teresa e a Sandra escolheram apresentar a receita da sopa e escreveram uma excelente reflexão:

“Eu e a Sandra escolhemos a receita da sopa de legumes pois aprendemos que é importante comer sopa todos os dias. Queremos lembrar a todos os nossos colegas e amigos que devemos comer sopa.

Também gostávamos de mostrar aos nossos pais a receita da nossa turma. Foi uma das sopas vencedora na semana da sopa.”



23 de Abril de 2012

O Rui entrou na sala muito sorridente e disse: **“A minha mãe esteve a ver a minha pasta e mostrou os meus trabalhos ao meu pai”** “e fez comentários?” perguntou o Manuel “**não sei...**” respondeu o Rui. **“podemos ver, anda...”** acrescentou o Manuel. Juntou-se ao grupo o Gil e o Hugo. **“professora, a mãe do Rui escreveu um comentário”** disse o Hugo. Pedi ao Rui que lesse o comentário à turma. **“Olá meu amor quero que saibas que tenho muito orgulho em ti. E quero ver muitos trabalhos teus porque tu és capaz. Muitos beijinhos dos teus pais e mano”** leu muito envergonhado e sorridente. A turma riu-se e gostou de ouvir o comentário.

O Gaspar esteve a copiar os textos que sabia ler. Pedia ajuda aos colegas, como, por exemplo, à Lurdes. A Lurdes e a Joana têm trabalhado bastante com o Gaspar incentivando-o a ler cada vez melhor.

O Mateus, a Isabel e a Sofia estão a ler corretamente. A Teresa juntou-se ao Mateus para o ouvir ler e depois ajudou-o a escrever frases no computador. A Isabel esteve a aprender a gravar a leitura dos colegas. Pedi ao Hugo e ao Carlos para gravarem o texto do D. Quixote e fizeram a gravação sozinhos. A Isabel está muito mais autónoma e participativa. Foi responsável no trabalho que fez. Quando achavam que não se percebia a gravação voltavam a repetir até acharem que estava perfeito. No fim, chamaram-me para ouvir. Durante esse período a Sandra, a Lurdes e a Francisca estiveram muito empenhadas na ilustração da história da Princesa Baixinha.



27 de Abril de 2012

Quando entrei na sala disse à turma: **“Parece que temos outro comentário no blogue do agrupamento”** **“Vamos ver...”** disse a turma. Cada grupo abriu a internet e escreveu Bibliotequices da Lindley e procurou-se os trabalhos dos PowerPoint para vermos os comentários. A Bruna leu para a turma: **“ Estão de parabéns!”** **“Foi a D. Filomena...”** **“foi, professora?”** perguntou o Mateus. **“sim, foi e parece que gostou...”** respondi. O Mateus e outros ficaram satisfeitos de ver que alguém que eles conheciam também tinha visto o trabalho deles.

Daí, o Gil e o Carlos pediram para ir ter com ela, pois estava na biblioteca da escola. Lá foram, juntou-se o Frederico, a Lurdes e a Joana e estiveram a conversar sobre o assunto. Regressaram à sala muito orgulhosos.

A Isabel terminou o seu trabalho e quis juntar uma fotografia. Como reflexão escreveu:

“Já aprendi a escrever textos. Tenho que escrever muito para poder escrever ainda melhor.”

O Mateus acabou o seu trabalho. Escolheu um trabalho escrito por eles sobre os cravos e quis colocar uma fotografia. Escreveu a seguinte reflexão:

“Escolhi este tema porque aprendi porque se usa o cravo vermelho no dia 25 de abril. Aprendi a escrever um texto sobre os cravos vermelhos.”

Estivemos a reformular o texto devido aos erros ortográficos.

Durante a atividade de escrita, estiveram todos muito sossegados. A Joana escreveu um texto sobre uma vaca, só com duas frases: A vaca é muito grande. A vaca é preta e branca. Pegou no caderno e foi ter com o Gil. Perguntou-lhe: **“Gostas?”** Ele respondeu: **“Está muito bem.”** **“Vou pôr no blogue”** continuou ela. Então o Gil disse-lhe: **“Põe mais uma frase. Diz o que é que a vaca come.”** A Joana voltou ao lugar e esteve a escrever durante muito tempo. Depois voltou a mostrar o texto ao Gil e ele disse-lhe que estava muito bem.



30 de Abril de 2012

Hoje estivemos a ler as diferentes reflexões dos trabalhos expostos no blogue. Apercebo-me que as reflexões estão bem melhores. Estão a esforçar-se bastante. Não escrevem só “gosto muito”. Estão a começar a expor as suas ideias de forma mais natural.

Estivemos a tentar colocar comentários no blogue e a responder aos comentários recebidos. Foi complicado. Só um dos computadores tinha acesso à internet, por isso optei por deixar a turma explorar jogos no computador e, um a um, sentaram-se comigo no computador com net e lá fomos trabalhando, mas foi demorado. No entanto, todos entenderam que podíamos responder aos comentários.



4 de Maio de 2012

Hoje falei aos alunos da possibilidade de mostrarmos o nosso trabalho no *BloguesEdu*. Tiveram interesse no assunto e levantaram algumas questões, como quem iria ver o nosso blogue, como eram os outros blogues...

Disse-lhes que era um espaço criado pelo Ministério da Educação, que havia outros blogues em que poderíamos ver os trabalhos de outras turmas/escolas. Vimos exemplos de outros blogues na net. Gostaram muito da ideia. Apresentei-lhes o pedido de autorização que os pais deveriam assinar.

Estivemos a seleccionar trabalhos para colocar no blogue. A Teresa escolheu um texto sobre as máscaras. A Joana escolheu o trabalho sobre a vaca, um trabalho que fez com a ajuda do Gil. A Sandra escolheu o vídeo da sua apresentação. O Frederico pediu-me ajuda para escrever. Escolheu o trabalho das sementes, escolhendo uma fotografia, e quis escrever:

“Eu escolhi este trabalho porque quero mostrar como se desenha as flores.”

O Rui escolheu um texto sobre o elefante.

Por sugestão do Gil, gravámos um vídeo com o Gil a contar uma história. O Gil escolheu gravar o conto do dragão. Pediu-me para gravar o vídeo pois queria colocar no blogue o conto que contou na semana da leitura/contador de histórias.

“Aprendi a gravar um conto. Foi difícil falar para uma câmara.

Aprendi que é importante falar alto para que todos percebam o conto.”

A Fábia escolheu a gravação/Vídeo sobre a mãe. Fez uma reflexão interessante:

“Gostei muito de ter gravado. Aprendi a falar alto quando se grava. Fiquei nervosa de falar para a câmara. Mas foi engraçado.”



7 de Maio de 2012

O Rui, ao entrar na sala, disse que a mãe ainda não tinha assinado o papel da autorização, que tinha ficado em cima da mesa. O Carlos, o Gil, a Isabel e a Sandra trouxeram o documento assinado. **“A minha mãe disse que sim, professora.”**

O resto da turma esqueceu-se de dar o papel aos pais e alguns disseram que as mães ainda não tinham assinado.

O Frederico pediu-me para lhe tirar uma fotografia de um desenho que fez sobre as flores/sementes. Pediu-me para acrescentar no trabalho de ontem.



11 de Maio de 2012

Perguntei se mais alguém tinha documentos para me entregar, mas o Mateus, o Manuel e o Gaspar disseram que não encontravam o papel, por isso dei-os de novo para me trazerem amanhã. Não está a ser fácil conseguir os documentos assinados.

Aproveitei para convocar os pais da Joana, da Sofia, da Lurdes, da Isabel e do Mateus para falarmos do progresso deles e da sua transição para o próximo ano.

Estivemos a seleccionar trabalhos para colocar no blogue. A Sofia escolheu o vídeo da sua apresentação. A Isabel, o Mateus, o Carlos e a Sofia escolheram um trabalho comum, o seu trabalho de grupo (Dom Quixote) e fizeram uma reflexão em conjunto. O Carlos escreveu as ideias dos colegas.

“Escolhemos este trabalho porque queremos mostrar que conseguimos gravar as falas sozinhos.

A Sofia ajudou-nos com os desenhos. A ilustração ficou muito bonita.

A Isabel ajudou na gravação e na cópia do texto.

O Mateus, a Isabel e eu (Carlos) conseguimos ler com a entoação correta.

Espero que gostem do nosso trabalho.

Gostávamos de colocar o nosso trabalho na Biblioteca do Agrupamento.”

O Hugo escolheu um texto sobre o sapo e a fotografia da sua máscara. Fez uma reflexão muito interessante:

“Eu escolhi este trabalho porque consegui escrever a caracterização de um sapo.

É muito difícil escrever. Mas tenho que aprender a escrever bem.

Preciso escrever muito mais.”

Pedi-me ajuda para corrigir o texto e fizemo-lo juntos.

O Gil quis ver as fotografias, pois queria colocar uma no blogue e acabou por escolher o trabalho que fez para dar ao pai.

“Escolhi este texto porque aprendi a escrever uma carta para o meu pai.

Aprendi que é importante saber escrever.

Quero mostrar ao meu pai os meus trabalhos colocados no blogue.

Gosto muito do nosso blogue.”



O Gaspar também escolheu uma fotografia como trabalho (binóculo). Depois o Gil, a Teresa e a Bruna estiveram a ajudá-lo a escrever a reflexão.

“Aprendi a partilhar com os colegas.

Sei mostrar aos meus colegas os meus trabalhos.

Aprendi a ver o nosso blogue.”

O Manuel escolheu o trabalho sobre o rato. O Luís escolheu o seu trabalho do Sapo com a fotografia que procurámos juntos. A Bruna quis colocar o vídeo da turma *Canção dos Animais*. Disse que tinha gostado muito de ter gravado.



14 de Maio de 2012

Hoje, na hora de atendimento aos pais, só esteve presente o pai da Isabel. Os outros pais convocados não compareceram. Está difícil ter as autorizações de todos os pais para colocar o blogue no *BloguesEdu*.



18 de Maio de 2012

Fizemos um balanço do trabalho desenvolvido ao longo do ano. Os alunos comentaram o que mais tinham gostado de fazer e como tinha sido a sua participação no blogue. Os comentários foram diversos:

“Eu gostei muito de ter aprendido a trabalhar com o computador” comentou a Joana

“Gostei de ter feito cópias no Word” referiu a Sofia

“Gostei da internet, de encontrar jogos e gostei de jogar com a Isabel, a Bruna e a Sofia” disse a Lurdes

“Eu gostei muito de ter gravado a história...” disse o Carlos

“Eu gostei muito de ver os trabalhos no blogue” disse a Isabel

“Gostei de trazer o computador” disse o Manuel

“Achei muito engraçado ouvir a minha voz no blogue” disse o Mateus

“O que mais gostei foi de mostrar o blogue à minha mãe e ao meu mano” comentou o Rui

“Também gostei de mostrar o blogue ao meu pai” acrescentou a Isabel

“Gosto da minha pasta, gosto muito dos meus desenhos...” comentou o Frederico

“Eu gostei muito de ver os trabalhos da Francisca” disse a Sandra

“Eu também gostei de ver os trabalhos da Sandra” acrescentou a Francisca

Disse-lhes para escreverem no caderno um texto sobre o que tinham aprendido com o projeto da turma. Li reflexões muito bem apresentadas. Conseguiram expressar as suas opiniões, refletiram sobre o que aprenderam.

Por exemplo:

Bruna:

Eu gostei muito de ter feito o nosso blogue. Gostei muito de ter aprendido a trabalhar no computador.

Gostei mais das histórias no PowerPoint. Também gostei muito de ter trabalhado com a professora e os meus colegas.

Francisca:

Aprendi muitas coisas novas.

Aprendi a desenhar no Paint e a escrever no Word.

Fiz trabalhos no PowerPoint.

O que mais gostei foi de ver os meus trabalhos no blogue.

Acho engraçado quando a minha mãe vê os meus trabalhos colocados na minha pasta.



O Luís (NEE) pediu-me ajuda para elaborar o texto. Foi dando as suas opiniões e ajudei-o a escrever no caderno. Depois ele passou para o Word.

Aprendemos a escrever no Word.

Aprendemos a trabalhar em grupo.

Aprendemos a estar mais calmos e mais atentos.

Foi muito divertido termos feito o nosso blogue.

O Manuel (NEE) disse as frases e eu escrevi no computador:

Eu gostei de trabalhar com o computador.

Gostei de ver os meus trabalhos no blogue.

Gostei que os meus colegas vissem os meus trabalhos.

O Gil:

Aprendi a construir um blogue.

Gostei muito do nosso projeto.

Foi difícil escrever no computador e estar atento.

Mas aprendi a estar mais concentrado.

Aprendi a fazer histórias no PowerPoint e a fazer gravações.

Sei ler, escrever e gosto muito de mostrar os meus trabalhos

A Teresa:

Gostei muito do nosso eportefólio.

Gosto muito de ver os meus trabalhos e de ver os trabalhos dos meus colegas.

Aprendi a escrever no Word. Consegui trabalhar com o PowerPoint.

Gostei muito de ter escrito as histórias.

Aprendi a gravar as minhas leituras.

Gostei muito que todos vissem os meus trabalhos.

Gostei muito, muito do nosso blogue Sapinho Tesouro porque aprendi muitas coisas.

A Luísa pediu-me ajuda para escrever. Ditou-me as frases:

Gostei muito de aprender a escrever no computador.

Aprendi a ler muito bem.

Aprendi a gravar a minha leitura.

Agora estou a aprender a escrever textos. Tenho que melhorar.

Gostei muito do nosso blogue Sapinho Tesouro.

Gosto muito de ver os nossos trabalhos



O Carlos veio-me mostrar a sua reflexão com um grande sorriso. **“Está bem assim, não está?”**

Gostei muito de termos construído o no eportefólio.

Aprendi a guardar os meus trabalhos nos meus documentos.

Conseguí a fazer gravações das minhas leituras.

Aprendi a fazer histórias com o PowerPoint.

As gravações são muito difíceis, mas quero continuar.

O que mais gostei foi de a minha mãe ver os meus trabalhos no eportefólio e ter feito comentários.

O Gaspar pediu-me ajuda para escrever a reflexão. Fui perguntando o que ele tinha aprendido e escrevi as suas respostas:

Aprendi a ler.

Aprendi a mostrar os meus trabalhos aos meus colegas.

Aprendi a mostrar os meus trabalhos à minha mãe.

Aprendi a gravar.

Gostei muito do nosso blogue.

O Rui esteve a explorar o blogue e, vendo o trabalho do Gil (sobre o pai), pediu-me para colocar também o seu trabalho sobre o Pai, pois gostava que o pai o visse lá em casa. Estivemos juntos a pensar numa reflexão:

Já consigo escrever um texto.

Escolhi este trabalho porque quero que o meu pai veja os meus trabalhos no blogue.

Aprendi a tirar fotografias sem ter vergonha.

O Gaspar esteve a explorar o blogue e, vendo a pasta da Sandra e vendo a gravação dela, pediu-me para colocar a sua gravação/Vídeo sobre a mãe. Depois a Sandra ajudou-o a fazer a reflexão:

Aprendi a gravar. Aprendi a falar para a câmara.

Foi muito difícil. Tenho que melhorar ainda.



25 de Junho de 2012

Reunião com os Encarregados de Educação.

Estiveram poucos pais presentes (Mateus, Gaspar, Isabel, Carlos e Luís). Os outros pais não puderam estar presentes por razões várias (trabalho, saúde, marcou outro dia...).

Os que estiveram presentes disseram que estavam impressionados com a motivação deles, com a forma como trabalhavam com o computador e que gostaram do blogue, de ver os trabalhos. Ficaram muito felizes por eles terem aprendido a ler muito bem. A mãe do Gaspar estava muito contente por ele estar a ler muito bem, dizendo que ele lia muito lá em casa. A mãe do Carlos referiu que estava muito admirada por o seu filho ser tão bom na matemática. A mãe do Mateus estava muito contente com a evolução dele.

